Almanach do
O Tico-Tico
1923
Preço 4$000
Pelo correio 4$500

PARC ROYAL

Largo de S. Francisco

LIVROS

Para

CRIANÇAS

por C. W. Armstrong:

(Fundador do *Gymnasio Anglo-Brasileiro* do Rio de Janeiro e São Paulo).

Contos para Meus Discipulos
(Com gravuras) Preço 3$500

Mais contos para Meus Discipulos
(Com gravuras) Preço 2$500

Estas historias prendem a attenção da Criança, e captivam as suas sympathias a favor do Bem.

Lições de Moral

pelo methodo da instrucção combinada com a narrativa. Preço 4$500.

LIVROS DIDACTICOS

DO MESMO AUTOR

A CONVERSAÇÃO INGLEZA — **Methodo rapido para conseguir falar o Inglez, com a pronuncia perfeita** SEM MESTRE. **Preço 3$000.**

ESBOÇO DE HISTORIA UNIVERSAL **(com gravuras). Preço 3$500.**

CURSO DE LOGICA. **Preço 3$500.**

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Rio de Janeiro e São Paulo

Curas assombrosas

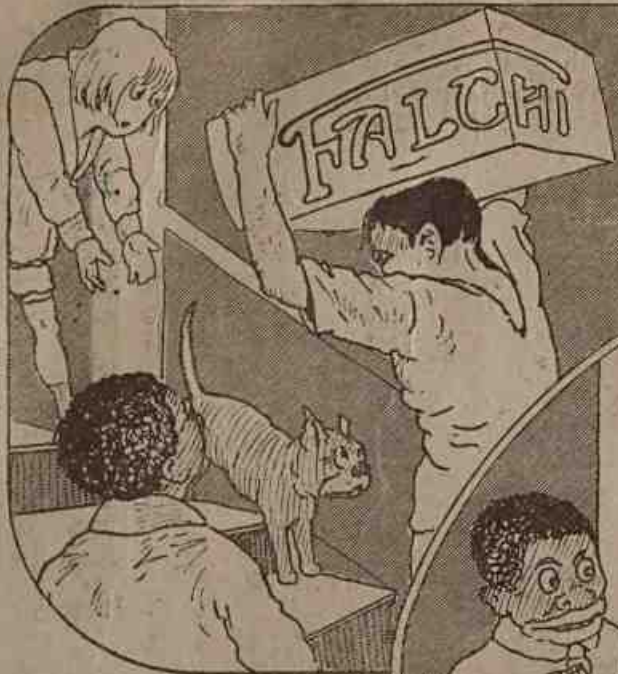
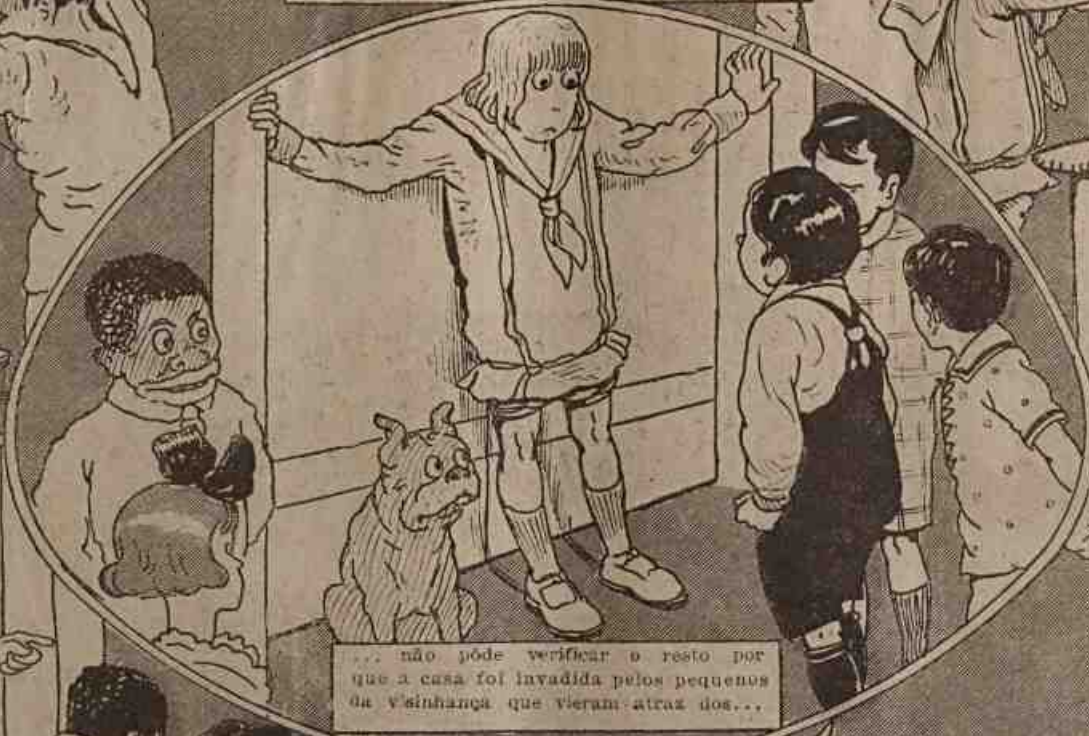
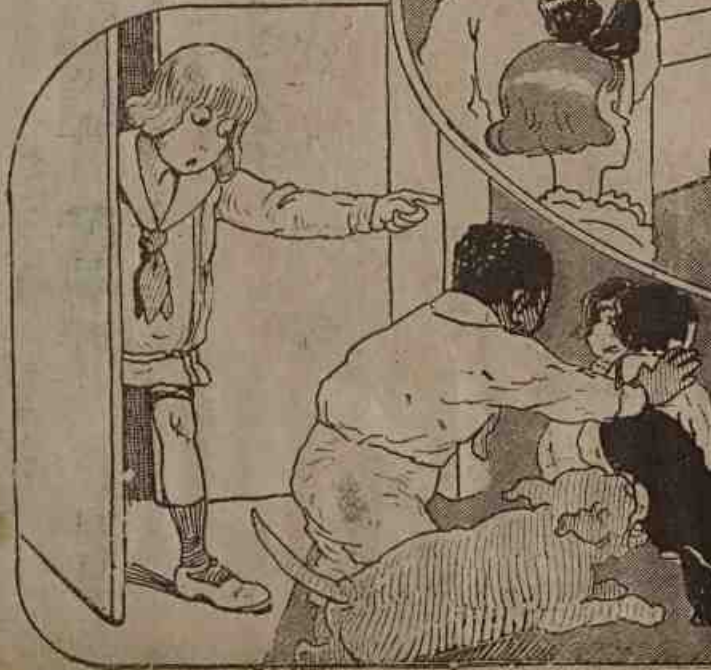
Exmas. Senhoras, Senhoritas e Crianças, desde a tenra edade de 14 mezes, curadas com o

Grande Depurativo do Sangue

ELIXIR DE NOGUEIRA

de João da Silva Silveira - Pharmaceutico e Chimico

(Attestados devidamente reconhecidos por pessoas idoneas e com as firmas legalisadas)

A DECEPÇÃO DE CHIQUINHO
FALCHI
Chiquinho recebeu de "festas" uma caixa de delicioso Chocolate Falchi. O carregador chegou e foi recebido com todas as honras feitas pela trin...
...perigosa. Aberta a caixa, viu Chiquinho o valor do presente: alli estavam os productos de Falchi: "bonbons", pastilhas, tijolos já promptos para comer e...
FALCHI
... não póde verificar o resto por que a casa foi invadida pelos pequenos da visinhança que vieram atraz dos...
..."bonbons". "Aqui não se passa!" — exclamou Chiquinho e quando viu que os pequenos não se retiravam, deu ordens a Benjamim e Jagunço para pôl-os na rua.
Mas, que decepção o esperava! Quando voltou ao quarto onde deixára o Chocolate Falchi, encontrou Jagunço castigando os assaltantes dos seus "bonbons". Os ratos haviam devorado tudo.
ROCHA

O GYMNASIO ANGLO BRASILEIRO recommenda-se: Pela educação moral e civica aprimorada que ministra aos seus alumnos; pela alimentação sadia e abundante, a mesma dos directores e professores, e pela sua incomparavel situação, unica no Brasil, num lindo planalto, encravado na floresta, á beira do oceano, garantindo aos seus felizes occupantes saude e robustez

—:o:—

JOGOS AO AR LIVRE — MAGNIFICO CAMPO DE FOOTBALL A' BEIRA-MAR — SKATING-RINK — BANHOS DE MAR — NATAÇÃO — RECREIOS NA PRAIA (PRAIA PRIVATIVA DO "GYMNASIO")

EDIFICIO ONDE FUNCCIONA O COLLEGIO

VISTA GERAL DO GYMNASIO ANGLO **BRASILEIRO, NO LEBLON** — **TUDO QUE** SE VÊ NA PHOTOGRAPHIA PERTENCE AO "ANGLO"

Um copo d'agua, gotta a gotta, póde enlouquecer um homem

Um sabio explicava um dia, perante numeroso auditorio, que um choque, por muito pequeno que seja, póde tornar-se insupportavel se fôr repetido muitas vezes e se produzir sempre num mesmo logar.

— Assim, dizia elle, ninguem poderia supportar a dôr de meio litro dagua, cahindo gotta a gotta, sobre a cabeça, sempre no mesmo ponto.

— E' impossivel que tão pequena quantidade d'agua possa produzir tão espantoso resultado — interrompeu um incredulo joven da assistencia. E propoz-se logo tentar a experiencia.

O velho sabio acceitou a proposta e fez sentar o joven numa cadeira collocada sob uma pratileira, em cima da qual foi posto um vidro com meio litro d'agua pura, que devia cahir, gotta a gotta, por minuscula bica. Depois de ter amarrado bem o moço, para que este não pudesse mexer com a cabeça; e de lhe cobrir o corpo com grandes toalhas impermeaveis, afim da agua não lhe molhar a roupa, o sabio abriu a torneirinha, de modo a que a agua cahisse gotta a gotta.

Emquanto cahiram as primeiras gottas o joven affirmou, sorridente, que estava experimentando uma agradavel sensação de frio na cabeça. E conservou-se sorridente até a quinquagesima gotta. A partir desse momento, a physionomia do apostador tornou-se séria. Na octogesima gotta as sobrancelhas franziram-lhe. Na centesima, os traços physionomicos denotavam um certo mal estar que pareceu logo transformar-se em dôr crescente. Na centesima quinquagesima gotta o semblante do joven contrahia-se e denotava um soffrimento atroz. Finalmente, na centesima octosegima gotta declarou-se inteiramente vencido e affirmou, quando o retiraram da cadeira, que não teria podido supportar, sem enlouquecer, mais a quéda de dez gottas.

E, assim, ficou demonstrado a asseveração do grande sabio.

ADIVINHAÇÃO

Pintolim e Pintolão resguardam-se da chuva que os surprehendeu a procurar o irmão, o Pintolum.

Onde estará elle? Procurem os nossos leitores.

A LINGUAGEM DAS MÃOS

Os surdo-mudos utilizam-se das mãos para "dizerem" as palavras. O alphabeto junto é muito conhecido delles.

A Suecia e a Noruega são os unicos paizes em que todos os homens adultos sabem lêr. Neste ponto de vista, a Baviéra occupa o terceiro logar.

COLLEGIO BAPTISTA

AMERICANO—BRASILEIRO

O Collegio Baptista, fundado ha quinze annos, é um dos mais conceituados estabelecimentos de ensino no Rio de Janeiro. A sua situação na encosta da montanha da Tijuca, no meio de abundante vegetação, colloca-o numa situação admiravel. A administração do Collegio teve a felicidade de adquirir a conhecida chacara do Barão de Itacurussá, que satisfaz até as condições exigidas para installação de um sanatorio. Dispondo de uma área de mais de cento e vinte mil metros quadrados de terreno, esplendidamente adaptado á construcção de uma duzia de edificios, a direcção fez construir cinco, projectados segundo um fim especial, como sejam o internato para sexo masculino, o departamento exclusivamente destinado para aulas, com tres andares, o departamento feminino, bem como os para outros fins.

Para a installação do Departamento Feminino, os directores do Collegio compraram aprazivel e magnifica chacara á rua Conde de Bomfim, 743 e nella levantaram um bello e espaçoso edificio escolar. Além deste departamento e o departamento masculino, á rua Dr. José Hygino, 350, o Collegio mantém um externato para o sexo feminino á rua Haddock Lobo, 302. Para satisfazer as necessidades crescentes da instituição estão projectados mais dois grandes edificios que serão construidos brevemente.

A seriação dos cursos vae do Jardim da Infancia ao Curso Secundario completo, proporcionando todos os preparatorios para os exames officiaes, bem como certas materias para o preparo ainda mais liberal do alumno. Foi fundado ha dois annos um Departamento Commercial para o preparo dos alumnos que almejam collocação no commercio.

Um dos mais magestosos edificios proprios.

O Corpo Docente é composto de mais de sessenta lentes e professores norte americanos e brasileiros, especialistas nos seus respectivos ramos de ensino, reconhecidos pela sua competencia e pelos methodos que usam nas suas aulas.

O *fim* que se colloca por cima de tudo no trabalho deste Collegio é a formação de caracter, do mais alto typo, nos seus alumnos.

Reconhecemos que a base de uma vida de valor é o caracter moral e collocamos todos os nossos esforços de educadores nesses alicerces solidos.

O Collegio matricula um numero de alumnos superior a seiscentos, podendo receber tanto no departamento feminino como no masculino, internos, semi-internos e externos.

Peçam informações pela Caixa do Correio 828 ou na Secretaria do estabelecimento á rua Dr. José Hygino, 350. Para o Departamento Feminino á rua Conde de Bomfim, 743.

Director Geral:

J. W. SHEPARD.

1) Vista tirada na chacara, mostrando o edificio Judson-Hall á distancia. 2) Algumas professoras do departamento feminino. 3) Grupo de alumnos, na alameda das mangueiras, saudando á Bandeira, em 6 de Setembro. 4) Alumnas na gymnastica. 5) Residencia do Director. 6) Residencia de professores. 7) Uma aula de gymnastica, no Externato Feminino.

O
ALMANACH
DO
O TICO-TICO
sauda os seus queridos
leitores, desejando-lhes
Boas-Festas e muito
aproveitamento nos
estudos durante o anno
de 1923.

PAPAE NOÉL

FANTASIADO, DANSA PARA DIVERTIR OS MENINOS QUE SÃO BONS

Todas as peças devem ser colladas em papelão de grossura regular e cuidadosamente recortadas. Liguem depois braços, coxas e pernas entre si, por meio de barbantes tendo nós nas extremidades. Em seguida, passem um barbante por detraz, ligando-se a outros que unam braços a braços e coxas a coxas, como se fazem nos polichinellos. Puxando tal barbante terão os meninos o Papae Noél dansando, muito satisfeito por ter encontrado este anno muitos meninos bons e estudiosos.

A FADA DO LAGO

CADA MACACO NO SEU GALHO

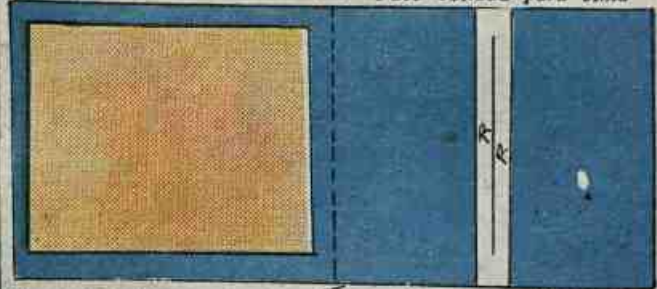
CHIQUINHO AVIADOR

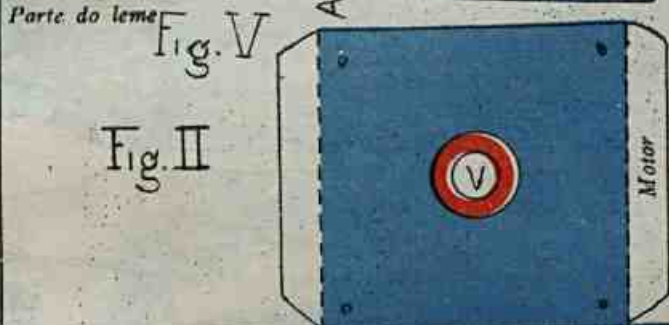
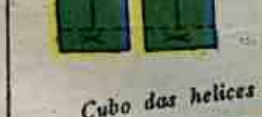
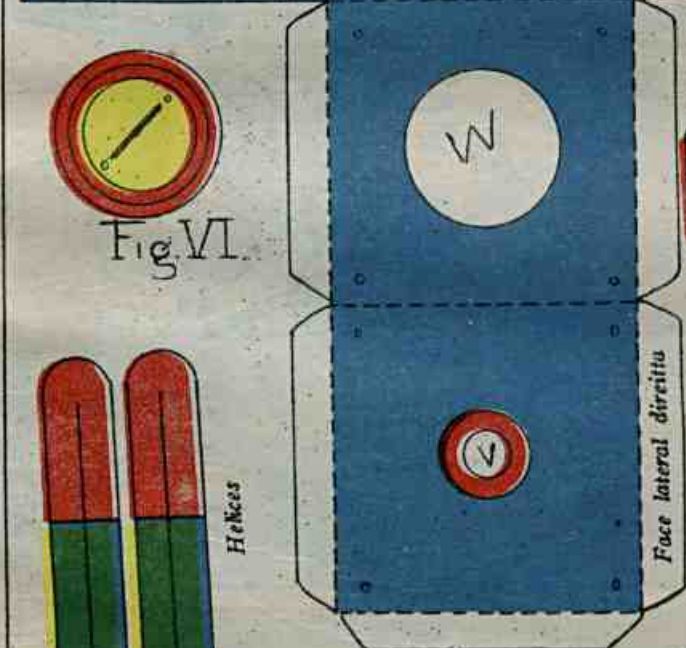
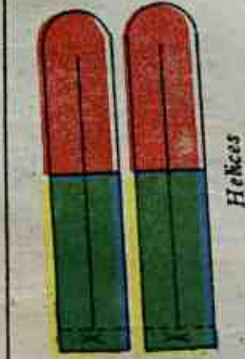
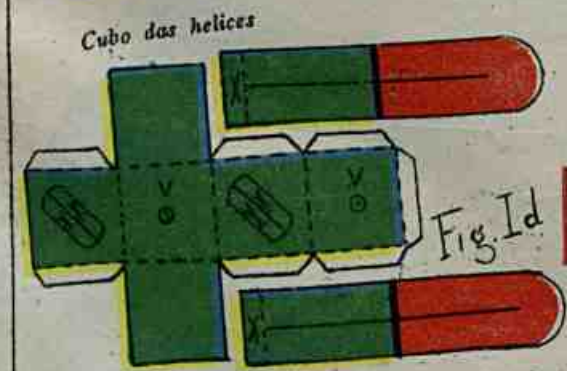
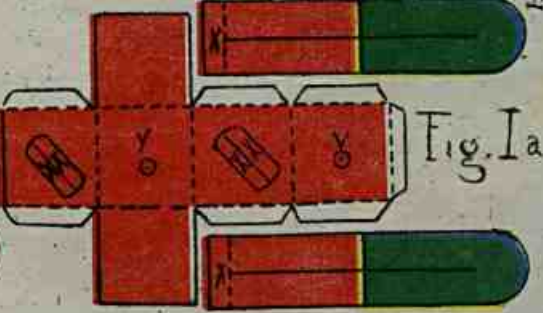
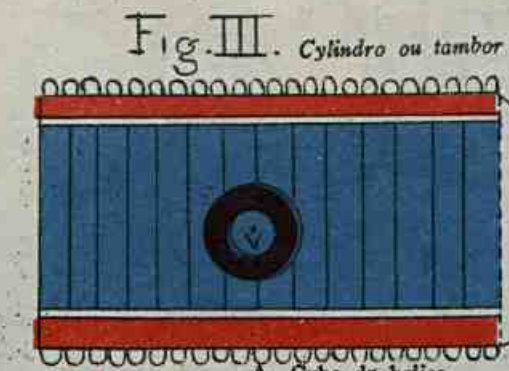
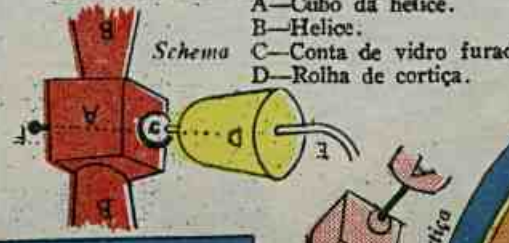
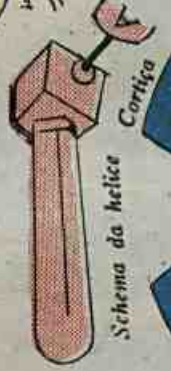
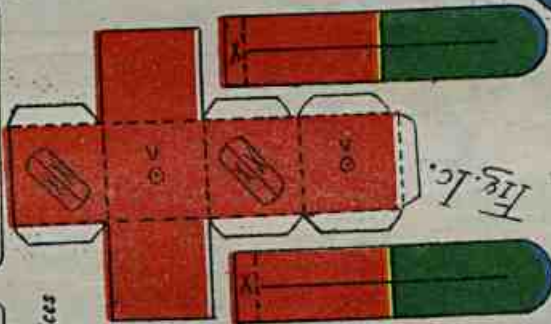
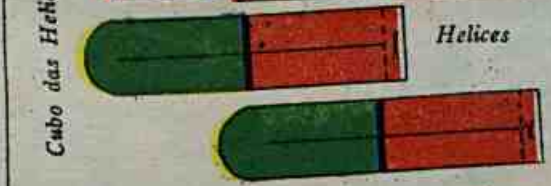
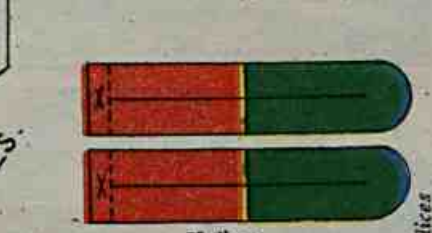
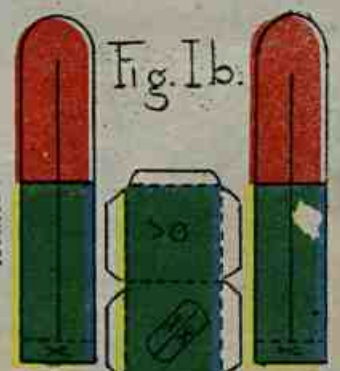
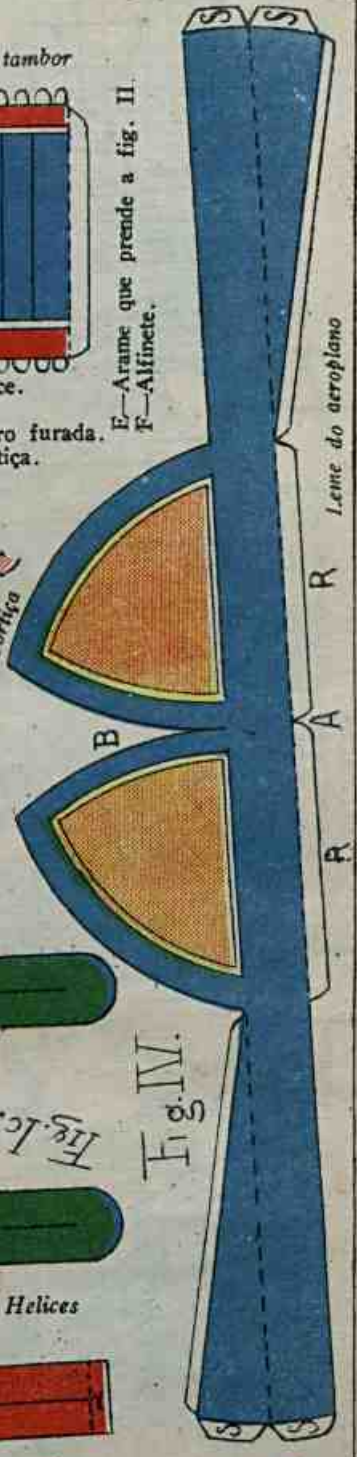
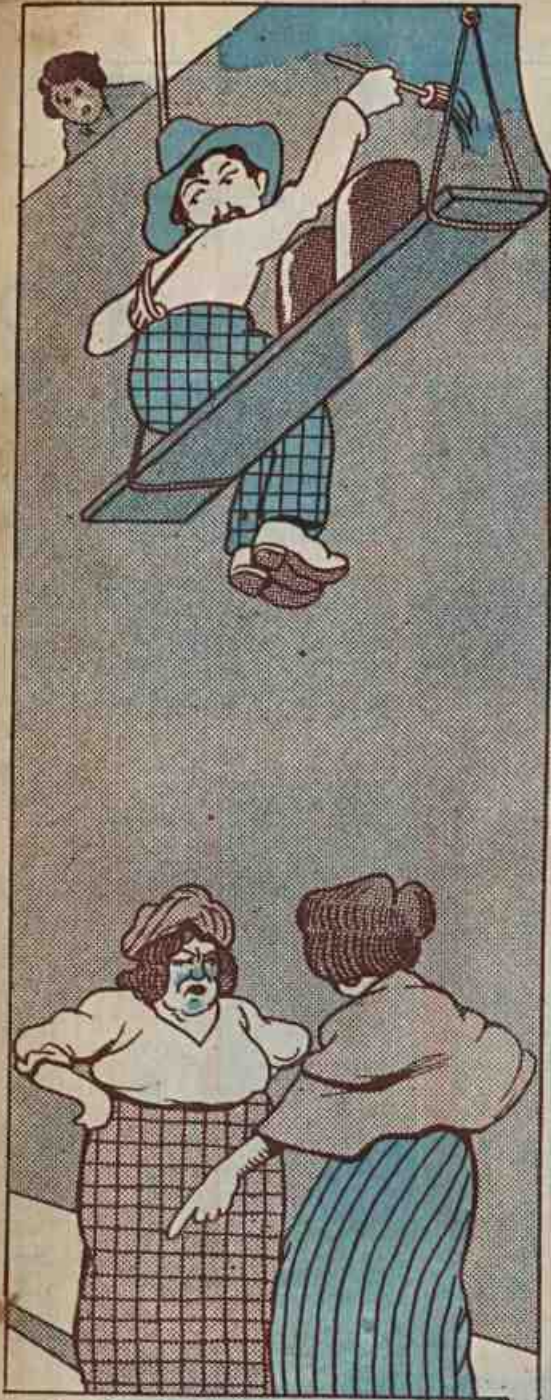
EXPLICAÇAO

Depois de tudo pregado em cartolina e recortado, armem as helices, não esquecendo que cada uma tem duas pás formadas por quatro partes (frente e verso). Os pedacinhos XX devem ser dobrados sobre os XX do cubo quando ahi pregarem. Os cubos são formados de uma só peça que será dobrada e collada pelas beiradas e furadas nas letras V. A figura II e um cubo tambem dentro do qual se collocará uma rolha grande para espetar depois os arames pelos furos V, V, V e V. O W é o logar onde será collocada a fig. III e o S é o ponto da fig. IV. A fig. III é um cylindro que depois de fechado será collocado ao W. da fig. II e tapado na outra extremidade pela fig. VI.

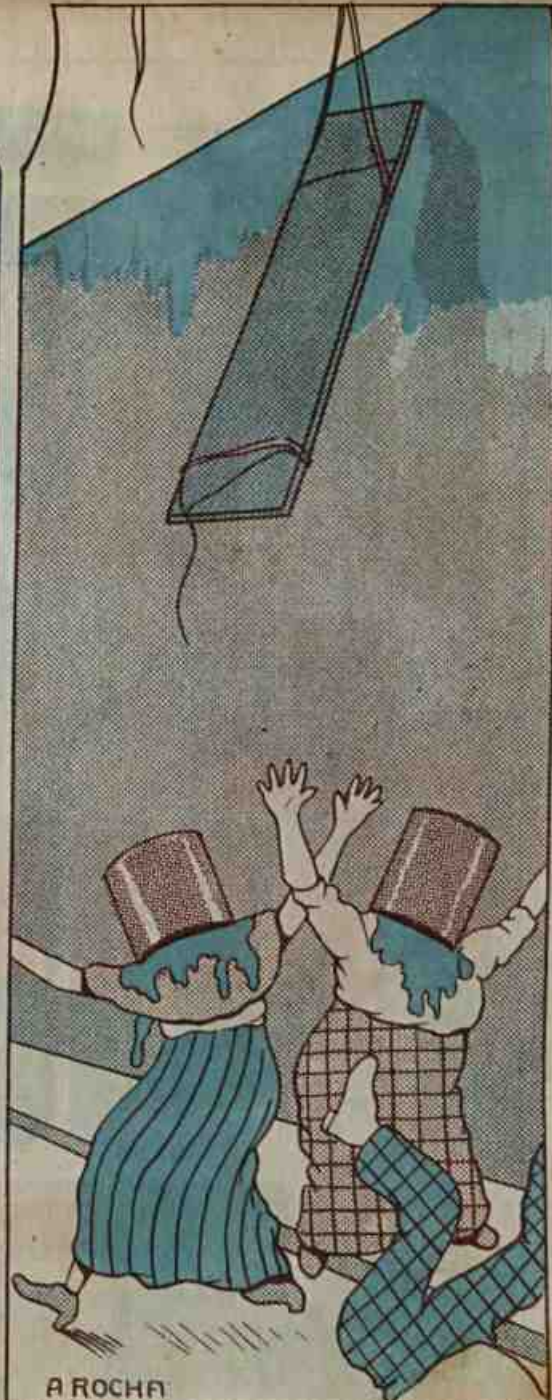
A fig. IV é o leme será dobrado pelas letras A B e collado pelas pontas SS a fig. II; as beiradas R R serão pregadas na fig. V. A fig. V é dobrada pelas letras A B e collada formando frente e verso e sobre as letras R R assentarão as beiradas R R da fig. IV. A fig. VI é a tampa do cylindro e o traço preto o o será aberto para deixar passar os varaes da cadeira do Chiquinho.

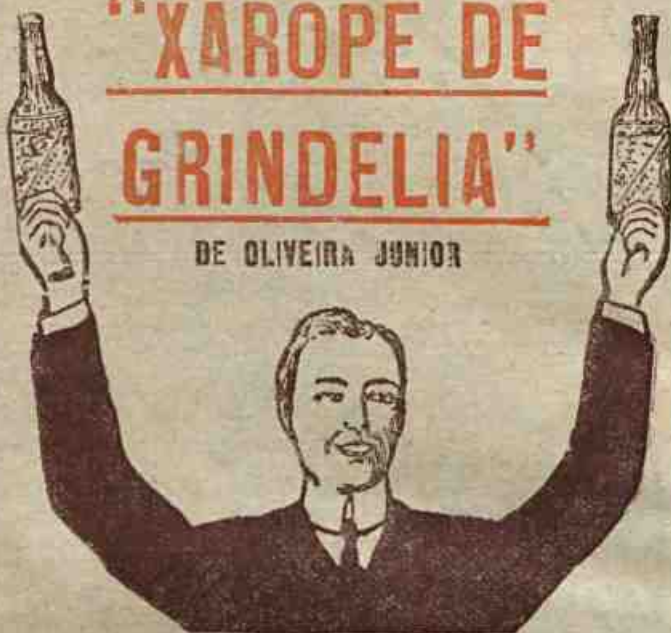
A fig. VII é o Chiquinho frente e verso. Uma vareta de guarda chuva velho dobrada em forma de Z (como se vê no schema) completa o brinquedo. Segura-se numa extremidade da vareta fazendo-a girar e na outra extremidade da vareta entrarão as helices a trabalhar.

(Continúa adeante)

CHIQUINHO AVIADOR

Dando as tintas

D. Ignacia encontrou se com a comadre Quiteria e tomou-lhe satisfações. Um pintor borrador brochava uma parede, pendurado n'uma taboa e...

... vendo a briga, cantou o "Não é assim que se maltrata uma mulher". Mas, a sua voz rouquenha chamou a attenção de uns malandros e um delles passou a...

... navalha na corda. Foi justamente no momento em que a D. Ignacia dizia: Já te dou as tintas—e engalfinhava se com a comadre.

Cortada a corda o pintor veiu ao chão juntamente com as latas de tinta, cortando a phrase de D. Quiteria, que estava dando as tintas.

Se a tosse vos persegue, usae o

E' O XAROPE PODEROSO QUE EVITA QUALQUER TOSSE, ASTHMA, BRONCHITES E TODAS AS MOLESTIAS DOS ORGÃOS RESPIRATORIOS. AOS QUE TOSSEM PEDIR E EXIGIR SEMPRE "GRINDELIA OLIVEIRA JUNIOR".

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas

O Juglandino de Giffoni é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderoso depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas

E' superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetalisado*, intimamente combinado ao *tannino da nogueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico*, medicamento eminentemente vitalisador, sob uma fórma agradavel e inteiramente assimilavel

E' um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões, dahi a preferencia dada ao **Juglandino** pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **Vinho Iodo-tannico Glycero-Phosphatado.**

ENCONTRA-SE AMBOS NAS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS DESTA CIDADE E DOS ESTADOS E NO DEPOSITO GERAL:

Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 17 — Rio de Janeiro

Tres verdades solemnes:

Para o corpo—SAUDE
Para a alma—SOCEGO
Para o cabello—PILOGENIO.

Lembrem-se disso:

A falta, a quéda, o enfraquecimento do cabello, as caspas, etc., só cedem com o poderoso tonico

PILOGENIO

Encontra-se nas pharmacias e perfumarias

MOLESTIAS BRONCHO-PULMONARES

O PHOSPHO-THIOCOL Granulado de Giffoni é o melhor tonico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões: elle actúa não só pelo **Gaiacol** como pelas **combinações sulphurosa** e **phospho-calcarea** que encerra e é muito efficaz na **fraqueza pulmonar**, nas **bronchites**, **bronchorrhéas**, **tosses rebeldes**, **tuberculose pulmonar** aguda e chronica, na **debilidade organica**, no **rachitismo**, nas **convalescenças** em geral e especialmente na **convalescença da influenza**, **da pneumonia**, **da coqueluche e do sarampo**.

Restaurador pulmonar de grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de **Giffoni** tonifica o organismo de modo a fazel-o resistir á invasão do bacillo de Kock e extermina este quando já ha contaminação. Agradavel ao paladar, póde ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera.

RECEITADO DIARIAMENTE PELAS SUMMIDADES MEDICAS

Encontra-se nas bôas pharmacias e drogarias desta cidade e dos Estados e no deposito:

DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C.

RUA 1.º DE MARÇO, 17 — RIO DE JANEIRO.

CREME DE MAGNESIA

DE

SILVA ARAUJO

INDICAÇÕES

Affecções gastro-intestinaes, principalmente de fórma catarrhal e agudas ou chronicas.
Hyperchloridria e gastro-succorrhéa chronica.
Affecções intestinaes agudas ou chronicas.
Dyspepsia acido.
Indigestões com fermentações.
Colite catarrhal.
Pneumatóse intestinal (flatulencia intestinal)
Constipação chronica.

RESUMO

O Creme de Magnesia Silva Araujo, de base de magnesia hydratada, é:

Neutralisante — anti-acido.
Absorvente.
Absorvente — anti-toxico e fixador de toxinas.
Eliminador — Laxativo e fixador de toxinas.
Antidoto — *A*) acidos; *B*) arsenicos (acido arseniosol); *C*) saes de mercurio cobre, chumbo e antimonio.

DOSES

ADULTOS:

Neutralisante — 2 a 4 colheres pequenas, em agua, por dia, e repetidas, conforme os casos.
Laxativo — 1 a 2 colheres de sopa, por dia, em uso prolongado.
Purgativo — 2 a 4 colheres das de sopa, por dóse (dóse massiça).

CREANÇAS:

Neutralisante — 1 a 2 colheres de chá, em agua, por dia, e repetidas, conforme os casos.
Laxativo — 1 a 2 colheres das de sobremesa, por dia, em uso prolongado.
Purgativo — 1 a 2 colheres das de sopa, em dóse massiça.

Assaduras,
Brotoejas, Furunculos,
Darthros, Comichões, Infecções,
Eczemas, Pruridos e Irritações
BABY-FLORA SILVA ARAUJO
Talco boricinado para uso das crianças e adultos

CASA COLOMBO
Grandes Armazens
NATAL!
Milhares de Artigos
Bons, Uteis e Modernos
a Preços de Verdadeiro
Reclame!
DESDE OS PRIMEIROS PASSOS ENSINE A SEUS FILHOS O CAMINHO DA "CASA COLOMBO", NENHUMA OUTRA CASA OS VESTIRA MELHOR, NEM MAIS BARATO!

MEIAS

de Seda
para Senhoras

—o—

MEIAS

para Creanças

—o—

Sendo a mais
cuidada
Secção da
nossa casa,
tornou-se
por este
motivo a mais
importante
casa de meias
para
Senhoras
e para
Creanças.

—o—

R. do Ouvidor, 136

—o—

A DIPLOMATA

TAYUYÁ

De S. João da Barra

GRANDE

Depurativo do Sangue

TONICO

ANTIRHEUMATICO

O seu uso regular purifica o sangue e regularisa as funcções estomacaes e intestinaes, levantando as forças e tonificando o organismo.

O LICOR DE TAYUYA

de S. João da Barra

Tem sido empregado com successo prodigioso nos seguintes casos:

Syphilis,
Ulceras,
Feridas
Dores,
Empigens,
Rheumatismo
Articular,
Muscular
e Cerebral,
Arthritismo,
Molestias da pelle,
Darthros,
Eczemas,
Erupções

e em qualquer molestia de fundo escrofuloso, herpetico e syphilitico.

Vende-se em todas as pharmacias ou drogarias do Brasil e Republica do Prata.

AGUA INGLEZA GRANADO

Desconfiar das imitações

Nas convalescenças dos partos e longas enfermidades, estimula a digestão, evita as febres intermittentes e tonifica o organismo

PREPARADA COM ESPECIAL VINHO GENEROSO DA QUINTA DA SAPINHA (ALTO DOURO) PROPRIEDADE DO S.R J. A. C. GRANADO

Com o mesmo vinho são tambem preparados os.

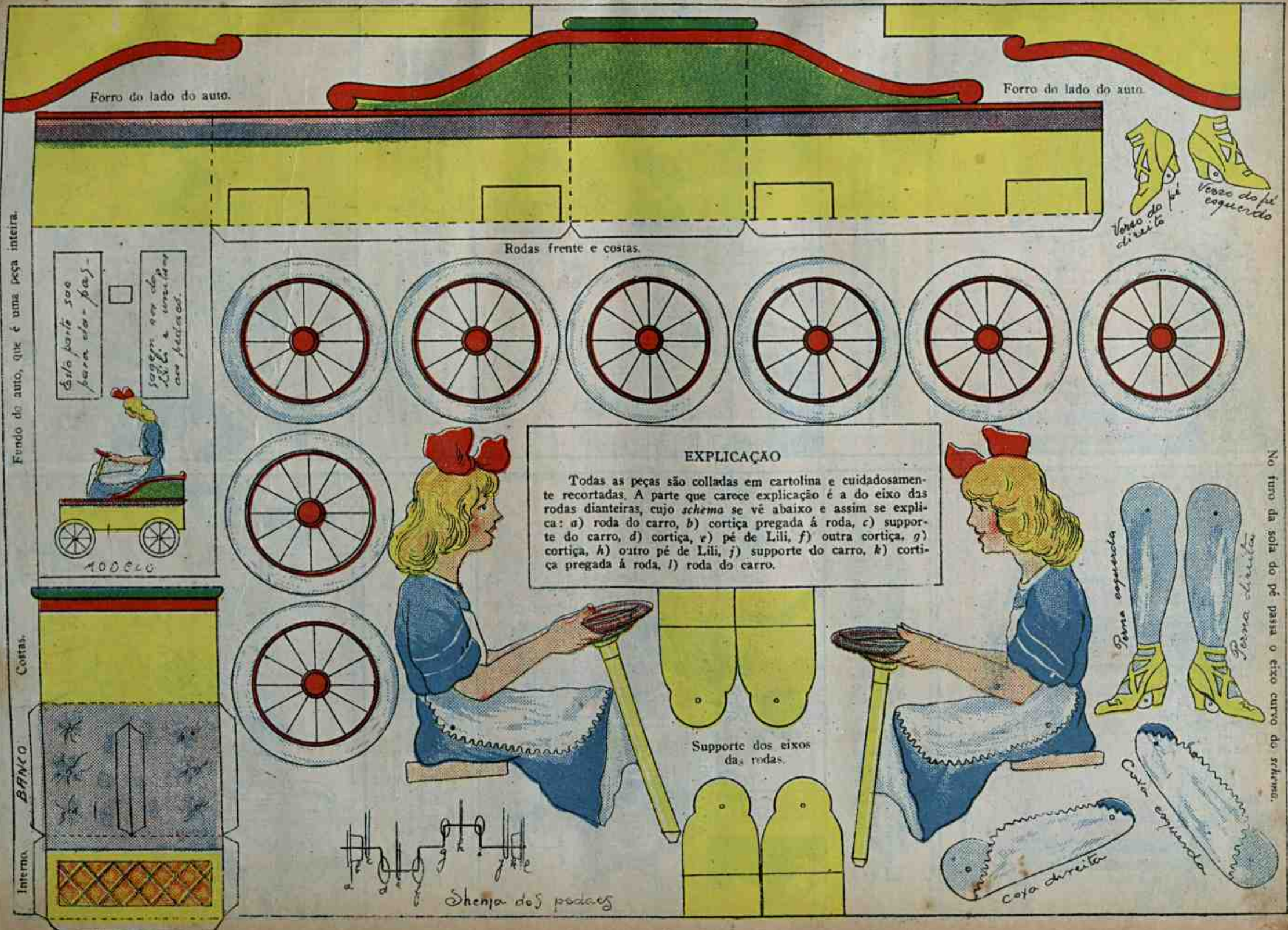
VINHO TONICO-RECONSTITUINTE
VINHO NOZ DE KOLA
VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO
VINHO DE QUINIUM
FORMULA LABARRAQUE

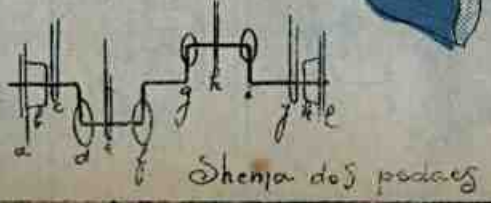
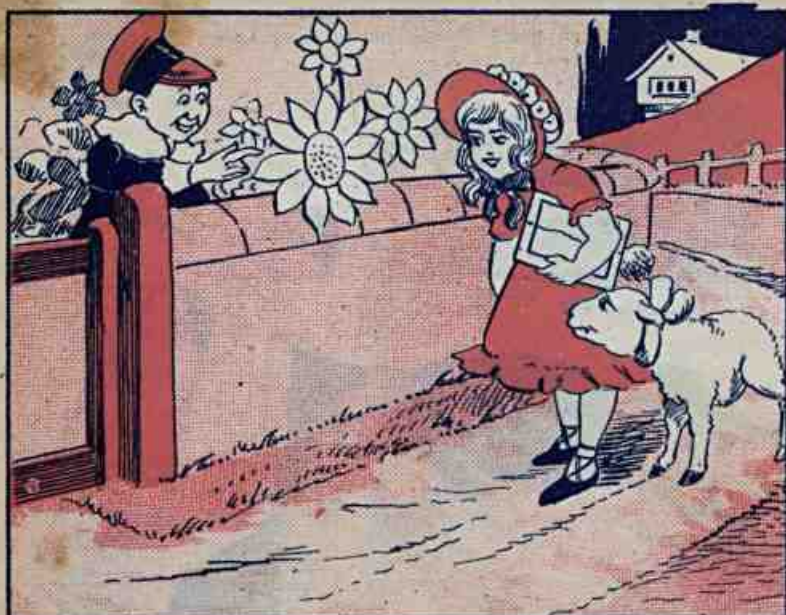
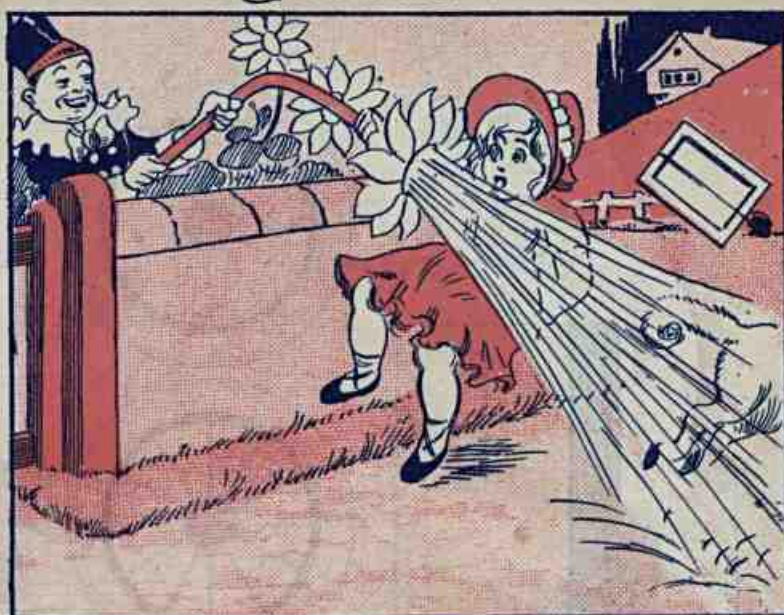
Estes productos são os que melhores resultados offerecem

EXIJAM A NOSSA MARCA

RECUSEM AS PREPARAÇÕES SIMILARES

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRAZIL

O AUTO DE LILI — (PAGINA DE ARMAR)

EXPLICAÇAO

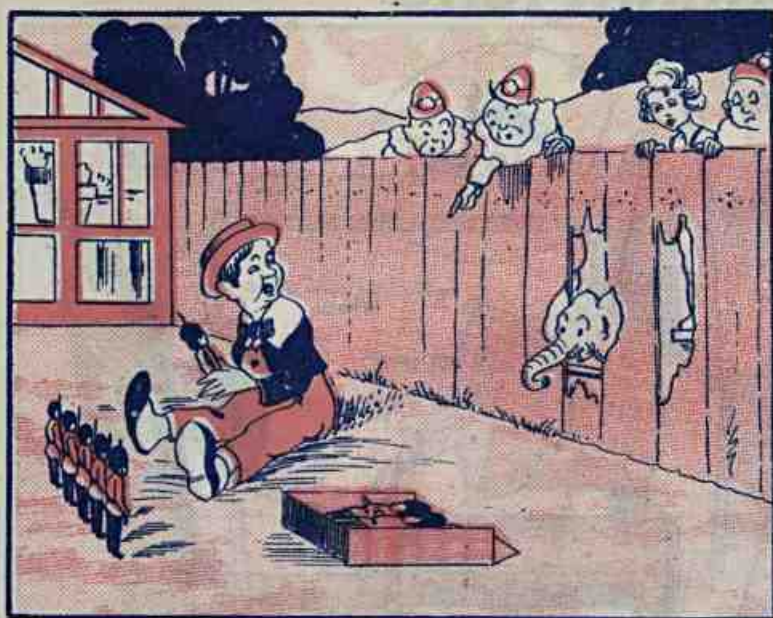
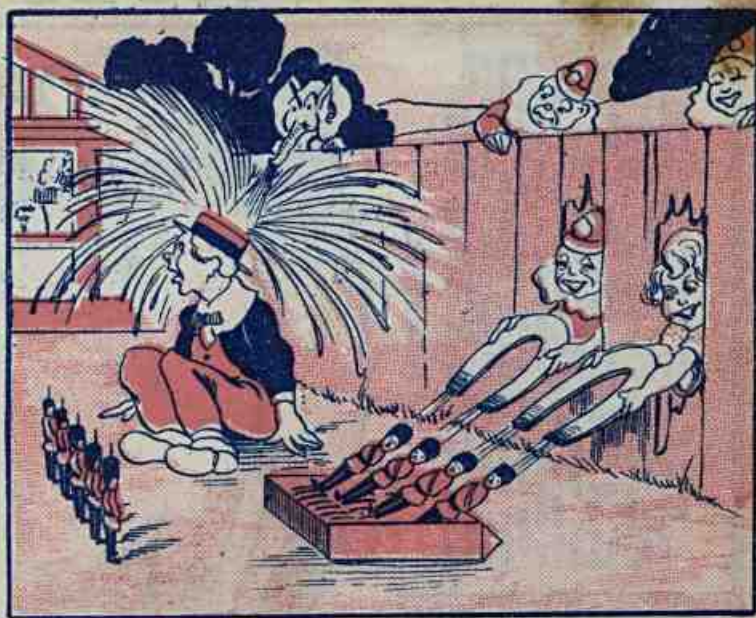
Todas as peças são colladas em cartolina e cuidadosamente recortadas. A parte que carece explicação é a do eixo das rodas dianteiras, cujo *schema* se vê abaixo e assim se explica: *a*) roda do carro, *b*) cortiça pregada á roda, *c*) supporte do carro, *d*) cortiça, *e*) pé de Lili, *f*) outra cortiça, *g*) cortiça, *h*) outro pé de Lili, *j*) supporte do carro, *k*) cortiça pregada á roda, *l*) roda do carro.

A maldade castigada

Germana ia a caminho da escola, acompanhada de seu carneirinho Fiel, quando Roberto, um menino muito travesso e de indole má, lhe disse:
— Olá, Germana, já viste como esta flor é cheirosa?

A menina, sem suspeitar a maldade do peralta, approxima-se da flor e recebe um forte jacto de agua fria que a molhou toda. E' que Roberto introduzira na corolla de um gira-sol o tubo de regar as plantas do jardim.

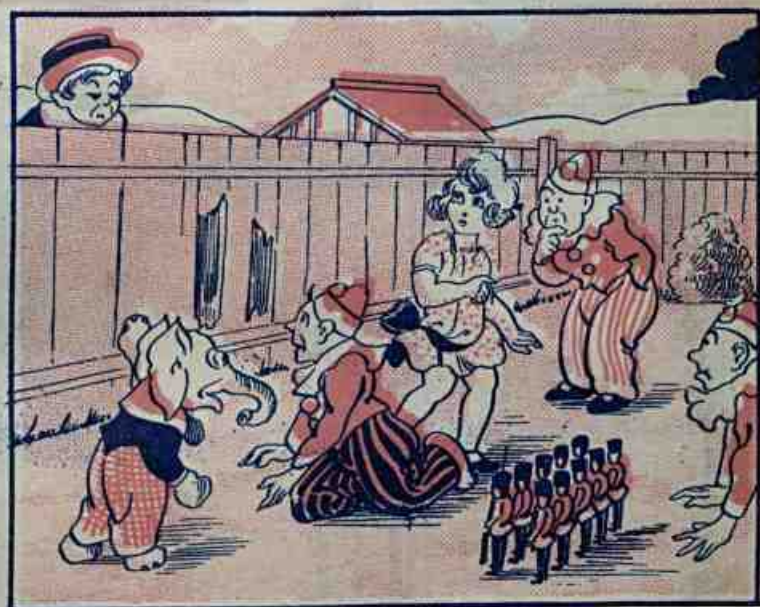
Germana chegou á escola com as roupas molhadas e, banhada em lagrimas, contou á professora a maldade de Roberto, que tambem era alumno da escola, maldade que trouxera tambem como consequencia ter-sé apagado da pedra da menina o exercicio de contas.

Assim como toda bondade tem recompensa, toda maldade tem seu castigo. No dia seguinte, Roberto ia para a escola e parou diante de uma barraca de feira, onde estavam em exposição varias frutas. Ao longe vinha Germana e seu carneirinho Fiel.

Emquanto Roberto indagava o preço de uma laranja, o carneirinho Fiel, como que tirando a desforra da maldade que fôra infligida á sua dona, passou a lingua na pedra do máo menino, apagando parte de un algarismo de uma conta de

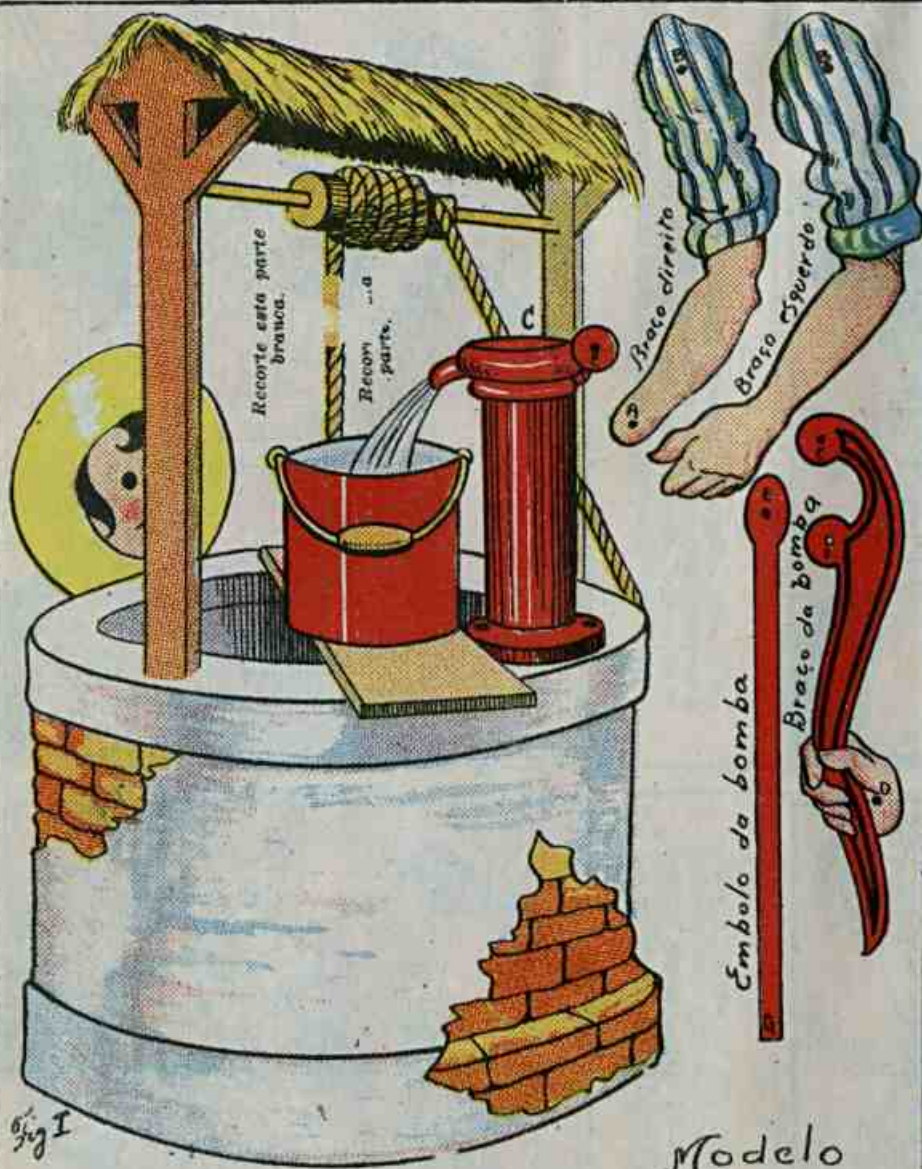
Quando Roberto apresentou sua conta, a mestra reprehendeu-o severamente por não saber sommar e, na presença dos demais alumnos, privou-o de recreio durante tres dias. O castigo é um homem que vê tudo...

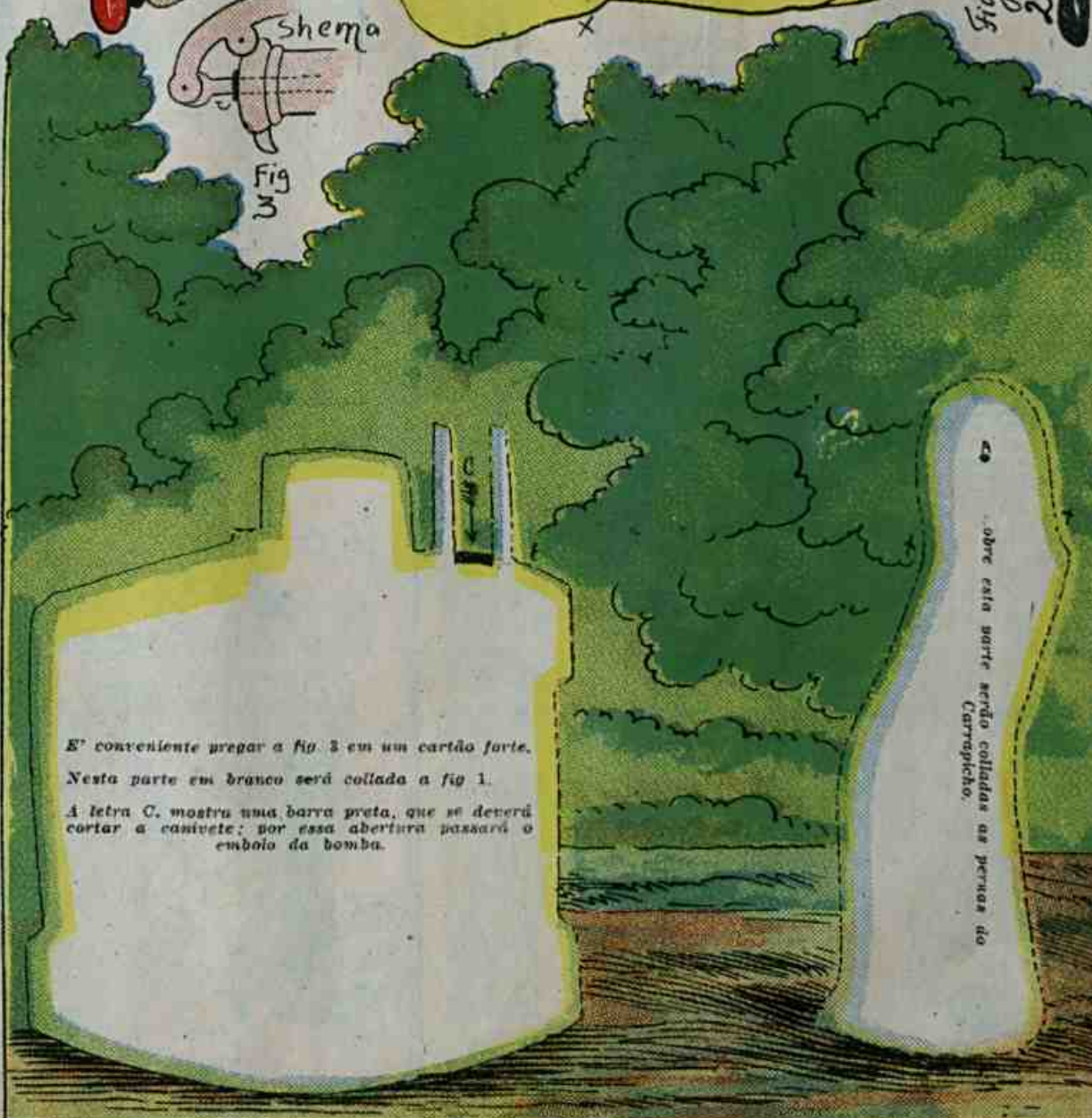
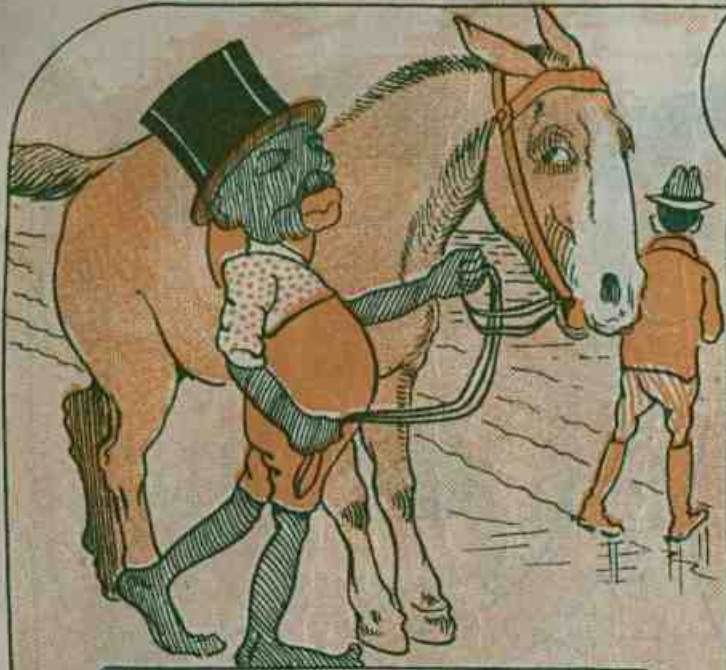
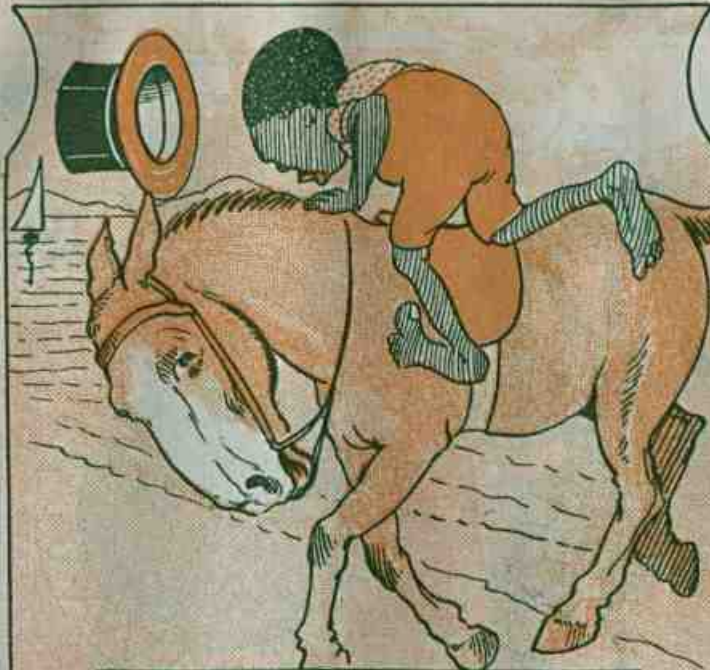
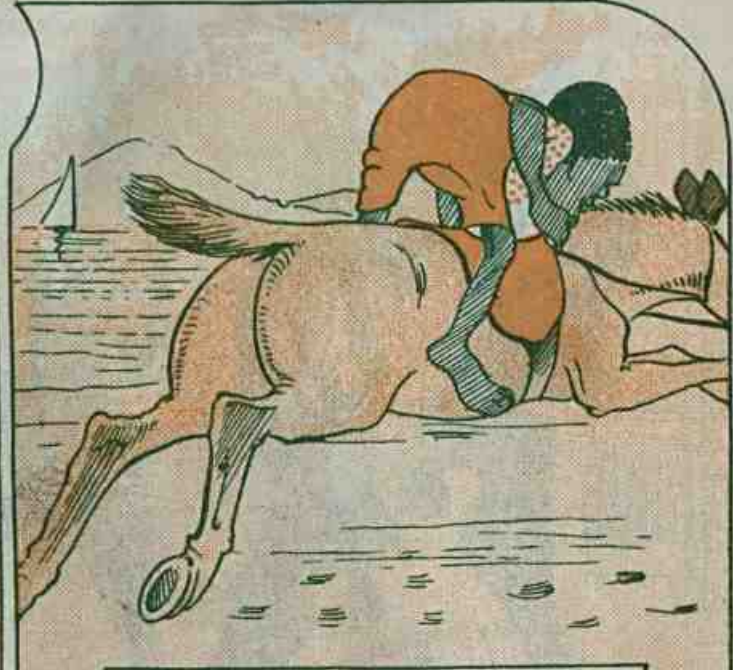
O bom Francisco

Francisco era um bom menino, que tinha como vizinhos os tres *clowns*, Maria e o Elephantinho, cinco incorrigiveis peraltas. O bom Francisco era a todo momento importunado pelos cinco endemoninhados garotos.

Outro dia Francisco brincava com seus soldadinhos de chumbo, quando recebeu um jacto d'agua que lhe enviara o Elephantinho. Emquanto isso, um *clown* e Maria com dois imans, attrahiam os soldados de chumbo, que estavam numa caixa.

Francisco, sacudindo a agua do chapéo, viu que seus soldados haviam desapparecido e desconfiou dos máos vizinhos. De facto, por cima do muro, Francisco viu seus soldadinhos em poder dos *clowns*, de Maria e do Elephantinho Não se conteve...

...o Francisco: saltou o muro, disposto a dar uma lição aos peraltas. Estes, porém, correram para casa e resolveram em tres tempos a situação. Na cama do tio Ambrosio havia uns sapatos de molas.

Os travessos pequenos muniram-se de um par desses sapatos, com fortes molas de arame, e todos risonhos voltaram para o quintal a desafiar o Francisco, que estava de todo disposto a castigal-os.

E isso mesmo perceberam os tres *clows*, Maria e o Elephantinho, que, num impulso dos sapatos de molas, galgaram o muro e fugiram, deixando em paz o bom Francisco

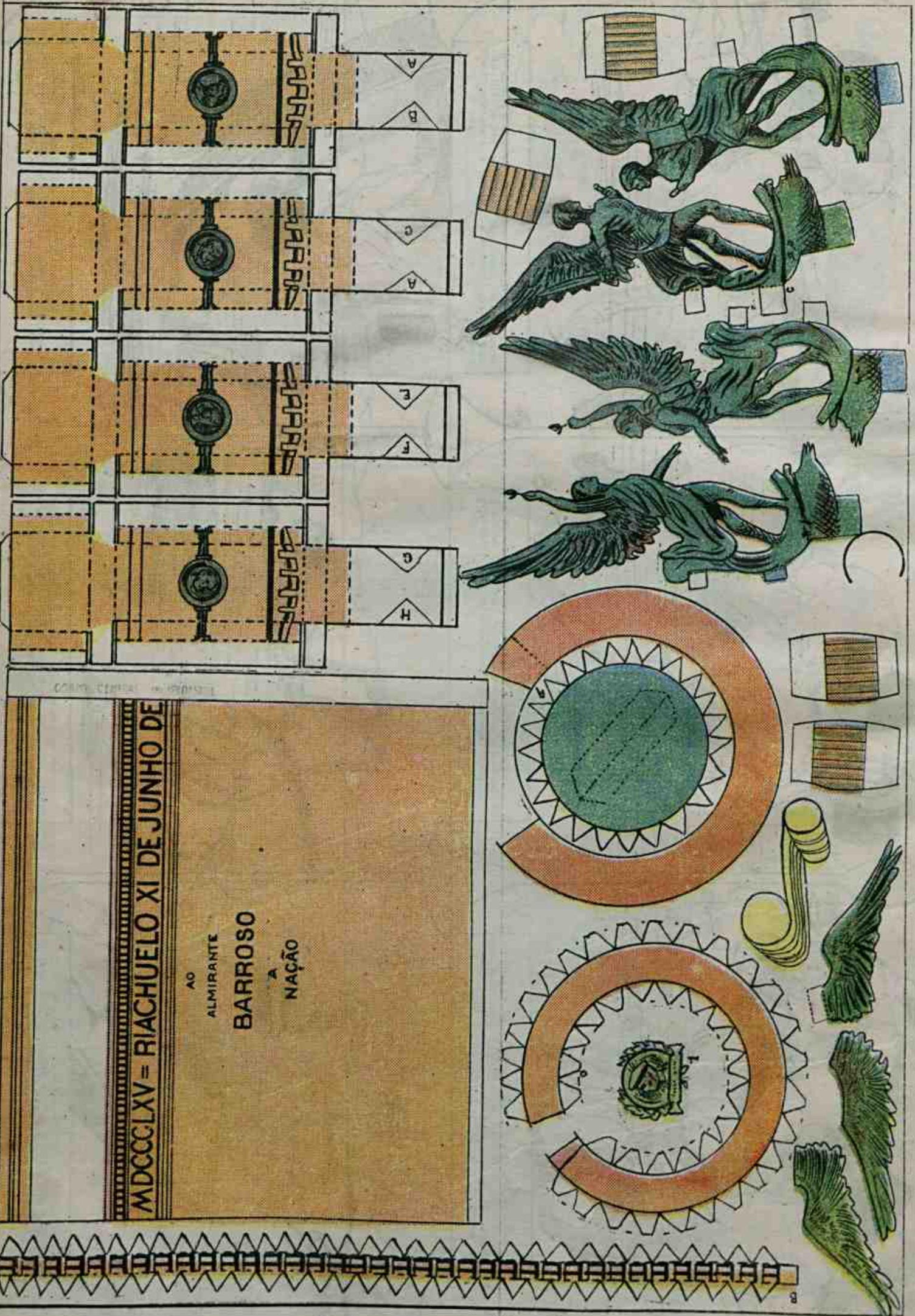
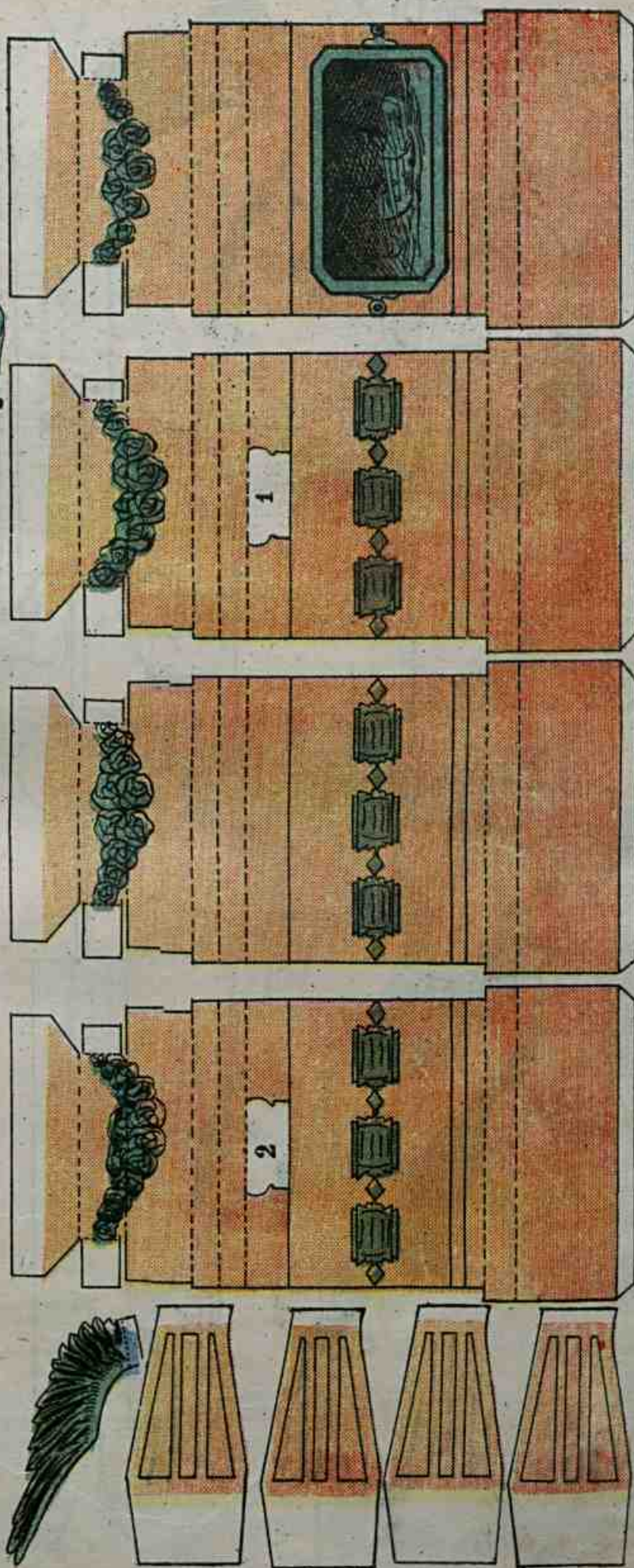
O POÇO DE CARRAPICHO

EXPLICAÇÃO

Preguem tudo em cartolina e recortem depois. E' conveniente que a cartolina seja grossa, mórmente a que servir para a figura 3. As pernas do Carrapicho são colladas até a altura das letras XX; depois liguem com linha (como se fazem com os polichinellos) os membros superiores e estes ao braço da bomba. Do mesmo modo serão ligadas as peças da bomba pelas letras E F. O embolo da bomba passa por traz da bomba e entra num córte (letra G), que se vê na fig. 3 com uma seta. A setta indica o córte G e o caminho por onde passará o embolo. Quando pregarem a fig. 1 sobre a fig. 3, deixem livre de gomma a passagem do embolo.

CORRER, VOAR E NADAR

Adão passeava na praia quando delle se approximou um cavalleiro e pediu-lhe segurasse as rédeas do cavallo emquanto elle dava um passeio de canôa...

... recommendando-lhe não montasse no cavallo porque o animal era arisco. De nada serviu a recommendação. Adão, mal o homem lhe virou as costas...

... saltou para as costas do cavallo e partiu em desenfreiado galope ao longo da praia. Alli não havia perigo porque se cahisse a areia amortecia o tombo.

De repente o cavallo avistou o cavalleiro, que n'uma canôa remava para a praia, e, como animal "intelligente" dirigiu-se para o dono a "toda brida"

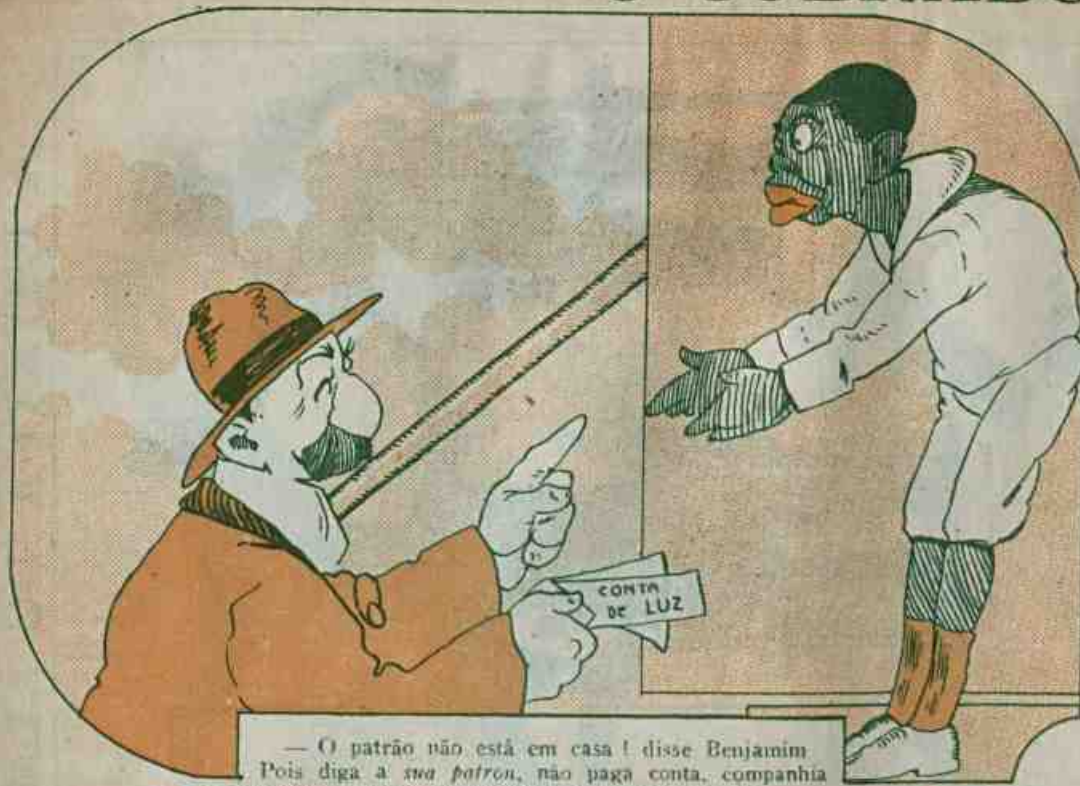
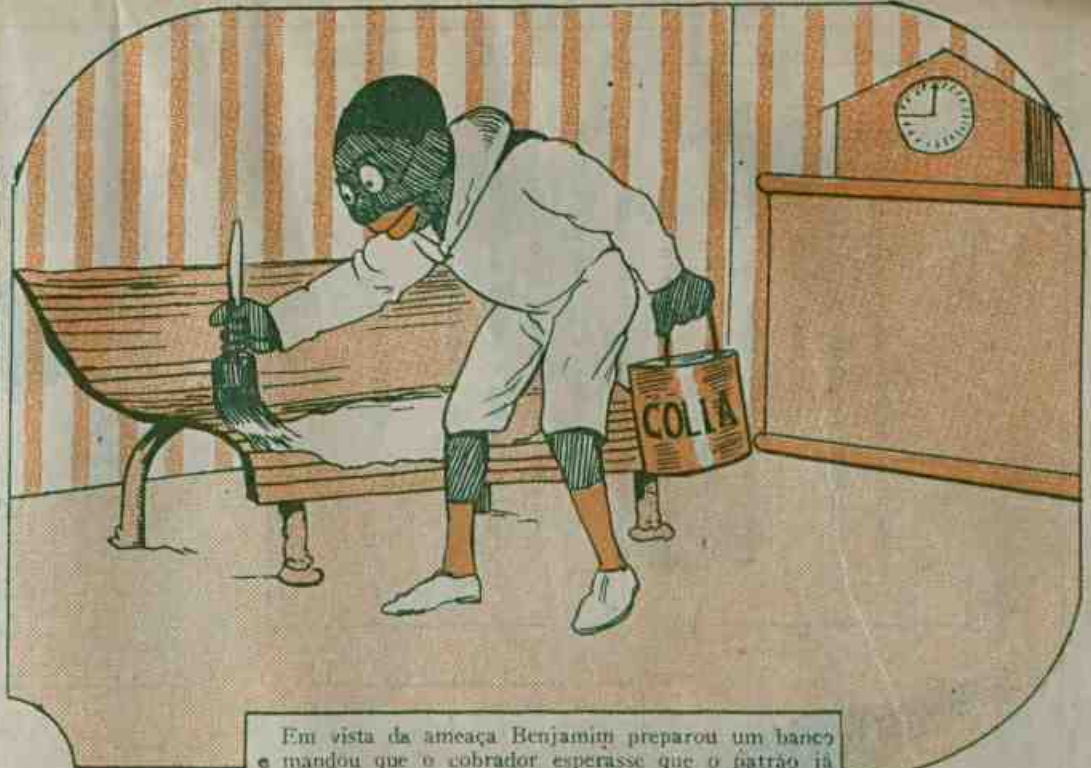
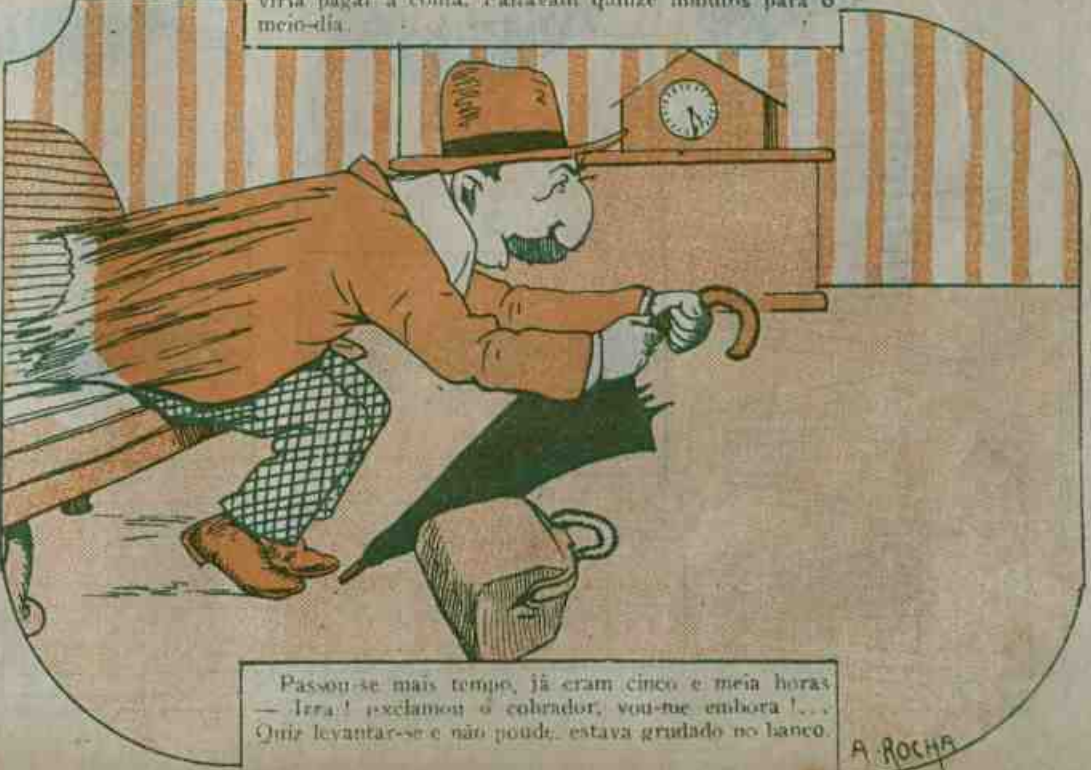
... até a praia onde parou de repente. Adão trazia um impulso muito forte e não pondendo manter-se na sella, foi impellido para frente...

... indo cahir na poupa da canôa obrigando o cavalleiro a uma gymnastica terrivel e a um banho inesperado.

A ESTATUA DO ALMIRANTE BARROSO

A ESTATUA DO ALMIRANTE BARROSO

EXPLICAÇÃO

As linhas interrompidas indicam que os meninos devem dobrar o desenho por ellas. Todas as peças levam os numeros respectivos para facilitar a construcção.

No texto deste Almanach encontrarão os leitores o modelo da presente pagina de armar. Por elle, devem acompanhar a construcção da estatua que, prompta, é de effeito muito interessante.

Todas as peças devem ser colladas em cartolina fina e cuidadosamente recortadas.

O COBRADOR DA LUZ
CONTA DE LUZ
— O patrão não está em casa ! disse Benjamim
Pois diga a *sua patron*, não paga conta, companhia manda *córta* luz ! respondeu o cobrador da luz.
COLLA
Em vista da ameaça Benjamim preparou um banco e mandou que o cobrador esperasse que o patrão já viria pagar a conta. Faltavam quinze minutos para o meio-dia.
O pobre homem, sentado, esperava com paciencia e via as horas correrem. Tres horas e dez minutos, nada de apparecer o patrão.
Passou-se mais tempo, já eram cinco e meia horas
— Irra ! exclamou o cobrador, vou-me embora !...
Quiz levantar-se e não poude, estava grudado no banco.
A. ROCHA

1º Mez — 31 Dias

Signo: AQUARIO

JANEIRO

Devoção do mez: *Santa Infancia de N. S. Jesus Christo.*

1—Segunda-feira—*Circumcisão do Senhor* —Confraternidade Universal—Feriado Nacional.
2—Terça-feira—Santo Izidro.
3—Quarta-feira—Santo Anthero.
4—Quinta-feira—São Gregorio.
5—Sexta-feira—S. Simeão.
6—Sabbado—Santa Epiphania — *Santos Reis*—S. Frederico.
7—DOMINGO—S. Theodoro.
8—Segunda-feira—S. Lino.
9—Terça-feira—S. Julião.
10—Quarta-feira—S. Gonçalo.
11—Quinta-feira—S.Theodorico.
12—Sexta-feira—S. Satyro.
13—Sabbado—Baptismo de Jesus.
14—DOMINGO—S. Felix de Nola.
15—Segunda-feira—Santo Amaro.
16—Terça-feira—S.S. Marcelo, Honorato e Orlando.
17—Quarta-feira—S. Antão.
18—Quinta-feira—Santa Prisca.
19—Sexta-feira—S. Canuto.
20—Sabbado—*S. Sebastião— Fundação da cidade do Rio de Janeiro*—Feriado.
21—DOMINGO—Santa Ignez.
22—Segunda-feira—S. Vicente.
23—Terça-feira—Desposorio de Nossa Senhora com S. José.
24—Quarta-feira—Nossa Senhora da Paz.
25—Quinta-feira—Conversão de S. Paulo.
26—Sexta-feira—S. Polycarpo.
27—Sabbado—S. João Chrysostomo.
28—DOMINGO—Septuagesima, S. Cyrillo.
29—Segunda-feira—Oração de Nossa Senhora.
30—Terça-feira—S. Martina.
31—Quarta-feira—S. Pedro Nolasco.

Este mez foi consagrado a *Juno*, por decisão de *Numa Pompilio*, quando este rei reformou o calendario de Romulo.

◇ ◇

SAUDADE

A Marita P. A.

Velhice e mocidade quantas vezes andam juntas e bem se comprehendem... Quem não terá visto na mais doce alegria, na mais firme harmonia, pensamentos de avô e neto se confundirem num só, casarem-se emfim?

Lembro-me sempre dum pobre velhinho que, depois de ter acompanhado ao cemiterio todos os membros da familia, ficou só na terra, com uma graciosa creancinha de dias apenas, companheira, talvez, para servir-lhe de amparo no futuro e consolo no presente, valioso thesouro que lhe legara a filha ultima que perdera.

Com que amor o ancião, depois de ter fechado os olhos da filha morta, se dedicou á netinha! Quantos castellos fez! Ouvia-a já balbuciar a palavra "vovó", e, a rir, o pobre velho antegozava os momentos felizes que passaria com a neta, já então moça, solicita e extremosa, a servir-lhe de guia!

Mas... bem poucos annos duraram esses sonhos de amor e de ventura. Terrivel doença prostrou no leito o objecto de tantos carinhos e, dias após uma lucta insana contra o impossivel, o infeliz avô viu expirar, em seus tremulos braços, a loura pequenina que era toda a sua vida.

Não mais viveu... Viam-n'o pelos campos, a falar sósinho, e, muitas vezes, a rir, como um louco, nas grades do jardim.

Um dia, porém, a boa mulher que lhe fazia os arranjos domesticos notou algo de lucido naquelle espirito acabrunhado. Curiosa, resolveu seguir-lhe os passos. Viu-o sentar-se num dos bancos preferidos pelo anjinho que perdera e notou que o bom velho não tirava os olhos de determinada planta.

Que vira, que cousa lhe prenderia assim a attenção? Nada mais que a celeste companheira alada de sua mimosa netinha, a borboleta azul, que tantas vezes os fizera correr, por entre os canteiros floridos do cuidado jardim.

Allucinado, o velho poz-se a chamar pelo anjo querido, proferindo os nomes mais doces, mais ternos, que lhe acudiam á mente. E a neta não vinha e a borboleta, inconsciente, continuava a roçar-lhe as respeitaveis cans, a despertar-lhe recordações e a fazel-o soffrer saudades e mais saudades...

Lucta horrivel, indescriptivel, entre a razão abatida e o coração já fraco, estabeleceu-se! O pobre avô ergueu os braços e, proferindo, pela ultima vez, o nome que não lhe abandonára o pensamento, cahiu sem vida ao chão.

E foi assim, de saudades até de outras saudades, que o bom velhinho fez a viajem eterna, para o mundo desconhecido, onde não ha, talvez, tantas desillusões!... *M. L. B.*

◇

Nossas paginas de armar

A ESTATUA DO ALMIRANTE BARROSO

Aqui têm os meninos o modelo da primorosa pagina de armar que publicamos em outro logar deste Almanach.

As lettras que se vêm no cliché acima elucidam, perfeitamente, a construcção do monumento do Almirante Barroso, que, como vocês sabem, se ergue na Praia do Russell.

O Almirante Barroso, Francisco Manoel Barroso, Barão do Amazonas, era portuguez de nascimento, mas brasileiro de coração. Foi sob seu commando que a gloriosa esquadra brasileira venceu a batalha naval do Riachuelo.

◇

QUEM FEZ A PRIMEIRA SOPA

SABEM vocês quem inventou a sôpa? Não sabem. Ninguem mesmo sabe qual foi o seu paiz originario. E' antiquissima na Hespanha, na Italia, na França, na Inglaterra, na Allemanha, em Portugal e no Brasil.

Apparece mencionada em livros velhissimos.

Na Edade Média, faziam-se sôpas das mais diversas cousas: de toucinho, de ervilhas, de peixe, de tubaras, de beterraba, de couve, de espinafres, de legumes seccos, de leite de nabo, de abobora, de rabanos, de queijo, de mostarda, de marmello, de salsa, de açafrão, de amendoas, etc.

Diz-se que para os monges de Clarinval (Clairvaux), a sua iguaria unica era uma sopa de folhas de faia, sem sal. Quando Du Guesclin foi combater o seu formidavel inimigo inglez, Guilherme de Blancburgo, comeu tres sopas preparadas com vinho, em honra da Santissima Trindade.

N'um velho livro de cosinha, do seculo XV, diz-se que as sôpas, para serem devidamente servidas, deviam ser amarellas, verdes ou brancas e que, para se obterem estas cores, se empregava açafrão, hervas verdes ou leite de amendoas.

Carême, o celebre cosinheiro do principe de Talleyrand, autor de differentes obras sobre arte culinaria, apresenta uma lista de não menos de quinhentas sôpas, trezentas das quaes foram inventadas por elle, no decurso da sua larga carreira, facto de que se gloria muito.

Mas, de todas ellas, recommenda aos seus leitores que, apenas, tomem uma pequena porção de caldo, porque tempo virá, — diz elle, — no qual, em França, só tomarão sôpa as classes média e pobre.

2º Mez — 28 Dias
Signo: PEIXES

FEVEREIRO

Devoção do mez: *Dôres da Virgem Maria.*

1—Quinta-feira—Santo Ignacio.
2—Sexta-feira—*Purificação de Nossa Senhora*—Nossa Senhora das Candêas.
3—Sabbado—Santa Olivia.
4—DOMINGO—Santo André.
5—Segunda-feira—Santa Agueda.
6—Terça-feira—S. Amando.
7—Quarta-feira—S. Maximiano.
8—Quinta-feira—Santo Arthur.
9—Sexta-feira—S. Arthur.
10—Sabbado—S. Guilherme.
11—DOMINGO—*Quinquagesima — Carnaval—S.* Adolpho.
12—Segunda-feira—*Carnaval* — S. Julião Hospitaleiro.
13—Terça-feira—*Carnaval*—S. Euphirio.
14—Quarta-feira—*Cinzas*—S. Abrahão.
15—Quinta-feira— Trasladação de Santo Antonio de Lisboa.
16—Sexta-feira—Santo Onesio.
17—Sabbado—Santo Ausencio.
18—DOMINGO—S. Marcello.
19—Segunda-feira—S. Conrado.
20—Terça-feira—Santo Eleuterio.
21—Quarta-feira—S. Felix de Metz.
22—Quinta-feira—Cadeira de S. Pedro.
23—Sexta-feira—S. Lazaro.
24—Sabbado—S. Pretextado — *Promulgação da Constituição*—Feriado.
25—DOMINGO—S. Cesario.
26—Segunda-feira—S. Alexandre.
27—Terça-feira—S. Leandro.
28—Quarta-feira—S. Macario.

Este mez era consagrado pelos Romanos a *Neptuno*, deus do mar. Seu nome deriva de *februalia*, cerimonia que consistia numa purificação geral de todo o povo. O mez de Fevereiro era o ultimo do calendario de *Numa*.

CORRIDAS DE CÃES

As corridas de cães e, particularmente, de galgos, eram muito populares na Belgica e no norte da França.

Para excitar os animaes a se esforçarem na velocidade, soltavam uma lebre e ganhava a corrida o cão que primeiro lhe dava uma dentada, estraçalhando-a.

Ora, os meninos que nos lêem hão de concordar que, em semelhante divertimento, havia muita barbaridade para a pobre da lebre, que perdia a vida nos dentes dos cães.

As sociedades protectoras dos animaes, não só da França, como da Belgica, empregaram seus esforços com tanto afinco que, felizmente, as corridas de cães foram terminantemente prohibidas nesses dois paizes.

Assistindo a taes espectaculos, a taes corridas, que prazer poderemos sentir com as dores ou a morte dos animaes que têm tanto direito á vida como nós?

QUIZ ENGANAR, MAS FOI ENGANADO

Catito e Mimoso eram dois coelhinhos muito chics. Catito, muito mentiroso, estava um dia brincando no campo quando, de repente, começou a gritar por soccorro.

Veiu Mimoso com o pae vêr o que era, mas nada encontraram.

Por isso, Catito tomou um enorme "pito". Mas, mesmo assim, não se corrigiu, pois, outra occasião, quiz fazer o mesmo e gritou por soccorro, mas foi infeliz porque appareceu-lhe um galgo e fez o "nêgo" correr muito.

Mimoso não foi em seu auxilio pensando que os gritos eram mentirosos.

Se não fosse uma arvore, o Catito, por estas horas, estaria papado. Coitado, teve que passar o dia todo na arvore e lá ficaria se o galgo não se fosse embora. Ah! se elle não mentisse, não teria que passar por este susto.

Quando chegou em casa, tomou uma vaia tão grande que jurou nunca mais mentir.

José Luiz Mexias.

Illusão de optica—O GALLO PRETO

Chamamos á gravura *um gallo preto*, quando os leitores estão vendo um *gallo branco*. Mas já vamos fazel-o mudar de côr. Fite-se bem o pequenino losango preto, que está no meio da figura, durante meio minuto; não mais. Depois, erga-se a cabeça, e fite-se a vista sobre a superficie branca que estiver mais ao alcance (o tecto, por exemplo, se fôr branco), e logo a seguir apparecerá ahi um rectangulo branco, no meio do qual se vê, nitidamente desenhado em preto, o gallo da gravura.

CONSELHOS DA VIDA PRATICA

Como se trata uma torcedura

NA ausencia de um medico que, de prompto, possa attender, estão os meninos com as linhas que seguem aptos a prestar o seu valioso auxilio áquelles que forem victimados pelas torceduras ou deslocamentos.

As torceduras são deslocações momentaneas de qualquer articulação, com distensão violenta dos respectivos ligamentos.

Na maioria dos casos, produz-se em consequencia de golpes, passos em falso, escorregões, etc.

Qualquer movimento anormal, como por exemplo a flexão lateral do cotovello, ou do tornozello, ou a exaggeração de um movimento normal, como a extensão forçada do pulso, póde produzir a torsão.

Commummente, os escorregões ou passos em falso são a causa desses males. A consequencia immediata é uma dôr aguda e a inflammação da parte correspondente, inflammação que augmenta com rapidez, até difficultar os movimentos da respectiva articulação.

Devemos fazer logo a distincção entre torsão e luxação, pois nesta o movimento da articulação é impossivel e naquella não. Na torsão, o mal provém de um esticamento excessivo dos ligamentos que unem a articulação. Na luxação, trata-se de um osso ou mais que sahem do logar.

E' tambem de notar que, nas torsões muito violentas, não é difficil que se rompa algum ligamento e que a rotura dos vasos sanguineos determine um derrame que faça mudar a côr da pelle.

Em materia de tratamento, o essencial é a immobilidade absoluta. Se se trata da torsão de um pé, convem manter-se em posição horizontal.

A' falta de remedio no primeiro momento, será bom collocar a articulação affectada em pannos molhados com agua fria, o que é, certamente, empirico, porém contribue para conter a inflammação.

Depois, applicar-se-hão compressas d'agua fria com um pouco de arnica, vinagre em abundancia e sal nitro.

Essas compressas, que se sujeitarão ligeiramente com uma ligadura, devem renovar-se com frequencia, sem suspendel-as, sendo possivel, mesmo durante a noite.

Com ellas a inflammação desapparecerá relativamente depressa.

Quando se houver conseguido isso, recorrer-se-á a massagens, suavemente ao principio, para ir augmentando sua intensidade. Essa massagem será sempre feita de baixo para cima, com o auxilio de uma substancia graxa ou talco, para que a pelle não soffra.

Se, desapparecida a inflammação e apesar das massagens, subsistir a dôr, recorrer-se-ha a fricções com um balsamo. Em todo o caso, é de advertir que a normalidade da articulação não será recuperada antes de seis ou oito dias.

3º Mez — 31 dias
Signo: CARNEIRO

MARÇO

Devoção do mez:
S. José, patrono da Igreja Universal.

1—Quinta-feira—S. Adrião.
2—Sexta-feira—S. Carlos.
3—Sabbado—S. Tito.
4—DOMINGO—S. Casimiro.
5—Segunda-feira—Santa Pulcheria.
6—Terça-feira—Santa Colleta.
7—Quarta-feira—S. Thomaz de Aquino.
8—Quinta-feira—Santo Eutropio.
9—Sexta-feira—S. Candido.
10—Sabbado—S. Militão e 39 companheiros.
11—DOMINGO—S. Constantino.
12—Segunda-feira—S. Catharina da Suecia.
13—Terça-feira—S. Rodrigo.
14—Quarta-feira—S. Leandro de Sevilha.
15—Quinta-feira—S. Zacarias.
16—Sexta-feira—S. Cyriaco.
17—Sabbado—Santa Agricola.
18—DOMINGO—*Paixão*—Archanjo Gabriel.
19—Segunda-feira—S. José.
20—Terça-feira—S. Gilberto.
21—Quarta-feira—S. Bento.
22—Quinta-feira—S. Octaviano.
23—Sexta-feira—S. Liberato.
24—Sabbado—S. Agapito.
25—DOMINGO—*Annunciação de Nossa Senhora—Ramos*—Santa Dalia.
26—Segunda-feira—S. Braulio.
27—Terça-feira—S. Phileto.
28—Quarta-feira—S. Castor.
29—Quinta-feira—S. Victorino.
30—Sexta-feira—S. João Climaco.
31—Sabbado—S. Benjamin.

Março vem do latim *Martius*, que era essa a sua denominação no calendario romano, em homenagem a *Marte*, deus da guerra. Março era, entretanto, em Roma, dedicado a *Mercurio*, deus do commercio. Neste mez começa o outono, no dia 21

◇ ◇

O MEU SONHO

Monologo para o esperto e intelligente menino Tavirio, de 7 annos, filhinho do illustre chronista bahiano Virgilio Pinto da Silva.

TIVE um sonho a noite passada que vale bem a pena trazel-o ao conhecimento de Vossas Senhorias.

Que sonho! que sonho engraçado!... Imaginem Vossas Senhorias que... Perdão. E' melhor Vossas Senhorias não imaginarem cousa nenhuma. Eu lhes contarei do pé p'ra mão, quero dizer, emquanto o Chico Botelho... Permittam Vossas Senhorias um parenthesis: O Chico Botelho deve ser irmão do tal de Pedro Botelho.

Como dizia: emquanto o Chico Botelho, irmão mais novo do Pedro tambem Botelho, esfrega um olho.

Si fôr demorada a narração, esta claro, é porque o orgão visual do meu amigo...

Ah! sim. Permittam Vossas Senhorias, ainda uma vez, um novo parenthesis: eu digo meu amigo porque realmente elle o é.

Fica entendido que me refiro ao "seu" Chico Botelho, da quitanda, uma excellente creatura, que, ás vezes, me presenteia com algumas bananas. Os outros Botelhos que, segundo dizem, são senhores das caldeiras dos ditos cujos, não os conheço.

Como dizia: Si a narração fôr demorada é porque o orgão visual do meu amigo Pedro Botelho, quero dizer, Chico Botelho é incommensuravelmente batuta, e, nestas condições, maior deverá ser o tempo gasto a esfregal-o.

Mas deixemos o olho do Chico de parte e vamos ao sonho.

Sonhei que eu andava á procura dos ninhos dos passarinhos, num campo muito extenso e de perder de vista. De repente, de muito andar veio-me o cansaço. Eu estava tão cansado que não era senhor de dar um passo mais. Sentei-me.

Bem não tinha eu sentado, eis que surge, como por encanto, diante de mim, uma arvore como nunca vi igual. Não tinha a tal arvore mais de um metro de altura e os seus galhos estavam carregados de... Imaginem de que? De ovos cosidos em melado de rapadura!

Colhi um e comi. Oh! cousa deliciosa! Comi mais um, mais outro, outro mais, emfim comi até ficar com a barriga assim (enverga-se para traz para mostrar a barriga em saliencia) estufada!...

Eu estava gosando ainda o sabor do ultimo ovinho cosido em mel, quando, ouço um rumor muito forte por detraz de mim.

Volto-me e olho. Ai, que horror! Quasi que "desinguli" todos os ovinhos que havia engulido.

De um salto, ponho-me de pé e... por aqui o caminho da salvação.

Era um leão enorme, que avançava num carreirão doido pr'a cima de mim. E toca a correr. O leão vinha, que vinha louco.

Eu já estava sentindo um "cheirinho" de carne de menino mastigada por dentes de leão. Um horror! Já me sentia frio.

Um acaso providencial salvou-me.

O leão, naquella furia de correr, não reparou bem onde pisava e... zás! enfiou as patas dianteiras dentro dum buraco e cambalhoteou. Nesta cambalhota desastrosa, elle ficou não sei bem ao certo com quantas duzias de costellas partidas, e a urrar em dores lá ficou o meu perseguidor.

Foi um allivio. Pelo sim e pelo não, fiz marcha para traz, procurando distanciar-me do leão agora inoffensivo, em consequencia do trambolhão. Não tinha andado trinta passos e vejo... Que cousa interessante! Si Vossas Senhorias vissem o que eu vi!... Era uma senhora baleia toda se requebrando como se fosse qualquer melindrosa dos tempos de hoje.

E o mais interessante é que a baleia vinha de chapéo de chuva e aberto!!!

Estava chovendo. Foi só então que pude notar que chovia a cantaros e que eu me achava todo molhado.

Aquella friagem estava incommodando-me e eu não tinha onde abrigar-me. Nisto, lembrei-me de tomar o guarda-chuva da baleia, e quando ia fazel-o, accordei e... (fala com certo acanhamento) estava mesmo molhado, mas, não fui eu que... (fica embaraçado) é... não... sim... quero dizer... não fui eu que "chovi" na cama, não. *HA. HEME.*

◇

O GUARDA NOCTURNO

A hora costumeira, o vigilante nocturno sôa o apito tradicional, despertando, na visinhança, com seu estridulo, uma certa confiança no espirito dos moradores. Passa um bond quasi vasio, e passageiros somnolentos viajam recostados aos bancos, conversando com Morpheu.

Além, escuta-se o ruido de ferros velhos, que, attritados na plangencia de sons, produzem uma confusão medonha.

A rua tem o aspecto solitario dos grandes abandonos... A' esquina, vozes alternadas provocam um escandalo, que reclama a attenção do policial. Reconhece nos contendores velhos protectores, que, em gorgetas generosas, lhe estendem as mãos. Surdo á discussão, eil-o que, vagarosamente, caminha e pára á distancia, escondendo-se por detraz de uma arvore, ao abrigo da paz, da sua bolsa e do seu corpo...

O vozerio cessa; novamente, escuta-se o apito, reclamando tardiamente o socego almejado. A tradicção das cousas volta a imperar, confiante da bondade alheia...

A madrugada vem raiando, dissipando as apprehensões das almas noctivagas. *Humberto Saldanha.*

4º Mez — 30 Dias

Signo: TOURO

ABRIL

Devoção do mez:

Jesus, o Bom Pastor.

1—DOMINGO—*Paschoa*— S. Hugo de Grenoble.
2—Segunda-feira—S. Francisco de Paula.
3—Terça-feira—S. Pancracio.
4—Quarta-feira—S. Ambrosio.
5—Quinta-feira—S. Geraldo.
6—Sexta-feira—S. Celestino.
7—Sabbado—S. Epiphanio.
8—DOMINGO— *Paschoela* — Santo Amancio.
9—Segunda-feira—Santa Maria Cleophas.
10—Terça-feira—S. Terencio.
11—Quarta-feira—S. Isaac.
12—Quinta-feira—S. Julio.
13—Sexta-feira—S. Hermenegildo.
14—Sabbado—S. Lamberto.
15—DOMINGO—S. Bazilio.
16—Segunda-feira—S. Fructuoso.
17—Terça-feira—S. Aniceto.
18—Quarta-feira—S. Appolonio.
19—Quinta-feira—S. Jorge.
20—Sexta-feira—S. Marcellino.
21—Sabbado—S. Anselmo—*Commemeração de Tiradentes*—Feriado.
22—DOMINGO—*Patrocinio de S. José*—S. Leonidas.
23—Segunda-feira—S. Fortunato.
24—Terça-feira—S. Roberto.
25—Quarta-feira—S. Marcos Evangelista.
26—Quinta-feira—S. Cleto.
27—Sexta-feira—S. Tertuliano.
28—Sabbado—S. Didymo.
29—DOMINGO—S. Pedro de Verona.
30—Segunda-feira—S. Eutropio.

O mez de Abril era consagrado a *Venus*. Seu nome parece derivar de *aperire* (*abrir*), porque nesta época do anno a terra como que se abre para nos communicar suas naturaes abundancias; ou porque sendo o 1º do anno no calendario dos romanos, abria o calendario.

VALE MAIS UM TOMA, QUE DOIS TE DAREI...

Paulo conseguira prender num alçapão um passarito muito alegre, chamado bico de lacre. Bastante contente, o menino voltou para casa com a presa adorada. No caminho viu dois pombos num beiral de telhado a depenicarem por entre arrulhos, as pennas côr de neve.

No espirito da rapaz vibrou a vontade de possuir as outras aves. Pensou num momento em subir ao telhado e apprehendel-as. Já não lhe contentava o primeiro passaro prisioneiro.

O bico de lacre começou, á vista dos grandes pombos, a causar-lhe desgosto. Era um passaro tão pequeno! Sem a graça dos pombos. E, num impeto, deu liberdade á pequena ave.

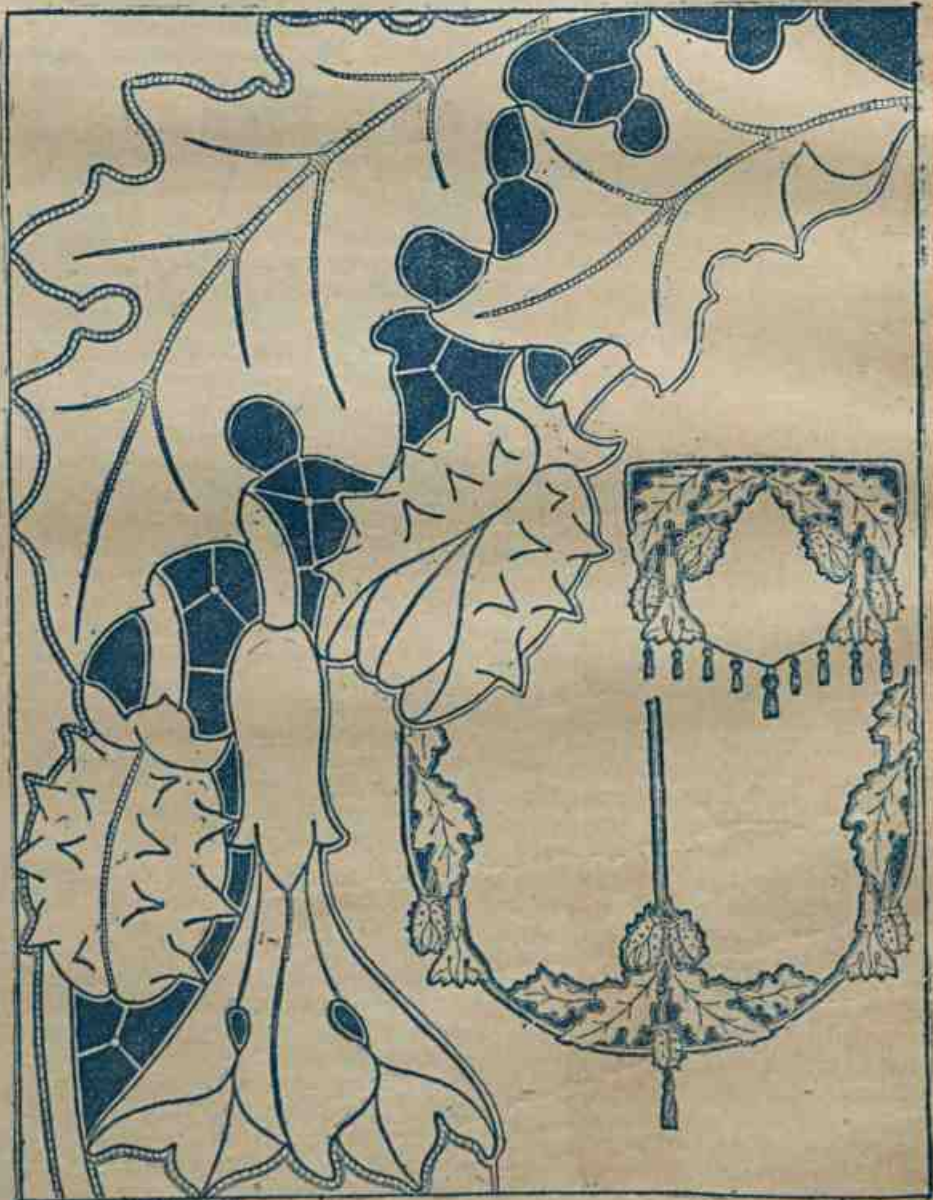
Manhosamente, poz-se a subir ao telhado, em cujo beiral os pombos continuavam no gozo da belleza do dia.

Presentindo-o, os pombos ali não se demoraram mais, e antes que o rapazote os alcançasse, bateram azas, voando para outro sitio, de onde olharam zombeteiramente o seu perseguidor.

Então, olhando-os, tambem a maior distancia, Paulo, sobre o telhado, lembrou-se de que perdera na sua pretensão, porque ficara sem o bico de lacre que soltara, e sem os dois lindos pombos, que fugiram para longe...

Em consciencia, ali assim, aconselhou-se com o rifão popular, afim de que não se prejudicasse de outra vez: "*Mais vale um toma, que dois te darei...*"

ZENO DAGOBERTO.

◇

O facto de se falar atravez de um corpo humano, ou de uma serie de corpos, o que para o caso vem a ser o mesmo, é um dos phenomenos mais curiosos da electricidade. Se se parte um fio do telephone, e uma pessoa péga nas duas pontas, uma em cada mão, mantendo-as separadas, é perfeitamente possivel a dois individuos sustentarem uma conversa atravez do corpo do *medium*, tão distinctamente como se o fio estivesse devidamente ligado.

BORDADO BRANCO

O motivo acima é de effeito muito decorativo e ficará maravilhoso se as nossas prendadas leitoras o executarem em richelieu, num tecido grosso. Tanto póde servir para armar o *store* da sala de jantar, como para um caminho de mesa, ou ainda para cobrir o marmore do *buffet*. O modelo que os nossos leitores vêem na gravura acima tem tamanho razoavel para ser aproveitado. Decalquem-no com auxilio de papel carbono e, prompto o risco, executem tão lindo motivo de bordado richelieu.

5° Mez — 31 Dias

Signo: GEMEOS

MAIO

Devoção do mez: *A Santissima Virgem.*

1—Terça-feira—S. Amador.
2—Quarta-feira—S. Athanazio.
3—Quinta-feira—S. Juvenal— *Anniversario do Descobrimento do Brasil* — Feriado.
4—Sexta-feira—S. Floriano.
5—Sabbado—Conversão de S. Agostinho.
6—DOMINGO—*Maternidade de Nossa Senhora*—Santa Judith.
7—Segunda-feira—*Ladainhas*—Nossa Senhora do Resgate.
8—Terça-feira—*Ladainhas*—S. Victor.
9—Quarta-feira—*Ladainhas* — S. Gregorio Naziazeno.
10—Quinta-feira—*Ascenção*—S. Antonino.
11—Sexta-feira—S. Mamede.
12—Sabbado—S. Nereu.
13—DOMINGO—Nossa Senhora dos Martyres—*Abolição da Escravidão no Brasil—Feriado.*
14—Segunda-feira—S. Bonifacio.
15—Terça-feira—S. Izidro de Madrid.
16—Quarta-feira—S. João Nepomuceno.
17—Quinta-feira—S. Paschoal.
18—Sexta-feira—S. Eurico.
19—Sabbado—S. Ivo.
20—DOMINGO—*Espirito Santo*—S. Bernardino de Senna.
21—Segunda-feira—Santa Virgina.
22—Terça-feira—S. Romão.
23—Quarta-feira—S. Bazilio.
24—Quinta-feira—N. S. Auxiliadora.
25—Sexta-feira—S. Urbano, papa.
26—Sabbado—S. Agostinho.
27—DOMINGO—*Santissima Trindade* — Santo Olivio.
28—Segunda-feira—S. Germano.
29—Terça-feira—S. Procopio. Joanna D'Arc.
30—Quarta-feira—Santa Emilia e santa
31—Quinta-feira—*Corpo de Deus* — Santa Petronilha.

Este mez era consagrado pelos Romanos a Apollo. Foi-lhe dado o seu nome em honra dos velhos Mainsa Majoribus. Era o terceiro mez do anno romano.

◇ ◇

O CAVALLO E O POLICHINELLO

Quando eu tinha 5 annos, ganhei no dia de Natal um cavallo e um polichinello. A minha alegria foi immensa. Depois da hora de minha lição da cartilha, o meu maior divertimento era o de cavalgar no magnifico cavallo branco, que o pae Noel me havia mandado lá do céo; era um animal cheio de vida e de uma robustez tamanha, que era capaz de percorrer 100 kilometros em um dia, se não tivesse nascido com um grande defeito: o defeito de ser um cavallo de páo!

Mas eu lhe queria muito bem, como se fosse um cavallo verdadeiro. Basta dizer-lhes, caros amiguinhos, que eu não deixava passar um dia, sem primeiro lhe dar um bom banho; e depois de o ter bem lavadinho, em vez de feno, dava-lhe uma boa ração de tremoços. E se por acaso o meu cavallinho se obstinava em não comer, eu lhe dizia, acariciando-o:

— Noto que hoje não estás com fome! Os tremoços foram quasi todos comidos por mim. Adeus, e dorme bem.

E deitando-o com todo o cuidado, cobria-o com uma coberta; e se o tempo estivesse frio, não me esquecia de cobril-o com um bom cobertor, feito com pedaços de calça velha do titio, com o lenço vermelho do vovô, e enfeites do vestido da mamãe, emfim com a melhor traparia que havia cá por casa.

....

Emquanto que o meu cavallinho descansava das correrias diarias, eu ia despertar o meu polichinello, que era muito dorminhoco.

Dirigia-me ao dormitorio pé ante pé, abria a porta de mansinho e punha-me a escutar. Elle ainda roncava, mas ao tocar-lhe no braço, o polichinello abria os olhitos, espreguiçava-se um pouco risonho, e bocejava. Eu então dizia-lhe:

— Bom dia, Polichinello. Como passaste?

E o dorminhoco não respondia.

— Bom dia, Polichinello — repetia.

E o teimoso, indifferente, como se nada ouvisse.

— Então Polichinello, respondes ou não respondes? Bom dia.

E elle sem se mexer.

— Se não queres falar commigo, olha-me ao menos — dizia-lhe com impaciencia.

— Mas por que — gritava-lhe cada vez mais zangado — mas por que, quando te digo — olha-me — tu obedeces, e se te digo — bom dia — nada me respondes?

E o polichinello sempre calado.

Por fim, concluia que o polichinello não queria falar, nem responder, porque estava amuado commigo. Amuado !... e por que?

Oh!... sem duvida por se achar mal vestido, com o chapéozinho sujo, com o paletot manchado, com os sapatinhos furados... imaginava o meu pequenito cerebro.

— Pobre Polichinello! — tens razão — e punha-me a chorar...

Jacques Paganel.

◇

CASTELLOS NO AR...

Cahira em uma armadilha preparada por um homem, certa vez, um leão soberbamente enorme. E o rei dos irracionaes rugiu sinistramente, e o seu medonho rugido ecoou de gruta em gruta. Debateu-se em vão, como em vão rugira, nas malhas da rêde que o prendia. Depois, aquelle, notando o leão preso no laço que armára, pensa cheio de jubilo: "Francamente, esta presa vale uns bons contecos; vem-me a proposito. Eu que ha annos, ou por outra, desde que nasci tenho vivido mal, chegando, ás vezes, a passar fome". Dirigindo ao leão: "Vieste me livrar da miseria. Vou vender-te a um circo de cavallinhos, e os cobres que apurar com tua venda dar-me-ão para o resto de minha existencia, socego, fartura, venturas e felicidades, palavras estas muito lindas e dizem que são muito boas, mas francamente, as conheço só de nome, nunca as vi em toda minha vida".

—"Então tendes a coragem de me ultrajar — disse o leão colerico. — Eu, o rei dos animaes! E' o cumulo! Tiveste a ousadia de armar, em terras de meu vasto dominio, uma cilada para me prender, privando-me da liberdade! Eu? que a terra se abala, que as arvores se dobram, que o rio inclinando o dorso, emfim a natureza toda me saúda quando passo, ser privado da liberdade e exposto em praça publica para divertimento de vossos semelhantes! Isto tudo não é verdadeiramente ridiculo?

Sim, a fartura, o socego, a ventura e a felicidade são cousas boas e preciosas, mas não valem tanto como a liberdade. A liberdade é o tudo da vida e sem ella, mil vezes a morte!"

—"Para que tanto orgulho? Para que tanta farofa? Pois eu não tenho passado conformadamente, durante toda minha vida, fome, decepções, pezares? Agora tu, um simples irracional, julgas que és mais do que eu?"

—"Mas eu sou o rei dos animaes, portanto o rei da natureza!"

—"E eu domino o mundo! Sou o teu rei, e sendo teu rei tambem o sou da natureza!"

—"Então abusaes de vossa prepotencia! Porque sou menos do que vós, quereis me espesinhar? Então o que seria de nós, se Deus, o meu rei, o vosso rei, portanto o rei dos reis, que manda na natureza e no mundo, porque rege o universo, pensasse como vós? Dizei-me, o que seria de nós?!..."

O homem depois de reflectir alguns momentos, mandou o leão em paz, embora sabendo, que com elle, perdia o socego, a fartura, a ventura e a felicidade.

Carlos Corrêa Lopes.

◇

O PHILOSOPHO SOBREPUJADO

Um sabio philosopho estando muito occupado em seu gabinete de estudo, uma menina veiu pedir-lhe lume. "Mas", disse elle "não trouxeste uma vazilha para leval-o"; e, como elle fosse buscar alguma cousa para aquelle proposito, a menina abaixou-se junto ao fogão, e tomando algumas cinzas frias numa das mãos, collocou brazas vivas sobre ellas, com a outra mão. O sabio, vendo isto, atirou os livros ao chão com espanto e exclamou: "Com todo o meu estudo, nunca teria descoberto esta experiencia".

Guilherme Q. de Oliveira.

6° Mez — 30 Dias
Signo CARANGUEJO

JUNHO

Devoção do mez:
Sagrado Coração de Jesus.

1—Sexta-feira—S. Fortunato.
2—Sabbado—S. Erasmo.
3—DOMINGO—S. Ovidio.
4—Segunda-feira—Santa Saturnina.
5—Terça-feira—S. Bonifacio.
6—Quarta-feira—S. Claudio.
7—Quinta-feira—S. Gilberto.
8—Sexta-feira—*Coração de Jesus.*
9—Sabbado—S. Paulo da Cruz.
10—DOMINGO—Santa Margarida.
11—Segunda-feira—S. Barnabé — *Batalha Naval do Riachuelo.*
12—Terça-feira—S. Adolpho.
13—Quarta-feira—S. Ontonio de Lisboa e de Padua.
14—Quinta-feira—S. Bazilio Magno.
15—Sexta-feira—S. Modesto.
16—Sabbado—N. S. do Soccorro.
17—DOMINGO—S. Anatolio.
18—Segunda-feira—S. Marcellino.
19—Terça-feira—S. Gervasio.
20—Quarta-feira—S. Macario.
21—Quinta-feira—S. Luiz Gonzaga.
22—Sexta-feira—Santa Aggripina.
23—Sabbado—S. Paulino.
24—DOMINGO—*S. João Baptista* — Dia Santo.
25—Segunda-feira—S. Guilherme.
26—Terça-feira—S. Anthelmo.
27—Quarta-feira—S. Adelino.
28—Quinta-feira—S. Irineu.
29—Sexta-feira—*S. Pedro* e S. Paulo, apostolos.
30—Sabbado—*Pureza de N. Senhora.*

Os Romanos consagravam este mez á deusa Juno. Por isso chamava-se *Junius* e era o quarto mez do anno romano.

UM MAU QUARTO DE HORA...

(Farça em 1 acto)

Personagens:

Mamãe . . . . 40 annos
Donga, menina mitosa . . . . 12 annos
Zézé . . . . . . 11 annos
Léa . . . . . . 10 annos
Maria . . . . . 9 annos
Celia . . . . . . 14 annos
Cozinheira . . . 30 annos

SCENA I

Sala de jantar. Portas a D. E. e ao fundo.

MAMÃE — Estudem, decorem a lição, e quando voltar trarei uma cousa para vocês. (*Sáe*).
CELIA — Vamos estudar.
LÉA — Vamos.

(*Sáem todas, menos Donga*)

DONGA — Estudar depois do almoço faz mal, vou descansar um pouco... (*Ao publico*) Não pensem que é para vadiar; já estou no 3° Livro, e a professora diz que eu sou a 1ª da classe...
COZINHEIRA, *entrando* — A sinhôra não mexa na cesta das compras, ouviu? Eu vou ali, comprar lenha. (*Sáe*).
DONGA — Não mexer na cesta das compras? Aqui ha cousa. Com certeza alguma fruta que mamãe comprou...
CELIA, *de dentro* — Donga, venha estudar.
DONGA — Já vou... (*Sáe*).
MAMÃE, *entrando* — Ora muito bem (*olha pela E.*) Todas estudam... (*Sáe*).
(*Ouvem-se vozes fóra*) — Se uma duzia de ovos custa mil e quinhentos, duzia e meia deve custar...
DONGA, *entra* — Até que emfim consegui enganar a mana. Fingi-me de tonta e vim beber agua... (*Ri*) Vou afinal desvendar o "mysterio da cesta" (*Sáe*).

SCENA II

Cozinha. A cesta está na prateleira.

DONGA — Cá está ella! (*Espreita pela porta, vendo se vem alguem*) Vejamos o que é (*Olha para dentro da cesta*) Oh! São ameixas! E estão maduras! (*Vae no bico dos pés até a porta, espia novamente, volta e mette a mão na cesta, mas tira-a logo, com um caranguejo ferrado nos dedos*) Ai! Ai! Mamãe, Celia, acudam!
MAMÃE, *entrando* — O que é isto, Donga?
COZINHEIRA, *idem* — O que foi?...
DONGA, *chorando* — Tira este bicho, Joanna!
COZINHEIRA — O caranguejo! (*Tira o caranguejo dos dedos de Donga e guarda-o na cesta*).
MAMÃE — Como foi isso, Donga? Abriste a cesta?
DONGA, *chorosa* — Sim senhora... Eu pensei que fossem ameixas...
MAMÃE — Bem feito! Além de desobediente, és gulosa a ponto de furtar?
DONGA — Perdão, mamãe, esta serviu-me de emenda.
MAMÃE — Celia!
CELIA, *entrando* — Senhora!
MAMÃE — Como foi que deixaste Donga sahir da sala de estudo?
CELIA — Ella disse estar tonta, e eu mandei-a descansar um pouco.
MAMÃE, *á Donga* — Muito bem. Quando teu pae chegar hei de contar-lhe tudo. (*Sáe*).
DONGA, *chorando* — Nunca mais hei de furtar cousa alguma!

(*Entram Zézé, Maria e Léa*)

TODAS — Como foi isso, mana?
(*Donga vae sahir, suas irmãs rodeiam-na e cantam:*)

Tens ahi, mana o castigo
Que tua falta merece,
Era bom que ainda por cima
Uns bolos mamãe te désse.

Olha só que cara feia
Como grita, como chora
Pela tua gulodice
Passaste um máo quarto de hora...

PANNO

Charles Weiss.

Minha primeira communhão

Lembro-me ainda tão bem. Era eu pequenino, tinha apenas oito annos de idade quando meu pae deixou-me ás ordens de um velho frade muito bom, muito amigo das creanças. Todas as tardes o frade reunia a creançada para o cathecismo. Fazia comnosco o Signal da Cruz e começava a lição.

E que lição agradavel! Parecia que estavamos no céo! As suas palavras eram immensamente boas, immensamente agradaveis! Eram capazes de fazer do máo, do perverso um homem bom, um homem de bem. Foi então que eu e os collegas começamos a comprehender as cousas do mundo.

Aprendemos a rezar e a amar a Deus sobre todas as cousas; já tinhamos de côr em nosso cerebro de creança todos os mandamentos...

Estavamos promptos para a communhão.

Esperavamos anciosos o sublime momento em que haviamos de receber em nossa alma cheia de fé a alma bondosa de Jesus Christo.

Chegou emfim o dia.

A manhã estava muito fresca, como todas as manhãs de Setembro, muito bella. Os primeiros raios de sol douravam a terra, passaros trinavam alegremente. Era quasi hora da communhão. A igreja estava repleta; nós tambem já lá estavamos á espera, ajoelhados no altar. Dahi a alguns minutos appareceu o velho frade que nos ia dar a comunhão; ajoelhou-se tambem e rezou comnosco o Credo. Após a reza levantou-se e nos deu a sagrada Hostea, emquanto no côro cantavam uma musica linda, muito linda como nunca ouvi ninguem cantar!...

Depois desse magnifico acto fomos levados a sachristia, onde recebemos entre saborosas balas e finissimos biscoitos, uma linda medalha de rata, onde estava gravado o rosto de Jesus Christo; era a lembrança da primeira communhão. Guardei-a commigo. Beijei a mão do bondoso frade, agradeci-lhe e tornei a casa.

Com que alegria meus paes e meus irmãos me receberam! Deram-me abraços! Meu pae foi o primeiro que me abraçou. Lembro-me ainda como elle estava alegre!

Perdi-o, como perdi tambem a lembrança que o frade me déra! Só me resta saudades!

João Rebello.

7º Mez — 31 Dias

Signo: LEÃO

JULHO

Devoção do mez: *Precioso Sangue de Jesus.*

1—DOMINGO—S. Simeão — *Precioso Sangue de Jesus.*
2—Segunda-feira—Visitação de N. Senhora.
3—Terça-feira—S. Jacintho.
4—Quarta-feira—Santa Isabel, rainha de Portugal.
5—Quinta-feira—S. Athanazio.
6—Sexta-feira—Santa Angela.
7—Sabbado—S. Firmino.
8—DOMINGO—S. Procopio.
9—Segunda-feira—Santa Veronica.
10—Terça-feira—S. Januario e seus companheiros.
11—Quarta-feira—S. Marciano.
12—Quinta-feira—S. Felix e S. Nabor.
13—Sexta-feira—S. Anacleto.
14—Sabbado—S. Boaventura—*Tomada da Bastilha*—Feriado Nacional.
15—DOMINGO—S. Henrique.
16—Segunda-feira—N. S. do Carmo.
17—Terça-feira—S. Aleixo.
18—Quarta-feira—S. Arnaldo.
19—Quinta-feira—S. Vicente de Paula.
20—Sexta-feira—S. Elias.
21—Sabbado—S. Claudio.
22—DOMINGO—S. Platão.
23—Segunda-feira—S. Liborio.
24—Terça-feira—S. Bernardes.
25—Quarta-feira—S. Thiago Maior.
26—Quinta-feira—S. Olympio.
27—Sexta-feira—S. Mauro.
28—Sabbado—S. Olavo.
29—DOMINGO—*Senhora Sant'Anna.*
30—Segunda-feira—S. Abdão.
31—Terça-feira—S. Ignacio de Loyola.

Este mez era consagrado a *Jupiter*. Seu nome deriva de *Julio Cesar*, o reformador do calendario romano. Tinha primitivamente o nome de *Quintilis*, por ser o quinto mez do anno no calendario de Romulo.

Era uma vez... o menino Tom Mix — *Para o menino Celso Villaça Pinto.*

ERA uma vez um menino chamado Celso, que não tinha mais que 6 annos de idade. Entretanto, com tão pouco viver era o pequeno Celso de uma vivacidade assombrosa. Era muito intelligente e muito arteiro. Seus paes, aliás, de certa posição social, adoravam aquelle pedacinho de gente e por isso mesmo faziam todas as vontades ao travesso Celso, que era um admirador acerrimo do popular e querido artista de cinema Tom Mix. Tão admirador era elle do artista alludido que em casa, nos seus brinquedos infantis, só procurava imitar aquelle artista, fazendo ás vezes diabruras que faziam jús a meia duzia de palmadinhas. Mas, aquelle Tom Mix carioca em miniatura era senhor absoluto do terreno onde agia com as suas artes e dahi a certeza da impunidade. Certo dia o nosso amiguinho falou á sua mamãe num tom decidido e de quem não admittia replica.

— Minha mamãe, eu venho avisar a senhora que eu quero ir correr mundo.

— Correr mundo?! você está doido, menino?

— Eu não estou doido, não senhora. Eu estou falando mui equilibradamente. Eu quero e preciso ir correr mundo.

— E você sabe o que é correr mundo, meu filho?

— Sei, sim senhora. E' a gente tomar um tremzinho da Linha Auxiliar na estação de Triagem, desembarcar na estação de Magno e caminhar em direcção á estação de Madureira que fica perto, tomar um trem da bitola larga, desembarcar em S. Francisco Xavier e prompto.

— Bem, meu filho, uma vez que desejas "correr mundo" e que esta resolução tua é inabalavel, eu dou o meu consentimento. Pódes partir quando queiras. E dizendo isto perguntou: O que você quer — muito dinheiro e pouca bençam, ou muita bençam e pouco dinheiro?

— Eu não quero nem muito dinheiro, nem pouca bençam, e nem pouca bençam, nem muito dinheiro — bastam-me sómente 200 réis para um *sandwich* e um caldo de canna.

Attendido no que pediu, partiu a correr mundo depois de se ter munido de 6 garruchas e muitas caixinhas de espoletas de papel, proprias para as garruchas que elle usa.

— Adeuszinho, minha mãe, até a volta.

Partiu. Depois de muito andar, Celso chegou á estação da estrada de ferro, porém como não tinha dinheiro, occultamente, tomou um carro de bagagens, que por descuido do empregado ia aberto. Depois de muito rodar sobre os trilhos o trem em questão, Celso notou que a marcha diminuia consideravelmente a ponto de parar, e intrigado com tal cousa, resolveu saltar e syndicar a causa de tudo aquillo. O chefe, o machinista, o graxeiro, o foguista, o bagageiro e os guarda-freios, todos falavam a um só tempo e nenhuma providencia salvadora era tomada. Celso tambem foi ver a "encrenca", mas, como a sua presença não fosse notada, sacou

de uma garrucha e fez um disparo para chamar a attenção de toda aquella gente. Surtiu o effeito desejado. Aquillo foi trambolhão de todos os feitios. Todos horrorisados com a chegada inesperada daquelle menino armado de garruchas e que fazia disparos a torto e a direito, trataram de dar o fóra de qualquer geito, com medo daquelle Tom Mix em miniatura.

— Mãos ao alto! disse Celso com autoridade e empunhando uma garrucha em cada mão.

Todos obedeceram.

— Então que diabo disso é aquillo? perguntou.

— A machina perdeu o vapor e não arrasta estes carros, respondeu o machinista.

— Está bem. Desçam as mãos. Assim mesmo. Agora quem é que tem um barbante comprido?

— Eu, disse um passageiro, que tambem viajava clandestinamente num wagon de transportar animaes de verdade.

Celso recebeu o barbante, fez com elle um laço e volteando-o por cima da propria cabeça por diversas vezes soltou-o ao longe num impulso bem dado, indo o mesmo laçar um cabrito que pastava nas immediações. Num gesto de relampago pegou o cabrito e amarrou-o ao engate da locomotiva e feito isto encostou as garruchas ás orelhas do cabrito e disparou dois tiros. O pobre animal, assustado com o estampido causado pelo disparo, sahiu num carreirão diabolico, arrastando atraz de si todo aquelle comboio encalhado por falta de vapor. Nenhum dos passageiros nem empregados, tivera tempo de embarcar; só o Tom Mix carioca, o pequeno Celso, o fez devido a grande destreza de que é dotado. Com pouco mais chegou á estação de Magno o comboio-cabrito. O pequeno Celso sahiu a correr em direcção á estação de Madureira, sem ao menos reparar o espanto que causou ao agente da estação que deixara pouco antes por ver um trem trafegar sem o respectivo pessoal — machinista, chefe, etc. O pobre agente julgava aquillo um caso inteiramente diabolico. Em Madureira, Celso tomou um suburbio e fazendo uma excellente viagem de "carona", chegou em casa, onde sua mamãe já o esperava inquieta.

E foi assim que o herói desta historia patenteou esta grande façanha infantilmente concebida — *correr mundo* sem sahir do Districto Federal.

HA. HEME.

DESEJO AMBICIOSO

O Pedrinho foi ao quarto do avô, logo de manhã muito cedo. Depois dos primeiros cumprimentos, diz-lhe:

— Sabe, avôzinho, hoje faço annos!

— Sim?! Pois então, muitos parabens. E quantos annos fazes?

— Dez.

— Então, toma lá dez tostões, um por cada anno!

O Pedrinho observa as duas moedas de cinco tostões, e em seguida, levantando os olhos para o avô, diz:

— Como eu gostava de fazer, já, os mesmos annos que o avô faz!

8° Mez — 31 Dias

Signo: VIRGEM

AGOSTO

Devoção do mez: *Santissimo Coração de Maria.*

1—Quarta-feira—S. Leoncio.
2—Quinta-feira—N. Senhora dos Anjos.
3—Sexta-feira—S. Cassiano.
4—Sabbado—S. Domingos.
5—DOMINGO—N. S. das Neves.
6—Segunda-feira—*Transfiguração do Senhor.*
7—Terça-feira—S. Alberto.
8—Quarta-feira—S. Cyriaco.
9—Quinta-feira—S. Romão.
10—Sexta-feira—S. Lourenço.
11—Sabbado—Santa Suzanna.
12—DOMINGO—Santa Clara.
13—Segunda-feira—Santa Helena.
14—Terça-feira—S. Marcello.
15—Quarta-feira—*Assumpção de Nossa Senhora.*
16—Quinta-feira—S. Joaquim.
17—Sexta-feira—S. Mamede.
18—Sabbado—S. Firmino.
19—DOMINGO—S. Venisto.
20—Segunda-feira—S. Samuel.
21—Terça-feira—Santa Umbelina.
22—Quarta-feira—S. Fabriciano.
23—Quinta-feira—S. Donato.
24—Sexta-feira—S. Bartholomeu.
25—Sabbado—S. Luiz, rei de França.
26—DOMINGO—S. Zeferino.
27—Segunda-feira—S. José de Calazans
28—Terça-feira—S. Agostinho.
29—Quarta-feira—*Degolação de S. João Baptista.*
30—Quinta-feira—Santa Rosa de Lima.
31—Sexta-feira—S. Amado.

Este mez era consagrado a *Céres,* deusa da fartura. Seu nome vem de *Augustus,* imperador romano, que o compoz com 31 dias. Anteriormente seu nome era *Sextilis,* por ser o sexto mez do anno romano.

A DEFESA SEM ARMAS

O homem, para se defender dos ataques imprevistos de outro homem, não tem necessidade de armas. Dispensará as armas se fôr agil. Vejamos, pelas gravuras que se seguem, e que aqui damos a titulo de curiosidade, se é ou não verdade o que affirmamos:

Ou ainda por esses outros violentos golpes.

Modo de defesa para os golpes do adversario ás mãos. Dois modos de se defender quando se está por terra.

Tres modos de fazer parar um fugitivo ou um aggressor

Tres modos de immobilisar qualquer tentativa de ataque de um adversario.

Contra o adversario armado de revolver eis duas maneiras de se defender excellentes.

Como se immobilisa um homem que nos ataca e como poderemos nos defender de

Parada contra um golpe utilisando-se de um lenço, de pé ou sentado.

A bengala é um optimo para-golpes de um adversario furioso como o da gravura junto.

Defesa para os ataques á garganta ou ás roupas.

Um adversario póde ser facilmente subjado com os dois golpes acima, que, bem applicados, o levarão ao chão.

Defesas contra o adversario armado de punhal.

PARA SALVAR AS FÉRAS

Um joven americano, encarregado do tratamento dos animaes ferozes de uma empreza de circo, descobriu um excellente meio de evitar ou remediar as crises de melancolia, infalliveis naquelles animaes ao cabo de certo tempo de captiveiro.

O joven imaginou nada mais nada menos que um sanatorio para féras. Arranjou um parque — bem fechado, naturalmente — e tratou de lhe dar o aspecto mais selvagem possivel. Rochedos, collinas, velhos troncos de arvores, plantas exoticas, cavernas, compunham ali um admiravel simulacro de floresta virgem. E por esse scenario caprichoso espalhou o joven zebras, antilopes e outros animaes... de pão, tendo sobre o lombo enormes nacos de carne fresca.

Terminados esses preparativos, foi solto no parque um leão profundamente atacado de hypocondria. A féra, que se julgou, decerto, nas paragens nataes, entrou a rugir jubilosamente, passeando a floresta. Tendo descoberto uma das zebras de madeira, atirou-se a ella, com unhas e dentes, e regalou-se com o tal travalhar de carne, de verdade... E, uma semana depois, estava completamente curado.

Outras féras, tigres, pantheras, etc., sujeitas ao mesmo tratamento, se restabeleceram dentro de poucos dias.

9º Mez — 30 Dias
Signo: BALANÇA

SETEMBRO

Devoção do mez:
S. Miguel Archanjo

1—Sabbado—S. Constancio.
2—DOMINGO—N. S. da Consolação—S. Lazaro.
3—Segunda-feira—S. Ladislau.
4—Terça-feira—Santa Rosalia de Palermo.
5—Quarta-feira—S. Antonino.
6—Quinta-feira—S. Celestino.
7—Sexta-feira—S. Anastacio — *Independencia do Brasil*—Feriado Nacional.
8—Sabbado—*Natividade de N. Senhora.*
9—DOMINGO—*Santo Coração de Maria.*
10—Segunda-feira—Santa Pulcheria.
11—Terça-feira—S. Emiliano.
12—Quarta-feira—*Santo Nome de Maria.*
13—Quinta-feira—S. Amado.
14—Sexta-feira—Exaltação de Santa Cruz.
15—Sabbado—*Dôres de N. Senhora.*
16—DOMINGO—Santa Edith.
17—Segunda-feira—Santa Hildegarda.
18—Terça-feira—Santa Sophia.
19—Quarta-feira—S. Januario.
20—Quinta-feira—S. Eustachio—(Lei Organica do Districto Federal).
21—Sexta-feira—S. Matheus.
22—Sabbado—S. Digno.
23—DOMINGO—S. Lino.
24—Segunda-feira—N. S. das Mercês.
25—Terça-feira—S. Herculano.
26—Quarta-feira—S. Cypriano.
27—Quinta-feira—S. Cosme e S. Damião.
28—Sexta-feira—S. Wenceslau.
29—Sabbado—S. Miguel Archanjo.
30—DOMINGO—S. Leopoldo.

Este mez foi consagrado a *Vulcano*. O seu nome provém do latim *september*, setimo mez do anno romano. Foi denominado, em diversas épocas, *Tiberius*, *Germanicus*, *Antonius* e *Herculeus*.

AS VOZES DO JULGAMENTO

(Parabola de *A. Krummacher*)

Um homem rico, chamado Chrysés, ordenou a seus criados, que expulsassem de casa uma pobre viuva carregada de filhos, por ella não ter com que lhe pagar o aluguel.

Quando os criados entraram na casa da viuva, esta disse-lhes:

— Esperem um pouco, ainda; bem póde ser que seu amo se condôa de mim; eu vou procural-o e pedir-lhe outra vez.

E tendo dito isto, a viuva foi ter com o homem rico, levando quatro dos seus filhos, e não levando o quinto porque estava doente; e todos pediram com instancia que os não expulsassem da casa; mas Chrysés respondeu-lhes:

— Já dei as minhas ordens, e não tenho que alteral-as; ou pague ou saia.

Então a mãe poz-se a chorar e disse:

— Ai de mim! a doença de meu filho levou-me tudo quanto eu tinha, e não me deixou trabalhar!

E as creanças fizeram côro com a mãe, supplicando que não os puzessem na rua.

Mas Chrysés a tudo foi insensivel. Afastou-se delles e foi para o seu jardim onde, num pavilhão delicioso, se estendeu sobre ricos almofadões, conforme era de seu costume.

O dia estava quente, pesado, esmagador; perto do jardim corria um ribeiro donde vinha frescura, e o ar estava tão quieto que se não via mexer uma folha.

Mas, de repente, levantou-se ligeiro vento, e Chrysés ouviu o murmurio dos caniços na beira do regato, murmurio que veiu ciciar-lhe aos ouvidos, como se fosse uma queixa; parecendo-lhe ouvir os filhos da pobre viuva, e sentiu-se inquieto no seu leito. Momentos depois, ouviu a bulha da ribeira, e pareceu-lhe estar na costa de um mar immenso; voltou-se e tornou a voltar-se nos, agora incommodos, almofadões.

Continuava a escutar, quando se lhe afigurou ouvir os ribombos de um trovão longinquo, era uma trovoada que se approximava; pensou então, na morte e no que a esta se seguia.

Então Chrysés levantou-se, voltou para casa, e chamou seus criados; ordenou-lhes que fossem procurar a viuva, e que lhe abrissem de novo a casa donde elle a expulsára.

Mas a viuva já a tinha abandonado com seus filhos; foi impossivel tornar a encontral-a; dizia-se, que tinha ido procurar refugio na floresta vizinha.

Neste meio tempo, a trovoada chegara; era medonha. Chrysés passeava, de um lado para outro, sombrio e pensativo, nos seus salões magnificos.

No dia immediato houve quem lhe fosse dizer, que a creancinha doente tinha morrido de desabrigo na floresta. E desse dia em diante, Chrysés aborreceu o seu jardim, e a sua casa, e os seus almofadões macios, e não achou goso no ar fresco da ribeira.

Passado pouco, cahiu doente; e nos delirios da febre ouvia sempre o ciciar dos caniços, o ribombar dos trovões, e sobretudo, via diante de si rostos banhados em lagrimas e julgava ouvir soluços.

PRESENTE CARO

(*Conto turco*)

Um camponez chegou, um dia, ao palacio do califa e lhe offereceu uma lebre. O califa agradeceu o presente e convidou o camponez para jantar e provar um pedaço da lebre que foi preparada pelo cozinheiro do palacio.

No dia seguinte o camponez voltou ao palacio.

— Quem é você? perguntou o califa, que não o reconhecera.

— Sou o homem que vos trouxe hontem uma lebre.

O califa recebeu-o novamente muito bem, e deu-lhe assento á mesa do jantar.

Tres dias depois, alguns individuos apresentaram-se no palacio e pediram hospitalidade.

— Quem são vocês? — perguntou o califa.

— Somos parentes do homem que vos trouxe uma lebre a semana passada.

— Ah! muito bem.

E mandou servir vinho aos recem-vindos.

Na semana seguinte, novo grupo de homens parou á porta do palacio do califa.

— Quem são vocês?

— Somos vizinhos dos parentes do homem que vos trouxe uma lebre outro dia...

— Perfeitamente.

E o califa mandou servir a cada um uma taça cheia de agua quente e escura.

Como todos se mostrassem pouco dispostos a beber, o califa explicou:

— E' o resto do resto do molho da lebre que recebi de presente.

LOGICA PERDIDA

O pequenito Raul, de oito annos de idade e incorrigivel perguntador, tendo ido naquella tarde ao Jardim Zoologico, conserva-se ainda ao serão sob a influencia do seu passeio e diz:

— O' papá! um leão custa muito a sustentar?

— Custa.

— Um lobo era sustento bastante para um leão; pois não era papá?

— Era.

— E uma raposa não era bastante para um lobo, papá?

— Era, sim. Mas deixa-me.

— Uma raposa já ficava satisfeita com um mocho, e um mocho não precisava mais que um pardal; não é verdade, papá?

— Já te disse que me deixes; se te não tiras daqui...

— Um pardal já se contentava com uma aranha, pois não contentava?

— Olha que se não acabas com tanta pergunta...

— Eu já vou acabar, papá. Estou quasi no fim. Uma aranha não precisa mais do que uma mosca, não é verdade?

— E'... sim... meu filho.

— E um grão de assucar era bastante para uma mosca, pois não era?

— Era; mas o que queres tu concluir dahi?

— O que eu quero concluir é isto, papá: é que meio kilo de assucar podia sustentar um leão durante um anno inteiro!... Pois não podia, papá?

Neste momento a bulha surda de uma palmada acordou os écos da noite silenciosa.

Um homem canalizou um filete de agua, para ella cahir, gotta a gotta, sobre um pedaço de rocha, e, ao fim de cinco annos, verificou que tinha tres pollegadas de profundidade o orificio aberto na pedra. Teria conseguido o mesmo resultado apenas em um quarto de hora, empregando um cinzel e uma marreta.

10° Mez — 31 Dias
Signo: ESCORPIÃO

OUTUBRO

Devoção do mez:
N. S. do Rosario.

1—Segunda-feira—S. Verissimo.
2—Terça-feira—S. Theophilo.
3—Quarta-feira—S. Candido.
4—Quinta-feira—S. Francisco de Assis.
5—Sexta-feira—S. Placido.
6—Sabbado—Santa Fé.
7—DOMINGO—*N. S. do Rosario.*
8—Segunda-feira—Santa Brigida.
9—Terça-feira—S. Plubio.
10—Quarta-feira—S. Francisco de Borja.
11—Quinta-feira—S. Firmino.
12—Sexta-feira—S. Seraphim—(*Descoberta America*)—Feriado Nacional.
13—Sabbado—S. Daniel.
14—DOMINGO—S. Calixto.
15—Segunda-feira—Santa Thereza de Jesus.
16—Terça-feira—S. Florentino.
17—Quarta-feira—S. Florencio.
18—Quinta-feira—S. Justo.
19—Sexta-feira—S. Pedro de Alcantara.
20—Sabbado—S. Feliciano.
21—DOMINGO—*N. S. dos Remedios*
22—Segunda-feira—Santa Maria Salomé.
23—Terça-feira—S. Pedro Paschoal.
24—Quarta-feira—S. Raphael.
25—Quinta-feira—S. Crisantho.
26—Sexta-feira—S. Evaristo.
27—Sabbado—Santa Cristella.
28—DOMINGO—S. Simão.
29—Segunda-feira—S. Feliciano.
30—Terça-feira—S. Angelo.
31—Quarta-feira—Santa Lucilia.

Foi este mez consagrado a *Marte*. Seu nome vem de *october*, oitavo mez do anno de Romulo. Tambem se chamou, em differentes épocas, *Invictus*, *Faustinus*, etc.

A PITADA

Personagens:

Lulú . . . . 8 annos
Rosita . . . . 7 annos
Quiteria, criada . . . .
Papae . . . .
Mamãe . . . .

LULU', *na copa, falando á Rosita* — Sabes, querida irmã, até que afinal vinguei-me da Quiteria, essa cozinheira *ranzinza*, que não nos deixa um minuto siquer entrar na cozinha !

ROSITA — Vingança ? ! Como ? Terias, por acaso, feito alguma offensa a Quiteria ? Lembra-te, Lulú, que é ella uma senhora, que tem idade para ser nossa mãe...

LULU' — Nossa mãe ? Avó da nossa mãe ! Não vês que ella já tem os cabellos tão brancos como os da vovó ?

ROSITA — Vejo, vejo tudo e ainda veria com satisfação tu me dizeres de que modo te vingaste da Quiteria ?

LULU' — As mulheres, diz o tio Alfredo, são sempre curiosas...

ROSITA — A curiosidade, no meu caso, não é um defeito. Mas, vamos, dize o que fizeste á Quiteria ?

LULU' — Foi simples e vae causar successo a peça que lhe preguei. A Quiteria, como sabes, toma rapé. Mais de uma vez tenho-a visto levar ao nariz a pitadinha do rapé, que ella aperta entre o pollegar e o indicador com uma elegancia de... cabo de chapéo de sol de mocinha chic.

ROSITA — Que irreverencia, para a Quiteria ! Mas ainda não disseste a peça que lhe pregaste.

LULU' — As mulheres são sempre curiosas...

ROSITA — Até parece estribilho...

LULU' — Pois é como te digo. Aproveitando um instante em que a Quiteria estava distrahida, tirei-lhe a caixinha do rapé e a esvaziei.

ROSITA — E a pobre da Quiteria vae ficar sem o rapé ?

LULU' — Qual sem rapé. Ella irá tomar a pitadinha mas, em vez do rapé, ha de aspirar lapis moido.

ROSITA — Lapis moido ?

LULU' — Sim, senhora. Substitui o rapé por lapis moido. Has de vel-a apparecer-nos com a carinha pintada de preto. Que successo ! (*Dá uma gargalhada*).

ROSITA, *olhando para dentro dos bastidores* — Eil-a, a tomar a pitada.

LULU' — Prepara-te para rir.

(*Quiteria entra carregando dois pratos com tortas e trazendo dois grandes bigodes de tinta preta*).

LULU' E ROSITA, *ás gargalhadas* — Ah ! Ah ! Ah !

QUITERIA — Por que estão a rir ? Caçoam da minha velhice ?

(*Lulú e Rosita não respondem e dobram as gargalhadas*).

QUITERIA, *furiosa* — Vou queixar-me á patrôa ! Vocês vão ficar privados da sobremesa hoje !

(*Entra a mamãe*).

QUITERIA — Patrôa, os meninos...

(*Mas a mamãe, olhando para Quiteria e vendo-a de bigodes, não poude conter o riso*).

MAMÃE, *rindo* — Coitada da Quiteria ! Criou buço ! Vem cá, Henrique (*chama o marido*).

PAPAE, *entrando e rindo* — Está muito interessante !

(*Quiteria, furiosa, olha para o espelho; comprehende então a razão de tão grande hilaridade, limpa o rosto com o avental e sáe correndo.*

(*Panno*)

◇

De todos os habitantes da Europa os noruguezes são os mais altos e os lapões os mais baixos, apezar de viverem quasi juntas as duas raças.

O PRIMEIRO HOMEM QUE ENTROU NO PARAISO

NEM todos os nossos pequenos leitores saberiam responder a quem lhes perguntasse quem foi o primeiro homem que entrou no Paraiso.

Pois os que ficassem embaraçados e sem atinarem com a resposta, vão sabel-o agora: Foi o *bom ladrão !* Chamava-se elle *Dimas* ou *Dysma*, e foi crucificado ao lado de Jesus Christo. O Igreja procedeu logicamente fazendo delle um santo, e ordenando, em consequencia disso, a veneração das suas reliquias. A cruz do bom ladrão venera-se em Roma, na igreja da Santa Cruz.

◇

AI daquelle, que alimenta o pobre no inverno para exigir delle, quando chega a colheita, o duplo do que lhe emprestou !... Ai daquelle que dá vinho durante o verão para cobrar o dobro quando chega o inverno !... O homem verdadeiramente feliz é aquelle que se encontra innocente de toda a fraude, que não tem que accusar-se da miseria dos seus semelhantes, que nunca humilhou o seu proximo com uma só palavra dura nem com um só olhar altivo. — *Pestalozzi.*

◇

— Tu tens medo da escuridão, minha filha ?

— Já tive uma vez, mamã.

— Já ! Quando foi ?

— Foi uma vez em que fui á dispensa escura para tirar um bocadinho de marmelada.

— Mas então de que tinhas medo ?

— De não achar a marmelada, mamã.

◇

DE ONDE VEIU A CERVEJA ?

A cerveja, esse liquido tao saboroso que é o encanto dos sedentos nos dias de calor, não é, como muita gente pensa, originaria de Vienna ou de Strasburgo. E' de Babylonia.

Os orientalistas encontraram, nas excavações, um cylindro de argilla, no qual a melhor receita para o fabrico do liquido querido de Gambrinus está gravada muito legivelmente. O documento remonta ao reinado de sua magestade Hammurabi, isto é, ao seculo XXIX, antes de nossa éra.

◇

A Suecia é de todos os paizes europeus o mais rico em arvoredo. Quarenta por cento da sua superficie é coberta de arvores.

11º Mez — 30 Dias
Signo: SAGITTARIO

NOVEMBRO

Devoção do mez:
As almas.

1—Quinta-feira—*Todos os Santos.*
2—Sexta-feira—Commemoração dos Mortos—(Feriado).
3—Sabbado—S. Benigno.
4—DOMINGO—S. Carlos Borromeu.
5—Segunda-feira—S. Zacharias e Santa Isabel.
6—Terça-feira—S. Leonardo.
7—Quarta-feira—S. Amarando.
8—Quinta-feira—S. Deodato.
9—Sexta-feira—S. Theodoro.
10—Sabbado—S. Martinho.
11—DOMINGO—*Patrocinio de N. Senhora.*
12—Segunda-feira—S. Diogo.
13—Terça-feira—S. Arcadio.
14—Quarta-feira—S. Ursino.
15—Quinta-feira—S. Leopoldo— (Proclamação da Republica)—Feriado.
16—Sexta-feira—S. Balsameu.
17—Sabbado—Santa Victoria.
18—DOMINGO—S. Eudo.
19—Segunda-feira—Santa Isabel da Hungria—Festa da Bandeira—Feriado.
20—Terça-feira—S. Edmundo.
21—Quarta-feira—Apresentação de N. Senhora.
22—Quinta-feira—Santa Cecilia, padroeira dos musicos.
23—Sexta-feira—S. Clemente.
24—Sabbado—S. João da Cruz.
25—DOMINGO—Santa Catharina de Alexandria.
26—Segunda-feira—S. Conrado.
27—Terça-feira—S. Maximo.
28—Quarta-feira—S. Gregorio III.
29—Quinta-feira—S. Saturnino.
30—Sexta-feira—S. André, apostolo.

Este mez era consagrado a *Diana.* Seu nome provém de *november*, por ter sido o nono mez do calendario de *Romulo.* Como alguns dos precedentes, tambem teve diversos nomes de heróes romanos.

◇ ◇

O Tico-Tico e a Lagarta

Que caminho deveria tomar a senhorita Lagarta, que se vê no angulo superior direito, para chegar ao pé da arvore e escapar á voracidade dos famintos passarinhos, cujo papae, o tico-tico, se dispõe a fazer com ella o mesmo que fez com a outra lagarta?

O LEÃO ENFERMO

Alquebrado pelos annos, desdentado e já sem forças, o rei das selvas jazia á porta de seu triste palacio, carpindo com saudade os tempos idos...

Os animaes, seus subditos, vendo-o sem defesa, vinham, uns após outros, insultal-o e maltratal-o.

E o Leão considerava com amargurado sorriso a arrogancia daquelles que antes tremiam só por ouvir, de longe, o seu rugido...

O Boi deu-lhe uma brutal marrada; o Tigre metteu-lhe os dentes com crueldade; o Lobo rasgou-lhe as carnes com as afiadas presas; o Rhinoceronte furou-lhe as tripas com o seu chifre pontudo; a Raposa e o Macaco, faziam toda sorte de caretas e palhaçadas, para ridicularisar a sua realeza decahida...

E o Leão, impassivel, sem queixume, aturava tudo aquillo, como se não fosse comsigo.

Afinal, vem o Burro, ainda com medo, e, de costas, covardemente, chega-se aos arrancos para dar um coice na anca do soberano invalido.

Mas o rei, indignado com essa covarde insolencia, achou forças para de um salto cahir sobre o Burro, gritando:

— E' demais! aturei tudo. Mas prefiro morrer dez vezes, a ter de supportar os máos tratos de um estupido e covarde como tu!

Ha sujeitos vis e de tão pequeno caracter, que não têm em sua vida inteira um acto de energia, senão quando se trata de fazer mal a creaturas fracas e indefesas.

Devemos fugir de semelhante gente.

Gemma d'Alba.

◇

S. COLUMBANO

S. Columbano, que se festeja a 22 de Novembro, viu, um dia, um urso a devorar um veado. Considerando que a pelle deste era boa para fazer sapatos, disse ao urso que não a estragasse.

O urso obedeceu, e quando este se retirou, o santo mandou buscar a pelle pelos seus religiosos.

No mosteiro de Mereraw, na Allemanha, conservava-se um sapato de S. Columbano, que se dizia ter sido feito com a pelle daquelle veado.

◇

Em cada dez pessoas que falam de nós, nove dizem mal; e muitas vezes aquella que de nós diz bem, dil-o mal.

12° Mez — 31 Dias
Signo: CAPRICORNIO

DEZEMBRO

Devoção do mez:
Natividade de Jesus.

1—Sabbado—S. Cassiano.
2—DOMINGO—S. Leoncio.
3—Segunda-feira—S. Francisco Xavier.
4—Terça-feira—S. Armando.
5—Quarta-feira—S. Dalmacio.
6—Quinta-feira—S. Nicolau de Bari.
7—Sexta-feira—S. Ambrosio.
8—Sabbado—*Conceição de N. Senhora* — Dia Santo.
9—DOMINGO—S. Leandro.
10—Segunda-feira—S. Melchiades.
11—Terça-feira—S. Daniel.
12—Quarta-feira—S. Justino.
13—Quinta-feira—S. Euzebio.
14—Sexta-feira—S. Agnello.
15—Sabbado—S. Valentim.
16—DOMINGO—S. Justo.
17—Segunda-feira—Santa Viviana.
18—Terça-feira—N. S. do O, e S. Graciano.
19—Quarta-feira—S. Nemesio.
20—Quinta-feira—S. Julio.
21—Sexta-feira—S. Demetrio.
22—Sabbado—S. Honorato.
23—DOMINGO—S. Dagoberto.
24—Segunda-feira—S. Gregorio.
25—Terça-feira—*Nascimento de N. S. Jesus Christo* — Dia Santo.
26—Quarta-feira—S. Dionisio.
27—Quinta-feira—S. Theodoro.
28—Sexta-feira—S. Abel.
29—Sabbado—Santa Melania.
30—DOMINGO—S. Thiago.
31—Segunda-feira—S. Silvestre.

Este mez era consagrado a *Vesta*. O seu nome vem de *December*, decimo mez do calendario romano. Sob o imperador Commodo, recebeu o nome de *Amagonius*.

A ABELHA NO JARDIM

A NAZARETH — *AYRES LOPES*

Sobre um canteiro mimoso
De variadissimas flores,
Esvoaçando uma abelha,
Dizia sorvendo olores:

Nossa mesa já está posta,
Vinde abelhinhas, comer!
Ah! que manjar saboroso!
Quanta festa! que prazer!

E que mesa luxuosa!
Tudo é gala, tudo é brilho
Num atoalhado de malvas,
Ha copinhos de junquilho.

Confeitinhos nas papoilas;
Doces finos na ipoméa;
Licores nas campainhas,
Nas açucenas geléa!

O' Natureza bemdita!
Primavera de esplendores,
Que daes vida ás abelhinhas,
Vicejando as lindas flores.

Do vosso jardim, creanças,
Cuideis com viva alegria.
Elle enfeita os vossos lares
E é nossa confeitaria!

(Do *O meu caderninho*). — *Dulce Carneiro.*

DIREITOS E DEVERES

Tão necessario é para a nossa felicidade o cumprimento do dever, que as proprias dôres e até a morte, que parecem ser nossos maiores males, se convertem em alegria para o homem generoso que soffre e morre com a intenção de ser util aos seus semelhantes.

Para uma vontade firme nunca ha obstaculos. Na consciencia do dever reside uma grande força.

O direito e o dever são como as palmeiras: não dão frutos, mas crescem uma ao lado da outra.

A mentira era considerada pelos persas como o mais vil dos vicios.

Não póde haver solidão mais triste nem mais afflictiva que a do homem sem amigos. Sem estes o mundo é um deserto. — *Bacon.*

OS POMBOS

Qual de vocês ainda não viu um pombo, essa ave tão bella quanto commum? Todos os pombos são granivoros,

vivem em bandos grandes e possuem uma extraordinaria faculdade de orientação. Tão pronunciada é nos pombos essa faculdade de encontrar o logar de onde se afastam em vôo rapido, que o pombo foi escolhido pelos militares para mensageiro de urgentes recados.

Os pombos são extremamente proliferos e ainda mais vorazes, representando, algumas vezes, sérios perigos ás plantações.

Não é só pela elegancia do seu corpo, nem pela plumagem, que é variada, que o pombo nos encanta.

No seu arrulho continuo, o pombo, no desvelado amor pelos filhinhos que nascem cégos e são alimentados e aquecidos com inexcedivel carinho, é tambem muito apreciado por sua carne saborosissima.

Ha numerosas especies de pombos, algumas das quaes podem ser admiradas pelos nossos leitores no *clichê* que acompanha estas linhas.

PERFUMES?

As cebolas e os alhos são considerados na Tartaria como perfumes e fazem parte do *boudoir* das mais requintadas damas. Quando uma tartara riana se quer apurar esfrega as mãos e o rosto com um alho ou com uma rodela de cebola.

A TRAJECTORIA DOS GRANDES CANHÕES MODERNOS

As formidaveis boccas de fogo que são os canhões modernos, para attingirem o alvo precisam tomar posição semi-vertical, de modo que o projectil chega a alcançar

sete a oito mil metros de altura, isto é, quasi duas vezes a altura do Mont Branco.

Historia da Avósinha

A' gentil senhorita Tizinha Brandão.

O que irei vos dizer não é invenção minha,
E' uma historia que ouvi dos labios da avózinha
Um romance do tempo em que, de armas nas mãos,
Viviam a guerrear os moiros e os christãos
O velho Portugal, da Fé baluarte ingente
Lutava, sem cessar, contra a moirama gente.
Ouvia-se da guerra o medonho tropel
Em terras de Castella ou nas terras de Argel.
E o grito de combate estruje em toda a parte
Onde houvesse do incréo o vermelho estandarte.
Era a luta sem fim das hostes de Mahomet
Contra a Cruzada heril dos Templarios da Fé;
A Cruz do Redemptor deante da qual assoma
O crescente lunar dos filhos de Mafoma.

✣ ✣ ✣

No castello roqueiro em que o luzo barão
Descansava de arcar contra o moiro pagão,
Havia um tumultuar confuso de armaduras,
De aldrabas a bater em bronzeas fechaduras;
Não que de medo alguem ali tremesse, incerto,
Porém por precaução, contra o perigo perto;
Pois naquella manhã, da torre no beiral,
O vigia gritara o terrivel signal:
Moiros á vista!... E logo o castello se apresta
Para se defender contra a malta funesta:
Este enfia a couraça, aquelle enverga o arnez;
Este outro cinge a espada e vae, por sua vez,
Guarnecer a setteira e firmar-se na brecha,
Onde archeiros estão armados de arco e frecha.
E' preciso ser breve e lesto em precaver,
Que a moirama ali vem. Não ha tempo a perder.
O fidalgo barão, — heróe de cem batalhas, —
Ora está na devêza, ora sobre as muralhas.
Calmo, a tudo provê, solicito, por lei,
Que esperto capitão não diz: — Eu não cuidei.

✣ ✣ ✣

Antes, porém, que o sol de todo se mostrasse,
E o castello os pudesse encarar face á face,
Eis que surgem, de chotre, os perfidos infiéis,
Cavalgando da Arabia os mais ageis corceis.
Embora com a defesa ainda não preparada,
O castello supporta a incontida arrancada.
Contra os que no solar se batem como leões
Toda a moirama avança em chusma, em multidões.
Emquanto um cáe aqui, ferido na contenda,
Dez lhe tomam logar, firmes na mesma senda.
E não tarda a escalada ás muralhas hostis,
Pois, a vencer o prelio, empregam mil ardis:
Este finge que tomba, e assim, vae se arrastando
Por melhor penetrar no eirado com seu bando;
Aquelle outro se esgueira ao longo dos bastiões
Para alcançar de chofre elevados torreões.

✣ ✣ ✣

Era o numero enorme, era a astucia, a fereza,
A vencer o valor da gente portugueza!

✣ ✣ ✣

Dentro já do castello, em luta desigual,
Cada moiro dir-se-ia um perfeito chacal:
Nas mãos a cimitarra e do alfange o recorte
Semeavam o pavor e com o pavor a morte.
Eram dez contra um só, lutando pelo chão,
Corpo a corpo a ferir: dez moiros a um christão!
Porém, antes que a turba entrasse á força bruta
No castello feudal, depois de horrivel luta,
Um filho do barão, vendo os grandes perigos
Que ali corriam pae, irmãos, nobres amigos,
Resolve ir, num momento, ao vizinho solar,
Um reforço, um auxilio aos seus heróes buscar.

✣ ✣ ✣

Num ligeiro cavallo ardego e decidido,
Vôa por um atalho apenas conhecido
Delle, e de mais ninguem. Assim a creança vae
A correr, a correr para salvar seu pae.
Dez annos, quando muito, o pequeno teria;
Mas era um homem já no garbo e valentia;
E emquanto em seu solar prosegue a luta atroz
Negras brenhas varando, elle corre veloz...
Não tardou que chegasse ao vizinho castello
E depressa contando o formidavel duello
Que se havia travado, a fazer escarcéo,
Entre os da sua grey e o musulmano incréo,
— Si não fossem de prompto em seu soccorro, — disse
Nenhum delles, por certo, a luz do sol mais visse!
E, antes que se aprestasse o soccorro a marchar,
Elle volta ao castello, ancioso por chegar.

Logo de longe vê, com os olhos razos d'agua,
Uma cousa que o faz tremer de horror e magua:
Nas ameias, ao sol, tremulava insolente,
Em vez da Cruz de Malta, o pendão do crescente!

✣ ✣ ✣

Nesse instante é cercado e preso por espião,
E o levam ante o pae, de rastos, como um cão.
Pelo que no momento o seu olhor abrange,
A su'alma infantil de terror se confrange:
Ferido o velho pae, prisioneiros irmãos;
Por toda a parte o moiro a espesinhar christãos.
Porque após a escalada, eis que o bando selvagem
Se entregara, com ansia, ao massacre, á pilhagem.
E si alguns vida têm, não foi por comprazer:
Querem, pela demora, um mal maior fazer,
Forçando o castellão a assistir, por desdouro,
Das alfaias ao saque, ao roubo do thesouro
Accumulado ali por muitas gerações
De antepassados seus, denodados barões.

✣ ✣ ✣

Ao ver o pae exangue, a intelligente creança,
Com um olhar vivo, o exhorta a que tenha esperança.
E o chefe moiro indaga austero: — Quem tu és?
— Um christão que despreza os malditos infiéis,
Responde o pequenino, emquanto a alma se expande
E elle se sente, assim, crescer, tornar-se grande...
Deante do chefe mão, que custa a acreditar
Em tanta audacia e ardor no modo e no falar,
E retruca afinal: — Já que és tão arrogante,
Vou agora esmagar o teu orgulho, infante:
Repetirás commigo a phrase predilecta
Dos filhos do Alkorão: "Deus é Alah, seu propheta
Ouviste?... foi Mahomet". Agora dize-o, já!
— Nunca! Exclama o rapaz. Ninguem me poderá
Obrigar a dizer aquillo que eu não quero!
O semblante do algoz, então, se tornou féro...
— Si o não dizes, repara, irás logo soffrer
Mil tratos infernaes que te farão morrer!
— Embora; não direi! Responde, com firmeza,
O menino, arrostando o bruto, em furia acceza.
— Poderás me matar por isso, eu bem que o sei;
Pois acaba de vez, que a phrase não direi!
Brada o moiro: — Verás teu pae despedaçado,
— Da vida a teus irmãos o fio ser cortado; —
Si o disseres, porém, miserrimo christão,
As vidas eu lhes poupo e terás teu perdão.
Deante desse dilemma, o pequeno se assusta;
Não lhe importa morrer; porém, muito lhe custa
Do pae e dos irmãos tambem sacrificar
A vida que não póde uma outra vez lhes dar;
Mas um olhar dos seus lhe infiltra novo alento;
E uma idéa feliz lhe occorre num momento;
Precisa ganhar tempo, emquanto não surgir
O soccorro que fôra ao vizinho pedir.

E, olhando, calmamente, o moiro enfurecido,
Diz assim: — Ouve bem, tomei outro partido,
Talvez ao teu capricho ainda venha a acceder,
E a phrase que disseste eu a possa dizer;
Antes, quero, porém, contar-te certa historia, —
Lenda do teu paiz, — miragem illusoria —
Que de um dos teus, — depois de baptisado — ouvi
E da qual nunca mais, — ó chefe — me esqueci.
— Si pertence teu conto aos das "Mil e uma noites",
Eu te castigarei com mais de mil açoites!...
— Não é, replica altivo, e os teus açoites vis
Reserva aos teus iguaes escravos e alguazis!

✣ ✣ ✣

A historia é esta: "Havia um moiro prepotente
Que em sortidas passava a vida impunemente;
Não ha na Andaluzia, ou terras de Aragão,
Um castello no qual lhe não pesasse a mão.
Certa vez elle foi atacar de surpresa
Um solar que cedeu ante a bruta fereza
Do numero elevado e furia de chacaes
Da turba que o atacou, como uns irracionaes.
E elle já se julgava o senhor do que via,
Quando ao castello alguem um forte auxilio envia...

✣ ✣ ✣

Nisto vibra, lá fóra, um toque de clarim,
E o menino, a sorrir, conclue: — Vaes ver o fim...

✣ ✣ ✣

Erguem-se todos logo. Abandonado é o saque
Ante a tropa que os cerca e o impeto do ataque.
O soccorro chegara a tempo e o moiro audaz
O castigo vae ter do seu gesto minaz:
Prisioneiros se vão, todos elles vencidos,
Quando julgavam ser na victoria temidos.
O pequenino heróe desta façanha cáe
Nos braços dos irmãos, nos braços de seu pae.
Foi elle quem salvou a todos, de repente,
Mais uma vez expondo a vida, nobremente.

✣ ✣ ✣

A alegria voltara ao castello feudal
E uma festa se fez como não houve igual...

✣ ✣ ✣

Para dar a vocês, do banquete ainda trouxe
Um pote de bom mel e uma caixa de doce...

✣ ✣ ✣

Foi assim que a avózinha a historia me contou,
Não é minha a invenção, nem sei quem a inventou...

EUSTORGIO WANDERLEY.

COMO OS ESCOTEIROS DEVEM RACIOCINAR SOBRE O CODIGO

Os escoteiros possuem nos dez ou doze artigos do seu codigo (dez no codigo dos escoteiros catholicos), um admiravel conjuncto de leis de honra. Os que o cumprirem são homens de bem e hão de attingir á perfeição moral.

Mas, para o cumprir bem, é necessario interpretal-o bem. Para isso, em cada tropa os chefes commentam e explicam a sua significação.

Para auxiliar o trabalho dos chefes e para ajudar os escoteiros isolados que não têm chefe, mas que sós trabalham nobremente por sua educação, escrevemos este pequeno guia de *como o escoteiro sózinho deve raciocinar para comprehender e bem cumprir o seu bellissimo codigo.*

Os meus camaradinhas deverão ler em voz alta, com o espirito concentrado, dizendo as palavras como quem está sentindo que ellas lhes vêm do fundo do coração.

Deverão ler muitas vezes, e sempre que se sentirem desanimados, com preguiça de trabalhar para serem muito bons.

Art. 1º — *A palavra de um escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, mesmo da propria vida.* — A palavra de um homem honrado vale por um compromisso sagrado e elle prefere morrer a deixar de cumpril-a. Por isso mesmo todos crêm cegamente nelle. Assim deve ser um escoteiro; e para que todos creiam cegamente na minha palavra:

1º — Não mentirei nem brincando; muito menos para fugir a qualquer castigo;

2º — Cumprirei todas as promessas que fizer, mesmo as de nenhuma importancia;

3 — Serei pontual porque a falta de pontualidade é uma falta de palavra;

4º — Serei sobrio na linguagem, não darei atôa "palavra de honra", porque a minha palavra é uma só.

Art. 2º — *O escoteiro sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.* — A disciplina é necessaria em toda parte. Onde não ha disciplina não ha ordem e não havendo ordem nada vae para a frente. Uma machina, para que marche bem é preciso que cada uma das suas peças preencha as suas funcções sem resistencia. Basta que uma peça funccione mal para que a machina não produza o que deveria produzir. Como uma peça em mão estado, é, em qualquer meio, uma pessoa indisciplinada.

Em casa ou no collegio, se não obedecermos sem discussão aos nossos paes e mestres, perturbaremos a vida de ambos, roubando-lhes o socego de espirito e impedindo assim que elles se entreguem como desejavam á nossa educação. Pelo nosso máo exemplo todas as creanças que tiverem tendencia para o mal nos imitarão, e a vida e socego de casa ou do collegio serão perturbardos com prejuizo de todos os que lá vivem e se educam. No grupo, na officina, no escriptorio, no meio da grande collectividade que fórma a Patria, da mesma maneira. Por isso eu, que desejo que o Brasil seja grande e forte, o que não acontecerá senão se todos nós formos disciplinados e obedientes, hei de:

1º — Obedecer em tudo a meus paes, meus mestres e meus chefes;

2º — Não me limitarei a essa obediencia passiva, disciplinarei o meu espirito de sorte que elle obedeça sempre ás determinações da minha consciencia como se fossem obrigações;

3º — Obedecerei ás leis da minha Patria, ás da sociedade que frequentar, e me submetterei, sem discutir ás regras dos jogos em que me empenhar.

Art. 3º — *O escoteiro é um homem de iniciativa* — O homem de iniciativa para agir não precisa que ninguem o impulsione. Elle pensa, resolve e faz. Eu devo ser um homem de iniciativa, e para isso, embora ouvindo de boa vontade e com interesse os conselhos das pessoas mais velhas e mais experientes do que eu, me habituarei:

1º — A pensar, decidir e agir por mim mesmo;

2º — A vencer com intelligencia os obstaculos que se opponham a qualquer trabalho que eu tenha resolvido executar, de sorte a leval-o ao fim.

Um homem póde pensar muito bem e resolver, mas não executar o que resolveu. Destes o mundo está cheio. Iniciativa apenas na idéa pouco vale. E' preciso *pensar, resolver e executar.*

Art. 4º — O escoteiro aceita, em todas as circumstancias, a responsabilidade dos seus actos. — Um homem de bem assume a responsabilidade de tudo quanto faz, embora saiba que vae soffrer. Se elle commette uma falta dirá lealmente — "quem a praticou fui eu e só eu devo ser castigado." Não procurará desculpar-se dizendo — "eu não sabia" ou "não foi por querer", por que isso o mais das vezes representa uma covardia moral. Eu que sou um escoteiro e portanto um homem de bem agirei sempre assim:

1º — Quando meus paes, meus mestres ou meus chefes perguntarem — "quem fez isto?", responderei — fui eu!" mesmo sabendo o castigo que me espera;

2º — Não permittirei que ninguem seja castigado por alguma falta que eu haja commettido; mesmo que ninguem me pergunte irei dizer: — "quem fez isto fui eu e é injusto que alguns sejam castigados em meu logar".

3º — Quando eu reconhecer ter commettido alguma falta pela qual ninguem me possa punir, eu mesmo me punirei.

Art. 5º — *O escoteiro é leal e cortez para com todos.* — O homem leal não trahe. Elle não finge ser amigo se o não é: o que tem de dizer diz pela frente. Póde-se crer na palavra de um homem leal porque suas palavras estão sempre de accordo com seus pensamentos e suas acções. Eu que sou um homem leal:

1º — Não fingirei, isto é, não farei por parecer alguma cousa que não seja;

2º — Nunca falarei mal de ninguem pelas costas, o que tiver de dizer direi frente a frente;

3º — Quando eu perder nos jogos (exercicios), reconhecerei lealmente a victoria do meu antagonista e, sem nenhum rancor, serei o primeiro a apertar-lhe a mão;

4º — Serei sempre fiel á minha Patria, á minha familia e aos meus camaradas;

A *cortezia*, que era uma das feições caracteristicas dos cavalleiros antigos, deve ser tambem um dos traços do caracter do escoteiro. Por isso:

1º — Tratarei a todos com afabilidade, sem olhar a côr nem as condições sociaes; com a mesma bondade e attenção tratarei o meu subordinado como o meu superior;

2º — Para os velhos, as senhoras e as creanças, minha attenção será redobrada

a onde quer que eu esteja lhes cederei sempre o melhor logar.

Art. 6º — O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classes sociaes. — Os escoteiros, que se reunem sob uma mesma bandeira, para se educarem e aperfeiçoarem juntos, constituem uma grande familia; podem ser negros ou brancos, ricos ou pobres, elles pensam, sentem e vivem para as mesmas aspirações, para os mesmos deveres. Esses ideaes os egualam e os fazem irmãos.

Todos os escoteiros são meus irmãos e por isso:

1º — Tratarei todos com mesma camaradagem e estima, seja elle negro ou branco;

2º — Auxiliarei a todos com sinceridade, sem invejar os mais ricos nem desprezar os mais humildes;

3º — De qualquer desavença que tenha não guardarei o menor rancor, como quando brigo em casa com meus irmãos, em que cinco minutos depois não me lembro se briguei;

4º — Quando fizer algum trabalho em commum, uma vez terminada a minha parte, ajudarei, como bom irmão, os outros a fazerem a sua.

Art. 7º — O escoteiro é generoso e valente, sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da propria vida — Generoso é o homem de coração largo, sempre aberto para sentir e attenuar os soffrimentos dos outros, embora com um pouco de privação para si; generoso é o que sabe perdoar as offensas sem guardar resentimento;

Eu, que sou um escoteiro, devo ser generoso e por isso:

1º — Hei de soccorrer, embora me prive de algum bem estar, todos os que soffrerem; soccorrerei com palavras, com dadivas, com o que estiver ao meu alcance, com um sentimento sincero que me ha de vir do fundo do coração;

2º — Perdoarei aos meus inimigos sem guardar resentimento nenhum;

3º — Vencedor — Tratarei o meu adversario com bondade, sem que sombra de orgulho obscureça-me o espirito; vencido — não terei rancor;

O homem generoso e valente e está sempre prompto a se arriscar em obediencia aos impulsos de seu coração, que o manda soccorrer aos que soffrem e perigam.

Por isso eu, embora arriscando a vida:

1º — Hei de soccorrer aos que necessitarem de ajuda; defenderei sempre o fraco contra o forte, o justo contra o injusto.

Para que eu possa agir sempre assim é necessario que eu seja forte e tenha confiança em mim, por isso eu evitarei todos os habitos máos, como o fumo e o alcool, que deprimem e enfraquecem o organismo, e entregar-me-ei aos exercicios, á vida ao ar livre, que fortalecem.

Art. 8º — O escoteiro pratica cada dia uma boa acção, por mais modesta que seja. — O escoteiro, como o cavalleiro de outr'ora, é um missionario do bem. Diariamente elle deve praticar uma boa acção, prestando um pequeno serviço ao proximo. Nas ruas póde ajudar uma pessoa doente, cega ou idosa a atravessal-a, ou ceder-lhe o logar nos bondes; em casa ajudará seus paes, seus irmãos, e mesmo seus creados, nos affazeres diarios; no campo afastará das estradas e enterrará as latas, os cacos de vidro, que podem fazer mal aos transeuntes e animaes. Assim o escoteiro tem uma infinidade de maneiras muito simples de prestar o seu serviço diario.

Eu como bom escoteiro não deixarei de cumprir esse dever, e para isso:

1º — Não dormirei senão depois de me haver lembrado qual o beneficio feito durante o dia;

2º — Nos dias em que, por inteira impossibilidade não tenha podido fazer nenhum, farei no dia seguinte *dois*.

Art. 9º — O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda a crueldade contra elles — Os animaes vivem e sentem como nós, e alguns, embora os homens digam que é instincto, raciocinam e mostram qualidades moraes como as do homem (o cão, a abelha, a baleia), e muitas vezes superiores. Os animaes, postos na terra pelo CREADOR, têm o mesmo direito á vida. Estimal-os e defendel-os é um dever de escoteiro, por isso eu:

1º — Não maltratarei e me opporei a que outrem maltrate os animaes;

2º — Quando, para alimentar-me, fôr forçado a tirar-lhe a vida, fal-os-ei soffrer o menos possivel e destruirei o estrictamente necessario;

3º — Onde quer que eu esteja trabalharei pela creação de uma liga de protecção aos animaes (por mais limitada que seja a sua acção, mesmo que seja apenas entre os camaradas do collegio).

O CREADOR, pela Natureza, nos ensinou um pouquinho de egoismo, necessario á nossa existencia; dahi a maldade perdoavel, de abatermos animaes para a nossa alimentação, e combatermos outros nocivos ao genero humano (a mosca, a pulga, o mosquito e outros transmissores de males, e alguns animaes selvagens).

Combater os nocivos é um dever dos escoteiros.

Art. 10º — O escoteiro é sempre jovial e enthusiasta e procura o bom lado de todas as cousas — O bom humor, a jovialidade ajudam a vencer as peores difficuldades da vida; se numa dor ou numa privação fizermos um esforço para sorrir, sentiremos incontinente o seu peso diminuido; e ao contrario, cerrando a cara, a melhor alegria se apagará. E' um facto observado por muitos philosophos.

O escoteiro, que deve ser um exemplo em tudo, está sempre de bom humor, e por isso:

1º — Sempre que estacar deante de uma difficuldade sorrirei, e hei de vencel-a mantendo o bom humor;

2º — Quando as pessoas, os acontecimentos ou as cousas me contrariarem não perderei a paciencia, supportarei sempre o contratempo a sorrir;

3º — Só ou em commum, trabalharei sempre de bom humor.

O homem sincero e bom é *enthusiasta*, isto é, entrega-se de corpo e alma ás ideas e acções nobres e generosas. Eu serei enthusiasta. Dizem que todo o enthusiasta tem um pouco de ridiculo. Não importa, eu não sou covarde e por isso não temo ridiculo; não será o medo da critica dos outros que me desviará de entregar-me com amor á uma boa e justa resolução.

Tudo quanto nos acontece tem sempre um lado bom, mesmo as cousas apparentemente mais ruins. Procurar sempre esse *lado bom* é ter-se uma grande fonte de felicidade e de ensinamentos. Por isso:

1º — Em tudo que me acontecer, antes de ver o lado máo, procurarei o lado bom e hei de encontral-o;

2º — Mais facilmente acreditarei do que duvidarei dos outros; o homem de boa fé, embora tenha ás vezes decepções, é muito mais feliz que o incredulo.

Art. 11º — *O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio* — "O homem que gasta tudo quanto ganha vae a caminho da mendicidade" (Smiles). O homem equilibrado deve manter-se no justo meio termo, não ser perdulario nem avaro. E' preciso ter sempre uma reserva para poder soccorrer aos que necessitam e a nós mesmos nos momentos de adversidade. Por isso:

1º — Não descansarei emquanto não tiver o meu pequeno peculio na caixa economica;

2º — Quando começar a trabalhar, me privarei de alguns superfluos, de sorte a guardar pelo menos 20 °|° dos meus vencimentos.

3º — Fugirei de adquirir os habitos de fumar e de beber, que, além de arruinarem o organismo, representam uma despeza que, accumulada, daria em cinco annos para comprar um bom sitio; fugirei com asco ao *jogo*, vicio odioso, que deprime o moral, leva o homem aos peores desatinos e desbarata-lhe numa noite as economias adquiridas em annos de trabalho e esforço.

Tudo o que pertencer a outrem deve merecer de mim um sagrado respeito. Por isso:

1º — Com o que me tiver sido emprestado eu terei mais cuidado do que se fosse meu mesmo;

2º — O que eu encontrar não tocarei, seja o que fôr, um simples alfinete; alguem ali o deixou e ficaria aborrecido se o não encontrasse;

3º — Encontrando um objecto perdido não descansarei emquanto não o entregar ao dono e em caso algum ficarei com elle meu poder.

Em se tratando de dinheiro meus cuidados redobrarão.

Art. 12º — O escoteiro tem a constante preoccupação de sua dignidade e o respeito de si mesmo — O escoteiro que como os cavalleiros de outr'ora, tem uma sublime missão no mundo, esforça-se por manter-se sempre digno, respeitando-se para poder ser respeitado. Não tem respeito por si proprio o homem que se permitte os máos pensamentos e usa de má linguagem. O homem digno, que se respeita, age sempre bem embora ninguem o veja. Demonstra não respeitar-se o que é relaxado com a roupa e o corpo porque esse aspecto externo é reflexo do seu desleixo moral.

Eu, que desejo ser um digno escoteiro:

1º — Trarei sempre limpos: a minha roupa, meu corpo e meu espirito;

2º — Dominarei meus pensamentos, não permittindo que os máos venham perturbar a rectidão do meu espirito;

3º — Evitarei todos os habitos que possam prejudicar-me e contrahirei, e não abandonarei os que me forem uteis;

4º — Farei diariamente, ao deitar-me, um rigoroso exame de consciencia em que repassarei pelo espirito todos os meus actos, todos os meus pensamentos, todas as palavras ditas durante o dia;

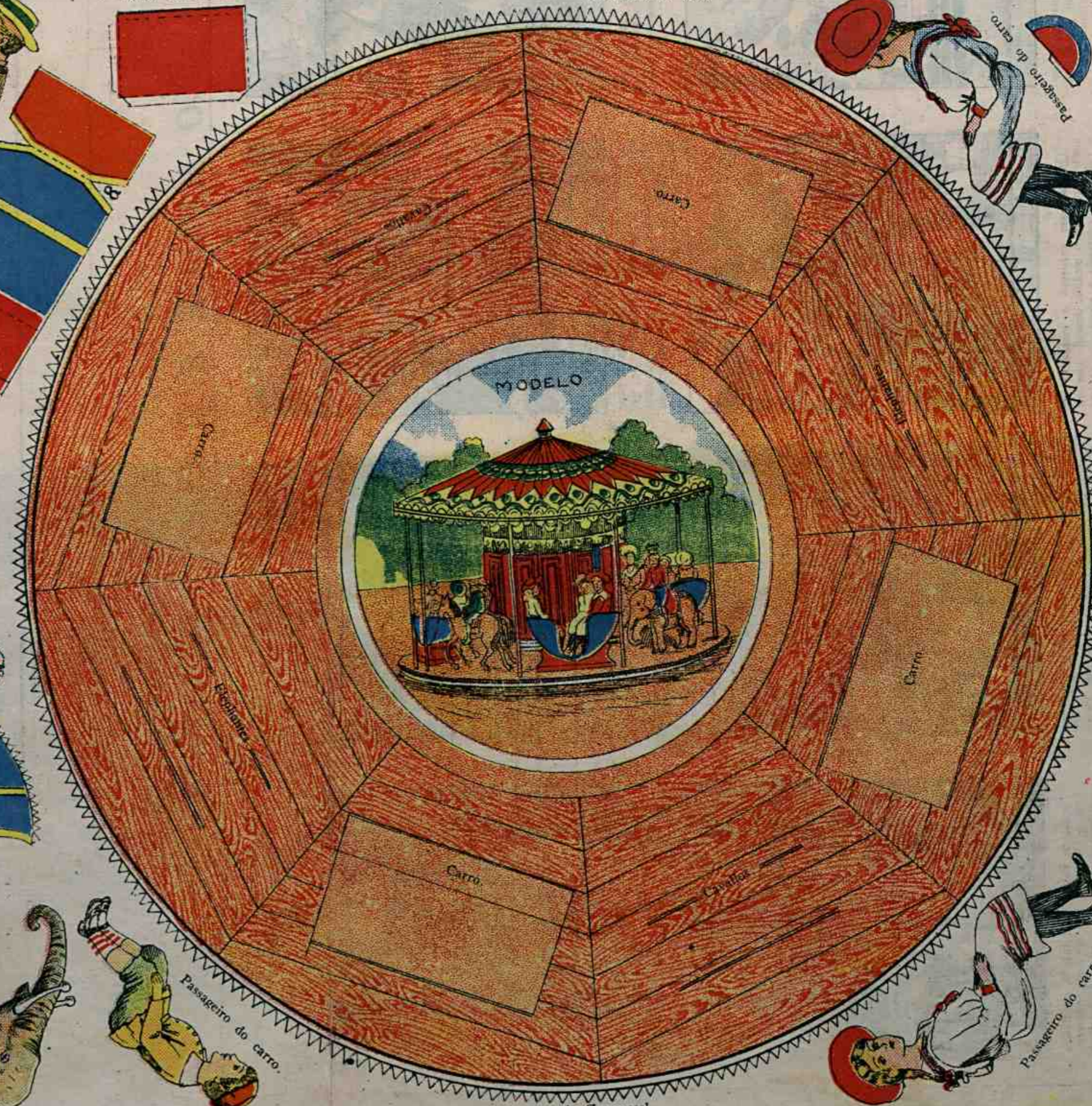
5º — Quando estiver só, sem que ninguem me veja, não farei senão o que era capaz de fazer diante de meus paes e deante de meus amigos;

Sempre que fôr commetter algum acto sobre o qual tenha duvida se é bom ou não, perguntarei a mim mesmo: "eu faria isto se meu pae ou minha mãe ou meus amigos estivessem a olhar-me?" a consciencia dar-me-á a resposta e assim saberei claramente o que devo ou não fazer.

◈ ◈ ◈

Todos os nossos camaradinhas devem seguir essas normas como uma regra de vida e não se arrependerão porque lhes advirá disso a mais profunda e inexgotavel felicidade a que um homem póde aspirar.

VELHO LOBO

Grande Carroussel d'O Tico-Tico — Pagina de armar n. 1

O ALFAIATE E O CORCUNDA (Fim)

Tomado de intensa colera, segurou um cacete e deu inaumeras pauladas no corcunda, que rolou de onde estava e cahiu ao chão.

Pensando ter morto o corcunda a pauladas, tratou de desembaraçar-se do cadaver, levando-o para a rua e collocando-o encostado a uma *vitrine*, na posição de um homem que dormia.

Um cortador de capim, que voltava do trabalho, viu o corcunda e, tomando-o por um ladrão, agarrou-o pela garganta e gritou por soccorro.

Guardas que passavam, correram acudindo, e o chefe prendeu o cortador de capim, pensando que fôra o corcunda que pedira soccorro. O pobre cortador de capim protestou, mas ninguem quiz acreditar no que elle dizia.

O rei ordenou que o enforcassem. Quando iam passar-lhe a corda ao pescoço, o mercador de azeite chegou, a correr, gritando: — Este homem está innocente ! Sou eu o unico culpado da morte do corcunda !

Quando iam enforcar o mercador de azeite appareceu o medico, dizendo que era o culpado e contando a scena que se havia passado em sua casa.

E já ia o medico para a forca, quando o alfaiate appareceu a gritar no meio dos soldados. O rei mandou então que todos fossem levados ao palacio, afim de se apurar a verdade.

Depois de todos terem falado, o rei deu graças a Deus por lhe ter feito conhecer a verdade e applaudiu o gesto de subditos tão nobres, que nem diante da morte preferiram ser injustos e mentirosos.

O ALFAIATE E O CORCUNDA

Querendo passar algumas horas de alegria, um alfaiate de Bagdad mandou chamar o bobo do rei, um corcunda muito feio, cuja reputação de espirituoso era enorme.

Afim de obsequial-o, o alfaiate offereceu-lhe peixe, e o corcunda, que tinha bom appetite, começou a comer tão precipitadamente, que uma espinha se lhe atravessou na garganta, asphyxiando-o.

O alfaiate e sua mulher, aterrorisados, não sabiam que fazer. — Mulher, disse o alfaiate, levemol-o á casa do medico, nosso vizinho, e, lá chegando, bateremos á porta e logo que alguem nos attenda fugiremos.

Levaram o corcunda para a casa do medico, em cuja porta bateram com força. A criada veiu logo. — Toma esta moeda, disse o alfaiate, e vae dizer a teu amo que ahi está um homem quasi a morrer suffocado. E logo que a criada partiu elles fugiram.

Com uma luz á mão desceu o medico as escadas e constatou, surpreso, que o corcunda estava morto. — Aproveitemos a noite, disse elle á criada, para nos desembaraçarmos do cadaver, mettendo-o pela chaminé do mercador de azeite, nosso vizinho.

O medico seguiu a criada e empurrou a porta tão bruscamente, que o corpo do corcunda rolou a escadaria, indo bater no portão.

Ajudado pela criada, o medico subiu para o telhado e deixou cahir o cadaver do corcunda pela chaminé. — Se disseres alguma cousa do que viste, estamos perdidos, — recommendou elle á criada. — E' o bobo do rei.

O mercador de azeite ha muito via estragos em sua adega, provocados pelos ratos, mas suppunha-os obra de ladrões; assim, foi com surpresa que viu, ao entrar, as pernas do corcunda na base da chaminé.

(Conclue adiante)

PARA AS MENINAS

Os pontos de agulha

AS nossas graciosas leitoras devem saber que costura é a serie interminavel de trabalhos que podem ser feitos com agulha e linha, retroz, ou lã. Os trabalhos de costura têm por fim confeccionar, reformar ou armar qualquer roupa para uso do individuo. Para confeccionar, reformar ou armar qualquer vestuario, temos forçosamente de nos servir dos pontos de costura. O ponto é a propria costura.

— E quaes são os pontos de costura? Sabem as meninas? Se não souberem, nós aqui o diremos, para conhecimento de nossas gentis leitorazinhas.

Os pontos de costura, de costura á mão, são divididos em duas categorias:

1ª — Pontos de costura communs.

2ª — Pontos de ornamentação, ou bordado.

A' primeira categoria pertencem o ponto de *alinhavinho, ponto atraz, ponto picado, ponto de cerzir, ponto de bainha, ponto de costura rebatida, ponto de costura dobrada* e o *ponto de casear.*

Pertencem á segunda categoria — pontos de ornato — o *ponto russo, ponto de grade, ponto de Paris ou de espiga, ponto duplo de Paris, ponto de cadeia, ponto de cordão, ponto de cacho, ponto cheio do feston, ponto feston* e *ponto de marcar.*

Nos *clichês* que acompanham estas linhas, as meninas podem conhecer cada um dos pontos enumerados e observar como se os executa.

Pontos de costura: 1), ponto de alinhavinho; 2), ponto atraz; 3), ponto picado; 4) ponto de cerzir; 5), ponto de bainha; 6), ponto de costura rebatida; 7), ponto de costura dobrada; 8), ponto de casear. *Pontos de ornato:* 9), ponto russo; 10), ponto de grade; 11), ponto de espiga ou de Paris; 12), ponto de espiga duplo; 13), ponto de cadeia; 14), ponto de cordão; 15), ponto de cacho; 16), ponto cheio do feston; 17), ponto de feston; 18), primeiro tempo do ponto de marca; 19), segundo tempo do ponto de marca.

A FESTA DE REIS NA INDIA

A tradicional e imponente festa de Reis não é celebrada só no nosso paiz e nas nações catholicas do velho mundo. Na India, onde existe grande maioria de christãos, festejam-se os dias santos com cerimonias muito espectaculosas, á semelhança dos mysterios da Idade Media. Trajando as suas mais vistosas tangas, os homens levam ao pescoço grinaldas de jasmins e correntes de ouro; as mulheres trançam no cabello fios de ouro e flores. A multidão prosterna-se na igreja, deixando caminho livre a um cortejo de anciãos com ricos turbantes á cabeça, escoltados por thuriferarios, portadores de leques, servidores: são os reis magos. Os magos sobem os degráos de um estrado, cuja parte superior está escondida por cortinas vermelhas. No momento justo da elevação, elles chegam ao tablado e ajoelham-se. Logo que cessam os tinidos da campainha, as cortinas correm e deixam apparecer, illuminada por fogos de bengala, Nossa Senhora, de rosto bronzeado — maravilhosamente vestida, constellada de diamantes, tendo ao collo uma creança com aureola. Um mólho de palha serve-lhe de throno. A esta visão o povo, silencioso até então, põe-se a dar gritos de triumpho. Então um padre indigena toma a palavra, e com uma voz muito alta, conta o milagroso nascimento. Se os hindús não fossem muito doceis, o enthusiasmo se mudaria em desordem. Mas o digno sacerdote apazigua o fervor demasiado e começa a distribuição das palhas, cada um recebendo com maximo respeito o fio de palha que será conservado preciosamente. Depois, Nossa Senhora, S. José e o Menino Jesus são collocados sob um pallio. Precedidos de musicos e dos reis magos sahem da igreja em procissão. Os sinos todos repicam, as trombetas resoam, os tambores rufam e os foguetes estouram no ar como salvas de fuzilaria. A procissão não é seguida apenas dos padres e dos fieis, mas de grande numero de brahmanes, que percorre ruidosamente as principaes ruas juncadas de palmas, de jasmins e de rosas. Recolhe-se a Santa Familia quando o dia começa a amanhecer. Cada um volta á sua casa, onde se celebram grandes festejos. Os ricos convidam os pobres ás suas mesas, carregadas de petiscos, e dão-lhes de presente saquinhos de arroz, afim de que todos se alegrem e recebam a sua parte dos grãos que Nosso Senhor faz germinar para o alimento das suas creaturas.

OS SETE INSTRUMENTOS

(CANÇONETA)

MUSICA E LETRA
DE
EUSTORGIO WANDERLEY

Mzurk

f — fim — *p.*

Um in_ven_to o_ri_gi_nal con_ce_bi E deum plano sem i_gual te_nho aqui Vou ga_nhar assim di_nheiro a va_ler Porque fui eu o pri_meiro a fa_zer Re_u_nir se seis ins_tru_men_tos num só Dan_do a to_dos mo_vi_men_to sem dó Pois em todos to_ca_rei sem ces_sar Co_mo a_go_ra pas_sa_rei a ex_pli_car Bom_bo, pra_tos bom_bar_dão, Flau_tim, cai_xa, trian_gu_lo e pis_tão Fa_zem pra_tos bom_bo e cai_xa: T_chá_bum, ta_rá_rá O flau_tim faz: fi_fi_fi E o tri_an_gu_lo tim_tim O pis_tão, por su_a vez faz: to_ré_ to_ré to_ré E o bom_bar_dão, com per_fei_ção, faz to_ró_ró_ró_ro_ro_ró

f.

D.C. 3 vezes al 𝄋 até fim.

OS SETE INSTRUMENTOS

(CANÇONETA)

I

Um invento original
Concebi,
E de um plano sem igual
Tenho aqui: (*Bate na testa*).
Vou ganhar assim dinheiro
A valer,
Porque fui eu o primeiro
A fazer
Reunir sete instrumentos
Num só,
Dando a todos movimento
Sem dó,
Pois em todos tocarei
Sem cessar,
Como agora passarei
A explicar:

Estribilho

Bombo, pratos, bombardão,
Flautim, caixa, triangulo e pistão,
Fazem pratos, bombo e caixa:
Tchá-bum-ta-rá-rá...
O flautim faz fi-fi-fi...
O triangulo tim-tim...
O pistão, por sua vez,
Faz: toré-toré-toré...
E o bombardão,
Com perfeição,
Faz: (*engrossando a voz*):
Tó-ró-ró-ró-ró-ró-ró.

II

Em qualquer um festival
A que eu fôr,
Todos pedem, afinal,
Por favor,
Que eu execute o instrumento
Sem par,
Que consegui, num momento,
Inventar.
Querem todos, á porfia,
Escutar
Essa esplendida harmonia,
A vibrar,
De instrumento de valor,
Cá p'ra mim,
Dedilhado, com ardor,
Mesmo assim:

Estribilho

Bombos, pratos, bombardão, etc.

III

Vou durante a exposição
Me exhibir;
Vou fazer um figurão,
A sorrir...
Grande premio, com certeza
Terei,
Só porque a tal belleza
Inventei!
Vou embasbacar o povo
Que ouvir
Esse meu invento novo
Estrugir...
E quem não sahir, com medo,
A correr,
Que não ha nenhum segredo,
Ha de ver...

Estribilho

Bombos, pratos, bombardão, etc.

E. WANDERLEY.

Rio — VIII — 1922.

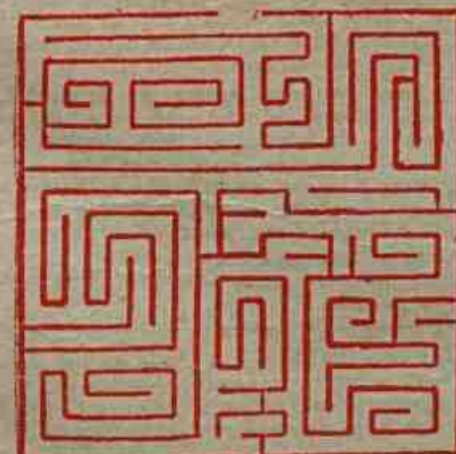
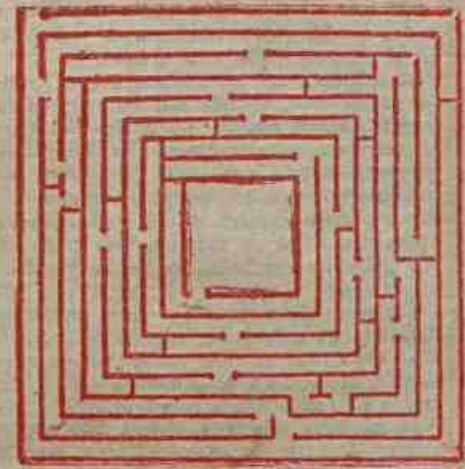
OS LABYRINTHOS

Muitos dos nossos leitores escreveram-nos durante o anno, pedindo que não deixassemos de publicar neste *Almanach* alguns labyrinthos, porque são estes um divertido passatempo. Fazemos-lhes a vontade, dando alguns a seguir:

Labyrintho do Palacio de Crystal

Os forasteiros quando visitam a cidade de Londres, onde fica este labyrintho, não deixam de percorrel-o, e o fazem com guia, pois ninguem até hoje conseguiu conhecer os seus multiplos caminhos.

Este outro, que existe num parque particular da Italia, tem dado dôr de cabeça a muita gente que nelle já se perdeu. Qualquer pessoa, para chegar á sua cella central, tem de percorrer innumeros caminhos.

O labyrintho Tico-Tico

Este labyrintho é caçador de meninos curiosos. Chiquinho, um dia, pretendeu, entrando pela porta unica superior, chegar ao centro do labyrintho. Perdeu-se, e se não fosse o faro atilado de Jagunço, o nosso menino ainda estaria a dobrar esquina, sem saber como sahir.

Labyrintho Carioca

Este labyrintho já existiu no jardim de uma vivenda particular. Tem uma só entrada. Procurem os meninos entrar por ella, seguir sempre as veredas traçadas, sem saltar parede alguma, chegar ao quadrado central e depois, pelo mesmo caminho, ou por outro, se houver, sahir.

A prisão

Este labyrintho não sabemos onde existiu, mas o caso é que o pobre homem que está no quadrado central não seria capaz de lá sahir, sem perder a paciencia ou a cabeça.

Os nossos leitores, nos modelos de labyrinthos, que lhes damos nesta pagina, têm um optimo passatempo para as noites de chuva.

O monumento mais alto do mundo é a torre Eiffel, que attinge 300 metros. Depois da torre Eiffel seguem-se os seguintes: Cathedral de Colonia, 159; Cathedral de Roma, 152; Pyramide de Cheops, 146; Cathedral de Strasburgo, 142; Zimborio de S. Pedro, em Roma, 138; Igreja de Santo Estevão, de Vienna, 136; Ermida de Chephrun, 133; Cathedral de Friburgo, 116; Zimborio de S. Pedro, de Londres, 110; Zimborio de Milão, 109; Camara Municipal de Bruxellas, 108; Torre Quadrada de Hainelli, Italia, 107; Zimborio dos Invalidos, 105; Zimborio do Pantheon, 94; Nossa Senhora de Paris, 69.

O BACURÃO

TODOS os nossos leitores conhecem, sem duvida, o bacurão, que, como a maior parte dos passarinhos do campo, é o grande auxiliar do agricultor na destruição das larvas e dos insectos que estragam as colheitas. E' do bacurão que vamos falar.

A natureza preparou muito bem o grande protector das colheitas, cuja benefica tarefa começa quando os outros passaros se recolhem para dormir. Na Europa o camponio chama *andorinha da noite* e *engole-vento* a esse incansavel devorador dos insectos crepusculares, e entre nós dão-lhe na roça o nome de *curiango* por causa do seu grito caracteristico, ou mais popularmente o bacurão.

Os seus olhos grandes, vivos e claros desafiam as trévas da noite, e os insectos vêm engorphar-se no grande bico escancarado, como num verdadeiro antro. Uma franja de pellos duros, que ladea esse formidavel bico, ajuda a ave a apanhar a presa. A parte superior do bico segrega um liquido gelatinoso, de tal modo adherente, que prende os pequenos insectos como a curiosa lingua do tamanduá.

Além disso, a garra dessa ave, armada de uma unha dentada, apanha o insecto no vôo. O curiango tambem della se serve para levar a presa ao bico e para fazer a sua *toilette*. E', com effeito, com essa bizarra unha que elle limpa o bico obstruido por pedacinhos de insectos, com que se regala.

A ave toma aliás o maximo cuidado com o precioso orgão, que é ao mesmo tempo um garfo, um pente de barba, e um palito. Um caçador tendo morto um *engole-vento*, tomou-o pelas garras e sacudiu-o. Qual não foi o seu espanto ao ver sahir pelo bico da ave morta uma borboleta.

Depois de devorado o insecto ainda vivia... Muitas vezes, encontram-se no papo da andorinha nocturna borboletas que, soltando-se, recomeça o seu vôo ! Muitas vezes o tiro que mata a ave tem salvo a borboleta.

O canto do bacurão é tristonho, e a propria ave é de aspecto melancolico, amiga das solidões. Foge da claridade do sol e repousa encolhida no chão, com os olhos fechados.

No mez de Maio, o *engole-vento* chega da Africa á Europa para proteger as colheitas e volta em Setembro, quando termina a sua preciosa tarefa de exterminador. Nunca se atraza esse valente operario. No dia certo, elle apparece e só parte quando a colheita, salva pelo seu bico, está recolhida no celleiro. Que exige como salario ? Apenas um insecto !

Na America do Norte, o *engole-vento* habita aos milhares nas cavernas, que recôam com os seus gritos lugubres. Mas os indios não se incommodam com a algazarra. Todos os annos, penetram nessas grutas e fazem uma grande carnificina de andorinhas nocturnas. Tudo morre: paes, mães, filhos.

Nessa época, chamada — *a colheita do oleo*, todos estão gordos e todos morrem. Retira-se dos cadaveres a substancia oleosa, que se derrete sobre um fogo de galhos seccos. Essa fogueira torna mais singular o scenario da carnificina. Depois, despeja-se o oleo em terrinas de barro. E' a famosa gordura *guarabe*, tão fina, tão pura, que se conserva durante um anno, sempre fresca como no primeiro dia. Depois desta expedição culinaria, a floresta

fica muda como um tumulo. Só restam pennas que o vento leva, e o nauseabundo cheiro da carne queimada, que attrahe as féras. Tudo morre: os magros pagam pelos gordos.

Os bacurãos brigam furiosamente pela posse desta ou daquella beldade, que lhe caia em affecto. Os bicos entrechocam-se colericos, os olhos chammejam, os pellos eriçam-se e chegam ás vias de facto. Quando o vencido tomba, o herôe e a companheira obtida tomam o vôo alegremente e vão caçar borboletas.

Durante a estação de combate o canto já tão singular do bacurão, torna-se extravagante: elle grunhe como porco, sopra e assobia como coruja. Esse passaro não faz ninho. E' no chão, na cavidade de uma arvore ou na fenda de um rochedo que põe os ovos.

Com que amor solicito são defendidos, contemplados, chocados esses ovos ! Se na ausencia da mãe alguma mão sacrilega toca nos ovos sagrados, a femea lamenta-se, chama o esposo, annuncia-lhe a triste noticia com o seu canto queixoso, e immediatamente cada um toma um ovo nas garras, carrega-o para longe, sempre voando um junto do outro, tocando-se, bem perto do chão.

PARA APRENDER A... DESCANSAR

ATÉ para descansar é preciso o homem saber umas determinadas normas !

O principio do descanso é o mesmo que o do afrouxamento, uma suspensão ou detenção temporaria da energia de todo o corpo ou duma parte delle.

O descanso absoluto implica o abandono completo de toda a tensão mental, nervosa e muscular; as tres especies de tensão entram em cada um dos actos da nossa vida e não podem ser completamente separadas.

Colloquemo-nos numa posição propria para o descanso, o mais commodamente possivel, de tal fórma que o repouso physico pareça inevitavel. Se então começamos a pensar nalguma questão difficil de resolver, ou ha qualquer assumpto que nos preoccupe, e a nossa imaginação permanece acordada, a energia do cerebro em breve se communicará ao systema nervoso e todo o nosso ser physico se encontrará num alto grão de tensão. Não é certo, por conseguinte, que para que o corpo descanse baste que esteja inactivo.

O corpo póde estar em inactividade. Um feixe de musculos póde-se encontrar em tensão nervosa e todavia não estar em movimento. Esta condição especial produz quasi sempre maior fadiga que a maior parte dos exercicios physicos, de modo que nella se encontra, em vez de descansar, sente ainda maior cansaço. Para dar a todo o nosso corpo o descanso necessario é, por conseguinte, indispensavel que a imaginação deixe quanto possivel de funccionar.

— E' possivel, Henrique, que tenhas comido o bolo todo, sem pensares na tua irmãzinha ?

— Estive sempre a pensar nella, minha mamã; estava com immenso receio de que apparecesse antes de o acabar de comer.

A ave do Paraiso

E' uma das mais formosas aves que a natureza creou, a ave do Paraiso.

A cabeça, de um amarello desvanecido, quasi crême, o pescoço de um brilhante verde esmeralda, e as azas vermelhas nas extremidades. São desta ave lindissima muitas das pennas, que se empregam para adorno dos chapéos das senhoras.

Os padres musulmanos fizeram crer ao povo e a muitas pessoas, que não eram do povo, que estas aves vinham directamente do Paraiso, que eram um presente de Deus, e que por esse motivo não se sustentavam de alimentos vulgares; que viviam do orvalho da aurora e do perfume das flores. Accrescentavam que só a morte as podia fazer pertencer á terra e que as suas pennas tinham a virtude de tornar invulneravel a pessoa que as trazia.

Os que nelles acreditavam, enfeitavam-se com as pennas da ave do Paraiso para se livrarem dos perigos de que ella preservava, tornando-se mais invulneraveis do que Achilles; os que não acreditavam enfeitavam-se com ellas para satisfazerem a sua vaidade. De qualquer fórma, tiveram e tem ainda hoje, bastante valor, e faz-se dellas um valiosissimo commercio.

As aves do Paraiso vivem na Nova Guiné.

A SERPENTE BRANCA

VIVIA antigamente um certo rei, cuja sabedoria era tão grande que se tornou celebre em quasi todo o mundo. Nada sobre a terra lhe era desconhecido! Mesmo as cousas mais mysteriosas lhe vinham ao conhecimento, como que por inspiração. A natureza toda lhe sorria e lhe falava numa linguagem mysteriosa... Causava inveja a todos os homens. Tinha por costume, todas as tardes, ficar sózinho á mesa, após a refeição, afim de saborear um prato especial, que lhe trazia sempre o seu confidente criado. Era uma terrina completamente fechada, cujo conteúdo nem mesmo o criado sabia, visto como o rei sempre se servia daquelle alimento quando estava inteiramente só. Dias e dias se passaram, sem que ninguem suspeitasse do segredo do rei. Certo dia, porém, ao conduzir ao rei a preciosa iguaria, despertou-se no criado a curiosidade de verificar aquella terrina e levou-a para o seu quarto.

Trancou-se muito bem, e, levantando cautelosamente a tampa da terrina, viu no seu interior uma serpente branca! Parece incrivel, mas era verdade; aquella serpente constituia o alimento mysterioso do rei! O criado, embora que assustado, não poude resistir ao desejo de provar aquelle exquisito manjar; cortando, pois um pedaço da serpente, pôl-o na bocca. De repente, ouviu, fóra da janella, um concerto suave de vozes maviosas, que vinham do bosque. Correu á janella; eram alguns pardaes, que em doce colloquio falavam entre si, sobre o que tinham visto e ouvido pelos campos e valles. A participação daquelle mysterioso alimento lhe proporcionara o dom de comprehender a linguagem dos animaes! Aconteceu, pois, que, tendo desapparecido, nesse dia, o annel mais precioso da rainha, cahiram sobre o bondoso e fiel criado as suspeitas de que o houvesse roubado. O rei chamou-o incontinente e ameaçou-o com severos castigos, se até o dia seguinte não lhe apresentasse a tal joia. Em vão procurou o pobre rapaz justificar a sua innocencia. Atravessou tristemente o pateo do palacio, pensando como poderia salvar-se daquella situação. A certa distancia, sobre as aguas tranquillas de um lago, pousavam placidamente alguns patos, concertando a plumagem com o seu bico de coral, e entretendo amigavel palestra.

O criado approximou-se, pé ante pé, e pôz-se a escutal-os. Narravam uns aos outros as aventuras do dia, quando falou enfadonhamente um dos patos:

— Nem lhes conto o que me succedeu! Imaginem que hoje de manhã, na pressa em que estava, enguli um annel que se achava debaixo da janella da rainha, o qual me tem dado que fazer ao estomago...

O rapaz agarrou-o immediatamente pelo pescoço, e levando-o á cozinha, disse ao cozinheiro:

— Mata este, Pancracio, que já está bem cevado!

— Muito bem, — respondeu o cozinheiro, tiveste boa idéa, pois já ha muito tencionava fritar esse velhaco!

Torceu-lhe o pescoço e foi encontrar, depois, na moela do pato, o precioso annel da rainha. O criado poude então provar a sua innocencia ao rei e este, querendo espiar a sua injustiça, deu-lhe a permissão de pedir qualquer graça, bem como lhe prometteu o posto de maior honra que desejasse na sua côrte. O criado recusou tudo e pediu apenas que lhe desse um cavallo e um premio de viagem, pois que almejava conhecer o mundo. Foi-lhe concedido immediatamente o que desejava e pôz-se a caminho.

Certo dia, chegando á beira de um rio, notou que tres peixinhos se debatiam fóra d'agua, expostos aos raios inclementes do sol.

— Que sorte, — lastimavam-se elles, em breve teremos de succumbir aqui miseravelmente!

O joven apeou-se do cavallo e tomando nas mãos os tres peixinhos, pol-os na correnteza. Cheios de alegria, exclamaram do meio das aguas:

— Dia virá em que saberemos recompensar tua bella acção!

O mancebo continuou sua viagem, e tempos depois se encaminhou por uma vereda, quando ouviu uma voz clamorosa, que surgia de sob as patas de seu cavallo:

— Quem nos dera viver só entre homens! Agora mesmo seremos esmagadas barbaramente pelas patas deste monstruoso cavallo!

Era uma formiga, que, acompanhada de sua numerosa prole, seguia pela vereda afóra, á procura de alimento. O joven cavalleiro desviou o seu ginete e deixou incolumes todas as formigas. Num grito de alegria todas exclamaram:

— Dia virá em que saberemos recompensar tua bella acção!

O joven continuou o seu caminho e não tardou em chegar a um grande bosque. Presenciou, então, uma revoltante scena. Um corvo malvado expulsava de seu ninho os tenros filhinhos, ainda depennados.

— Vão ganhar a vida, pois não os sustento mais, "seus" parasitas!

As pobres avezinhas ficaram debatendo-se pelo chão, expostas ao frio e á fome.

— Infelizes de nós, — lastimavam-se tristemente, que vamos morrer abandonadas pelos proprios paes!...

O bondoso rapaz, commovido com aquelles queixumes, matou o seu cavallo e deixou-o ali, afim de servir-lhes de pasto. Os corvos ficaram radiantes de alegria e exclamaram:

— Dia virá em que te recompensaremos essa boa acção!

Agora era mistér que o generoso criado exercitasse as suas pernas no proseguimento de sua jornada, uma vez que se tinha separado de seu companheiro de viagem. Depois de algumas horas de viagem, chegou a uma grande cidade. Notava-se ali grande agitação, nas ruas e nas praças, e no meio da multidão destacava-se um mensageiro do rei, montado a cavallo e vestido de gala, o qual falava assim á multidão:

— A filha do rei procura um esposo! Aquelle, porém, que se apresentar, deverá dar provas de que o merece, pondo em perigo a propria vida!

Muitos mancebos já haviam sacrificado nisso a sua preciosa existencia... Ao ver a princeza, o joven ficou tão maravilhado com sua belleza que não mediu mais os perigos a transpor e foi immediatamente apresentar-se ao rei como pretendente á mão de sua filha. O rei encarou-o e mandou que o seguisse. Chegando á beira-mar, lançou o rei nas aguas um annel e disse ao joven:

— Ousas pretender a mão de minha filha?! Deverás, pois, sob pena de morte, buscar aquelle annel nas profundezas do mar!

O pobre mancebo ficou triste e sentou-se, sózinho, em um rochedo, a fitar o turbilhão das ondas e sem saber o que fizesse. De repente notou que tres peixes se approximavam nadando. Eram aquelles mesmos, aos quaes um dia salvára a vida. Trazia o do meio, na bocca, uma bella concha, que foi arremessada aos pés do mancebo, no interior da qual encontrou elle o annel desejado. Cheio de alegria, o joven compareceu deante do rei, certo de que ia receber nos braços o premio de seu trabalho, a linda e gentil princeza. Esta, porém, quando soube que o joven era de humilde descendencia, levada por seu orgulho o repudiou, exigindo que elle se submettesse a uma nova prova de merecimento. Foi, pois, ao jardim, e despejando ella mesma dez saccos de ervilha por entre o capinzal disse-lhe:

— Deverás, antes do sol nascer, ter recolhido toda essa ervilha, sem excepção de um grão!

O pobre rapaz sentou-se tristemente e poz-se a pensar na morte que ia receber na manhã seguinte, visto como lhe era impossivel cumprir aquella ordem. Quando, porém, os primeiros raios do sol se espargiram pela relva do jardim, o joven contemplou estupefacto uma obra miraculosa... Os dez saccos estavam cheios de ervilha e no chão não havia um grão sequer! Tinham sido aquellas formigas da vereda, que durante a noite consummaram aquella obra, em prova de reconhecimento ao que lhe fizera um dia o bondoso cavalleiro.

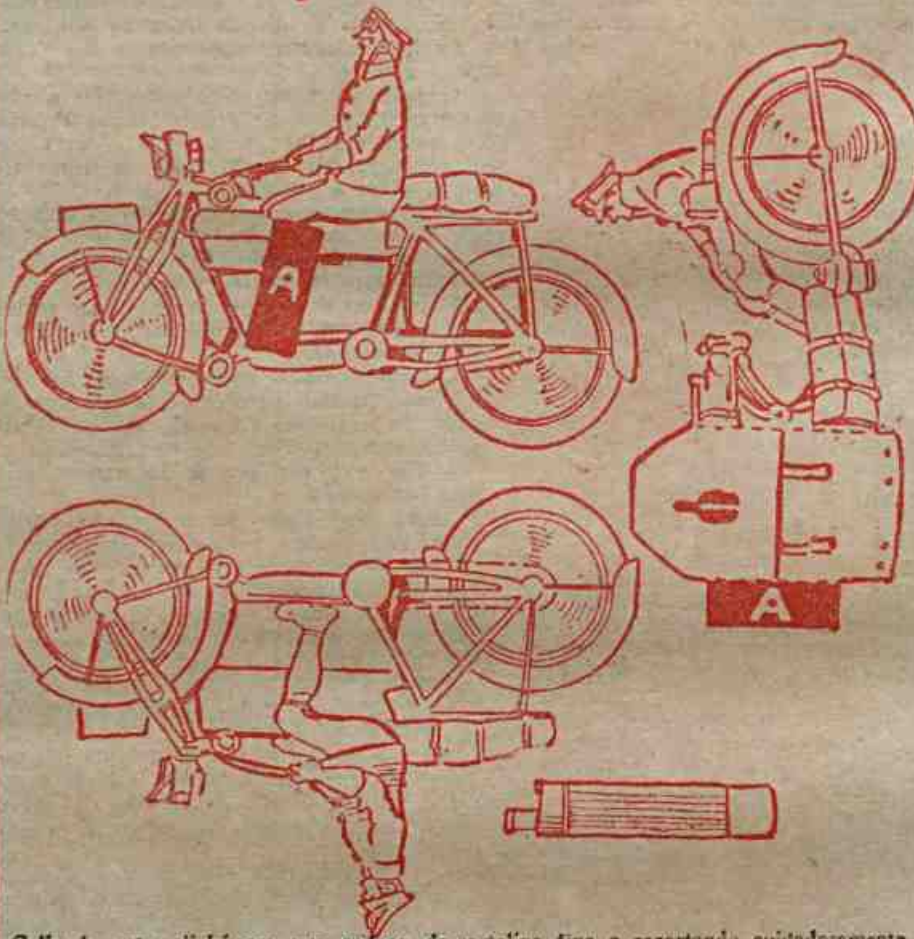
A princeza, ao descer ao jardim, ficou maravilhada deante do que tinha executado o rapaz. Não poude ainda desta vez subjugar o seu orgulhoso coração, e impoz:

— O joven não será meu esposo, emquanto não me trouxer um pomo da arvore da vida!

O joven ignorava o logar onde florescia a arvore da vida. Poz-se, entretanto, a caminho, desconsolado, sem esperança de encontral-a. Tendo já percorrido tres reinos differentes, chegou um dia a um bosque e sentou-se debaixo de uma arvore. De subito ouviu um cicio na folhagem e um pomo dourado lhe cahiu nas mãos... Em seguida, tres corvos baixaram esvoaçando e pousaram sobre seus joelhos, dizendo-lhe:

— Nós somos os tres corvinhos do bosque, aos quaes soccorreste na penuria; crescemos e, como ouvimos que procuravas o pomo da vida, apressamo-nos em atravessar os mares e ir ao fim do mundo, onde cresce a arvore da vida, afim de trazer-te o pomo dourado!

Cheio de alegria, o mancebo regressou ao reino e foi levar á linda princeza o fructo almejado. A filha do rei, não tendo mais pretextos a apresentar, acceitou-o como esposo. O rei concordou com o casamento e mandou organisar um grande banquete. E os dois jovens partiram o pomo da vida e o comeram juntamente. Os dois corações incendiaram-se de intenso amor e elles viveram numa invejavel felicidade por annos e annos.

Motocycleta-metralhadora

Collando este *cliché* em um pedaço de cartolina fina e recortando cuidadosamente as figuras, podem os meninos construir uma interessante motocycleta-metralhadora.

O MOSQUITO GIGANTE DE TEXAS

A America foi victima ha tempos de uma verdadeira epidemia de mosquitos. Estes, de um tamanho nunca visto, invadiram toda a região banhada pelo golfo do Mexico.

Foi um verdadeiro flagello: os operarios tiveram que abandonar os campos em que trabalhavam. Os animaes, para fugir ao terrivel insecto, refugiaram-se na agua. As linhas dos trens estavam desertas, ninguem ousava affrontar a multidão desses mosquitos gigantescos. Mesmo os navios vindos de Nova York foram assaltados, cousa até então nunca vista: e durante dois dias e duas noites foram os passageiros cercados por esses insectos, tão extraordinarios no porte, quanto na sua ferocidade.

Varias sumidades medicas occuparam-se com o caso e o melhor meio para destruir os mosquitos, que encontraram, foi o petroleo.

O dr. Lanezan estudando a febre palustre, chegou á conclusão de que é causada por uma picada dos mosquitos anopheles. O grande medico encontrou effectivamente, examinando-os no microscopio, todos os microbios da febre palustre no tubo digestivo. Seguiram-se muitas outras pesquizas medicas; tendo-se encontrado nos mosquitos a maior parte dos germens das molestias contagiosas.

Como se observasse que o anopheles deposita os ovos na superficie das aguas estagnadas, procurou-se destruil-o inutilisando esses ovos, e o melhor meio foi o emprego do petroleo alcatroado.

DESECCAÇÃO DAS FLORES OU PLANTAS MEDICINAES

PARA seccar as pequenas provisões que se fazem de plantas medicinaes é preciso tomar o cuidado de as ter sempre á sombra ou de as seccar num forno morno.

As plantas ou as flores seccadas ao sol perdem ao mesmo tempo seu aroma, sua côr e suas propriedades medicinaes.

A FELICIDADE

NADA mais justo que a felicidade, nada que tome mais fielmente a fórma da nossa alma, nada que preencha mais exactamente o logar que lhe abre a sabedoria. Mas não ha nada que ainda não tenha voz para se exprimir como ella.

O anjo da dôr falla todas as linguas e conhece todos os termos, mas o anjo da felicidade não abre a bocca senão quando pode fallar de uma felicidade que o proprio selvagem comprehende.

A desgraça sahiu da infancia desde centenas de seculos, mas dir-se-ia que a felicidade ainda dorme envolta em faxas.

Alguns homens aprenderam a ser felizes; mas onde estão esses que na sua felicidade pensaram em emprestar a sua voz ao Archanjo que illuminava sua alma?

De onde vem esse injusto silencio? Fallar da felicidade não é um pouco ensinal-a? Pronunciar seu nome todos os dias não é chamal-a?

E um dos bellos deveres daquelles que são felizes não é ensinar aos outros a serem felizes? E' certo que se aprende a ser feliz; e nada se ensina mais facilmente do que a felicidade. Se viveis no meio de gente que bemdiz a vida não tardareis a bemdizer os vossos dias. O sorriso é tão contagioso como as lagrimas; e as épocas que são consideradas felizes não são ás vezes senão as épocas em que alguns souberam dizer-se felizes.

De ordinario, não é a felicidade que nos falta, é a sciencia da felicidade.

Não serve de nada ser feliz se se ignora que se é feliz, e a consciencia da mais pequenina felicidade importa muito mais á nossa felicidade do que a maior felicidade que a nossa alma não considere attentamente. Muitos entes imaginam que a felicidade é outra cousa do que a que elles possuem, e é porque aquelles que têm a felicidade devem mostrar-nos que elles não possuem senão o que todos os homens têm nos seus corações.

Ser feliz é ter ultrapassado a inquietação da felicidade.

Seria necessario uma vez ou outra que um homem favorecido pelo destino com uma felicidade immensa, invejavel, sobrehumana nos viesse dizer simplesmente: eu obtive tudo que vós almejaes todos os dias, tenho fortuna, mocidade, gloria, poder e amor. Hoje me posso dizer feliz; não por causa dos dons que a fortuna se dignou me conceder, mas porque esses dons me ensinaram a olhar mais alto do que a felicidade. Se encontrei nas minhas viagens maravilhosas, nas minhas victorias, na minha força e no meu amor a paz e a felicidade que eu procurava, é que ellas me ensinaram que não é nellas que se encontra a felicidade e paz verdadeiras. Antes de todos esses triumphos, ellas não existiam senão em mim; depois d'esses triumphos ellas se acham sempre em mim e não ignoro que com um pouco mais de sabedoria eu poderia possuir tudo, sem ser necessario possuir tanta felicidade.

Sei que sou mais feliz do que o era hontem, porque sei emfim que não preciso mais de felicidade para libertar minha alma, socegar meu pensamento e illuminar meu coração.

Maurice Maeterlinck.

AS ARTES

COMO SE FAZ UMA GRAVURA A TRAÇO (ZINCOGRAPHIA)

Os nossos pequenos leitores, provavelmente, devem ter ouvido muitas vezes falar em gravura a traço, photozinco ou zincographia. Taes palavras, que têm a mesma significação, representam um processo de gravura em zinco, onde as linhas ficam em relevo, afim de receberem a tinta de impressão. Nas proprias gravuras que illustram este estudo, encontra-se perfeitamente exemplificado o referido processo; observem os nossos pequenos leitores as linhas das gravuras, attentem que ellas são nitidas e núas de qualquer meia-tinta, ou sombreado esbatido; as massas dos escuros são chapadas, contrastando com a alvura do papel.

Antes de cogitarmos verdadeiramente dos detalhes technicos e explicativos do processo, julgamos opportuno, embora rapidamente, narrar a origem e o historico do mesmo.

Antes de existir o processo da gravura sobre metal, conhecia-se a xilographia, (gravura executada em madeira com o auxilio de buris) que desde o seculo XV, era empregada na confecção das matrizes, para imprimir as cartas de jogar. A gra-

Fig. 2

vura portadora de um caracter de arte, mais remota que se conhece, é a imagem de "S. Christovão conduzindo o menino Jesus ao hombro"; de 1423 é essa estampa, e foi encontrada no claustro dos "Chertozinhos" de Buxheim, collada na capa de um livro.

Em 1445, approximadamente, appareceu a Calcographia, (gravura em cobre) sendo a sua descoberta, até os dias de hoje, attribuida a Maso de Finiguerra — 1415-1460. Entre a avalanche de individuos que a cultivaram encontram-se notadamente gravadores italianos e allemães, que quasi sempre caminharam parallelamente. Entre os nomes que lograram atravessar o tempo, até nossos dias, encontram-se os de Andréa Mantegna, — 1451—1517 — Francesco Mazzuoli,—1500 — ? — Francesco Villamena — 1566 —

Fig. 4

1626 — e Giacomo Callot, — 1593 — 1635 — italianos.

A Allemanha nos deu: Martino Schoen, — 1420 — 1486 — Alberto Dürer, — 1471 — 1528 — Cornelio Cort, — 1536 — 1578 Martino Goltz, — 1538 — 1610 — e Egidio Sadler, 1570 — 1629. Ao encontro da calcographia correram os maiores ar-

Fig. 1

tistas da epoca; entre esses, viam-se os discipulos de Rubens, Paulo Pautius e o proprio Rembrandt.

Os francezes, por sua vez, offereceram um contigente valiosissimo, onde fulguram os nomes de Poilly, — 1622 — 1693 — Pitau, 1633 — 1676 — Gerardo, — 1640 1703 — Chereau, — 1697 — 1729 — e outros. As difficuldades e o elevado preço da materia prima impelliam os investigadores estudiosos á descoberta de um processo mais pratico que comportasse a impressão dos textos em conjunto com as gravuras e offerecesse um campo mais economico. Dentre os investigadores destaca-se Eberhard di Magdeburgo, que em 1804 fez as primeiras tentativas com o zinco, não obtendo, porém, grandes resultados. Mais tarde, em 1850, Gillot, depois de pesquizas pacientes, conseguiu reproduzir desenhos á penna autographicamente, com o fim de illustrar jornaes humoristicos. "O Seculo", de Milão, foi o primeiro jornal que contribuiu para que tal processo se tornasse do dominio publico; Auer, de Vienna, em 1862 conseguiu introduzir alguns melhoramen-

Fig. 3

tos no processo de Gillot, o que valeu a sua immediata applicação em jornaes e revistas scientificas. Desde então, os progressos foram rapidos, chegando-se á perfeição rigorosa dos nossos dias, não só sob o ponto de vista da exactidão, como tambem economico.

Vejamos agora, caros leitores, como se procede para obtermos uma gravura a traço.

Como ficou dito, entende-se por zincographia, a gravura em relevo, a traços sobre o zinco, afim de obtermos grandes tiragens reproduzindo um determinado desenho por meio de machinas ou prensas.

Em primeiro lugar temos o preparo das chapas para receber a gravura; o seu processo é tratado na camara photographica, ao abrigo da luz violenta. Para bom resultado dos trabalhos, torna-se mistér desengordurar o zinco para que o verniz tenha uma adherencia rigorosa; toma-se em seguida a placa por um dos angulos (figura 1) derramando-se sobre ella uma solução composta de:

Betume da Judéa . . 20 grams.
Benzina . . . . . . 500 grams.

Em seguida, como se vê na gravura 1, vae-se virando a chapa de maneira que o verniz fique completamente igual em toda a superficie do metal; uma vez terminado o preparo da chapa, ella é collocada em um apparelho rotativo (figura 2) que tem a propriedade de tornar o verniz perfeitamente estendido e deseccal-o rapidamen-

Fig. 5

te; terminada essa operação, procede-se á copia do que se deseja gravar. Para esse fim photographa-se o original com o auxilio do prisma, obtendo-se assim uma photographia sem inversão; ou então, no caso de não possuirmos o prisma, inverte-se a pellicula de fórma a tornar o negativo em positivo. O apparelho photographico para as reproducções, como o leitor póde verificar (figura 3), é perfeitamente conjugado nos seus movimentos para que não haja deslocamentos prejudiciaes. As placas photographicas empregadas são as preparadas a collodio no momento de serem usadas; os vidros para o seu preparo devem ser perfeitos e completamen-

Fig. 6

te desengordurados; para que não haja contacto dos dedos, usa-se um pequeno apparelho (figura 4) para prender as laminas. A revelagem dos negativos a col-

Iodio é feita por meio de derramamento e são fixados com uma solução de cyanureto, approximadamente, de 45 °|°, deixando-se seccar ao calor brando em caso de urgencia, dispostos em um cavallete apropriado, (figura 5). Vamos proceder agora á copia, isto é, á passagem da imagem positiva da photographia para a placa de zinco. Para esse fim colloca-se a placa photographica em uma prensa (figura 6) com a gelatina para dentro e sobre ella a chapa de zinco sensibilisada; isso feito, submette-se a uma luz fortissima o negativo; póde ser empregada a luz solar ou electrica com intensidade bastante para impressionar o

Fig. 7
Copo graduado para a dosagem dos banhos.

Fig. 8

zinco. Difficil é assegurar-se o tempo da exposição, porquanto elle varia de accordo com a transparencia do negativo, sendo, porém, aconselhavel que a mesma exceda um pouco do tempo preciso.

Fig. 9

Fig. 10

Terminada a exposição, mergulha-se o zinco em terebinthina para eliminar o bitume que não foi impressionado; a cuba, (figura 8) em que está a terebinthina deve ser sempre agitada para facilitar o

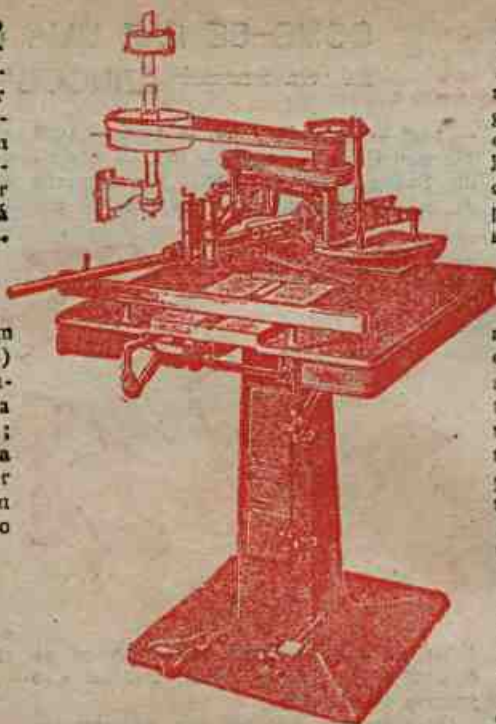
Fig. 12

dissolvimento. Aos poucos, os traços que a luz forte fixou vão surgindo, e quando ficarem perfeitamente visiveis, lava-se o zinco abundantemente em agua corrente, indo em seguida para a seccagem. Uma vez a placa completamente secca é envernisada pelas costas com um verniz de gomma lacca, bitume ou parafina, afim de não ser corroida pelo acido. O zinco assim preparado está prompto a receber o primeiro banho composto de 30 gram. de acido nitrico e mil de agua; a demora nesta solução deve ser relativamente pequena, bastando alguns minutos. Não se pode, porém, considerar a gravura como terminada; torna-se mistér dar profundidade ás grandes superfícies claras, para que os traços adquiram um relevo sufficiente para não sujar o papel durante a impressão; antes de se applicar o banho de profundidade, deve-se proteger os traços, tintando-os com auxilio de um rolo proprio para esse fim, (figura 9). As tintas empregadas podem ser: a "mole" que é composta de 200 gram. de cêra virgem, 15 gram. de resina e 500 gram. de tinta litographica; ou a "dura" que

Fig. 14

tem a formula seguinte: 250 gram. de tinta typographica, 100 gram. de cêra virgem, 100 gram. de asphalto, 80 gram. de resina e 80 gram. de pez de Borgonha. Uma vez tintada a chapa, com um pincel de cabello polvilha-se a parte que recebeu tinta com bitume e leva-se ao forno para seccar e endurecer a composição que se transformára em um esmalte resistente, (figura 10).

Terminada esta operação procede-se á gravação em um banho de acido nitrico a 30°. O relevo obtido com este ultimo banho é o sufficiente para considerarmos terminada a gravura e conseguir uma impressão perfeita. Em muitos casos o retoque é necessario para corrigir um ou outro defeito, o que é conseguido com o emprego do buril, (figura 11). Está terminado o cliché; elle deve ser agora "montado"; antes, porém, deve ser limpo, e para isso é necessario esquental-o um pouco e laval-o com petroleo ou agua ráz; por meio de uma machina de retoque aprofundam-se os grandes planos do fundo, (figura 12) serra-se (figura 13) esquadra-se e chanfram-se (figura 14) as margens da chapa para que possa, sem prejuizo da gravura, ser pregada em blócos de madeira da altura dos typos communs ou adaptadas em metal, se destinadas ás grandes tiragens.

Fig. 11

E assim têm os nossos pequenos leitores como se faz uma gravura a traço; outros processos existem mais rapidos, como o do esmalte ou albumina; porém, a nosso ver, o processo que esplanamos é o que mais condições offerece como perfeição e segurança.

Fig 13

ERCOLE CREMONA.

O CYSTOPHORO

O reino animal é prodigiosamente rico. Possue exemplares dotados de rara belleza e outros de aparencia asquerosa e horrivel, como o que reproduzimos na gravura junta. E' elle o cystophoro, ou phoca de capuz, que habita os mares frios da Groenlandia, da Noruega e da Terra Nova.

O cystophoro, que attinge em geral a tres metros de comprimento, é de côr preta azulada, pintada de manchas brancas e com os membros inteiramente negros.

O cystophoro.

O cystophoro, mórmente os machos, têm na cabeça uma grande barretina erectil e sua pelle possue alto valor, pois com ella se fazem agasalhos para senhoras.

◆ ◆ ◆

Nas Ilhas Hebridas ha o curioso costume de amarrar uma corda, com uma taboinha de cada lado, na cabeça das creanças recem-nascidas, porque as moças que não têm a cabeça com a fórma conica não se casam.

ROSA AMELIA, A BOA FADA

NDAVA, certa vez, caçando na floresta, um joven principe, quando, perdido pelo bosque, foi parar á porta de uma casinha, em cujo interior estava sentada uma velhinha.

— Entre, joven Hyppolito — disse-lhe esta, chamando-lhe pelo nome — Queira entrar e esteja em sua casa!

O joven caçador ficou admirado de ser conhecido daquella velhinha e, cedendo á benevolencia de seu convite, entrou e sentou-se satisfeito de haver encontrado, na solidão daquelle bosque, um abrigo tão propicio.

Tendo lhe servido algumas iguarias, correu a velha muito amavelmente á sua adega, afim de trazer-lhe um pouco de vinho, quando, assomando á janella, uma loura cabeça de mulher falou ao joven nestes termos:

— Se tocares nestas iguarias, deverás morrer! Esta bruxa procura envenenar-te!

Disse e desappareceu da janella, quando entrou de novo na sala a velha bruxa, trazendo na mão um cantaro de vinho.

O joven, porém, agradeceu-lhe amavelmente aquillo tudo, allegando que não tinha fome e precisava repousar, pois tinha andado todo o dia.

— Então vá deitar-se — disse a bruxa — pois lá dentro, no quarto, um leito macio o espera!

Foi deitar-se o caçador e, alta noite, aterrorisado, com o que ouvira, resolveu fugir. Quando, porém, estava prestes a partir, surgiu-lhe na frente a velha bruxa, dizendo-lhe:

— Não poderá jámais retirar-se deste bosque, pois se o tentar, confundir-se-á num immenso labyrintho de caminhos que o conduzirão sempre á minha casa!

O joven principe teve, pois, que se submetter á imposição da bruxa, contra cujo poder, pensou elle, seria a prudencia o unico baluarte.

— Dar te-ei a liberdade — continuou a velha — se souber desempenhar amanhã a tarefa que lhe vou desde já determinar. E apontando para o alto. — Vê lá no cimo daquelle carvalho um pequeno ninho? Pois bem, dentro delle estão tres ovos, busque-m'os até ao cahir da tarde e derribe, em seguida o carvalho. Se o não fizer até á tarde, sua vida correrá perigo! — Disse, e entregando-lhe uma serra e um machadinho, sorriu e desappareceu no bosque.

Com aquelles dois pequenos instrumentos nada poderia fazer o joven principe deante de uma arvore secular, e poz-se, então, a scismar nas terriveis consequencias que lhe adviriam até á noite.

Quando assim meditava, appareceu-lhe pressurosa a linda joven loura da janella, que assim lhe falou:

— Não desespere, joven caçador, pois aqui estou para auxilial-o!

A joven então soprou em direcção da copa do carvalho e o ninho, despregando-se do galho, voou pelos ares como terna pomba, vindo cahir-lhe junto aos pés e tendo dentro os tres ovinhos! Em seguida soprou mais uma vez e o carvalho, enroscando-se como uma serpente domada, ruiu por terra, em verdadeira ruina.

A' tarde, quando a bruxa regressou da floresta e viu o carvalho por terra e o ninho na mão do caçador, ficou pallida de ira e ordenou ao joven que se fosse deitar, que na manhã seguinte lhe teria que falar.

O principe foi, então, deitar-se, certo de que jámais escaparia á malicia daquella bruxa, se lhe não viesse mais em auxilio a mão bemfazeja daquella joven loura. A velha, entretanto, dirigiu-se á cozinha e, pondo uma grande caldeira de azeite sobre o fogão, disse a este:

— Accende-te e desperta-me ao romper do dia, pois deveremos cozinhar o joven caçador!

Dizendo isso, foi deitar-se, toda sorridente, sem entretanto, meditar que sempre o genio do bem supera ao genio do mal.

E foi assim que, pela calada da noite, quando tudo dormia naquella solidão, com excepção do infeliz principe, que pensava na afflicção de seus paes, viu approximar-se de seu leito a figura bondosa e meiga da joven loura, que, tomando-lhe a mão, fugiu com elle pela escuridão da noite. Quando o dia começou a raiar, a bruxa arregalou os olhos e perguntou ao fogão:

— Então, não me despertas?

O fogão, porém, respondeu-lhe:

— E' cedo ainda, senhora!

Entretanto, os dois jovens ganhavam terreno em demanda dos limites do encantado bosque. Algum tempo depois, quando já os raios do sol douravam a crista montanha, despertou a bruxa sobresaltada com os gritos do fogão que exclamava:

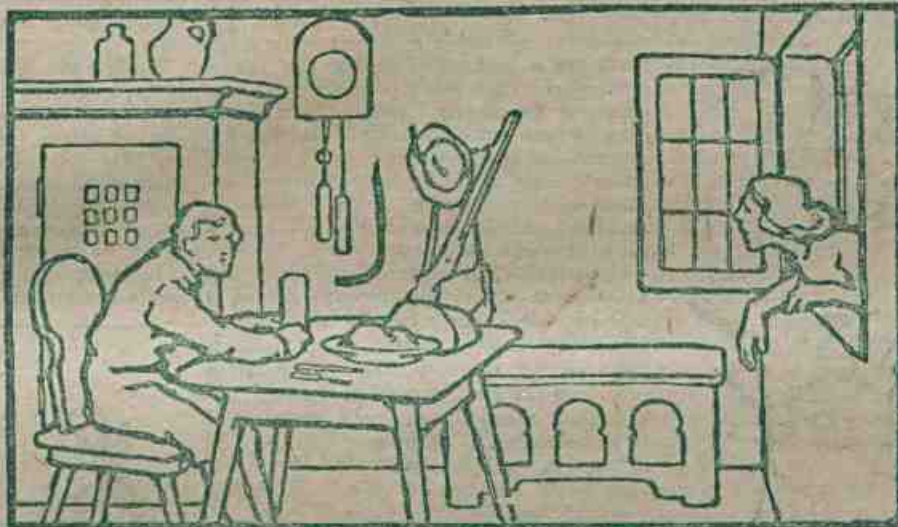
— Desperte, senhora, pois a noite já passou!

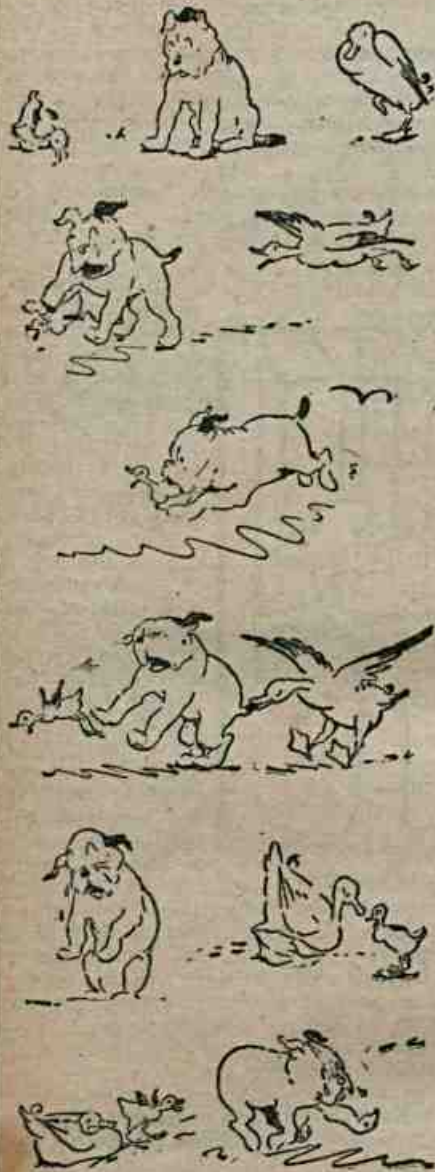
Quando a velha saltou fóra do leito e deu por falta do prisioneiro, os seus olhos sahiram de suas orbitas, e saltando ella sobre uma corça negra que lhe appareceu na frente, varou o espaço, como se fôra uma bala, á caça do joven fugitivo.

Como, porém, os dois jovens já estivessem nas proximidades das fronteiras do encantado bosque, a negra corça triplicou a sua velocidade, zunindo no espaço, como terrivel vendaval.

De subito, disse a joven ao caçador:

— Attenção, que ahi vem a bruxa!

Disse e transformou-se num poço profundo, em cujas aguas mergulhou o principe, transformado em ganso. Neste momento, chegava á beira do poço a mensageira do mal, que,

FOI BUSCAR PATINHO E SAHIU MORDIDO

(Historia muda)

VIDA DE SANTA IGNEZ

Santa Ignez era filha d'uma familia nobre christã, e desde mui nova fizera voto de castidade. Quando tinha apenas treze annos, a sua belleza extraordinaria e o seu caracter meigo fizeram com que a solicitasse em casamento Procopio, filho do prefeito Sinfronio, reinando Diocleciano.

Negou-se ella a acceitar esses amores, dizendo que já estava promettida a um, a quem amava com ternura, querendo referir-se a Jesus. Procopio estava tão apaixonado que adoeceu sériamente de amor, e tendo seu pae conseguido saber a causa da doença, foi pedir á donzella que tivesse dó do desgraçado moço. Respondeu-lhe Ignez da mesma fórma que respondera ao filho; Sinfronio quiz saber quem era o promettido de que ella falava e averigou que Ignez era christã. Isto encheu-o de alegria, porque ella cahia desse modo em seu poder. Ordenou-lhe imperiosamente que casasse com seu filho, ou se fizesse vestal, e como Ignez se negasse a uma e outra coisa, Sinfronio mandou-a prender e submetteu-a a toda a casta de maus tratamentos.

Os soldados arrancaram-lhe o fato até a deixarem completamente nua; porém, a cabelleira de Ignez serviu-lhe de véu, cobrindo-lhe todo o corpo duma maneira milagrosa, e todos quantos presenciaram esse prodigio encheram-se de terror. Levaram-n'a a um lupanar, e a santa pediu fervorosamente a Deus que não permittira que a deshonrassem. Um fato resplandecente desceu do céo e a virgem vestiu-o cheia de regosijo.

Pouco depois, entrou Procopio, julgando encontral-a já submissa; mas o resplendor do fato da santa era tão grande, que o cegou, e o namorado filho do prefeito cahiu no chão tomado de convulsões. Ignez, movida de compaixão pelas lagrimas dos paes do rapaz, conseguiu da clemencia divina que desapparecesse a cegueira deste. Nesse momento, Sinfronio tel-a-ia posto, de boamente, em liberdade; mas o povo, excitado contra os christãos, revoltava-se, dizendo que Ignez era uma feiticeira e pedindo que a matassem immediatamente.

Ataram-n'a a um poste e accenderam em volta della uma fogueira; porém, o fogo consumiu os seus verdugos e poupou-a, nem sequer lhe tocando.

Por fim, a martyr rogou a Deus que a chamasse para o céo, e um soldado trepou pelas achas de lenha e matou-a, degolando-a com a espada. Os christãos, então, enterraram-n'a na catacumba da Via Nomentana, e, desde esse instante, fizeram sua sepultura logar de peregrinações e de devoções.

Oito dias depois de morta, a martyr appareceu aos seus correligionarios, rodeada de outros martyres e tendo ao lado um cordeiro sem mancha; e, falando-lhes, disse-lhes que, afinal, era completamente feliz.

Desde esses tempos primitivos da Igreja, Ignez, a martyr quasi creança, foi objecto de especial veneração por parte das raparigas solteiras. Já no anno 320, Constança, filha de Constantino, o primeiro imperador christão, teve uma revelação em sonhos, mandando-lhe erigir um templo no logar onde jaziam os restos de Santa Ignez, na cidade de Roma.

E, desse modo, se edificou a primeira igreja desse nome.

ILLUSÃO DE OPTICA

Verso — Visto deste modo parece um grande gigante...

Reverso — ...e deste outro se vê que tudo é illusão de optica.

---

reconhecendo no ganso o seu prisioneiro, planejou o modo mais seguro de ali mesmo devoral-o.

Transformou-se, então, num monstruoso dragão e poz-se a sorver com a voraz bocca toda a agua do poço, certa de que a sua presa lhe viria fatalmente ás garras. Quando, porém, se sentiu o ganso arrastado pelas aguas, levantou um vôo altissimo e poz-se fóra do encantado bosque.

Sentou-se, então, sob uma arvore e ficou á espera de que lhe viesse ao encontro a sua loura bemfeitora.

— Quem seria aquella joven poderosa e bella, cujo genio de bondade superava ao poder e á malicia da feiticeira do bosque? — pensava maravilhado o joven principe, que, abandonado na floresta, não tinha mais esperança de voltar á sua patria e de estreitar nos braços a sua querida Leonor, a quem deveria esposar naquelles dias!..-

Entretanto, indignada a bruxa com aquelle insuccesso, vomitou, irada, toda a agua do poço sobre uma sêbe de espinhos, e, transformando-se novamente em bruxa, saltou sobre a corça e voltou veloz para casa, amaldiçoando a tudo que encontrava.

Nasceu, pouco depois, na sêbe de espinhos, uma tenra roseira, em cujos galhos virentes desabrochou uma só rosa, mas tão linda e perfumosa, que attrahia, em torno de si, uma legião de colibris e borboletas, que lhe vinham beijar a rubra face. Era a linda Rosa Amelia. Aconteceu, pois, que passando por ali um humilde pastor, ficou tão encantado com aquella flor mimosa, que quiz leval-a para seu jardim. Morava esse pastor, sósinho, nas immediações do encantado bosque, numa choupana humilde. Ao regressar, pois, á tarde, á sua choupana, depois de recolhido o seu rebanho, encontrou o pastor á sua porta, um joven caçador, que lhe pediu pousada. Era o nosso joven principe, que, tendo esperado em vão pela joven loura, tinha vindo parar nesta choupana.

Foi, então, acolhido amavelmente pelo pastor, que em prova de sua hospitalidade lhe offereceu a linda Rosa Amelia que trazia na mão. O joven ficou muito satisfeito e, sentindo de leve o seu aroma, depôl-a sobre a agua crystallina de um copo de crystal, que foi posto sobre sua mesa. A' noite, quando se recolheu ao quarto, o joven principe sentiu o aroma suavissimo da rosa, que rescendia com toda fragancia. Fitou-a, então, e viu que as suas petalas se entreabriam como num doce sorriso... Quiz approximar-se para beijal-a, porém, neste momento, saltou ella fóra do copo e, quando tocou no chão, transformou-se na linda joven loura, a sua bemfazeja creatura.

— Eis-me aqui, joven Hyppolito; não me esqueço jámais dos bons, pois para esses vivo no mundo. Vou conduzir-te, agora, ao teu reino, pois o teu casamento terá logar amanhã, e toda a côrte está angustiosa com o teu desapparecimento.

Dizendo isso, a Fada Rosa Amelia transformou-se num condor e voou, pelos ares com o principe, rumo ao Reino dos Torreões.

Na manhã seguinte, quando o sol despontava no horizonte e incendiava o mar com seus primeiros raios, pairou sobre a cidade, o bemfazejo condor, que, descendo lentamente e depositando o principe no terraço do palacio em que chorava Leonor, desappareceu, transformando-se numa pequena abelha. A alegria, que invadiu os corações de Leonor e de Hyppolito, que se amavam ternamente, não se póde imaginar, sobretudo neste dia, em que se devia realizar o seu casamento, como de facto se realizou, depois de tantos dias de profunda angustia.

O CASTIGO INEVITAVEL

Por PEDRO URSINI

PERSONAGENS

Carlos	60 annos
Paulo	40 "
Armandinho	12 "
José (criado)	18 "

cenario

Um aposento com uma janella á esquerda e uma porta á direita; uma carteira escolar em um angulo e algumas cadeiras.

PAULO, *entrando e lançando um olhar em torno do aposento* — Ah! não está! (*E virando-se, nervoso, a Carlos, que tambem acaba de entrar*) Vês, papae? Isso se póde aturar?!

CARLOS, *com ar de admiração* — Não está mesmo?

PAULO — E' como vês!... (*E em voz alta, chama*) José! José!

JOSÉ, *entrando á pressa* — Prompto, patrão. Que deseja?

PAULO — Onde está o Armandinho?

JOSÉ, *hesitando* — Não sei... (*E de repente, triumphante*) Ah! Está no jardim!

PAULO — Brincando, não é?

JOSÉ — Não sei se brincando ou estudando, patrão, porque não sei se, quando sahiu daqui, levou comsigo algum livro...

PAULO — Bem, vae!

JOSÉ, *terminando* — ...mas, creio que está estudando (*á parte*) Pobre Armandinho... (*Sahe*).

PAULO, *olhando o pae* — Crês que aquelle malandro esteja estudando?

CARLOS — Não é difficil.

PAULO — Em todo o caso, chamemo-lo. (*Chega-se á janella e chama*) Armandinho, ó Armandinho!

ARMANDINHO, *entrando minutos após, respirando forte pelo cansaço e todo risonho* — Que queres papae?

PAULO, *severamente* — Que estavas fazendo no jardim?!

ARMANDINHO — Ora, papae, eu estava brin... (*corrigindo-se*) não, quero dizer: eu estava estudando...

PAULO — Com a bola, não é?

ARMANDINHO — Não, papae, eu estava mesmo estudando. (*Virando-se para o avô, com ar adulador*) Então não é verdade, vovósinho?

CARLOS — E'.

PAULO, *ameaçando o filho* — Ah, garóto! Além de seres vadio, és mentiroso? Ah, espera!

CARLOS — Deixa-o, Paulo.

ARMANDINHO, *chegando-se ao avô* — Vôvô, vôvô, protege-me!

CARLOS, *abraçando-o* — Não temas.

PAULO, *furibundo* — Então é assim que se educa a um filho, papae? Depois de haver deixado os livros e, por cima, mentido, não se deve punil-o? Quando eu era creança, se me não engano, apanhava com vara de marmello de ti e de mamãe!...

ARMANDINHO, *ingenuamente* — Mas que fiz eu, papaezinho?

PAULO — Deixaste o livro para brincar e, ainda, mentiste, dizendo que estavas estudando.

ARMANDINHO — Ora, papae, eu estava mesmo estudando...

PAULO, *gritando* — Ainda mentes?!

ARMANDINHO — Não, papae, não, e o José póde proval-o...

PAULO — Não prova coisa alguma, garoto, que eu te vi, e tambem quem estuda não se cança tanto, não sûa como um peixe, não fica vermelho como um pimentão!...

ARMANDINHO, *olhando-se como que admirado* — Querem ver que eu virei a um tempo peixe e pimentão?

PAULO, *cerrando os punhos* — Ah, ainda zombas-me?

ARMANDINHO, *scientificando-se de que seu pae não estava de brincadeiras* — Mas, papae, é o senhor mesmo que o está dizendo...

PAULO, *enfurecendo-se cada vez mais* — Ah, ah, continuas? Espera, malandrozinho.

CARLOS, *protegendo o neto* — Paulo, calma! (*E olhando depois Armandinho*) Conversemos sériamente, filho meu.

ARMANDINHO, *admirado* — Sériamente? Que significa isso, vôvô?

CARLOS — Quero dizer, conversemos sériamente sobre tudo isto. (*E tomando um ar grave*) Armandinho, por que deixaste os livros para ir brincar?

ARMANDINHO — Mas vôvô, eu não estava brin...

CARLOS — Não mintas, filho, que é feio.

ARMANDINHO, *abaixando a cabeça* — Bem, vovô, não quero mentir: eu deixei dos livros porque estava com vontade de brincar...

PAULO, *após ter-se acalmado e tomando um ar benigno* — Mas não tens tu, filho, as horas para o brinquedo?

ARMANDINHO — Tenho-as, papae, (*Fazendo uma careta de repugnancia*) mas o estudo é tão "pau"!...

PAULO, *acalmando-se á medida que vae falando* — Tão "pau", dizes, filho? Enganas-te!... O brinquedo, filho meu, é apenas um exercicio physico, mas o estudo é um grande exercicio moral, de mais utilidade, de grande futuro!... Ignoras ainda que, se hoje em nada pensas, quando cresceres deverás atravessar terriveis labyrinthos que nesta vida ha em immensa quantidade? E se não pensares agora que é tempo, no futuro, que será de ti mais tarde, quando fôres homem? Ah, meu filho, és ainda creança, porém deverás pensar que o estudo não só nos ensina grandes coisas, mas nos dá os meios para a luta pela vida... E se estes meios não os quizermos conseguir emquanto creanças, quando homens, não os conseguiremos jámais, e então será o remorso, o arrependimento, a ignorancia, que nos confrangerão a alma!... (*Interrompendo-se e sorrindo*) Não sou orador... mas comprehendeste tudo, meu filho?

ARMANDINHO — Sim, papae, comprehendi. (*Estendendo uma das mãos*) E juro-te que nunca me hei de esquecer dessas palavras e que só brincarei nas horas de folga...

CARLOS — Bravo, Armandinho! E que te tornes um grande cidadão, um bom filho, um fiel filho da nossa patria, do nosso bello e opulento Brasil, são os meus votos mais sinceros!

PAULO — E eu, Armandinho, espero que nunca mais farás o que fizeste e que nunca mais mentirás, não é?

ARMANDINHO — E', papae... mas tu já me perdoaste esta falta?

PAULO, *meio sério, meio risonho* — Não, porque o castigo desta falta é inevitavel.

CARLOS — Ora!...

ARMANDINHO — Ora, papae!...

PAULO — Não temos "ora" que seja, porque se não te castigar serás capaz de refazer o que fizeste.

ARMANDINHO — Mas então qual será esse castigo inevitavel?

PAULO — De ficares um mez "apenas" sem ir ao cinema...

CÃO E GATOS

— Olá — gritou *Sultão*, um cão feroz e mão. — Vou ficar com a bola de vocês.

E os pobres gatinhos contemplavam, tristonhos, a bola que cahira no quintal da casa onde *Sultão* morava.

— Tenho uma idéa! — disse *Mimi*. — Empurraremos com este páo a casa de *Sultão*, emquanto o *Mimoso* pula a cerca e apanha a bola.

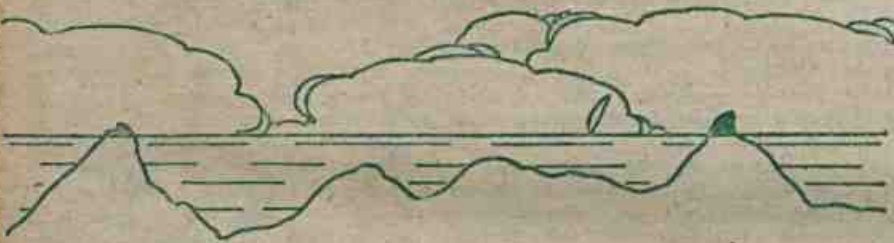
Sultão estava preso á corrente e não poude evitar que arrastassem a casa. E os gatinhos recobraram a bola e foram brincar.

AS ILHAS DA OCEANIA

Oceania é, como os meninos sabem, o menos conhecido dos continentes da terra. Este continente, o mais recentemente descoberto, a parte uma porção de terra, que é propriamente o continente oceanico, a Australia, é formado de ilhas, maiores ou menores, por assim dizer, semeadas pelo Oceano Pacifico, aqui e além, havendo, porém, algumas bastante consideraveis, formando archipelagos. Archipelagos, já vocês sabem, é um grupo de ilhas.

declive que desce a pique, a grande profundidade.

Por muito tempo os navegadores, que foram áquellas paragens, ignoraram a que se devia a repetição constante dessa disposição uniforme: — A corôa, a bacia interior formando um lago e depois o tereno accidentado, a pique, descendo vertiginosamente para os abysmos do Pacifico.

Hoje já se sabe explicar aquelle phenomeno, como vão ver: — Ha no fundo do mar immensas montanhas vulcanicas, isto é, montanhas que vomitam ou vomitavam fogo, como as ha na terra. No cimo dessas montanhas, já extinctas, fixa no logar de onde sahia o fogo e que se chama cratera,

Entre as ilhas da Oceania, espalhadas pela immensa extensão do Oceano Pacifico, ha umas pequenas ilhotas, chamadas "Ilhas Madreporas". Esta denominação vem de que ellas devem sua origem ao trabalho constante e multiplicação de animalculos conhecidos pelo nome de *madreporas*.

E' muito interessante examinar a configuração dessas ilhas, pequenos cantos de terra, umas deshabitadas e outras habitadas por tribus selvagens.

Um grande numero de massiços madreporicos — e nisso é que consiste a grande curiosidade — apresenta no seu meio uma bacia circular de cincoenta a sessenta metros de profundidade. Em volta da bacia ha uma facha de terra, formando uma corôa. Nota-se no exterior dessa corôa, isto é, á beira da ilha que faz face ao Oceano, um

fecham-se as madreporas, agglomeram-se e attingem o nivel das aguas.

Foi o capitão Beechey, celebre navegador inglez, o primeiro que visitou quarenta e duas das Ilhas Madreporicas, verificando que vinte e uma dellas posuiam no seu interior bacias circulares.

Vejam no desenho junto que nos apresenta a silhueta duma dessas ilhotas.

As Ilhas Madreporicas são geralmente pouco elevadas acima do nivel das aguas, podendo por isso ser submergidas pelas ondas. Ha algumas, todavia, e entre ellas a chamada Taluti, que tem montanhas muito elevadas.

Finalmente, as contracções de natureza vulcanicas têm repellido o sólo de maneira a formarem terrenos accidentados, o que dá a algumas das ilhas o aspecto duma miniatura da Suissa.

A MANHÃ

Vem, aos poucos, despontando
A balsamica manhã;
E as aves todas em bando
Vêm cantando, minha irmã.

A cotovia inspirada
Vibra um canto pelo ar;
E, á luz fresca da alvorada,
E' um gosto vel-a cantar.

Tudo sorri, tudo canta
Nessa manhã de esplendor,
Quando essa luz pura e santa
Nos enche de fé e amor.

Quando o rócio da manhã,
Brilhante como o crystal,
Na madrugada louçã,
Enche tudo de ideal.

E, assim, a doce manhã
Vem, aos poucos, despontando;
E, as aves todas cantando,
Nesse eden, minha irmã.

LUIZ JORGE MORATO.

ENGENHARIA INFANTIL

Para alcançar o pote de melado e a caçamba das fructas não basta construir pontes e fazer trabalhos de arte, é preciso que estes tenham pelo menos solidez.

CONVERSA DE CREANÇAS

— Eu queria ser já uma moça...

— Para que? Se fosses moça, estarias agora presa naquelle terraço, a soffrer o mesmo que talvez soffrem alli nossos papás.

Quem não vê a Deus em todas as partes, em parte alguma o encontra. — *J. Petit Senn.*

BEBE-SE MAIS CERVEJA DO QUE VINHO

Produz-se muito vinho em todo o globo; a producção ascende á enorme cifra de 125 milhões de hectolitros, por anno; mas contra elle lucta a cerveja e vence-o, pois della se fabricam annualmente mais de 220 milhões de hectolitros.

O ASTUTO SAPATEIRO

VIVIA numa pequena aldeia da Italia um velho sapateiro, extremamente pobre, que, não achando nem sequer trabalho para a manutenção de seu pequeno lar, passava com sua mulher a mais cruel das privações. Certo dia resolveu declarar á sua esposa:

— Joanninha, estou resolvido a ir ganhar a vida noutras paragens; talvez, mais longe daqui, encontre eu a nossa felicidade.

Dito e feito; Joanninha concordou, e, no mesmo dia, Macario poz-se a caminho rumo ao sul do paiz. Chegando a uma pequena cidade, começou a clamar pelas ruas:

— Quem deseja encommendar sapatos?

Neste momento abriu-se uma janella e uma senhora o chamou, afim de concertar um par de botas. Terminado o serviço a senhora perguntou-lhe:

— Quanto lhe devo?

— Cinco tostões, — respondeu o sapateiro.

— Tome lá uma pratinha, — disse a boa senhora, e vá com Deus!

Macario continuou a sua marcha e mais adeante encontrou novo trabalho.

— Quanto lhe devo? — perguntou a dona da casa.

— Dez tostões, —respondeu-lhe o sapateiro.

A mulher jogou-lhe nas mãos duas pratinhas e exclamou:

— Vá com Deus, que lhe ajude!

Macario estava enthusiasmado, mas escondeu no intimo a sua alegria, dizendo apenas com seus botões:

— Aqui vou ás mil maravilhas! Em breve voltarei á minha casa montado num burrico e com alguns "contecos" na algibeira...

Ao cabo de alguns mezes, Macario conseguiu mesmo juntar uns quinhentos mil réis em moedas de ouro! Foi, então, ao mercado, comprou um burrico por cem mil réis, montou nelle orgulhosamente e regressou á sua aldeia. Quando, porém, atravessava um grande bosque, que fica proximo á aldeia, notou que quatro ladrões se approximavam.

— Desgraçado de mim! — pensou o pobre do Macario, — que vou perder tudo isso que me custou tanto trabalho e fadiga!

Não perdeu, todavia, a calma e concebeu logo uma idéa: poz as moedas debaixo da cauda do animal. Quando os ladrões se acercaram delle, exigindo-lhe a bolsa ou a vida, Macario assim lhes falou:

— Meus amiguinhos, sou um pobre sapateiro e não possuo senão este burrico!

Neste momento o burro suspendeu a cauda e cahiram no chão as moedas!...

— O que é isso? — exclamaram admirados os gatunos.

— Ah! meus amigos, — respondeu-lhes o finorio do Macario, — este meu burro é assim mesmo, e isso constitue o meu unico thezouro neste mundo...

— Queres vendel-o? indagaram os ladrões interessadamente.

— Dar-te-emos quanto desejares!

O sapateiro fingiu recusar a principio, mas depois de muitos rogos e mui constrangidamente vendeu-lhes o burrico por um conto de réis. Antes, porém, de se separarem aconselhou-lhes Macario:

— Ouçam bem o que lhes vou dizer. O ouro é um pomo de discordia! Deverá, pois, cada um de meus amigos, successivamente, possuir o burrico, pelo espaço de um dia; do contrario, não mais reinará a paz entre vocês!

Os ladrões tocaram o burrico cuidadosamente pela estrada, como se fôra um bezerro de ouro, emquanto o nosso Macario regressou á sua casa, cheio de contentamento, pela pechincha que acabava de fazer.

Chegando em casa, banqueteou-se alegremente com sua esposa, e, no dia seguinte, com o dinheiro que possuia, comprou uma grande e prospera vinha. Entretanto tinham chegado os ladrões á sua habitação. O chefe da quadrilha falou:

— A mim é dado o direito de ficar com o burro a primeira noite!

Todos obedeceram, e o chefe ordenou á sua mulher que estendesse na estribaria um luxuoso tapete, sobre o qual deveria passar a noite o precioso burrico. A esposa, admirada com aquella idéa estrambolica, indagou:

— Que tencionas?

— Faze o que te ordeno, — disse o bandido, — e encontrarás, amanhã, muitas moedas!

Na manhã seguinte, ao primeiro canto do gallo, dirigiu-se o ladrão á estribaria, e, o que ali encontrou não era nenhum thesouro... Percebeu, então, o conto de vigario que lhe passára o velho sapateiro.

— Está bem — pensou elle — o velhaco me enganou, mas os outros devem tambem cahir na esparrella.

Horas depois chegou o ladrão, em cuja casa deveria dormir hoje o burrico, e perguntou:

— Então, meu compadre, ficaste rico esta noite?

— Nem te digo, compadre, os thesouros são tantos, que é melhor sentir cada um, como eu, a agradavel surpresa de contemplar no momento o que lhe está reservado!

O ladrão levou o burro comsigo, porém não foi melhor succedido nos thezouros... E assim todos os quatro bandidos passaram pela mesma ridicula decepção!... Na quinta noite encontraram-se os quatro bandidos e cheios de indignação resolveram procurar a casa do sapateiro e estrangulal-o vivo. Momentos depois chegaram á casa de Macario, porém este, que já os tinha observado de longe, quiz pregar-lhes outra peça. Chamou sua mulher, cingiu-lhe o pescoço com uma borracha cheia de tinta vermelha e disse-lhe:

— Quando os ladrões aqui chegarem, proporei restituir-lhes o dinheiro do burro e mandar-te-ei buscal-o dentro de meu quarto; tu, porém, me desobedecerás, e eu, num gesto de ira, fingirei cravar-te o pescoço com um punhal. Cahirás, então, como morta no chão, esvahindo-se em sangue... Logo, porém, que me ouvires tocar a guitarra, te levantarás e começarás a dansar alegremente!

Neste momento entraram os ladrões, que, com mil vociferações, tentaram aggredil-o. Macario, porém, perguntou-lhes admirado:

— Porventura não obtiveram moedas?! Oh! Que desgraça! E' provavel que o pobre do burrico, com a mudança que soffreu, perdesse o seu dom maravilhoso! Não precisamos, todavia, brigar! Estejam descansados que lhes restituirei o dinheiro do burro.

E gritando para a mulher:

— Oh! Joanninha, vae buscar, no meu quarto, aquelle dinheiro da gaveta!

— Não posso, — disse ella, num tom aborrecido, — pois vês que estou fritando os peixes?

— Hesitas, então, em me obedecer?. — gritou elle, avançando irado, com um punhal na mão, e cravando-o no pescoço della.

A mulher cahiu como morta, banhada em sangue...

— O que fizeste, mestre Macario, — exclamaram os gatunos, — sem nada ter commettido a pobre mulher?

— Ora, meus amigos, isso não tem importancia! — disse-lhes o sapateiro, buscando sua guitarra e começando a tocar.

De subito se levantou sua esposa e começou a dansar! Os gatunos ficaram boquiabertos e disseram afinal:

— Mestre, guarda o dinheiro do burro e peça-nos ainda o que quizeres pela guitarra, pois queremos compral-a!

— Não, isso eu não posso vender — respondeu-lhes Macario — porque em cada teima que tenho com Joanninha tiro-lhe a vida, aplacando, assim, a minha ira. Ora, se não fôra essa preciosa guitarra não poderia mais resuscital-a!

Os ladrões tanto insistiram que o Macario vendeu-lhes a guitarra por trezentos mil réis. Sahiram, pois, muito contentes, e quando chegaram em sua aldeia, disse o chefe:

— A mim compete possuir a guitarra em primeiro logar!

Apenas tinha chegado em casa, chamou a sua mulher e disse:

— O que ha para jantar?

— Lingua de vacca, — respondeu a mulher.

— Por que não fritaste uns peixes? — gritou elle, puxando de uma faca e cravando-a no coração de sua esposa, que cahiu sem vida sobre o solo.

O marido tomou a guitarra e começou a tocar. A morta, porém, não mais resuscitou.

— Miseravel sapateiro! — exclamou o ladrão fóra de si. — Já duas vezes que nos enganaste! Desta vez, porém, te custará a vida!

De nada lhe serviam essas exprobações, pois sua mulher era para sempre defunta.

Na manhã seguinte chegou um dos ladrões e perguntou-lhe:

— Então, compadre, como se foi de guitarra?

— Maravilhosamente! — respondeu o inconsciente bandido, — matei minha mulher e apenas comecei a tocar, levantou-se ella como se não tivesse morrido!

— Que assombro! — exclamou o outro gatuno, — quero usal-a hoje mesmo.

Para encurtar a historia: todos os quatro ladrões mataram realmente suas esposas. Na quinta manhã, encontraram-se os

quatro e narraram-se mutuamente a triste historia, resolvendo, então, decididamente, dar cabo do sapateiro. Dirigiram-se á casa do Macario. Este, porém, que já os esperava, tinha prevenido á sua esposa:

— Escuta, Joanninha, se os ladrões chegarem e perguntarem por mim, dize-lhes que me acho na vinha. Ordenarás, então, ao Filó, em presença delles, que me vá chamar. Eu me esconderei no quintal e após algum tempo entrarei em casa como se tivesse sido chamado.

Algum tempo depois chegaram ameaçadoramente os ladrões e perguntaram pelo sapateiro.

— Ah, cavalheiros, elle sahiu agora mesmo para a vinha! Tenham a bondade de esperar que vou mandar chamal-o.

Neste momento ia sahindo Filó e ella gritou:

— Vae depressa á vinha e dize ao teu dono que aqui estão quatro senhores que lhe desejam falar!

Os ladrões clamaram indignados:

— Como é que um cachorro pode chamar o seu marido?

— E' um facto, cavalheiros, esse cachorro comprehende tudo e irá dizer a meu marido o que lhe disse.

Momentos depois chegou o sapateiro, dizendo-lhes:

— Aqui estou, meus amigos, meu cachorro foi dizer-me que me desejavam falar!

— Perfeitamente — respondeu o chefe dos bandidos — viemos ajustar contas comtigo a respeito da miseravel guitarra; pois tens a culpa de termos assassinado para sempre as nossas queridas esposas!

— Naturalmente não tocaram direito... — procurou justificar o Macario.

— Mas não brigaremos por isso, está tudo esquecido — disseram os ladrões — comtanto que nos venda este cachorro!

— Oh, não posso, absolutamente! Não sabem os amigos a utilidade deste cão!...

Debaixo de muitos rogos e ameaças, vendeu elle o Filó, constrangidamente, por setecentos mil réis! Os gatunos levaram-n'o comsigo, e o chefe, como de costume, quiz ser o primeiro a utilisar-se do animal. Conduziu-o, então, para casa, e disse á sua filha:

— Eu vou á casa do hospedeiro; se alguem me procurar, solta o Filó e ordena-lhe que vá chamar-me.

Sendo elle procurado por um amigo, a sua filha soltou o cão e ordenou-lhe que fosse chamal-o. O Filó naturalmente regressou á casa de seu primitivo dono. Quando, pois, o chefe dos bandidos chegou em casa e não encontrou o cachorro, comprehendeu logo que elle voltára á casa de Macario e para lá se dirigiu.

— Mestre Macario, o Filó está por aqui?

— Está aqui, sim, o bom e fiel cachorro! Mas, elle logo se ha de acostumar com o novo dono!

O mesmo aconteceu com os outros tres ladrões, pois o cão voltava sempre á casa de Macario. Na quinta manhã reuniram-se os quatro novamente e resolveram, desta vez, exterminar com o velhaco do Macario, custasse o que custasse. Foram, pois, á sua casa, agarraram-n'o furiosamente e metteram-n'o num sacco, afim de o jogarem no mar. Ao passarem em frente de uma egreja, resolveram ouvir primeiramente missa, pois que eram muito piedosos! Deixaram, então, o sacco fóra da egreja, e entraram. A pouca distancia estava um joven pastor vigiando alguns porcos, o qual cantarolava uma alegre canção. Mestre Macario, que o tinha percebido, começou a gritar em altas vozes:

— Mas eu não quero! Mas eu não quero!...

O pastor ouvindo aquillo, perguntou todo assustado:

— Mas o que não queres, afinal?

— Ah!, meu amigo — respondeu o finorio do Macario — fui mettido aqui dentro afim de casar-me com a filha do rei; eu, porém, não quero absolutamente!

— O que estás dizendo?... — exclamou admirado o pastor. Pois eu faria tudo se fosse possivel casar-me com a princeza!

— Facilimo te será, — disse astuciosamente o Macario. Mette-te aqui neste sacco e casarás com ella em meu logar!... O ingenuo pastor desatou e abriu o sacco, poz o Macario em liberdade e ficou em seu logar. Depois de bem fechar o sacco, apoderou-se Macario de todos os porcos. Quando terminou a missa, os ladrões sahiram da egreja, tomaram o sacco e foram jogal-o nas profundezas do mar.

— Agora nada, se te é possivel, miseravel sapateiro! — exclamaram contentes os quatro ladrões.

No meio do caminho, porém, encontraram-se, cheios de espanto, com o mestre Macario, conduzindo calmamente os seus porcos.

— Ora, meus amigos — disse elle — se soubessem quantos porcos ha no mar! Tanto mais a gente se afunda nas aguas, tanto mais porcos se encontram! Já busquei estes aqui e em breve buscarei mais...

— Ficaram lá muitos ainda?... — indagaram interessadamente os cubiçosos ladrões.

— Tantos quantos possam tirar!... — respondeu o astuto sapateiro.

— Então, vamos lá tirar alguns!... — pediram juntamente os ladrões.

Macario conduziu-os até á praia e disse-lhes:

— Para que possam entrar nas aguas deverá cada um de meus amigos amarrar uma pedra ao pescoço, afim de se aprofundarem bastante, porque os porcos que estavam na superficie das aguas já os apanhei todos.

Cada ladrão amarrou, pois, uma pedra ao pescoço, e, cegos de cubiça, precipitaram-se nas profundezas do mar, onde naturalmente morreram afogados!... Mestre Macario deu uma gostosa gargalhada na praia, depois voltou á sua casa, guiando os seus porquinhos, e, desde então, enriquecido por sua astucia e pelo dinheiro dos ladrões, viveu feliz o resto de sua vida, em companhia de sua querida Joanninha.

A HUMILDADE DO BURRO

REFERE a tradição que, indo uma vez Santo Antonio levar o viatico a um moribundo, succedeu passarem ao seu lado alguns judeus, que se negaram a pôr-se de joelhos; mas nisto, um burro que, por acaso, vinha passando, ajoelhou devotamente, o que foi motivo para aquelles impios se converterem.

Ha, tambem, um monumento no parque que os condes de Shaftesbury possuem no Dorsetshire (Inglaterra), elevado á memoria de *Coster Jack*, bonito burro que, juntamente com um carro, foi dado de presente pelos fruteiros de Londres a um dos condes, indicando por esse modo, que o consideravam membro honorario do seu gremio.

Neste monumento lêem-se uns versos do bispo de Salisbury, elogiando a humildade do burro, e explicando o facto, que acabamos de contar.

O COPO DIABOLICO

ESTA sorte physica, consiste em fazer apparecer ou desapparecer uma moeda de 100 réis, em baixo de um copo, produzindo sempre um grande effeito nos assistentes, e é muito facil a sua execução.

Pega-se um copo e passa-se na beirada uma boa colla ou gomma arabica, colloca-se nella um quadrado de papel fino de côr; logo que esteja secco recortam-se as bordas do papel que tenha ficado para fóra, de modo que o copo fique tapado com a rodella de papel.

Sobre a mesa que se vae realizar a sorte, colloca-se uma folha de papel da mesma côr da que está collocada no copo, e põe-se este sobre a folha de papel com a bocca para baixo. Mostra-se aos espectadores uma moeda, a qual joga-se na folha de papel. Cobre-se o copo com um lenço e pegando-se nelle cobre-se a moeda.

Ao retirarmos o lenço todos ficaram boquiabertos, em ver que a moeda desapparecera!

PARA CONSERVAÇÃO DA MADEIRA

EMBEBENDO-A em substancias que impeçam sua putrefacção, recommendamos, pela simplicidade, o methodo de Burnet, que consiste em deixar por algum tempo a madeira submergida em uma solução de chlorureto de zinco.

A ONÇA

Para Maria Esther e Odila F. Mello

ESFOMEADA, agarrara uma raposa, e a teria devorado se esta não soubesse usar de um estratagema:

— Não me sacrifiques, amiga onça, que tenho uma boa noticia para te dar, regougava a raposa.

— Sim, queres que te solte para fugires, não?... bem pódes contar nas minhas garras, urrou a onça.

— Pois amiga, bem perto daqui estão pastando duas eguas, uma potranca e um potro, que talvez fugiram de alguma fazenda distante; melhor banquetearia ali !...

— A onça soltou-a incontinente e agradeceu a noticia, pedindo desculpas de a ter querido maltratal-a, partindo sem pestanejar!

A astuta raposa tratou de pôr-se no seguro, pois que havia enganado a onça e, se esta não fosse morta pelos tropeiros que lá estavam onde dissera estar os potros, ella procuraria vingar-se.

A onça quando deu pelo logro foi chumbeada, todavia ainda póde fugir.

Descoroçoada de fome, jurou tirar uma desforra da raposa, a todo custo.

Havia naquelles logares só um bebedouro. Para ali seguiu depois de restabelecida; e encontrando o compadre sapo contou a sua desgraça; este, que não apreciava em nada a onça, planejou um meio de eliminal-a:

— Comadre onça, posso ser-lhe util, quando aqui vier a raposa, que é a minha maior desafecta, convidal-a-ei para irmos até lá em cima do Morro Pelado, sob qualquer pretexto e, a comadre só tem o trabalho de esperar lá em baixo do morro ás 10 horas mais ou menos.

A onça acceitou de boa fé...

Quando chegou a raposa, o sapo contou o que havia tramado contra a onça. No dia seguinte a hora matutina lá foi a raposa buscar o sapo.

Fizeram uma fogueira e collocaram no meio uma pedra do tamanho de uma raposa. Quando chegou ás 10 horas, a pedra já estava vermelha como as brazas da fogueira.

— Está lá, comadre onça?...

A onça que, muito impacientemente, esperava, respondeu:

— Aqui estou...

O sapo e a raposa trataram então de fazer rolar a pedra em braza pelo morro abaixo.

Assim que a pedra começou a rolar, o sapo coachou com força:

— Lá vai, comadre, agarra com unhas e dentes.

A infeliz assim fez, queimando-se toda, emquanto o sapo e a raposa retiraram-se satisfeitos por ficarem livres por alguns dias da onça...

Não tardou que a bicharada toda da floresta soubesse do caso.

Um macaco que tambem soube, e que a tudo gostava de imitar, resolveu tambem pregar uma das suas á onça. Procurou-a e, encontrando-a quasi restabelecida, fingio lastimar os acontecimentos e interessar-se pela sua saude; até se offereceu para segurar o sapo. A onça, a principio, não quiz nem ouvir o macaco falar, porém como este se promptificasse a segurar o sapo e pol-o em sua bocca, acceitou. O macaco fez o mesmo que o sapo e a raposa fizeram: collocou no fogo uma pedrinha do tamanho de um sapo, pedindo ao sapo que deixasse segural-o, pois quando a onça viesse elle mandaria que ella abrisse a bocca e fechasse os olhos e trocaria pela pedra.

Quando a onça chegou ficou satisfeitissima de ver o sapo debatendo-se nas mãos do macaco, mas este foi guinchando: — "abra a bocca e feche os olhos", e a onça assim fez; o macaco trocou o sapo pela pedra ardente e, zaz... collocou a pedra quente pela guéla da onça e deu as de "Villa Diogo". E o sapo... agua para que vos quero!

A onça urrou, urrou de dôr, mas... não morreu, e jurou agir sem conselhos de outrem. Se bem pensou, melhor o fez.

Foi ao lago, que era o unico bebedouro dos bichos, dizendo comsigo: aqui permanecerei até me vingar um por um dos meus traidores, porque, ou elles morrerão de sêde, ou aqui têm que vir.

O primeiro que a onça segurou foi o sapo, ao qual declarou: — "compadre traidor, duas vezes tu me queimaste, pois vaes morrer assado"...

O sapo bufava e suava frio e, quando viu a fogueira, julgou-se perdido, mas...

"Eureka! uma boa idéa me veiu", coachou...

Quando a onça disse "agora é hora", começou a coachar com todas as forças dos seus pulmões: — "Pelo amor de Deus, comadre onça, me jogue no fogo, não me jogue na agua... não me jogue na agua, me jogue no fogo!..." E tanto coachou que a onça confundiu-se, e julgou que o sapo fosse tal qual a salamandra, resistisse ao fogo e talvez morresse na agua e... catrapuz, jogou-o na agua. Isso mesmo é que o sapo queria, e, ainda para chasquear, coachou:—"adeus comadre onça, estou na minha *terra!*..." e mergulhou. A onça ficou intrigada e, mais ainda ficou quando viu chegar o macaco com o seu bando pulando pelas arvores sem descer: é que os macacos meio mortos de sêde decidiram, por um meio engenhoso beber aquella agua, custasse o que custasse. Vieram pelas franças duma arvore que pendia para o meio do lago e, segurando uns pelos rabos dos outros, formando uma corda viva, puderam cada um por sua vez saciar a sêde.

A onça raciocinou: se eu saltar, mato-os, mas morro tambem afogada e não me vingo dos outros. Achou melhor resignar, como esperavam os macacos. Cada macaco que trocava o rabo do ultimo logar gritava sempre: — "Aguenta, Felippe!", e os outros guinchavam: — "come fogo, amiga onça"!...

Depois de beberem, lá se foram satisfeitos a guinchar pelo matto...

Porém o resto dos animaes isso não podia fazer e estava quasi morrendo de sêde quando regouga a raposa, que havia de matar a sêde por um meio astuto que imaginara.

Mandou que os animaes ficassem de um lado do lago, que ella viria do outro; assim ficaria a onça no meio. Assim fizeram, ficando todavia distantes e escondidos, e a finoria raposa procurou um mel de páo, lambusando-se toda, sem comtudo deixar de levar umas ferretoadas das abelhas.

Depois rolou por cima de folhas seccas, ficando o corpo totalmente coberto de folhas e, assim, foi beber agua. A onça assustou-se com semelhante bicharoco, mas deixou beber...

No emtanto, vendo beber tanta agua, urrou:

— Amigo folharada, que tanto bebe agua?!...

Regouga a raposa: — "não mais bebi, desde o dia que te queimei"... e, pernas para que vos quero!...

A onça reconheceu-a e tentou agarral-a, entrando pelo matto a dentro... Emquanto isso, os animaes se precipitaram para o lago, bebendo tanta agua e com tal sofreguidão, que o sapo assustou-se e coachou com força: — "camaradas, basta de tanto beber, que eu então fico no secco!..." nisto a onça chegou e vendo aquelle espectaculo, por pouco que não desmaiou, e a bicharada "azulou", não podendo a onça agarrar nenhum!

— Desmoralizada, resolveu vingar-se, custasse o que custasse, da causadora de tudo aquillo — a raposa.

Para isso foi ao campo onde a raposa costumava fazer suas provisões de sororós, codornas, perdizes ou seus ovos...

Mesmo assim não foi capaz de segural-a e, encontrando um burro (que de burro só tem o nome), confessou o seu desgosto!...

PESCADOR DE SORTE

— Nos dez annos que te dedicas a esse sport deves ter pescado muito?

— Sim. Que me lembre foram só vinte e tres pares de sapatos velhos, quatro cães, cinco ratos, varios gatos, noventa resfriados, e ultimamente uma pneumonia.

◇

O TRIGO

Assegura-se, que, até ao anno de 1503, se não conheceu o trigo na America, devendo-se a sua producção a uma casualidade. Um dos aventureiros, que compunham a expedição de Fernão Cortez, encontrou uma porção avultada de bagos de trigo em um sacco de arroz. Mostrando-os ao seu chefe, este ordenou-lhe, que os semeasse. Os resultados foram excellentes. Em poucos mezes appareceram as espigas. Continuou-se semeando, e actualmente o trigo do Mexico é um dos melhores do mundo.

A invenção dos phosphoros é bem recente

ATE' 1825 ACCENDIAM-SE OS CIGARROS COM ISCAS E BRAZEIROS

Em nossos dias não se presta aos phosphoros grande attenção. Usa-se-os e... esquece-se-os. No emtanto se os phosphoros desapparecessem muita gente perderia a cabeça e daria mesmo a cabeça pela cabeça de um phosphoro.

E o phosphoro é de invenção muito recente, pois foi ha menos de um seculo que um John Walker, boticario em Stockton — ou Tees, tornou o fumante independente da isca e das brazas do fogão. Foi um accidental derramamento da solução que, pegando fogo, lhe deu a idéa da invenção — e, elle offerecia ao commercio a sua caixa de phosphoros — *lucifers* — contendo cincoenta phosphoros, que accendiam em papel de lixa. Mas não teve a precaução de tomar patente de invenção, e o mestre escola de Reading, Isaac Haldon, que depois teve a mesma idéa, incorreu no mesmo erro.

Isso dizem os Inglezes. Mas os Francezes contam que em Janeiro de 1831 Charles Sauria, então alumno no collegio de Are, em Dôle, no Jura, inventou os phosphoros. Este facto foi comprovado, mas os Allemães reivindicam a gloria da invenção para Kammerer, que não foi em summa senão o primeiro *fabricante* de phosphoros, em 1832. Por seu turno os Austriacos e os Hungaros attribuem essa mesma invenção a Stephen Roemer, Preshel e Irony...

Os phosphoros suecos não são mergulhados no enxofre, mas em parafina derretida; com estes não ha receio de desprendimento de acido sulfurico, nem de explosão.

A madeira com que se fabricam os phosphoros é enxuta ao fogo, e serrada do tamanho dos phosphoros. Esses pedaços são successivamente collocados numa machina, que corta 25 phosphoros ao mesmo tempo por meio de uma lamina de aço. Essas estrias, são depois mergulhadas em enxofre e em phosphoro.

◇

PARA RECITAR NAS SALAS.

NOITE DE SÃO JOÃO

Eis, no meio da rua, alta pilha de lenha
Embebida em petroleo, achas em symetria
Imitando uma torre. O soar da Ave-Maria
Não finda sem folião, que atear-lhe fogo venha.

De outra noite não sei que mais poesia tenha:
Ao festivo clarão das fogueiras, o dia
Expira. Cada chamma em loucura ou alegria
Parece, e, inquieta, no ar ignea cobra desenha.

Enche o espaço o rumor dos festejos. São dansas,
Mesas lautas, o chiar de fogos, ebriedades
D'alma, estrondos, balões, alaridos de creanças...

E até luzirem d'alva as tenues claridades,
Sonham nos corações dos moços — que esperanças!
Choram nos corações dos velhos — que saudades!

ANNIBAL THEOPHILO.

Um corvo vendo-os, crucitou: — "temos carniça", julgando que o burro seria morto. — No emtanto o burro confessou de si para si: os outros só cooperaram para enfurecel-a e nada mais; porém, eu vou supprimil-a de uma vez, e urrou á onça: — "podemos fazer com que ella caia em suas garras da seguinte fórma: como vê o pasto já está quasi secco, e eu ia mesmo atear fogo para aproveitar um pouco de cinza, mas sobretudo para nascer capim novo e exterminar com os bernes, carrapatos e mil "immundicies" que nos maltratam".

Dest'arte a amiga poderá ajudar-me e, cercando de fogo o campo a raposa não terá por onde fugir e segural-a-á.

A onça, crendo na sinceridade do burro, acceitou.

Puzeram mãos á obra, começando a atear fogo em circulo. Quando estava para fechar a circumferencia ignea, o burro zurrou:

— Agora, amiga onça, é só entrar e segural-a que ella não poderá atravessar o fogo nem por aqui fugir porque eu não deixarei"...

— A onça, sem pensar, entrou no semi-circulo, e o burro ateou fogo no resto fechando a circumferencia ardente, zurrando: — "sacrifico uma raposa tambem, mas extermino a nossa maior inimiga — a onça — e com elles, (onça e raposa), cobras, carrapatos, varejeiras e mil outras immundicies.

O corvo é que não apreciou a obra, porém conformou-se em banquetear a sua maior alliada, a onça!...

A matreira raposa percebendo o perigo, aquelle circulo de fogo, resolveu vender caro a sua vida, e atirou-se resolutamente ao fogo para atravessal-o, o que conseguiu, ficando apenas com o focinho e a ponta do rabo queimados, emquanto a onça, irresoluta, deixou-se perecer, com grande alegria do "mundo animal" daquelles logares!...

— Data, dahi, o medo das onças ao fogo, a ponta do focinho e rabo branco da raposa, em consequencia das queimaduras e a engenhosa maneira de beberem agua dos macacos!...

— Como toda historia requer uma moralidade, lá vae a deste: — "a astucia, isto é, a intelligencia supera a força."

ROMEU ROIZ.

O Caçador -- (Pagina de armar)

JOÃO GARNIZÉ

Totó e Simão
Totó, um cão de vigia estimado, não vivia em boas relações de amizade com o Simão, um mono do vizinho. O macaco vinha todos os dias roubar a sôpa do Totó.
Um bello dia Simão pulou a cerca e encaminhou-se para a vasilha. Totó simulou um somno e estendeu-se de lado, para Simão se approximar descuidado.
O macaco, porém, não era tronxa e percebeu a tramoia e, em vez de se approximar, deu-lhe as costas e afastou-se tendo o cuidado de...
... com essa manobra enfiar a ponta do rabo na alça da vasilha e puxal-a para si. Totó saltou-lhe em cima, mas era tarde: Simão já saboreava a sopa.
A. Rocha

Escoteiros do Brasil

Bravos, legião gentil, phalange alvicareira!
Soldados do Porvir, cidadãos de Amanhã,
vós hasteaes, cantando, a fútura Bandeira
do proximo explendor da patria Brasileira,
de quem sois a esperança irisada e louçã.

Não vejo em vós sómente a pleiade luzida
que se varonilisa e acrysola o caracter
com o arnez do Bem e do valor cingida,
tambem enxergo em vós, Hellade resurgida,
o Brasil grande e forte, excelsa terra mater!

Preparae-vos assim, na escola do Escotismo,
o animo apparelhando a toda nobre empresa,
a erguer alto a Nação, num heroico lyrismo,
tendo n'alma, onde fulge a chama do civismo,
o culto do ideal da Força e da Belleza.

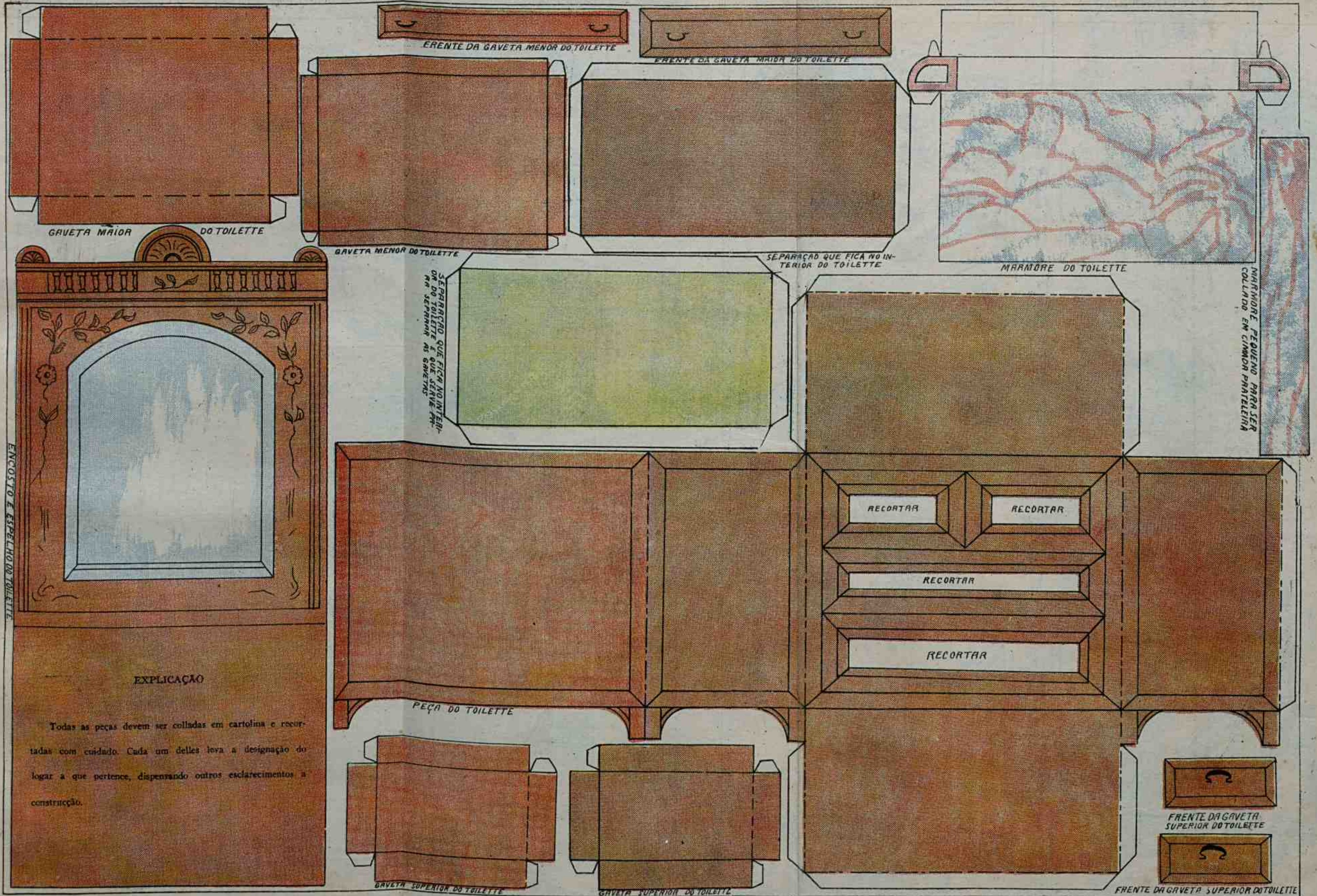
Assumistes feliz compromisso sagrado
ao jurardes cumprir com honra o vosso Codigo:
meninos, o futuro a vós é confiado!
Promettestes a gloria ao Brasil abençoado:
cada um de vós — de amor — seja por elle prodigo!

Cruzadas juvenis dessa missão grandiosa,
ainda creanças, agis como os athletas agem,
só pelo bem da patria adorada e formosa.
E eu saudo os que vão pisando a luminosa
estrada do Dever, do Altruismo e Coragem!

Salve meninos! Sus, garbosos escoteiros!
Entoae ao Porvir hymnos de mocidade,
pequeninos heroes, delicados guerreiros,
que futuraes assim pujantes Brasileiros
para honrar o Paiz e a Nacionalidade!

JOSE' SIMÕES

Belém — Pará.

O toilette de Lili

FRENTE DA GAVETA MENOR DO TOILETTE

FRENTE DA GAVETA MAIOR DO TOILETTE

GAVETA MAIOR DO TOILETTE

GAVETA MENOR DO TOILETTE

SEPARAÇÃO QUE FICA NO INTERIOR DO TOILETTE

MARMORE DO TOILETTE

MARMORE PEQUENO PARA SER COLLADO EM CIMA DA PRATELEIRA

SEPARAÇÃO QUE FICA NO INTERIOR DO TOILETTE E QUE SERVE PARA SEPARAR AS GAVETAS

ENCOSTO E ESPELHO DO TOILETTE

RECORTAR

RECORTAR

RECORTAR

RECORTAR

PEÇA DO TOILETTE

EXPLICAÇÃO

Todas as peças devem ser colladas em cartolina e recortadas com cuidado. Cada um delles leva a designação do logar a que pertence, dispensando outros esclarecimentos á construcção.

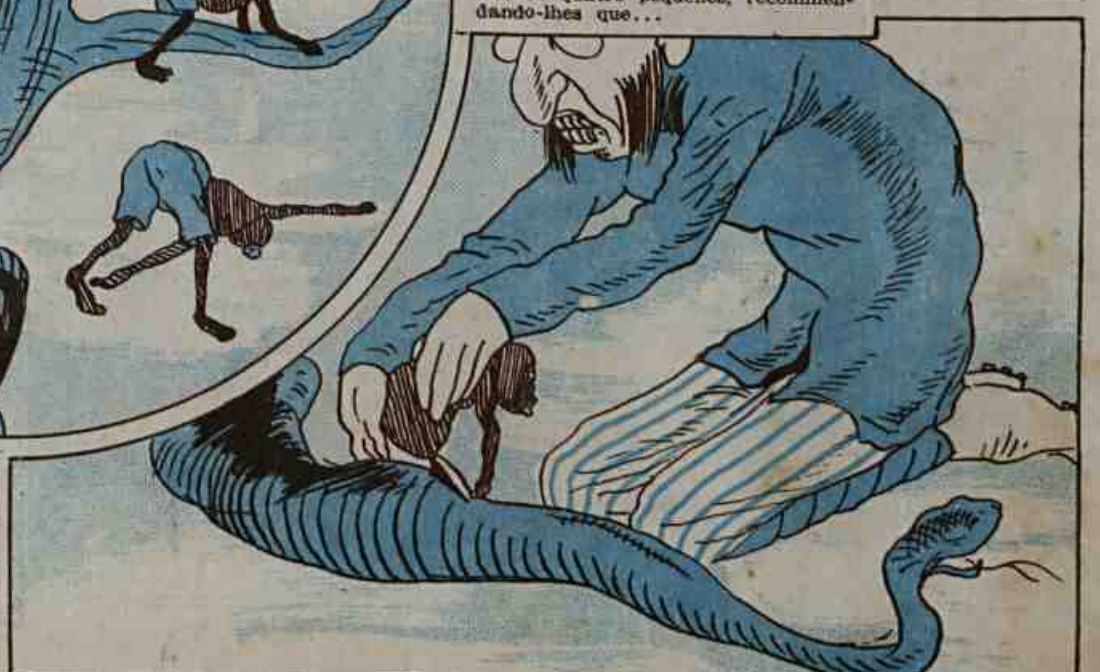
FRENTE DA GAVETA SUPERIOR DO TOILETTE

GAVETA SUPERIOR DO TOILETTE

GAVETA SUPERIOR DO TOILETTE

FRENTE DA GAVETA SUPERIOR DO TOILETTE

NA AFRICA

Mister Jones andava a apanhar animaes na Costa d'Africa. Já tinha algumas cobras e muitos insectos, quando um dia pretendeu f a z e r umas pesquizas. Para isso teve que tomar um guia.
NÃO ABRA
COBRAS
Acontece, porém, ter o guia quatro filhos pequenos que não podiam caminhar, e então mister Jones preparou a sua barraca e nella deixou os quatro pequenos, recommendando-lhes que...
COBRAS
...não bulissem na canastra das cobras. Mas, mal havia voltado as costas, os pequenos abriram a canastra e uma "boa constrictor" engulliu os quatro negrinhos, que tentaram debalde escapar.
Felizmente o guia e o inglez viram tudo e correram para a barraca. Com grande pezar, mister Jones sacrificou a giboia e tirou, quasi mortos, transidos de medo, os "gurys" teimosos e buliçosos.
A. ROCHA

Ultima fórma!

Jeff, abra a porta, quero entrar! — dizia Mutt. — Sobe pela corda, porque eu perdi a chave da porta e subi...

...a pulso. *Mutt*, para não passar por fraco, em quatro braçadas e.. galgou o peitoril da janella, que...

...tinha apenas quatro metros de altura. Mal, porém, havia posto as mãos no...

...peitoril, deu um salto formidavel, soltando a corda. E' que *Jeff* apresentou-lhe uma mascara de lobo.

— Ultima forma! gritou *Jeff*, quando *Mutt* entrava de cabeça numa pipa cheia d'agua.

Julia — a Encantadora

VIVIA certa vez um mercador, que, sendo casado ha doze annos, possuia apenas uma filha, a Julia, a Encantadora. Tinha ella oito annos, quando morreu sua querida mãe. Esta, na hora da morte, chamou-a junto de seu leito e, tirando do bolso uma boneca, entregou-lh'a dizendo:

— Ouve bem, minha filha, as minhas ultimas palavras! Vaes ficar só no mundo, porém deixo-te, com minha benção materna, esta boneca; esconde-a cuidadosamente comtigo e não a mostres a ninguem! Todas as vezes que te acontecer alguma desventura, dá-lhe de comer e roga-lhe um maternal conselho! Ella saberá, então, livrar-te de tuas penas!

Findas estas palavras, a pobre mãe beijou carinhosamente a filha e morreu. Com a morte da esposa, o pae ficou naturalmente muito pesaroso, porém em breve veiu-lhe a idéa de novo casamento.

Escolheu, então, para esposa uma viuva já um tanto idosa, e que tambem tinha duas filhinhas mais ou menos da mesma idade de Julia; seria, de certo, boa mãe e uma experimentada dona de casa. Casou-se, pois, com ella, mas não muito tardou em perceber que não tinha encontrado na viuva uma dedicada e boa madrasta para sua filha.

Julia era a mais bella menina da aldeia. Isso, pois, ia ferir o amor proprio da invejosa madrasta e de suas orgulhosas filhas, que, desde então, começaram a dedicar-lhe o maior desprezo, fatigando-a com todos os trabalhos possiveis, afim de ver se ella se tornaria feia e crestada pelo sol. Ella, porém, ficava cada vez mais bella, emquanto a madrasta e suas duas filhas se tornavam mais feias dia a dia.

O facto é que a abençoada boneca já lhe vinha prestando seu auxilio... Sem ella, certamente que Julia não teria resistido a tantos affazeres.

Por isso é que quasi nunca comia por occasião da refeição, sendo, então, taxada de gulosa pelas outras, pelo facto de guardar sempre comsigo alguns pedaços das mais saborosas iguarias que havia. Mal sabiam ellas, porém, que, no silencio da noite, encerrada no seu modesto quartinho, tomava Julia a sua boneca e dava-lhe de comer, dizendo:

— Come, mamã, e ouve os meus lamentos! Vivo com papá, mas tenho infeliz e triste sorte! Minha madrasta quer-me mal até á morte! Dize-me o que

devo fazer, afim de supportar uma tal vida!

A boneca comeu, deu-lhe muitos conselhos, consolou-a bastante, e na manhã seguinte encarregou-se de todo seu trabalho. Julia teve, pois, tempo de passear e colher flores, e, entretanto, todo trabalho estava prompto; o canteiro regado, as couves recolhidas, a agua carregada e o fogão aquecido! Assim lhe parecia a vida mais doce e supportavel!...

Os annos se passaram e com elles desabrochava mais e mais a formosura da encantadora Julia. Constituia ella o sonho dourado de todos os mancebos daquella formosa aldeia. Todos, ao contrario, menosprezavam as filhas da madrasta, agora mais invejosa do que nunca, a qual dizia a todos os pretendentes de Julia, "que a sua filha ainda era muito joven," desafogando assim o seu terrivel odio contra a innocente e desventurada menina. Certa vez precisou o mercador fazer longa viagem. A madrasta, pois, retirou-se para uma casa, que havia nas proximidades de um bosque. Havia nesse bosque um lindo prado, dentro do qual existia uma cabana, habitada pela bruxa Lucia, a mulher que bebia sangue humano como se fôra caldo de gallinha. A pobre Julia era, por isso, muitas vezes enviada ao perigoso bosque, porém voltava sã e salva, pois a boneca lhe mostrava o caminho que evitava a cabana de Lucia. Tendo chegado o ou-

tono, a velha distribuiu, certo dia, o trabalho nocturno com as tres moças: uma devia fazer rendas, outra bordar meias, e Julia tecer uma grande quantidade de fios de lã. Cahindo a noite, a madrasta apagou todo o fogo que havia em casa, deixando apenas uma vela accesa alumiando o trabalho das filhas, e foi deitar-se. A vela ardia intensamente. Uma das filhas tomou uma thesoura, e com o pretexto de arranjar a torcida, apagou propositalmente a vela.

— O que fazemos agora?... — perguntaram as irmãs mutuamente.—Em toda casa não arde nenhum fogo e o nosso trabalho ainda está por terminar! Precisamos buscar fogo na cabana da velha Lucia!...

— Eu não vou — exclamou a que fazia rendas — pois os meus alfinetes resplandecem bastante!

— Eu tambem não vou — disse a que bordava meias — a minha agulha já sabe o seu caminho!

Exclamaram, então, as duas juntamente:

— Tu, pois, Julia, deves ir á cabana da velha Lucia!

Julia retirou-se tristemente e dirigiu-se ao seu quarto. Deu de comer á boneca e exclamou:

— Come, mamã, e ouve os meus lamentos! Mandaram-me buscar fogo na cabana da velha Lucia; tenho certeza que ella me sangrará!

Os olhos da boneca brilharam como dois fócos de luz e ella então falou.

— Nada temas, querida Julia! Faze o que te ordenam e leva-me comtigo! Emquanto me conservares ao teu lado, nada te fará a velha Lucia!

Julia poz a boneca no bolso, fez o signal da cruz, e entrou timidamente pelo bos-

que. De repente passou velozmente na sua frente um cavalleiro de branco, num cavallo branco; neste momento, appareceu a luz.

Mas adeante encontrou um cavalleiro rubro; surgiu, neste momento, o sol no horizonte. Julia andou todo o dia e toda a noite, e na tarde seguinte chegou á cabana da velha bruxa. A sebe que rodeava a cabana era tecida de ossos humanos, e sobre as estacas viam-se enfiados os craneos das numerosas victimas da velha sanguinaria! A pobre menina ficou horrorisada. De subito viu passar um terceiro cavalleiro, negro como a noite, o qual desappareceu bruscamente, como se tivesse sido absorvido pela terra; era a noite que cahia. As trevas invadiram o espaço, porém os craneos começaram a resplandecer, ficando tudo claro como se fôra dia!

Julia continuava transida de medo, mas não se movia do logar, pois nem sabia para onde deveria fugir... De repente ouviu um grande rumor que vinha do interior do bosque. As arvores estalavam e as folhas rugiam, como um terrivel furacão!

Era a velha Lucia, que, dentro de um tonel, corria como um raio, trazendo na mão uma vassoura com que apagava pelo chão os vestigios de sua vertiginosa marcha. Parando em frente do portão, farejou o ambiente e exclamou:

— Ha nesta casa sangue humano!... Quem está lá?

Cheia de pavor, Julia approximou-se da bruxa e disse-lhe:

— Sou eu, minha avózinha! Aqui vim a mandado das filhas de minha madrasta, á procura de fogo!

— Bemvinda sejas, minha filha, pois já te conheço! — exclamou a velha bruxa.

— Fica, pois, aqui commigo, no trabalho, e depois levarás fogo; do contrario, serás devorada em dois segundos!

Dizendo isso, a velha postou-se na entrada e exclamou:

— Abre-te, porta!

A porta se abriu e a bruxa entrou com a linda Julia. Chegando á sala de jantar disse a velha:

— Traze-me depressa o que achares no fogão; quero comer!

Julia obedeceu promptamente. Tirou do fogão um grande prato cheio de comida e o trouxe á velha Lucia. Esta devorou quasi todo o alimento, deixando á pobre Julia apenas um restinho de sopa e uma fatia de presunto. A bruxa antes de dormir disse á menina:

— Olha: amanhã, logo que eu sahir, deverás limpar o pateo, varrer a casa, preparar o almoço e lavar toda a roupa!

Depois iras ao campo e colherás a quarta parte do trigo que lá houver. Se não fizeres tudo isso antes de eu voltar, serás devorada por mim!

Quando terminou essas palavras, começou a roncar profundamente. Julia recolheu-se ao seu quartinho, e, dando de comer á sua boneca, exclamou:

— Come, mamãe e ouve os meus lamentos! A bruxa Lucia impoz-me dura tarefa e ameaçou devorar-me, caso não estivesse tudo prompto até o seu regresso! Vem, pois, em meu auxilio!

— Não temas nada, encantadora Julia! Come, reza e dorme descansada!" — assim disse a boneca. Na manhã seguinte, antes do nascer do sol, a bruxa levantou-se, approximou-se da janella, e, passando velozmente o cavalleiro branco, a luz appareceu. Dirigindo-se ao bosque, a bruxa deu um grande assobio e surgiram, na sua frente, o tonel e a vassoura. Neste momento passava o cavalleiro rubro, e o sol apontou no horizonte. Entrando no tonel, a bruxa partiu com a tempestade pelo bosque a dentro. Quando Julia despertou achava-se sózinha. Maravilhada com a riqueza da cabana, Julia começou a pensar por que trabalho devia começar. Grande, portanto, foi o seu espanto, ao ver que tudo já estava prompto!...

Tinha sido a leal boneca que, justamente naquelle momento, recolhia o ultimo grãozinho de trigo.

— Vem cá, meu anjinho — disse Julia com carinho — tiraste-me agora de um grande perigo! Recebe, pois, de mim um beijinho, como prova de minha gratidão!

— Deves preparar apenas o almoço — recommendou-lhe a boneca, recolhendo em sua caixa.

A' tarde, Julia poz cuidadosamente a mesa e esperou a velha bruxa. Já ia anoitecendo. De subito passou veloz o cavalleiro negro e tudo escureceu. As arvores começaram a estalar, as folhas a rugir, e, em pouco entrava a velha Lucia, a cujo encontro correu pressurosamente a bella Julia.

— Aprompraste tudo? — perguntou a bruxa com olhos ameaçadores.

— Conforme me ordenaste, senhora! — respondeu Julia.

A bruxa examinou tudo, rangeu os dentes por não poder censurar nada, e disse: Muito bem!

Olhando, então, para um canto da sala, gritou:

— Fieis creados, tragam o meu almoço!

Appareceram, então, tres pares de mãos fortes, tomaram a panella que fervia no fogão e trouxeram-n'a á bruxa. Esta comeu bastante e, ao deitar-se, falou á linda Julia:

— Faze amanhã a mesma cousa! Além disso separa na areia os grãos pretos dos brancos, pois alguem teve a malicia de juntal-os!

Terminando essas palavras, a bruxa adormeceu. Julia recorreu novamente á sua boneca, e esta respondeu-lhe: Reza e dorme! Tudo se arranjará, encantadora menina!

Na manhã seguinte, a bruxa partiu para o bosque e Julia com o auxilio da boneca conseguiu aprompiar todo o trabalho. Quando á noite regressou, a bruxa ficou admirada e exclamou:

— Fieis creados, tragam-me o almoço!

Appareceram, de repente, os tres pares de mãos e serviram-lhe o almoço. A velha Lucia sentou-se á mesa e a seu lado permaneceu calada a linda Julia.

— Por que motivo te conservas calada? — perguntou a velha bruxa.

— Porque temo falar — respondeu humildemente — mas já que para isso tenho permissão, consenti que vos faça uma pergunta.

— Fala, minha filha! Mas, olha que nem toda pergunta traz o bem e muita sabedoria faz envelhecer depressa!

— Não, minha avózinha — respondeu a meiga Julia — Queria apenas perguntar-lhe alguma cousa sobre o que tenho visto neste prado! Quando, por exemplo, eu vinha para cá, encontrei no caminho, um cavalleiro branco, que passava velozmente; quem era elle?

— O resplandescente dia — respondeu a velha bruxa.

— Mais adeante, encontrei um outro rubro; quem era esse?

— O incandescente sol — tornou a responder a velha.

— E o negro cavalloiro que por ultimo encontrei? — continuou Julia.

— Esse era a noite — respondeu ainda a velha bruxa. Esses são os meus tres fieis creados...

Julia pensou, então, nos tres pares de mãos, mas não disse nada...

— Porque não continúas? — perguntou-lhe a bruxa.

— Já sei bastante, vóvózinha. Pois a senhora mesma disse ha pouco que muita sabedoria fazia envelhecer depressa!...

— Foi muito bom que me tivesses perguntado sómente o que observaste pelo bosque e não o que viste nesta casa... Pois tenho sempre devorado vivo a quem mostra curiosidade de sabel-o! Agora te pergunto eu: de que modo consegues cumprir a tarefa que te imponho?

— Com a benção de minha mãe! — respondeu-lhe com lagrimas nos olhos a pobre Julia.

— Assim?!... Então, parte daqui immediatamente, filha, pois detesto aos abençoados!...

Dizendo isso, a bruxa tomou Julia pelo braço, jogou-a fóra da porta, e tirando da sebe um craneo incandescente, enfiou-o num bastão e entregou-lh'o, exclamando:

— Toma o fogo e conduze-o ás filhas de tua madrasta, já que te enviaram aqui com esse fim!

Julia encaminhou-se pelo bosque-afóra, alumiada pela luz phosphorescente do craneo. Na manhã do dia seguinte, avistou a casa da madrasta. Quiz lançar fóra o craneo, mas ouviu de repente uma voz que lhe disse:

— Não me jogues fóra, pois tua madrasta me procura! — Olhou então, para as janellas da casa e não viu nenhuma luz. Resolveu, pois, entrar. Foi amavelmente recebida pelas irmãs, que lhe affirmaram estar sem luz, desde a noite de sua sahida.

— Talvez arda este teu fogo, Julia — disse a madrasta tomando o craneo e conduzindo-o para o interior da casa. Os olhos do craneo, porém, começaram a fital-as com tanto odio e ardor, que ficaram logo chamuscadas. Não puderam fugir delles, e no dia seguinte estavam todas transformadas em cinza... Apenas Julia dormia calmamente no seu leito. Julia abandonou, então, a casa amaldiçoada e correu para a cidade. Ahi chegando, pediu a uma pobre velha que a acolhesse até á volta de seu pae.

— Pois não, minha menina; esta casa é sua; fique commigo!

Julia pediu-lhe que comprasse um pouco de linho, que desejava fiar. A boa velha comprou-lhe muito linho e Julia começou a trabalhar. Com o auxilio da boneca abençoada, Julia conseguiu até o fim do inverno tecer grande quantidade de alvissimo e delicado fio, com que presenteou á boa velha, dizendo-lhe:

— Tome vóvó; venda este fio e fique com o dinheiro!

A velha, vendo o precioso fio, exclamou maravilhada:

— Filha, como conseguiu você tecer tão precioso fio? .. Sómente o principe é digno de tal obra!

Encaminhou-se, pois, ao palacio do principe, com o precioso objecto, e, chegando em frente do terraço, disse ao principe que estava na janella:

— Principe, trago aqui uma obra preciosa, que não venderei a outro senão a vós!

O principe ordenou-a que subisse e, contemplando o fio, ficou realmente encantado.

— Quanto queres por isso? — perguntou elle.

— Não ha preço que me pague essa obra! Eu vol-a offereço, entretanto, como uma simples dadiva!

O principe confessou-se agradecido e, em recompensa, deu-lhe uma grande somma de dinheiro. Resolveu, pois, mandar fazer camisas com aquelle fio precioso; nenhuma costureira, porém, foi capaz de trabalhar com materia tão tenue e delicada. Cansado de procurar, o principe mandou chamar a velha mercadora e disse-lhe:

— Tu que tiveste a agilidade de tecer um fio tão delicado, terás tambem habilidade de, com elle, me costurar algumas camisas!

— Não fui eu que fiei aquelle linho, senhor principe — respondeu a velha, mas uma joven que hospedei em minha casa!

— Então — disse o principe — ella se encarregará de me fazer esse delicado trabalho.

A velha voltou á sua casa e narrou tudo á Julia.

— Eu já sabia que esse trabalho viria parar em minhas mãos — disse Julia sorrindo. A joven trancou-se em seu quarto com sua boneca e tinham em breve manufacturado uma duzia de finissimas camisas.

A velha levou as camisas ao principe, emquanto Julia, vestindo-se e penteando-se, poz-se á janella, afim de observar de longe a alegria do joven principe.

Momentos depois, um creado do principe approximou-se de sua janella e disse-lhe:

— Joven artista, o principe deseja beijar-lhe as mãos pessoalmente...

Julia, a Encantadora, confusa na sua modestia, dirigiu-se humildemente ao palacio.

Ao contemplal-a, o principe ficou ma-

ravilhado, e com o simples contacto de seus labios sobre a mão alvissima de Julia, o seu coração inflammou-se de amor por ella. Julia foi pedida em casamento pelo principe, e, dias depois, festejavam pomposamente o seu matrimonio.

Quando seu pae regressou da viagem, ficou deslumbrado com a dita de sua filha e foi residir no palacio.

Com a princeza Julia foi morar tambem a boa velhinha, que muito concorrera para sua ventura.

E a abençoada boneca?

Esta foi depositada num luxuoso throno, de onde, até hoje, nunca mais sahiu, pois nunca mais tambem teve a linda Julia a menor contrariedade na vida...

A FÉ'

Apenas os primeiros albores annunciavam o começo do dia, quando Pedro e José, dois pescadores, pegaram na barca e tomaram rumo ao alto mar. Atiraram as rêdes, e maravilhados, presenciaram ao nascer do sol. Lá longe, no horizonte, surgiam uns reflexos amarellos que poucos instantes depois foram se espalhando por todo o céo, tornando-se as nuvens mais proximas de um vermelho encarnado, purpureo. Em seguida, appareceu uma bola de fogo, e em breves momentos os primeiros raios do sol beijaram o mar.

Como era lindo! As montanhas a pouco invisiveis, encobertas por um nevoeiro, surgiam agora cobertas de densas mattas, que de longe parecem massam negras, ao olhar inexperiente. O verde mar reflectia scintillações doiradas que obrigaram os pescadores a desviarem seus olhos, por ellas doloridos.

José e Pedro puzeram-se novamente a remar até que perderam de vista a terra. Como o sol se tornara ardente, elles se estenderam no fundo da barca e adormeceram profundamente. Um forte balanço da barca os despertou, e assustados, viram uma columna de nuvens pretas, que cobria rapidamente o céo todo com um espesso véo negro. Tornaram-se côr de azeviche as ondas e brancas espumas lambiam a barca como se quizessem desde já mostrar que tinham vontade de a devorar.

Altas vagas se atiravam com impetuosidade contra a barca de lado a lado e rapidos coriscos e relampagos seguidos por surdos trovões rasgavam as nuvens. José e Pedro agarraram os remos para experimentarem de voltar á terra, mas o vento, que se tornara rijo, parou subitamente e uma calma aterrorizadora reinou por segundos no mar, mas logo em seguida o furacão se abateu com redobrada força sobre as aguas e os pescadores já se sentiam perdidos, pois a tempestade se juntara um denso nevoeiro que lhes impossibilitava toda orientação, quando viram surgir da escuridão uma belissima moça que se sentou ao leme da barca e a guiou, sorrindo-lhes com doçura. Nova coragem os invadiu e puzeram-se a lutar com energia contra a tormenta. Depois de longas horas de incriveis fadigas e perigos, alcançaram a praia. A tempestade passara e o sol rompendo o nevoeiro, enviava os seus ultimos raios á terra, doirando a figura da moça, que saltando da barca disse aos pescadores estupefactos: "sem mim, vocês teriam perecido nas ondas. Eu sou a Fé. Só appareço aos homens nos perigos os mais eminentes, e quem então me possue nada teme". Dizendo isto ella se foi elevando no espaço e sumiu nas nuvens, deixando os dois pescadores em estado de não saberem se tinham sonhado ou se aquillo fôra realidade.

ATINNA DLAWE.

O NO' NA CORDA

PROPOR a uma pessoa que ella não será capaz de fazer um nó no meio de um barbante estando segura as suas duas extremidades.

Isto que parecerá impossivel é, comtudo, facilimo, se não vejam só:

Colloquem o cordão estendido sobre uma mesa, cruzem os braços de modo que a mão direita fique passada por cima do braço esquerdo, e a mão esquerda por baixo do braço direito.

Segurem, nesta posição, as duas extremidades do barbante, com ambas as mãos. Descruzem os braços e logo verão o nó produzir-se no meio do cordão!

AUXILIO INESPERADO

(HISTORIA MUDA)

O 45 MYSTERIOSO

COMO se póde dividir o numero 45 em quatro partes eguaes, de modo que, se á primeira ajuntar-se dois, da segunda subtrahir-se dois; da terceira multiplicar-se por dois, e dividir-se a quarta por dois — o resto da somma, o producto da subtracção, o resto da multiplicação, e o quociente da divisão sejam eguaes?!

Basta verificar o quadro abaixo para poder-se obter a fracção desta somma.

A 1ª é 8 + 2 = 10
A 2ª é 12 — 2 = 10
A 3ª é 5 × 2 = 10
A 4ª é 20 ÷ 2 = 10
—
45

O PÃO DO DIA ANTERIOR

Póde ser aproveitado pondo-se um instante em agua fria e collocando-o novamente no forno. Após essa simples operação, elle não se differencia em cousa alguma do pão que acaba de sahir da padaria.

Outro processo, que dá o mesmo resultado consiste em envolver o pão em um panno muito limpo e mettel-o assim em agua quente, da onde se retirará após alguns minutos.

DEDICAÇÃO EXTREMADA

No terreiro da fazenda os colonos amainhavam a boiada, que pachorrentamente seguia para os curraes. Finda a tarefa anoitecera. O luar esplendido projectava a claridade, de manso, por sobre a campina, que se estendia leguas e leguas. Na plenitude daquelle scenario magnifico, o velho casario tinha o aspecto das cousas immortaes. De quando em quando, um gemido lancinante era escutado, acordando as almas piedosas que lamentavam tanto soffrimento. Vinha raiando a manhã... Naturalmente, a vida despertava, e com o vozerio de pessoas que rodeavam o leito da moribunda.

Atravez, na claridade de uma janella aberta, a luz de um velho candeeiro definhava. Nos estertores da agonia, uma joven, cheia de esperanças, afagava um gatinho, qual mãe extremosa se dedica a um filho, e, com a voz sumida pelo cansaço, segredava-lhe ao ouvido: "Vou morrer, adeus para sempre!..." E, desprendendo-o carinhosamente, deixara-se ficar immovel. Estava morta.

O meigo gatinho, vendo paralysar-se suas feições, olhava em derredor, arriscava um salto, e já livre, correu atemorisado, lamentando em sua fuga aquelle desenlace inesperado.

HUMBERTO SALDANHA.

OS DADOS MATHEMATICOS

PEDIMOS a uma pessoa que durante a nossa ausencia, lance, sobre uma mesa tres dados. Sommam os pontos que marcam. Vire um d'elles e veja o numero que marca a parte opposta, juntando á somma obtida. Torna a jogar este dado sobre a mesa, e o numero de pontos que marcar accrescentará á dita somma.

Feito isto, que nos chame.

Agora, para advinharmos esta somma basta olharmos para os dados que estão sobre a mesa, e juntar o numero 7, aos pontos dos tres dados e eis resolvido o problema...

SERRAGEM E PETROLEO CONTRA OS MOSQUITOS

A serragem impregnada de petroleo e atirada ao acaso sobre as aguas paradas, destróe as larvas dos mosquitos e, se se trata de um campo de cultura de arroz, tem a vantagem de matar as larvas de mosquitos sem prejudicar a colheita. Treze ou quatorze litros de petroleo chegam para impregnar cem kilos de serragem, e á segunda applicação do tratamento as larvas são todas destruidas. O methodo da serragem é preferivel porque os outros não permittem a distribuição por egual do petroleo.

A VISTA

E' um caso quasi geral não se vêr egualmente com ambos os olhos; quando a differença é exaggerada deve se consultar um especialista.

O THORAX

SE o perimetro do peito não é de dois centimetros maior que a metade da altura deveis receiar a tuberculose.

MYOPIA

A falta de exercicio é uma das causas que mais contribuem para a myopia das creanças.

A origem da chuva

(LENDA AFRICANA)

Todos os habitantes da Africa Oriental allemã falam frequentes vezes da *primeira chuva* e, a proposito disto, contam uma historia muito curiosa.

Dizem que, ha muitos annos, não havia chuva, vendo-se os reptis e outros animaes das selvas obrigados a reunir-se em congresso magno, para ver se a algum occorria um meio de a obter. Os animaes mais importantes foram de opinião que era preciso gritar em altas vozes para a conseguir, e concordaram em separar-se, formando grupos distinctos por especies. Deram começo á ceremonia os elephantes, que trombetearam ás maravi-

lhas; depois entraram em scena os rhinocerontes; em seguida appareceram as girafas, e assim successivamente se foram apresentando todas as especies, da maior á menor, a pedir a seu modo a agua necessaria. Mas, como esta não viesse, decidiram que gritassem os reptis e as tartarugas. Mas tambem isto não deu resultado, em vista do que o congresso se lembrou de recorrer ás rãs. Foram estas mais bem succedidas, pois á força de cantar fizeram amontoar as nuvens; mas, antes de chover, convidaram os animaes grandes a abrir fossos que recolhessem a agua e, logo que ficaram promptos, cahiram taes bategas que se formaram lagos na terra. As rãs disseram então a todos os outros animaes que fossem comer a fresca herva que com a chuva havia crescido, e que voltassem ali para beber quando tivessem sêde, porque ellas ficariam reinando nos lagos, de cujos limos se alimentariam.

E' esta a razão por que as rãs vivem nas lagôas e nos charcos, sendo tambem o seu canto um prognostico de chuva...

A CAMISA

Quem inventou a camisa? Não se sabe nem se conhece desde quando o seu uso foi consagrado.

Em outros tempos, a camisa era, na Europa, um objecto de verdadeiro luxo e não de uso indispensavel, como agora; e tanto assim, que servia para fazer presentes. Salomão, duque da Bretanha, mandou 30 de presente ao papa Adriano II.

A legislação dessa época determinava o numero de camisas que os vassalos deviam entregar, como tributo, aos seus senhores, e havia mulheres encarregadas exclusivamente de as fazer para os seus amos. Um regulamento dispunha que os camponezes da abbadia de São Martinho, em França, dessem ao mosteiro tres dias de trabalho e que as mulheres fizessem quatro camisas por semana. Os regulamentos ecclesiasticos occupavam-se tambem do numero de camisas que deviam entregar annualmente aos padres e aos frades, á semelhança do que os Concilios fizeram com o vinho que diariamente era obrigatorio dar ao clero.

Davam camisas á Virgem como offerenda piedosa e como se se tratasse de alfaias ou télas preciosas. Na Igreja de Notre Dame de Paris pregavam-n'as proximo do altar-mór, ao lado do Evangelho.

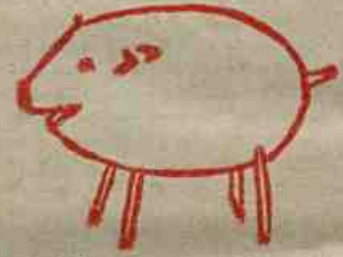
ALTITUDE DOS PRINCIPAES PONTOS CULMINANTES DO BRASIL

	Metros
AMAZONAS	
Pico de Roraima	2.600
MARANHÃO	
Mangabeiras	720
CEARÁ	
Serra Ibiapaba (ponto culminante)	1.020
Serra de Maranguape	920
Serra de Meruóca	850
Serra do Aratanha	780
Serrote do Joá	620
PARAHYBA	
Cordilheira de Borborema	900
PERNAMBUCO	
Amaro	1.223
Serra do Gigante	921
Serra de Garanhuns	845
Serra do Exú	631
ALAGÔAS	
Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá	299
SERGIPE	
Serra de Itabaiana	860
BAHIA	
Pico das Almas	1.300
Morro de Commandatuba	600
Monte Paschoal	536
Cimo da Serra Grande	500
Serra de Itiúba	436
ESPIRITO-SANTO	
Serra de Itapemirim	2.100
Serra de Itabapoana	1.430
Morro Mestre Alvares	980
RIO DE JANEIRO	
Serra dos Orgãos, Pedra Assú	2.232
Serra dos Orgãos, pico medido por Liais	2.011
Serra das Almas, tres Picos do Matheus	1.880
Frade de Macahé	1.750
Serra do Tinguá	1.650
Morro do Frade (Mambucaba)	1.640
Serra da Onça	1.400
DISTRICTO FEDERAL	
Pico de Andarahy	1.025
Pico do Corcovado	700
Paineiras (Corcovado)	464
Pão de Assucar	385
Antiga Caixa da Carioca	209
MINAS GERAES	
Itatiaya (Agulhas Negras)	2.994
Itatiaya (Pyramides)	2.500
Pico do Passa Quatro (Serra da Mantiqueira)	2.252
Serra do Caraça	1.955
Pico do Itambé	1.817
Alto da serra da Piedade em Sabará	1.787
Pico de Itacolomy (Ouro Preto)	1.750
Pedra Branca, junto á cidade de Caldas	1.710
Pico de Itabira do Campo	1.520
Morro da Moeda	1.455
Alto da Serra na estrada de Barbacena	1.288
Serra do Ouro Branco, ao Sul de Ouro Preto	1.260
S. PAULO	
Lapa do Pico (Mantiqueira)	2.200
Pico do Tembé	2.000
Serra do Macuco	1.400
Serra de S. Roque	900
PARANÁ	
Paranápiacaba	1.668
Serra da Ribeira	1.000
Grapuava	1.095
Curityba	899
SANTA CATHARINA	
Serra do Mar	1.252
Lages	987
RIO GRANDE DO NORTE	
Alf. Chaves	858
Ant. Prado	770
Caxias	805
Lagôa Vermelha	800
S. Franc. Paula	922
MATTO GROSSO	
Serra dos Parecys	900
Serra de Maracajú	618
Nyoac	220
GOYAZ	
Chapada dos Veadeiros	1.600
Serra dos Pyreneus	2.310
Serra da Tabatinga	880

RECREIO A' MESA

COM UM LIMÃO E UMA LARANJA

Cómo se póde fazer um leitão com um limão, e um boneco com uma laranja? E' simples:

Toma-se um limão e fincam-se nelle quatro phosphoros: são as pernas; corta-se

um pedacinho da extremidade mais aguda do limão para representar o focinho, e outro pedacinho mais em baixo, para representar a bocca. Agora tomem-se dois phosphoros que se quebram junto á cabeça. Fincam-se os dois pedaços com a cabeça na casca de um e de outro lado do focinho, um pouco acima, e as cabeças dos phosphoros simularão perfeitamente os olhos; um pedacinho de phosphoro servirá de cauda; outros dois pedacinhos serão as orelhas — e ter-se-á um bello leitãozinho.

Tome-se agora um canivete e faça-se sobre um lado de uma laranja um córte

oblongo: é a bocca; mais acima um córte para o nariz, dois córtes para as orelhas, e dois para os olhos. Colloca-se um lenço sobre um copo, põe-se dentro a laranja, e puxando para traz, para a frente e do lado, póde-se fazer dansar alegremente a laranja.

Se se espremer a laranja, lagrimas de verdade correrão dos olhos e sulcarão as faces do boneco, e ter-se-á então um boneco profundamente desesperado... com um comico desespero.

O pequeno Lucas e o feroz javali

LUCAS era um negrito que amava loucamente as travessuras. Quando em casa era ameaçado de algumas pauladas, o traquinas do Lucas escondia-se no mattagal, até que tudo estivesse em paz. Certa vez, num desses momentos em que Lucas andava foragido pelo matto, um grande condor agarrou-o pelas calças e conduziu-o á alturas. Depois de um demorado vôo de um dia, o condor pairou sobre uma pequena cidade e ali o depositou em terra firme.

Nessa cidade era prohibido sahir-se durante a noite, visto como havia nos arredores um terrivel javali, que matava qualquer pessoa que encontrava nas ruas, no silencio lugubre da noite. Por isso, todo mundo se trancava timidamente em suas casas. Além disso, não havia ninguem que ousasse atacar a féra, visto que ninguem acreditava que se pudesse dar cabo daquelle terrivel animal, o terror da pequena população. Lucas, pois, quando pisou na cidade, foi logo recebendo mil conselhos. "Feche-se em casa, durante a noite, se não quer ser devorado pelo feroz javali!" era o que todo mundo lhe dizia. Lucas, porém, que jámais temera alguma cousa neste mundo, sahiu a percorrer as ruas da cidade, sem ligar nenhuma importancia ao caso.

Já tinha elle premeditado um plano terrivel contra o animal feroz. Tratou, pois, de arranjar com alguns habitantes dos arredores da cidade algumas maçãs, procurou juntar outro tanto de pedras redondas, e, fazendo uma fogueira com algumas achas de lenha, poz sobre o fogo as pedras redondas e escondeu um pouco ao lado as lindas maçãs.

Não se podia mesmo imaginar o plano estrategico de Lucas. Ao anoitecer, todos os habitantes se fecharam em suas casas, como de costume, emquanto Lucas permaneceu ao ar livre, afim de pôr em execução o seu ardil.

Accendeu, pois, a fogueira, e em breve as pedras se tornaram vermelhas, como se fossem grandes maçãs amadurecidas e coradas pelos raios do sol. Lucas tomou as maçãs e as poz junto do fogo, quasi que se confundindo com as pedras ardentes.

Depois de algum tempo, ouviu elle alguns uivos aterrorisadores, que lhe fizeram arrepiarem-se os cabellos. Era o terrivel javali que se approximava irado, escancarando a bocca sequiosa de sangue e armada de afiados dentes.

— E' hoje o teu dia, menino! Prepara-te, que vaes morrer!

— Alto lá, "seu" patife! Você hoje encontrará um mestre, que lhe dará boa lição! — respondeu corajosamente o negrinho.

O javali ia avançar para Lucas, quando este lhe falou:

— Olha, se queres brigar commigo, antes deveremos medir nossas forças aqui neste campo. Estão aqui estas cem pedras. Eu comerei dez e tu comerás outras tantas. Haveremos de ver quem de nós dois consumirá mais pedras!

— Está dito, — respondeu o javali; julgas, porventura, poderes engulir mais pedras do que eu? Estás bem enganado, creança!

Lucas tomou cinco maçãs e comeu. Em seguida disse ao javali:

— Abre a tua bocca, afim de que nella eu tambem jogue cinco pedras!

O javali escancarou a bocca e Lucas arremessou dentro della cinco pedras incandescentes, que foram immediatamente engulidas. O pobre animal soltou um gemido que ecoou em toda cidade.

— Hei de poder o que tu podes, — exclamou irado, lançando um olhar de furia sobre Lucas.

— Vejamos, pois, — disse o negrito, estão aqui ainda muitas pedras!

Comeu, então, mais cinco maçãs, e tomando cinco pedras incandescentes, disse ao monstro:

— Abre a bocca e vamos ver se aguentas!

O javali escancarou novamente a bocca e enguliu de uma só vez as cinco pedras. Furioso, com a horrivel dôr que sentiu, bradou em altas vozes:

— Dá-me todas as pedras de uma só vez, e verás como tenho mais força do que tu. Se pódes engulir apenas cinco pedras de cada vez, eu te mostrarei como se pode engulil-as de um só trago!

— Então, abre tua bocca com todos os teus musculos!

O animal afastou as queixadas uma da outra, ao mesmo tempo que Lucas reuniu todas as pedras e arremessou-as todas na bocca espumante da terrivel féra. O javali enguliu-as todas, mas desta vez rodou cinco vezes sobre si mesmo, para logo depois cahir estrondosamente ao sólo, contorcendo-se de dôres e soltando um brado pavoroso de morte... Tendo morrido o monstro javali, o destemido Lucas cortou-lhe a ponta da cauda e guardou-a cautelosamente no bolso. Dirigiu-se em seguida para sua casa, trancou-se como os outros, e cahiu num somno profundo, do qual despertou com grande grito, pois sonhou que estava sendo devorado vivo pelo javali. Na manhã seguinte, quando todo mundo acordou, só se ouvia dizer por toda parte:

— O que terá succedido com o feroz javali, que nunca uivou tão forte como hontem de noite?...

— Não tardou, porém, em ser encontrado estendido e morto o bravio animal, o maior terror daquella povoação amedrontada.

— Mataram o javali!... — era a exclamação geral de toda a cidade.

O rei, tendo vindo tambem examinar de perto o javali morto, disse publicamente:

— Aquelle que tirou a vida a este monstro teve o cuidado de cortar-lhe tambem a cauda. Que elle se me apresente com essa prova, e dar-lhe-ei a metade desta cidade!

Quando o rei entrou no palacio, logo se lhe apresentou um homem, dizendo-lhe que tinha morto o javali. O rei então exigiu que lhe mostrasse a cauda do animal. O homem, porém, não tinha comsigo a prova preciosa de tão grande valentia, e o rei não lhe poude acreditar. Momentos depois chegavam ao palacio innumeros outros autores da morte do monstruoso javali, mas nenhum delles poude apresentar ao rei a prova exigida. Ninguem da cidade lograva encontrar a cauda valiosa do javali morto...

Lucas, que ao meio dia ainda presa do somno, despertou pela segunda vez, ouvindo altas vozes dos transeuntes que passavam pela rua, falando:

— O javali foi morto esta noite; o rei gratificará com a metade da cidade áquelle que, com a cauda do javali, provar ter sido o autor de sua morte!

Ouvindo Lucas essas palavras, deu um pulo da cama, metteu-se em suas calcinhas brancas e, sem mais tardar, dirigiu-se ao palacio do rei. Alli chegando, apresentou-se pessoalmente ao rei e affirmou ter matado o javali.

O rei disse-lhe:

— Mostra-me a cauda!

Lucas tirou do bolso a cauda do javali e apresentou-a ao rei. Este, cheio de admiração, exclamou:

— Fizeste mais por esta cidade do que todos os nossos antepassados!

Depois de ter falado, o rei presenteou-lhe a metade da cidade e muito ouro, ficando o nosso Lucas riquissimo e importante, considerado como o pae da patria. Mais tarde regressou á sua terra e todos lhe ouviram maravilhados a narrativa de sua feliz aventura.

LIMPEZA DOS CHAPÉOS DE PALHA PRETA

LAVAR, escovando em agua de sabão bastante espumante, o chapéo. Enxagual-o em diversas aguas e deixal-o seccar. Quando a palha estiver apenas humida, escovar de novo com uma clara de ovo bem batida e deixar seccar á sombra.

O perú e os dias de festas

ÃO é só na nossa terra que o perú é prato obrigatorio nas mesas dos banquetes com que festejamos datas e festas que nos são caras.

Existe, como os meninos sabem, nos Estados Unidos da America do Norte, um dia geral de regosijo estabelecido por proclamação presidencial, para observação e celebração de uma festividade religiosa em acção de graças ao Creador, pelas bençãos de uma seara generosa e abundante e pela prosperidade do povo, o qual é conhecido de uma extremidade do paiz, a outra, pelo nome de *Thanksgiving Day* (Dia de Acção de Graças). No pensamento do povo se acha este dia ligado com uma ave de grande tamanho e distinctamente americana. Esta ave é o perú.

Um artigo interessante com referencia á festa mencionada e á preciosa ave, que abundante e prodigamente se sacrifica no dito dia, foi publicado na edição ingleza do *Boletim Mensal da União Pan-American*, de Washington, D. C. Eil-o:

"O Dia de Acção de Graças teve sua origem no começo da Colonia de Plymouth, que nas praias hospitaleiras da Nova Inglaterra fundaram, em 1620, os celebres peregrinos.

Foi pelo governador Bladford, da Colonia de Plymouth, que o *Thanksgiving Day* e o perú entraram em relação e foi em 1621, quando elle designou o dia de acção de graças para a celebração da primeira seara, que os peregrinos haviam colhido. Esta foi abundante e rica e os colonos, então, mostram-se religiosamente gratos pelas ricas bençãos que alcançaram, pelo que o governador despachou quatro homens, armados de espingardas, em busca de carne de aves para elevar o festejo, afim de que os colonos pudessem, reunidos, se regosijar de uma maneira mais especial. E ficou a ultima quinta-feira de Novembro designada pelo governador para o Dia de Acção de Graças.

O respeito a esta tradição nobre, tão arraigado nos povos de origem anglo-saxonia, causou que, de anno em anno, se fosse transmittindo até os nossos dias a grata recordação daquella festividade, a qual não se tem deixado de celebrar, desde então, uma só vez. E assim, de norte a sul, de léste a oéste dos Estados Unidos, na ultima quinta-feira de Novembro, o perú reina sobre as mesas de festins, embora seja preciso morrer para este fim.

O perú era uma ave predilecta dos habitantes aborigenes da America, o qual vivia em todas as partes em que se cultiva o seu elemento favorito, o milho da India. Quando Cortéz, em 1519, alcançou o reino dos aztecas, Montezuma o entreteve com magnificencia real e os melhores manjares e iguarias do Imperio foram postos perante os invasores hespanhóes, sendo perú assado o principal de todos. Foi então que, pela primeira vez, os hespanhóes saborearam este prato excellente e viram immensidades de perús domesticos, pois no Mexico eram mais communs que qualquer outra ave. Os aztecas haviam domesticado esta ave consideravelmente, mas havia abundancia della no estado bravio. Os indios então conheceram o perú desde os tempos mais remotos da sua historia, cujas tradições se referem a esta ave interessante.

O perú selvagem da America é, sem duvida alguma, o progenitor das demais especies desta ave, que existe por toda a parte do mundo. Os ornithologistas acceitam a opinião geral de que todos os perús descendem das tres qualidades conhecidas actualmente por norte americana (*Meleagris americana*), mexicana; (*Meleagris mexicana*) e hondurana (*Meleagris ocellata*). Ha uma ave na America do Sul, principalmente no Perú, a que chamam perú, mas não é realmente perú, embora se pareça com este em alguns pontos. Do ponto de vista do ornithologo, esta ave pertence a outra familia.

O perú das Honduras se acha hoje espalhado por toda a America Central. A ave é summamente bravia e vôa mais livremente do que os primos do norte. As côres da sua plumagem são mais lindas que as de toda a familia. Este perú não póde ser criado com exito fóra do seu torrão natal.

Ha outras qualidades de perús, reconhecidas pelos criadores, mas na realidade são apenas aves mais altamente desenvolvidas, com signaes peculiares. Taes são o perú de crista e o perú branco, raças bem conhecidas a saber: a Bronze, a Narragansett, Buff, Pizarra, Branca e Preta. Nos ultimos a raça branca tem se tornado bem conhecida, em virtude do desenvolvimento que tem feito, até que actualmente occupa o terceiro logar entre os criadores.

Embora seja o perú uma ave domestica, é amigo da liberdade e soffre quando se vê privado della. Para se obterem bons resultados é necessario que seja criado com bastante liberdade e em amplo espaço, onde possa vagar, procurar o proprio alimento e agasalhar-se.

THESOUROS DA AGUA DO MAR

VEJAM os meninos a seguinte estatistica interessante e real. Uma tonelada de agua do mar contém approximadamente 6 milligrammas de ouro. Como o volume total das aguas do mar é de 1.300.000.000 de kilometros cubicos, vê-se que o conjuncto das aguas do Oceano encerra, em algarismos redondos, 8 bilhões de toneladas de ouro, o que, se fosse repartido pelos habitantes da terra, daria para cada um de nós 5.000 kilos de ouro, a 2$000 a gramma ou 2:000$000 o kilo. Vê-se, pois, que cada habitante da terra é, por direito de partilha, proprietario de 10.000 contos em ouro!

A totalidade do sal contido no Oceano representa 21 milhões de kilometros cubicos, dos quaes tres quartas partes são constituidas pelo sal ordinario (sal de cozinha). Com um tal volume, poderiamos construir tres vezes o volume de todo o continente europeu; podiamos realizar o volume da Africa inteira, e ainda nos restariam 2 milhões e 500 mil kilometros cubicos.

CÉGOS ILLUSTRES

A historia conta um sem numero de personagens illustres que não possuiam o sentido de visão. Assim, eram cégos os grandes poetas Homero, Milton, Lubeckois, Ach-Dan Leopoldo, La Motte-Houdart, Delille, Blacklock, Avisse, Kozlow e Luiza Egloff.

Saunderson, que na Universidade de Cambridge ensinava mathematica e optica, era cégo, e o professor Wolve, depois de perder a vista, inventou um alphabeto movel em relevo para continuar no magisterio.

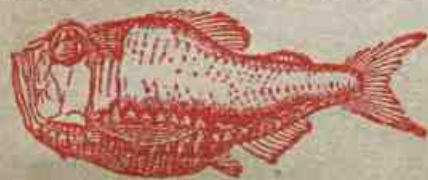
Juan Gonnetti, esculptor toscano, depois de cégar aos 20 annos de idade, executou diversos baixos-relevos admiraveis, assim como Luiz Grotto, autor dramatico e cégo, representou o ultimo acto da tragedia de Sophocles, *Œdipo*, na inauguração do Theatro Vicenze, em 1732.

OS abcessos são causados, em geral, por alguma pancada, pela introducção de algum corpo extranho nos tecidos musculares, ou em consequencia de alguma enfermidade grave.

NA India existem ainda actualmente crocodillos, que já eram velhos quando os inglezes conquistaram aquelle paiz.

OS mares polares são menos salgados do que os das zonas tropical e temperada.

O FUNDO DOS MARES

Depois que se descobriu a Oceanographia, sciencia nova, o archivo de conhecimentos humanos augmentou consideravelmente. Trouxe ella á luz da humanidade os profundos mysterios do mais recondito sitio dos mares.

O argyropelecus, peixe luminoso que vive no Atlantico, de 1.000 a 4.000 metros de profundidade.

Os trabalhos dos naturalistas oceanographos revelaram um mundo de seres submarinos, que foram descobertos por apparelhos especiaes a mais de 7.000 metros de profundidade. Que extranhas condições de existencia devem possuir taes animaes? A luz solar, como vocês sabem, se decompõe em seus elementos coloridos, taes como no arco-iris, logo que penetra no mar; os raios vermelhos extinguem-se logo, depois, successivamente todos os outros, e os ultimos que subsistem, os violetas e ultra-violetas, não desapparecem senão a 1.000 metros de profundidade. Ahi não ha nem mais um só traço de luz solar, é a noite completa e, não obstante, os habitantes destas zonas têm olhos.

O sternoptyxdiaphana, outro peixe luminoso, que vive a 2.000 metros de profundidade.

Para ver o que — perguntarão os meninos, se tudo é escuridão?

Para verem tudo como nós vemos á luz do dia — porque a maioria dos animaes que vivem em regiões tão profundas emitte luz que illumina os abysmos obscuros do oceano. Os seres que vivem nesses abysmos são innumeraveis.

O oceano, no seu conjuncto, póde ser comparado a uma immensa bacia cheia d'agua salgada.

Opisthoproctus soleatus, peixe que tem os olhos para o alto e vive a 3.000 metros de profundidade.

O estado desta agua mostra-nos suas variações, suas correntes, suas marés, suas profundidades attingindo quasi 10.000 metros; suas vagas, suas temperaturas, sua fauna riquissima, sua flora assombrosa. O fundo dessa bacia gigantesca fórma o supporte dos mares. Os seres que vivem nesse sólo supportam uma pressão exercida pela agua equivalente a 600 atmospheras; tal pressão seria terrivel para nós, homens; no emtanto, elles a supportam, vivem ahi perfeitamente com seus regimens singulares.

Entre esses animaes, uns vivem presos ao fundo do mar, outros não. Ha porém um numero extraordinariamente grande, que vive sempre fluctuando ou a varios milhares de metros de profundidade. Alguns são grandes, como os cetaceos, ou os peixes, outros pequenos, muitas vezes microscopicos; constituem o que se chama *Plancton*; sua massa total espalhada nos mares é enorme e constituida de vegetaes microscopicos. Semelha-se a extensa campina fluctuante, immensa poeira viva, onde pastam animaesinhos herbivoros, que são a presa favorita dos seres carnivoros maiores, como as sardinhas.

A Chimera, peixe dos mares polares, de um metro de comprimento e que vive a 2.000 metros de profundidade.

As sardinhas, em grandes cardumes, quando se deslocam denunciam bancos de *plancton*.

O fundo do mar é ainda um segredo para a sciencia, e o mar é o destruidor e o creador dos continentes.

O espadarte, commum nos mares quentes, que traspassa no aguilhão da maxilla superior os demais peixes. Vive a pequena profundidade e é muito apreciado.

Os contornos e o fundo do oceano não são sempre os mesmos, porque as vagas e as correntes os modificam; os rios e os ventos levam para o mar os destroços dos continentes, que se juntam aos vulcões submarinos que expellem suas lavas. O fundo do mar vae então se modificando. E tal modificação é auxiliada tambem por uma multidão de animaes que, com seu trabalho maravilhoso, durante centenas de seculos, escavam o sólo, desaggregam pedras, quando não constroem delicados montes e edificam verdadeiros continentes submarinos. São estes os coraes, habilidosos constructores de recifes, que preparam lentamente continentes futuros sob as aguas do equador terrestre.

A maior parte dos habitantes do mar passa por metamorphoses extremamente variadas, complicadas e mysteriosas, desde a parasita ao caçador audaz. Alimentam-se de maneiras as mais curiosas, lançando mão de recursos extraordinariamente engenhosos para a caça.

O argonauta, especie de polvo, dos mares quentes; vive na superficie.

O homem estudioso esforça-se cada vez mais para descobrir e observar os factos e gestos desses maravilhosos habitantes dos oceanos, que vivem nos mysterios impenetraveis das aguas profundas. Conseguil-o-á?

O descobrimento das novas sciencias cada vez mais o leva a persistir em tão nobre e complexo intento.

O ouriço do mar, que vive a 800 metros de profundidade.

A creação e o aperfeiçoamento de apparelhos de sondagem e dos vestuarios, dentro dos quaes os mergulhadores encontrem as mesmas facilidades que o ar livre lhes faculta para a respiração, hão de por sua vez incentivar os estudiosos. E a obstinada persistencia desses estudiosos logrará exitos e enriquecerá a fonte do saber humano. Não são, no emtanto, só estes peixes exoticos, que figuram nesta pagina, os que habitam no fundo mysterioso dos mares. Quantos outros, sem conta, ainda hão de despertar o assombro, a admiração do homem, quando este puder locomover-se no fundo dos oceanos.

Minous marmis, peixe do oceano Indico, que é coberto de hydras parasitas luminosas.

Manteaux para Meninas

Manteau de drap beije com pelerine e gola guarnecida de pespontos azul e vermelho.

Manteau de reps crême, guarnecido de velludo negro ou grenat.

Manteau, proprio para exercicios, de sarja azul, ornado no pescoço, mangas, bolsos e cintura de cordões claros.

Capa de perlaine cinzenta, guarnecida de perlaine azul-escuro.

Manteau encarnado, quadriculado de negro, bolsos guarnecidos de grossos pespontos tambem negros.

A MOSTARDA E A MEMORIA

As pessoas que têm pouca memoria devem tomar muita mostarda ás comidas. A semente da mostarda está acreditada como um vivificante, e diz-se que influe de modo directo sobre as partes do cerebro em que a memoria reside.

Aos nervosos é conveniente comerem queijo com frequencia; o queijo é um excellente sedativo. Sem embargo, cumpre ter cautela em não o comer com excesso, pois em tal caso seria prejudicial para a digestão.

Isto mesmo se pode dizer da mostarda: abusando-se della pode ter-se uma forte irritação nas mucosas da bocca.

O queijo passa, não sabemos com que razão, como prejudicial para a memoria. Entre nós, esta crença está tão generalizada que, de um individuo qualquer que mostre, pelos seus actos, ter falta de memoria, se diz que, naturalmente, come muito queijo.

Sendo assim, razão tem aquelles que, quando comem queijo, o acompanham com mostarda, pois fazendo o queijo diminuir a memoria e fazendo a mostarda avival-a, fica uma cousa por outra, e as duas servem entre si de compensação.

Uma fatia de queijo *grupére*, barrada de mostarda ingleza, acompanhada de pão fresco, e regada com um ou dois copos de excellente cerveja, ha quem diga que, para vivificar a memoria, confortando ao mesmo tempo o estomago, não pode haver nada que mais se recommende.

A DAHLIA

A dahlia é a flor da época. Dahlia-cactus, dahlia-camelia, todos têm a sua predilecta. Mas nem todos sabem que esta flor é um representante da familia dos legumes. A principio, quando foi descoberta, era um dos alimentos dos africanos, e certos livros de horticultura indicam-n'a como uma planta comestivel, dando mesmo o modo de cozinhar as suas raizes.

Os indigenas do Mexico, segundo se diz, serviam a dahlia nos seus banquetes; mas os europêus não conseguiram gostar dessas raizes, mesmo preparadas com os melhores molhos, exactamente como os animaes, que os recusam.

Em outros tempos, foi objecto de gulodice um outro legume: a cebola da tulipa que devia depois fazer a fortuna de tantos hollandezes.

A esse respeito conta-se que um gordo e pacifico negociante hollandez, tendo recebido de um marinheiro diversas cebolas de tulipa, deu-lhe em compensação um arenque. Emquanto o marinheiro estava comendo o saboroso peixe, viu uma cebola de tulipa sobre o peitoril de uma janella e não poude resistir á tentação de proval-a.

Naquelle momento chega o negociante dando um grito de desespero:

— Desgraçado, tu comeste um thesouro, estou arruinado!

As raizes da dahlia, entretanto, estão bem longe de ter esse valor, e não as comeremos senão em caso de absoluta carestia; cousa que parece difficil.

PARA DESINFECTAR A BOCCA

Aniz, 8 grammas; canella de Ceylão, 1 gramma; cravo, 0,10 grammas; cochonilha, 0,40 grammas; essencia de hortelã pimenta, 100 grammas. Deixam-se as drogas de infusão em alcool durante oito dias e depois accrescenta-se a essencia. Bastam algumas gottas dessa mistura num copo d'agua para desinfectar perfeitamente a bocca.

O DESAFIO

Ninguem ignora por certo o que é um desafio, tão commum entre os nossos bons caipiras. Innumeros escriptores descrevem sentimentaes casos de desafios, ás vezes tragico tambem. Mas o conto que segue abaixo não é sentimental nem tragico: é simplesmente moral.

N'um logarejo do interior do Estado de S. Paulo vivia um cabôclo, agigantado, bondoso e grande de alma como a sua estatura. Tinha porém um defeito, que ás vezes o tornava repellente: a vaidade. Gabava-se dia e noite de sua valentia, nos desafios.

Seus amigos, que apreciavam o bello caracter de Firmino Batuta (assim se chamava o nosso heróe), caracter esse, prestes a desapparecer, levado pela vaidade, deliberaram cural-o. Resolveram por isso tocar-lhe no ponto mais melindroso: o desafio.

Chico Cobrêro, seu amigo intimo, acercou-se d'elle um dia dizendo-lhe:

— Firmino, nesta noite, nas hora das assombração, uma vois, veiu desafiá vancê, e me garantiu que te ha de derrotá.

— Quá derrotá, quá nada, respondeu Firmino, cumigo é ali, no pé da peróba: ninguem me ha de tirá o previlejo.

— Pois amenhã mecê me ha de contá, retrucou Chico Cobrêro.

Anoiteceu. Avizinhando-se a meia noite, Firmino, que dormia somno solto, foi despertado por uma voz, como a de anjos, que cantava ao som de um violão:

Seu Firmino que é tão bom,
P'ra respondê ao cantadô,
Me diga sinceramente
O que qué dizê o amô...

Se elle é doce, ou tem perfume,
Se abraza como a dô,
Se bria como no escuro, o lume
Se adoça ou tem amargô?

Firmino não poude responder. Os labios não lhe obedeciam. Aquella voz angelica parecia-lhe, (supersticioso como são em geral os matutos), um castigo do céo á sua vaidade. Cahindo de joelhos implorou: que não contassem nada ao povo do arraial.

A voz sumira-se.

De manhã, Firmino viu-se-lhe chegar perto Chico, que lhe perguntou:

— Quê tá. Mecê tá casmurro.

Firmino, rubro como ferro em braza, respondeu: que não o amollasem pelo amor de Deus. Chico sorriu e retirou-se.

Nunca mais Firmino gabou a sua valentia nos desafios. Perdera de todo a louca vaidade.

Mas de quem era a voz? Perguntarão impacientes.

Não era nada menos que a voz da noiva de um dos amigos de Chico Cobrêro, a quem pediram collaboração no caso.

E ainda hoje Firmino ignora e indaga sempre:

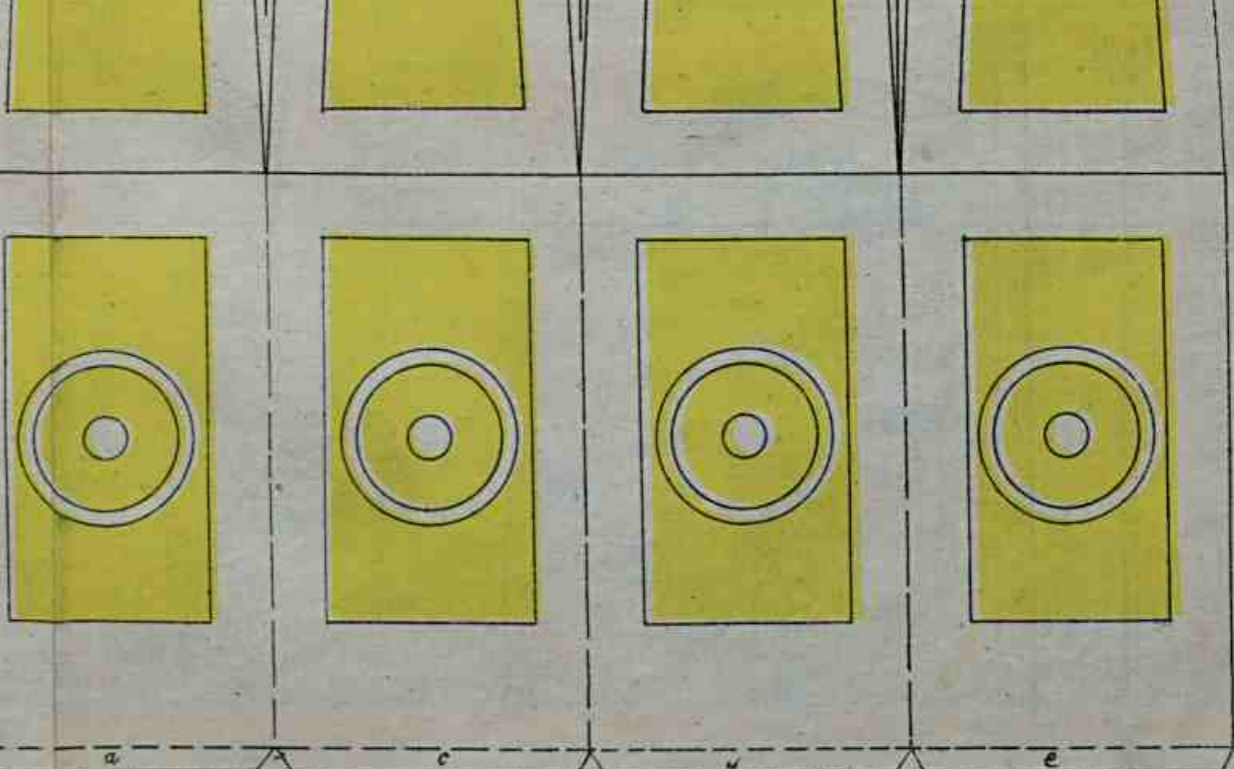
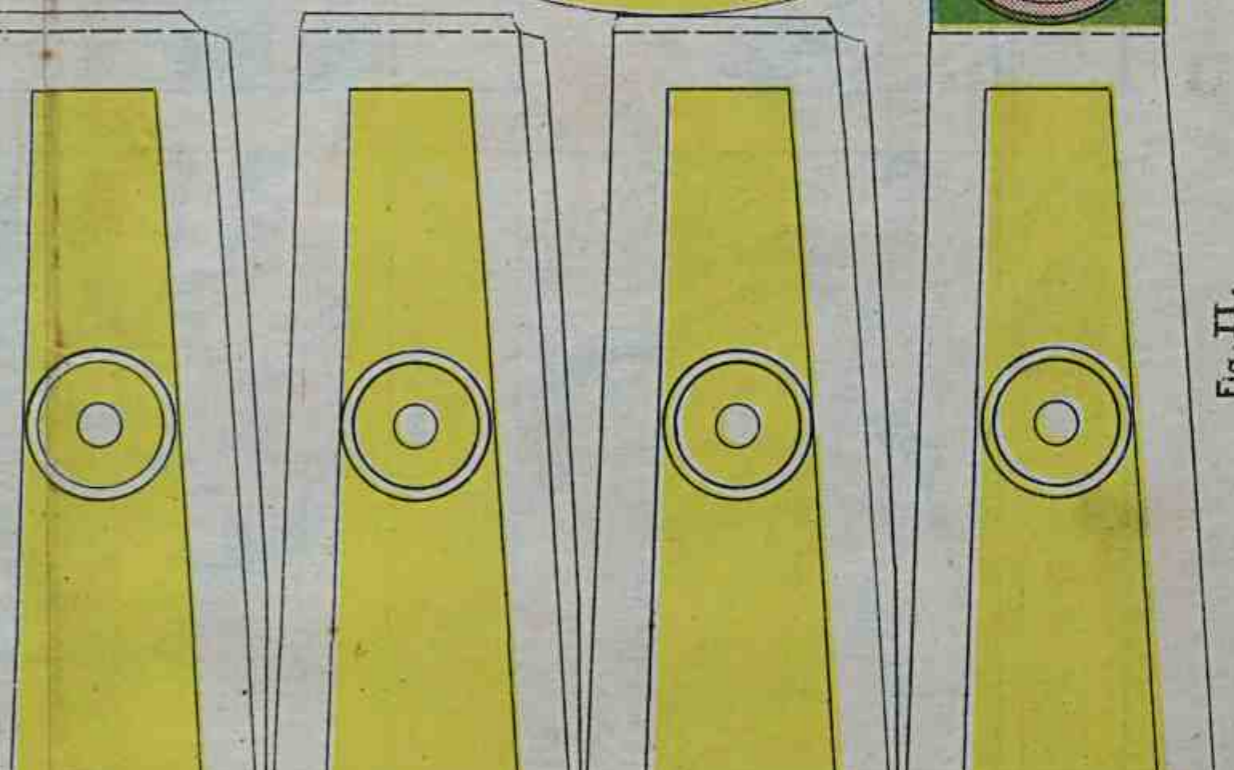
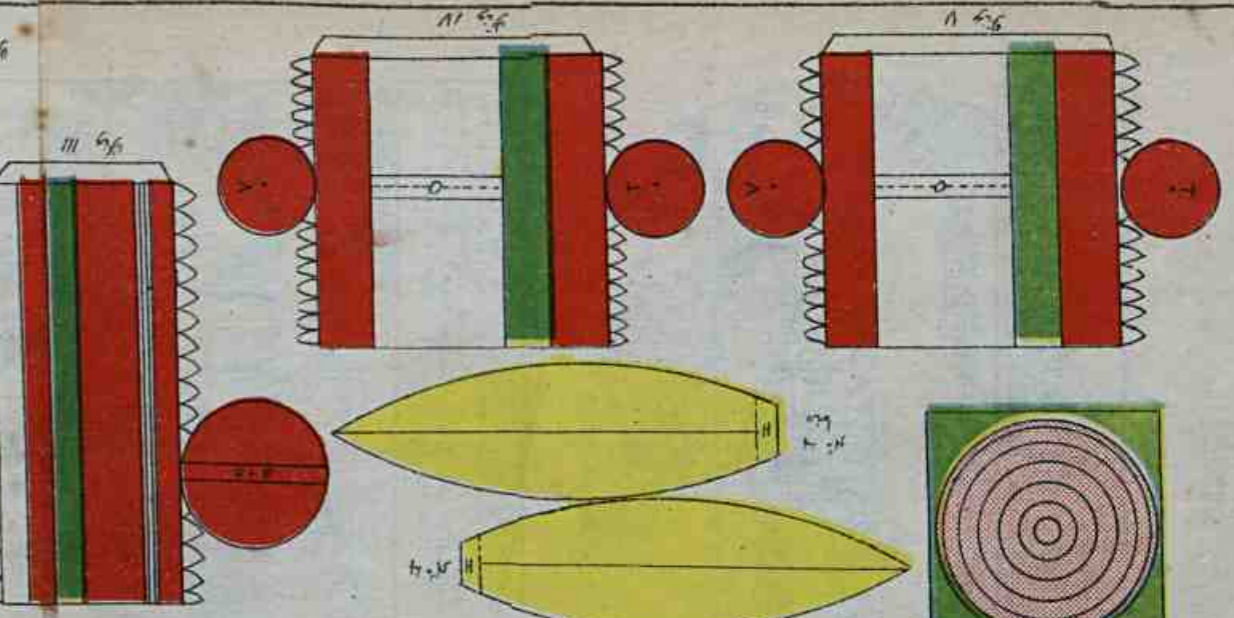
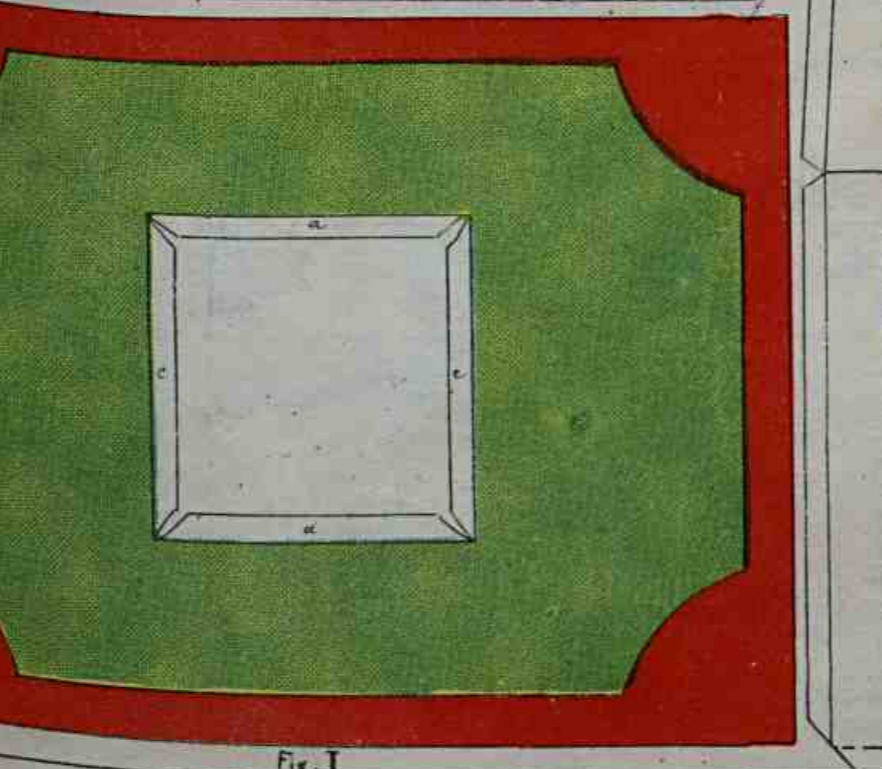
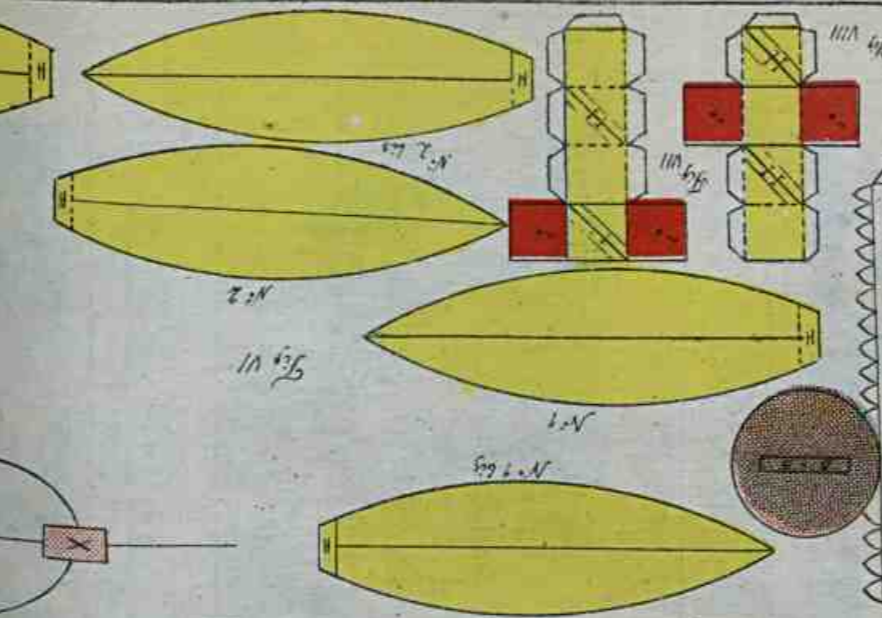
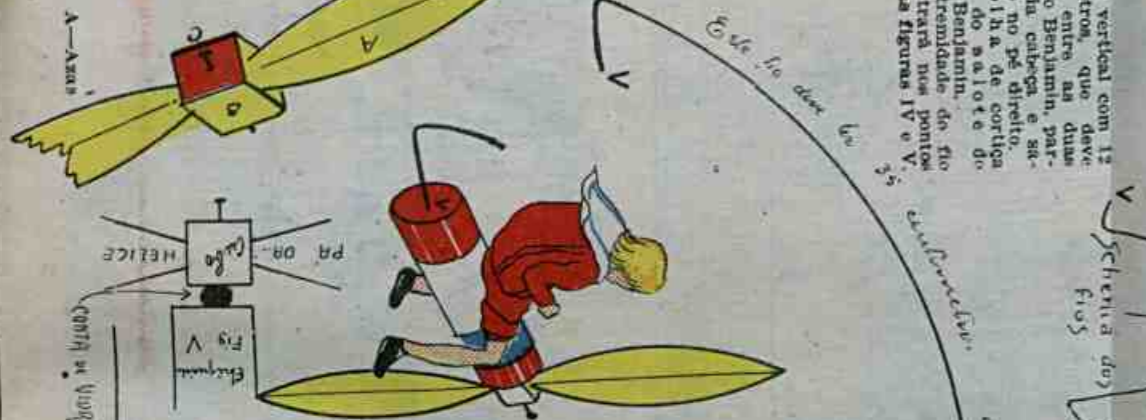
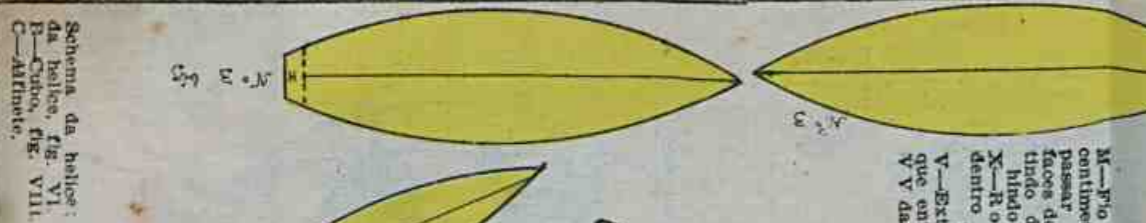
— Quem era a *vois*!

José Mario Boscaino

PENSAMENTO

O sabio em um povo sem illustração é como a rosa no deserto, onde os insectos a pungem e maltratam, não sabendo prezar os seus perfumes, nem admirar a sua belleza magestosa. — *Marquez de Maricá.*

OS EQUILIBRISTAS

Schema da helice: A—Azas da helice, fig. VI. B—Cubo, fig. VIII. C—Alfinete.

M—Fio vertical com 12 centimetros, que deve passar entre as duas faces do Benjamin, partindo da cabeça e sahindo no pé direito.
X—Rolha de cortiça dentro do saiote do Benjamin.
V—Extremidade do fio que entrará nos pontos V V das figuras IV e V.

Entre o tronco e as pernas de Benjamin vae o saiote III

EXPLICAÇÃO

E' facil de armar, dependendo apenas de paciencia e attenção aos "schemas". A pagina I será pregada em cartão grosso ou numa taboinha, para ter peso. Com a figura II formem uma columna cuja base A C D E assentará na figura I sobre as mesmas letras. Os cubos (figuras VII e VIII) depois de fechados, receberão as azas (figura VI) nas letras H H; para cada cubo duas azas com os respectivos cortes (bis). Os cylindros (figura IV e V) levam nas extremidades e internamente duas rolhas: uma para espetar o cubo da helice e outra para receber a ponta do fio que sáe das mãos do Benjamin. O cylindro (figura III) é o saiote do Benjamin e tambem levará (internamente) uma rolha que será atravessada nas letras K K pelo fio supracitado. Os cylindros (figura IV e V), além das rolhas, serão cheios de areia fina. Estes cylindros são cavalgados pelo Jujuba e pelo Chiquinho, assentando os seus troncos nas letras O O e collando as pernas de cada lado do tronco.

Um pequeno fio (um grampo estirado) atravessará a figura do Benjamin, do alto da cabeça á ponta do pé direito. Fazendo girar o Benjamin, obtem-se o movimento da helice.

Cumpre notar que o arame do pé do Benjamin não deve espetar-se na columna; elle deve ficar solto e equilibrado.

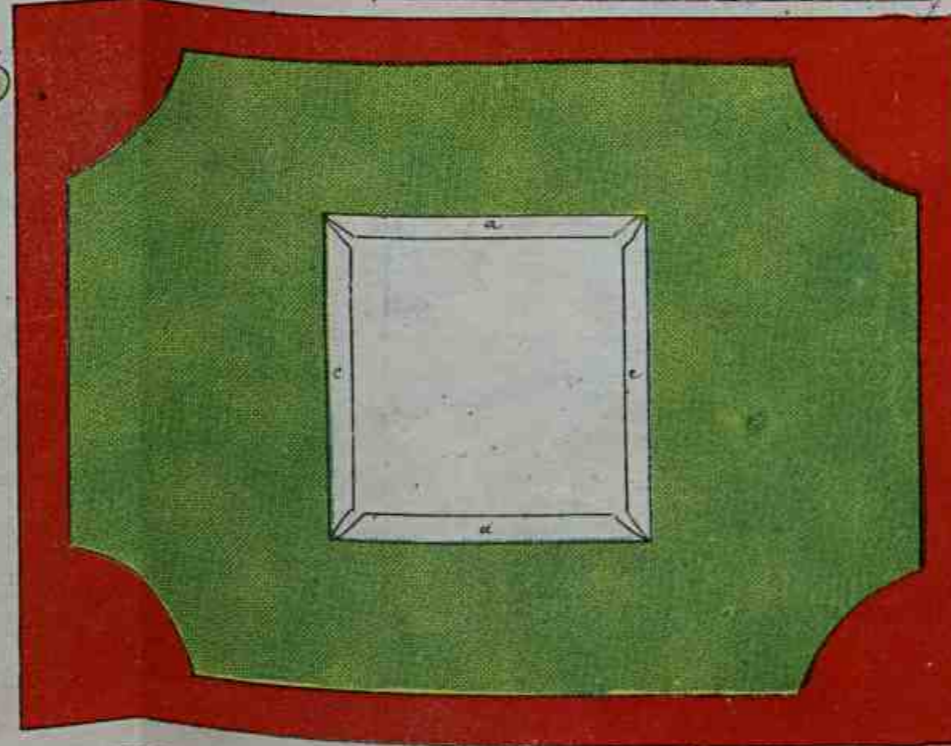
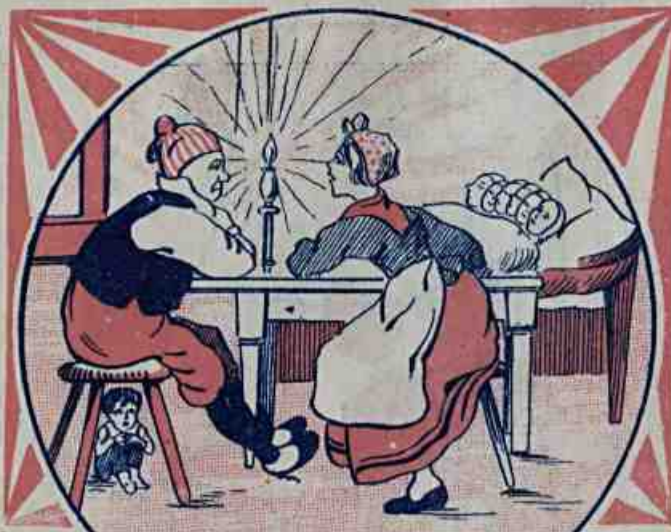



Fig. I

Fig. II.

HISTORIA DO PEQUENO POLLEGAR

Era uma vez um lenhador que vivia com a mulher e sete filhos numa choupana, soffrendo as maiores necessidades. Uma noite, em extrema miseria, o lenhador tomou a resolução de levar os filhos para a floresta e lá abandonal-os. Emquanto combinava tal plano com a mulher, seu...

... filho mais novo, chamado o Pequeno Pollegar, porque a sua altura era a do dedo pollegar de um homem ouvia tudo, debaixo da cadeira. No dia seguinte, emquanto as creanças brincavam na floresta, seus paes as abandonaram fugindo.

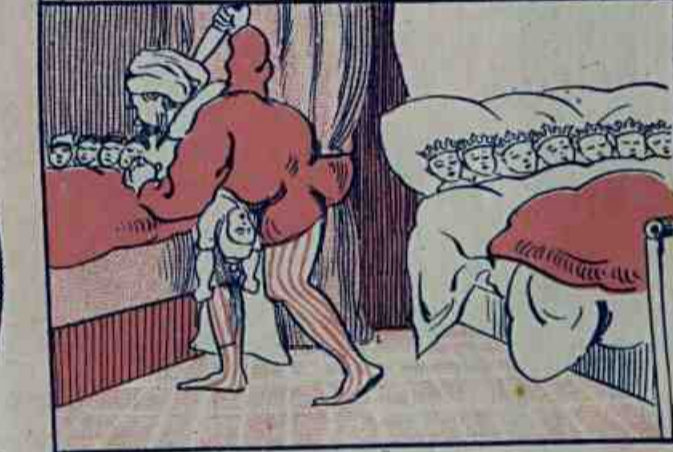
Vendo-se abandonados, os meninos puzeram-se a chorar amargamente; mas o Pequeno Pollegar tranquillisou-os, dizendo-lhes que marcara o trajecto de casa até a floresta com cascas de amendoim e, por isso, iriam voltar á casa paterna com facilidade.

Ora, o lenhador e a mulher, quando chegaram á casa, encontraram algum dinheiro que lhes mandaram de fóra e choraram, lastimando terem abandonado os filhos queridos. Qual não foi a alegria do casal vendo, no mesmo instante, chegarem ao lar os sete entes queridos.

Pouco tempo depois a miseria reappareceu na cabana do lenhador, que, de novo, abandonou os filhos no escuro da floresta. Desta vez, o Pequeno Pollegar não marcara o caminho e todos choravam desolados. Subindo a uma arvore, o Pequeno Pollegar viu ao longe, uma luz que brilhava.

Os pobrezinhos dirigiram-se para a casa onde brilhava a luz. Uma boa senhora os acolheu, levando-os para junto do fogão, afim de se aquecerem. Mas lhes disse tambem que seu marido era um gigante papa-gente e que elles, ali, corriam o risco de ser devorados.

Os meninos, no emtanto, esconderam-se debaixo de uma cama. Pouco depois chegou o papa-gente, sentou-se á mesa e, farejando o ar, disse com voz rouca: — "Estou sentindo cheiro de carne humana!" A mulher não respondeu, e o gigante...

... percorrendo a casa achou os meninos e, de facão em punho, ia degollal-os quando a mulher pediu que adiasse a morte das creanças. O gigante accedeu e a boa mulher foi deitar os sete infelizes numa cama ao lado da em que dormiam os filhos do papa-gente.

O Pequeno Pollegar viu que os filhos do ogre usavam corôas de ouro na cabeça. Pé ante pé levantou-se, tirou-lhes as corôas e com ellas cingiu a fronte de seus irmãos. Pouco depois chegou o papa-gente e dirigindo-se ao leito, onde não havia cabeças coroadas, degollou seus proprios filhos e foi de novo deitar-se.

O Pequeno Pollegar, que não dormia, esperou que o ogre pegasse no somno, acordou os irmãos, sahiu de casa, saltando um muro e fugiram, tremendo, sem saberem o caminho que haviam de tomar para se salvarem. No dia seguinte, a mulher do papa-gente...

... cahiu desfallecida, quando viu os filhos degollados. O gigante exclamou — "Que fiz eu? Vão me pagar os sete demonios! Dá-me as minhas botas de sete leguas!" Com essas botas encantadas podia-se dar passos de sete leguas.

O Pequeno Pollegar e seus irmãos já haviam caminhado bastante, quando viram o papa-gente pulando de montanha para montanha, saltando rios com passadas gigantescas. Trataram logo de se esconder no...

... vão de um rochedo. Foi justamente neste rochedo que o ogre, fatigado, deitou-se para descansar da canseira que déra. A fadiga fez o papa-gente adormecer. No vão do rochedo os meninos, silenciosos, tremiam de medo.

Quando o ogre começou a roncar, o Pequeno Pollegar encaminhou seus irmãos á casa e corajosamente tirou dos pés do maldoso gigante, sem que este presentisse, as botas encantadas. E calçou-as; ficaram-lhe justas nos pés.

O Pequeno Pollegar correu então ao palacio do rei e offereceu-se como corredor. O rei tomou-o a seu serviço e, satisfeito com suas habilidades, cumulou de favores sua familia, que não mais soffreu privações.

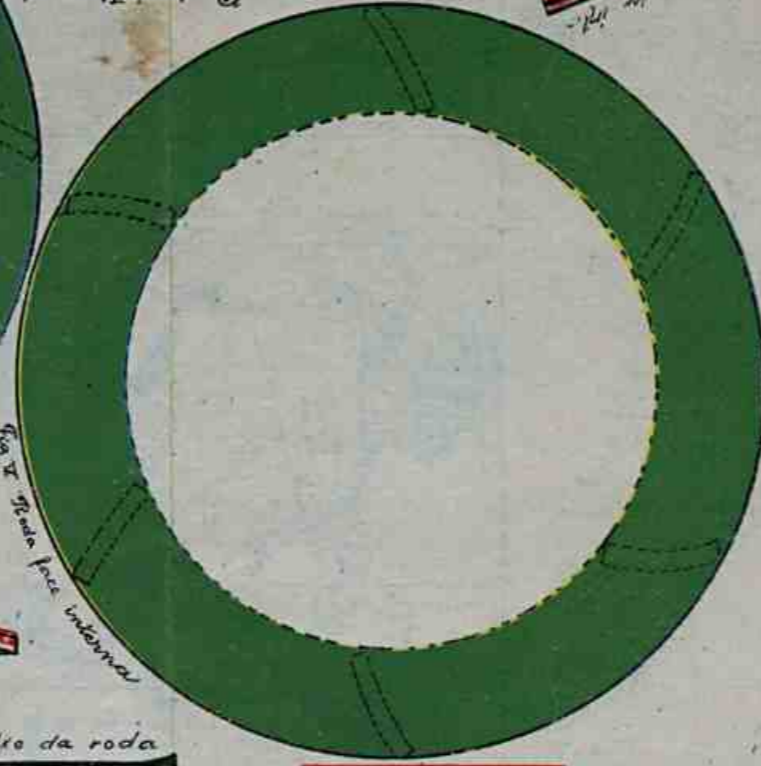
O MOTOR A' AREIA – (PAGINA DE ARMAR)

EXPLICAÇÃO — Este brinquedo é movido a areia fina do mar. Procede-se como nos outros brinquedos, collando tudo em cartolina e recortando todas as peças. A planta (fig. VI) deve ser collada numa tampa de caixa ou pedaço de taboa, para melhor estabilidade. A fig. I é dobrada pelas linhas A B e depois fechada com a tampinha do lado A. Fechem a fig. III para formar a caixa de areia e depois preguem-n'a nas quatro columnas, como mostra o modelo. Em seguida preparem a roda (fig II), pregando a face interna na externa, pondo no centro uma cortiça (rolha) para firmar no eixo (vide schema da roda). Os bordos internos da caixa, para receber areia (fig. IV).

As cortiças que se vêem no schema com as letras M M M devem ser pregadas na cartolina. As arruellas (fig. X) pertencem á roda e estão indicadas no schema com a letra — e —.

Schema da roda armada.

a — caixetas (Fig. VIII); b — faixa (Fig. VII); c — roda (Figs. II e V); d — columnas (Fig. I); e — arruela (Fig. X); m — cortiças.

Schema da roda isolada

4 columnas para sustentar a roda e o deposito de areia—Fig. 1

Caixa de areia

Esta parte é para pregar o deposito de areia.

Nesta parte ficará o deposito de areia.

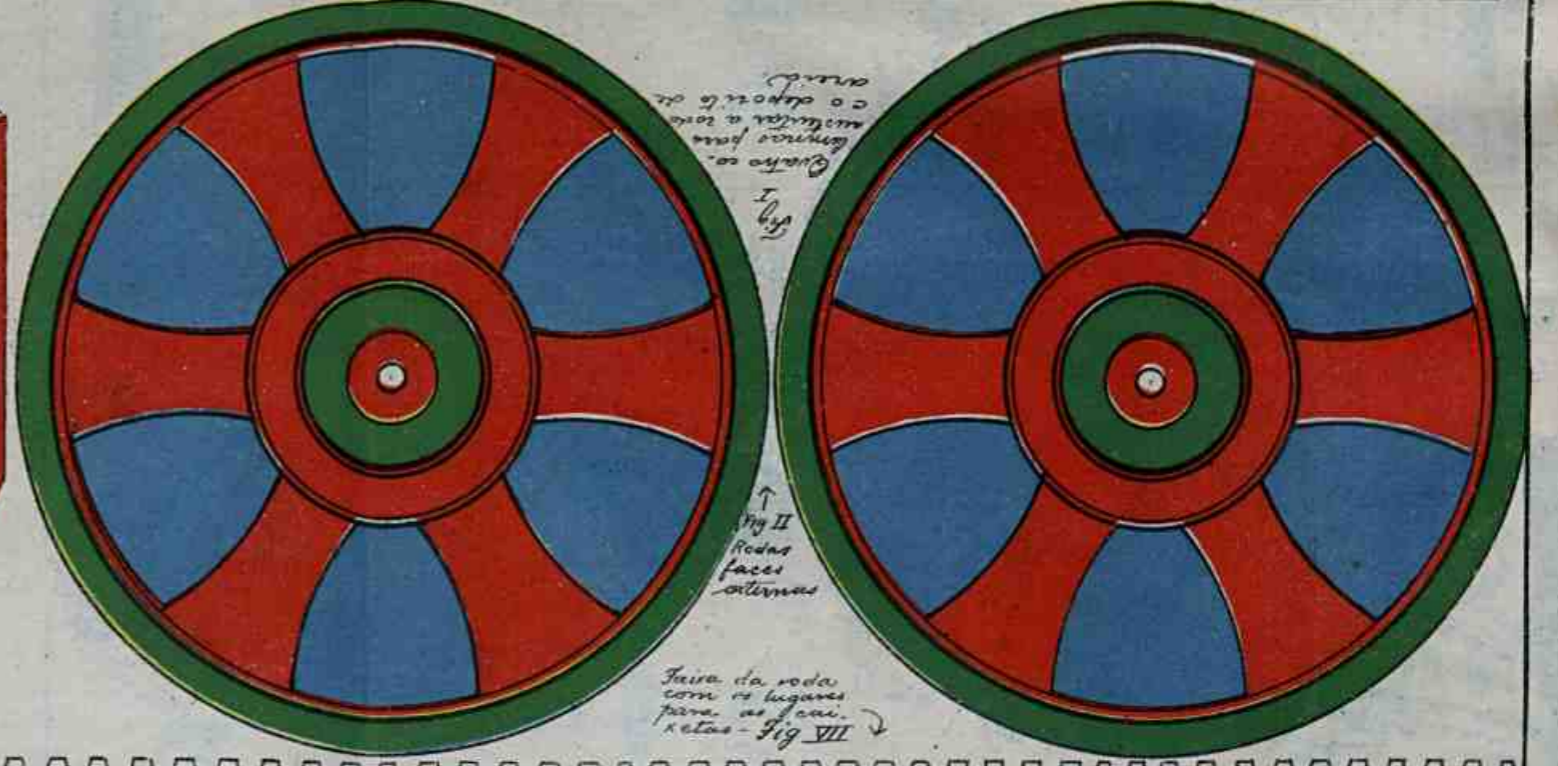



Fig. II Rodas faces externas

Faixa da roda com os logares para as caixetas — Fig. VII

Fig. V Roda face interna

Fig. VIII Caixetas da roda onde cáe a areia

Fig. X Arruellas

Fig. III Deposito de areia

Fig. IV Caixa para receber a areia. Face externa

Modelo da fig. IV

Tamanho natural do eixo da roda

Fig. VI Planta ou solo

Bordos internos da caixa de areia

Face esquerda interna

Face direita interna

Face posterior int.

Face anterior int.

MODELO

CELINA E "SULTÃO"

Celina era uma menina que brincava com todas as amiguinhas. Ora, por fim ninguem mais brincava com Celina, a não ser seu cão chamado "Sultão"

Celina ensinára "Sultão", que era muito intelligente, a roubar as bonecas das outras meninas. "Sultão", quando via uma menina, avançava latindo; a menina...

...fugindo, com medo, deixava cahir a boneca, que era despedaçada pelos dentes do cão. Alice ria de goso...

...quando isso acontecia e recompensava a feia acção do animal dando-lhe doces e biscoutos.

Um dia, a menina Lourdes, a quem "Sultão" já havia quebrado uma boneca, viu o cão correr para ella afim de se apoderar de uma boneca que a mãe lhe déra. Lourdes pediu soccorro, chamando o irmão.

Este, armado de um cacete, deu tão forte paulada em "Sultão" que lhe quebrou uma pata. O cãozinho ganindo de dôres, partiu para junto da dona.

Celina, muitos dias e muitas noites ficou tratando de "Sultão", victima innocente da maldade de sua dona.

Emquanto "Sultão" esteve doente, Celina fez camaradagem com Marietta, boa menina que supportava os caprichos da companheira, inclusive o de fazer sempre o papel de criada.

Um dia, "Sultão" já estava bom, Celina e Marietta brincavam. Marietta fazia a criada. Celina, entrega-lhe a boneca e diz:

— Toma minha filha, cuida della emquanto vou á cidade fazer compras e ver as fitas novas nos cinemas.

Vendo Marietta só com a boneca, "Sultão" lembra-se de suas proezas e começa a latir para a menina, que foge, abandonando a boneca.

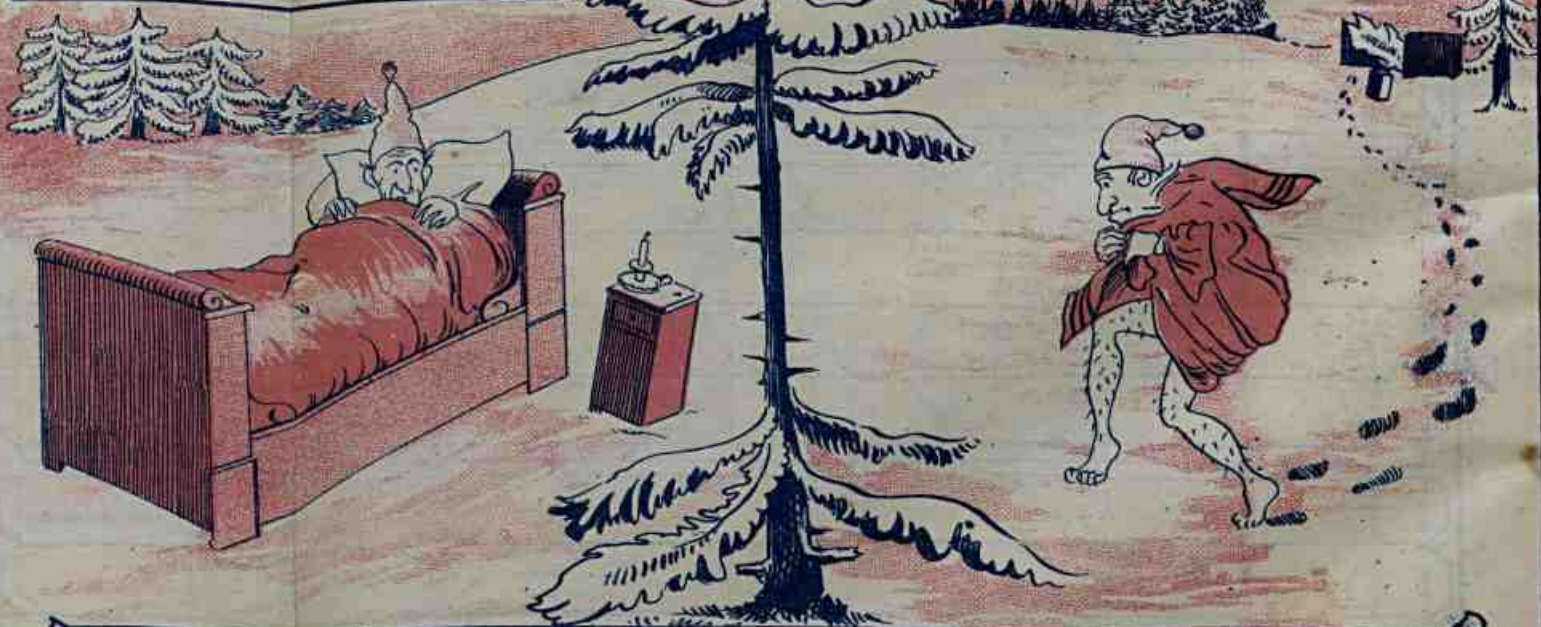
"Sultão" agarra a boneca e fal-a em pedaços, diante de Celina que chora de desespero. Ouvindo o choro da filha, a mamãe de Celina acóde e diz:

— "Que te aproveite a lição — nunca faças a outrem o que não queres que os outros te façam! Celina aproveitou a lição e hoje é amiga de todas as meninas.

Dez gráos abaixo de zero

O Dr. Buscapé era director de um internato e grande adepto das idéas da hygiene moderna, idéas que elle prégava aos alumnos juntamente com as regras de grammatica. Desse modo, os pobres meninos eram obrigados a passar as horas de recreio correndo, descalços, na neve.

As janellas do dormitorio dos alumnos não tinham vidraças nem venezianas e por ellas estravam o vento e a chuva, emquanto o Dr. Buscapé dormia num quarto fechado e debaixo de cobertores.

Uma noite os alumnos resolveram vingarse do professor: carregaram-lhe a cama, cautelosamente, até o fim da chacara do collegio e deixaram ao Dr. Buscapé o prazer de.. sentir frio.

Horas depois, quando o thermometro marcava 10 gráos abaixo de zero, o Dr. Buscapé acordou hirto de frio, molhado de sereno e de neve e teve de fazer, correndo, o...

...exercicio que tantas vezes obrigára seus alumnos a executar: correr, descalço, sobre a neve. Nunca mais o professor Buscapé falou em hygiene moderna a seus alumnos.

TIO EMILIO VAE CHEGAR

(Comedia em 1 acto)

PERSONAGENS

Ruy	12 annos	Tio Emilio	30 annos
Lydio	11 "	Tia Amancia	25 "
Elza	9 "	Dr. Beaulio (dono da casa)	35 "
Belica	8 "	Seu Abilio (roceiro)	
Simão (criadinho preto)	10 "	Nhã Nocencia (roceira)	

SCENARIO: *Um jardim ou terraço qualquer.*

Ruy, *entrando do interior da casa, acompanhado de Lydio, Elza e Belica, que trazem bandeirolas, festões de folhagem e balõesinhos venezianos, com que começam a enfeitar o jardim ou o terraço. Si a representação fôr á noite, poderão trazer os balõesinhos accesos* — Precisamos enfeitar bem isto para a festa da chegada do tio Emilio.

Lydio — A tia Amancia tambem virá?

Ruy — Pois não.

Elza — Eu imagino como não deverá ser engraçada a tia Amancia!...

Belica — Engraçada, por que?

Elza — Porque é roceira; e os roceiros, os matutos, não sabem vestir-se bem, nem se apresentar com elegancia na cidade.

Ruy — Eu avalio tambem a graça que não terá o tio Emilio...

Belica — O' Ruy! E elle *é milho* mesmo?

Ruy — E' milho, como?

Belica — Pois a gente não diz sempre assim: o tio E... milio?

Lydio — Ora, que tola é esta menina!... Milho é uma cousa e E-mili-o é outra; é pessoa.

Belica — Ahn!... Eu logo vi.

Elza — Ella pergunta isso porque, no outro dia, a professora nos disse que o milho nos vem do campo, da roça; e, como o tio Emilio vem da roça, ella pensou que elle fosse o milho que as gallinhas comem.

Ruy e Lydio, *rindo* — Tem graça, esta Belica!...

Belica, *querendo collocar uma bandeirola num logar alto, que não póde alcançar* — Para botar esta bandeirola ali é preciso uma cadeira.

Elza — Pois chama o Simão e pede-lhe que traga um banco ou um caixote.

Ruy — Ia agora mesmo chamal-o para nos ajudar aqui. (*Chamando*) Simão! O' Simão!...

Simão, *de dentro de casa* — Já vou, patrão!

Belica, *fallando para dentro da casa* — Quando vier, traga um caixote onde eu suba.

Simão, *de dentro de casa* — Sim, senhora.

Lydio — A que horas o tio Emilio deverá chegar?

Ruy — Creio que não deve demorar muito.

Elza — E' preciso que, quando entrar aqui, encontre tudo já enfeitado.

Lydio — Naturalmente.

Simão, *vem de dentro de casa, de avental branco, batendo em um caixote como si fosse um bombo e cantando alto, a imitar uma banda de musica* — Ta-ra-ta-chim, ta-ra-ta-chim, ta-ra-ta-chim, bum!...

Ruy — Que é isto?!...

Simão, *rindo* — E' a *musga!* E' a banda *d'amanha!*

Belica — Bota o caixão aqui!

Simão — Prompto! *Põe o caixote no lugar indicado por Belica* — Estou doido p'ra vêr *seu Tiomilho.*

Ruy — Tiomilho?!... E elle é teu tio tambem?

Simão — Não, senhor. Eu chamo *Tiomilho* porque penso que é o nome delle.

Lydio — O nome do tio é: E- milio.

Simão — Isto não quer dizer nada, porque eu já tive um patrão chamado *seu Tiadôro* e outro que era *seu Tiatonho.*

Elza, *que tem ido ajudar Belica, volta-se para o Simão* — Em vez de estares ahi prosando, seria melhor que fosses preparar a mesa.

Simão — A mesa já está preparadinha da Silva e companhia.

Elza — Eu só quero ver isto. (*Sahindo para o interior da casa*) Vamos, Belica?

Belica — Vamos sim. (*Sae com Elza*).

Lydio — Eu tambem vou ver si a mesa está bem disposta. (*Sáe*).

Ruy — Ah! Si ella estiver tão bem disposta como eu estou... para comer, é uma belleza!...

Simão — Ah! Lá isso ella está, sim.

Ruy — Pois eu vou tirar uma prova do que dizes. Tu ficas aqui tomando conta da entrada para nos avisares quando chegarem o tio Emilio e a tia Amancia: ouviste?

Simão — Ouviste, sim, senhor.

Ruy, *sahindo* — Presta bem attenção. (*Sae*)

Simão — Estou prestando. (*Passeia resmungando*) Tambem é só p'ra isso que eu presto: é pra prestar attenção. Na hora de comer os doces, não se lembram de mim. E quando se lembram é pra me chamarem: tição, pé de moleque, *abat-jour*, meia-noite e trinta e não sei que diga!... (*Fallando para o interior da casa*): Não vão bolir na mesa e comer os doces p'ra depois eu levar a culpa, como a historia do "papagaio que come o milho e o periquito é que leva a fama!" (*Rindo e cheio de si*): O periquito ahi sou eu...

Abilio, *apparece, vindo da rua, com Nhã Nocencia, ambos grotescamente vestidos, cheios de embrulhos, maletas, etc.* — Dá licença?

Simão, *em voz baixa e rindo* — Hi!... Chegaram os caipiras!...

Nhã Nocencia — Dá licença ou não dá?!...

Simão — Apois não! Vão entrando!

Abilio *e* Nocencia, *entrando* — Brigado.

Simão, *tomando-lhes os embrulhos e maletas* — Estão chegando agora, não é?

Nocencia — Agorinha mesmo. E eu estou com os pés doendo tanto, que não aguento mais os borzeguins... (*Senta-se no caixote e descalça os sapatos*): Ah!...

Abilio — Onde estão os meninos?

Simão — Posso ir dizer que o tio mais a tia já chegaram?

Abilio — Póde sim. A gente veio um bocadinho mais na frente pra mór de descançar um pouco.

Simão — Pois esperem ahi que eu vou chamar a gurysada.

Nocencia — Chamar o quê?

Simão — A gurysada.

Abilio — Quem é a gurysada, moleque?

Simão — Moleque, não senhor! Eu me chamo Simão de Nantes da Sirva Cavarcantis! (*Sae*)

Abilio — Que molequinho aquelle mettido á gente; heim, nhã Nocencia?

Nocencia — Elle está mas é requerendo uma boa duzia de bolos.

Simão, *pouco depois, apparecendo á porta, seguido de Ruy, Lydio, Elza e Belica, e apontando os dois roceiros que devem estar de costas voltadas para elles* — Lá estão ambos os dois!

Ruy, Lydio, Elza *e* Belica, *em voz baixa* — Oh!

Simão, *em voz baixa* — Aquelles vêm mesmo de lá detraz da serra!...

Ruy, *chegando-se para perto de Abilio e Nhã Nocencia, seguido de Lydio, Elza e Belica* — Titio?!...

Abilio *e* Nhã Nocencia, *voltando-se* — Ahn!...

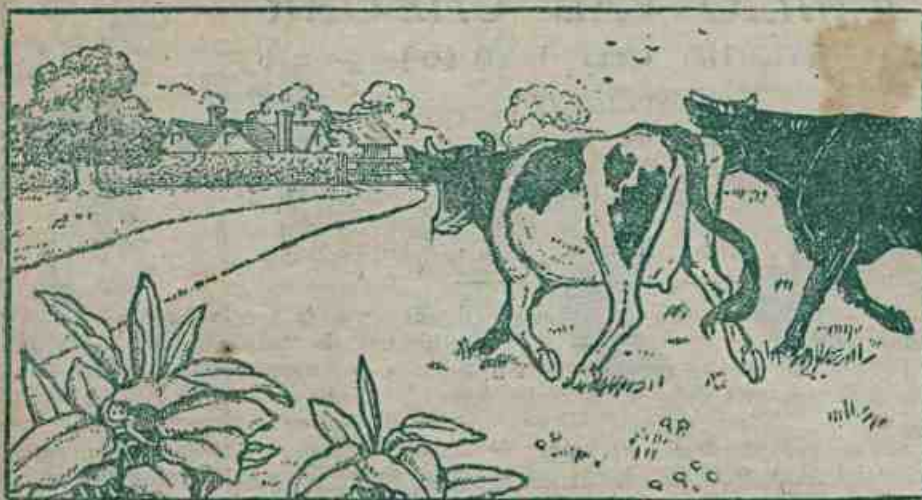
Lydio — Por que não entram?

Abilio — Aqui está mais fresco.

Elza — Estão sentindo calor?

Nocencia — Um calor de forno de assar pão na padaria.

Belica — Querem tomar um refresco?

QUEBRA-CABEÇAS

Aqui estão duas vaquinhas, bem á vista de vocês, e uma joven leiteira. Onde está ella?

ABILIO — Não era máu; heim, Nhã Nocencia?

NOCENCIA — Era bem bom!

LYDIO, *ao Simão* — Vae buscar dois sorvetes!

SIMÃO, *sahindo a correr* — E' pra já! (*Sae*).

NOCENCIA — Que invenção é essa, meninos?

RUY — Não é invenção, não; é uma cousa muito boa!

ELZA — Muito fresquinha!

BELICA, *lambendo os beiços* — E' muito gostosa!...

LYDIO, *ao Abilio* — Onde está o papae?

ABILIO — Ficou lá na estação; mas não deve tardar por ahi com o seu coronel.

RUY — Com o coronel?

NOCENCIA — Sim. O coronel tambem veio com a gente.

ABILIO — Vocês todos quatro são filhos do Dr. Braulio?

ELZA — Somos, sim; seus sobrinhos.

NOCENCIA — São sobrinhos ou filhos?

ELZA — Somos filhos.

ABILIO — Ah! Eu logo vi... Têm todos a cara do pae.

SIMÃO, *entra trazendo dois sorvetes, que vem a ser um pouco de algodão dentro de um calice com agua* — Prompto os sorvetinhos! (*Entrega-os ao Abilio e á Nocencia*).

ABILIO, *toma o calice, leva-o aos labios, e atira fóra o algodão com agua, exclamando* — Puxa!...

NOCENCIA, *com seu calice na mão* — Que é que tem?! Tem pimenta?!...

ABILIO — Qual pimenta! Prova só!

NOCENCIA, *tomando o "sorvete" e deitando-o fóra* — Arre!... Que coisa fria!...

ABILIO — Não. Agora a gente fica queimar os beiços da gente!...

BELICA — Isso não é pra se tomar depressa, não. Só presta bem devagarinho...

NOCENCIA — Então não presta pra quem tem de tomar o trem.

RUY — E já vão tomar o trem?!...

ABILIO — Está tão frio que chega a por aqui uns dias.

ELZA, *a Nocencia* — A senhora não quer uns chinellos para descançar os pés?

NOCENCIA — Não carece, não.

LYDIO — E' sempre melhor.

RUY, *ao Simão* — Vae buscar, Simão, um par de chinellos.

SIMÃO, *sahindo a correr* — E' num pulo! (*Sae*).

BELICA, *gritando para dentro de casa* — Traga dois pares de chinellos!

ELZA — E' verdade; um par tambem para o tio.

ABILIO — Ah! E' cedo.

RUY — Qual cedo!... Fiquem á vontade. Estão em sua casa...

SIMÃO, *voltando com dois pares de chinellos, que dá ao Abilio e á Nocencia* — Prompto a chinellada!

NOCENCIA — Chinellada em quem?!

ABILIO — Em quem é que você dá chinellada, moleque?

SIMÃO, *ao Ruy* — Já é a segunda vez que elle me chama de moleque, *seu* Ruy!... Veja lá!...

NOCENCIA — Que desaforo! Querer me dar chinelladas!...

SIMÃO — Eu?!...

ABILIO — E ainda está negando que não disse que nos dava chinelladas!... (*Persegue-o*) Moleque!... Atrevido!...

SIMÃO, *correndo, a fugir do Abilio* — Soccorro!... Acudam! Querem me matar!...

DR. BRAULIO, *á porta, seguido de tio Emilio e tia Amancia, em trajes de viajem* — Que é isto?!...

SIMÃO, *apadrinhando-se com o Dr. Braulio* — E' o seu *Tiomilho* que quer me dar!...

TIO EMILIO — Eu?!...

SIMÃO — Não! Aquelle ali! (*Aponta o Abilio*).

DR. BRAULIO — Mas o tio Emilio é este. (*Indica o tio Emilio*).

RUY, LYDIO, ELZA, BELICA *e* SIMÃO — E' esse?!...

TIO EMILIO — Sou eu, sim; e esta aqui é a tia Amancia. (*Indica a tia Amancia*).

BELICA — E quem são aquelles dois? (*Mostra o Abilio e a Nhã Nocencia*).

TIA AMANCIA — Aquelles são o Abilio e a Innocencia, nossos empregados lá na roça.

RUY, LYDIO, ELZA *e* BELICA — Ahn!...

SIMÃO — Eu logo vi!...

ABILIO, *ao tio Emilio* — Vossa senhoria desculpe, seu coronel: mas esse moleque não tem *inducâção* nenhuma e disse que dava umas chinelladas em Nhã Nocencia...

NOCENCIA — Chegou a trazer até aqui quatro chinellas para isso!...

ELZA — Não. As chinellas eram para a senhora calçar.

ABILIO — E ella tem quatro pés que nem burro para calçar logo quatro chinellas de uma vez só?

RUY — Não. Eram duas chinellas para ella e duas para o senhor calçar.

ABILIO — Ahn! Agora estou entendendo.

TIO EMILIO, *reparando a ornamentação* — Bravos!... Como está isto bonito!...

LYDIO — Foi enfeitado assim por nós para recebermos o tio...

BELICA — E a tia tambem.

TIA AMANCIA — Muito agradecida por elle e por mim.

TIO EMILIO, *rindo* — Então pensavam que o Abilio e a Innocencia eramos nós, heim?...

ELZA — E' verdade. Estavamos esperando os tios quando elles chegaram e o Simão nos foi avisar de que os tios estavam aqui.

SIMÃO — E' que eu tambem pensei...

DR. BRAULIO — Agora que está desfeito o engano, vamos mudar de roupa...

RUY — E fazer uma bôa merenda que preparamos para os esperar, não é, papae?

DR. BRAULIO — Certamente.

TIO EMILIO *e* TIA AMANCIA — Quanta gentileza...

ELZA — Nem por isso. São apenas uns doces...

BELICA — Uns biscoitos...

LYDIO — Uns refrescos...

SIMÃO, *rindo e olhando para o Abilio e Nhã Nocencia* — Uns sorvetes...

TIO EMILIO — Pois então vamos a elles!... (*Vae sahindo com a tia Amancia, Dr. Braulio, Ruy, Elza, Lydio e Belica, para o interior da casa*).

TODOS, *menos Abilio, Nocencia e Simão* — Vamos, sim!...

ABILIO — Isso de sorvéte é coisa que não como mais nunca na minha vida! (*Sae*)

NOCENCIA — Nem eu tampouco! (*Sae*)

SIMÃO, *rindo e sahindo por ultimo* — Oh! Caipiras da casca grossa!... (*Sae*)

E. WANDERLEY.

FREDERICO, O BOM

HA uma raça de homens cuja energia e persistencia de vontade têm marcado muitos feitos de gloria na historia do Universo: são aquelles que habitam as baixas plagas da pittoresca Hollanda.

Pois foi nas praias desse paiz onde sempre reinou a ordem, pela virtude de seu povo puritano, que um pescador se tornou o heróe da historia que aqui vamos narrar.

Esse pescador chama-se Frederico e tinha ultimamente se alistado no serviço militar do paiz pensando que, desta forma, poderia talvez ajuntar um pequeno peculio, com o qual pudesse casar-se.

Mas, desde logo, elle viu que se houvera completamente illudido, quando pensava ganhar dinheiro bastante na profissão das armas. O seu soldo era muito pequeno, a vida muito cheia de trabalho e de pesadas responsabilidades.

Demais, acostumado á vasta superficie dos mares, onde o espaço era tão grande como a sua liberdade de vagar á vontade sobre as ondas, sem dever obediencia a ninguem, custára-lhe muito afazer-se á disciplina do quartel, e, além disso, a saudade da noiva, que deixára na terra natal, lá na praia distante, fazia-o suspirar de momento a momento.

E andava assim o nosso Frederico, sem saber o que fazer para applacar a sua afflicção quando um dia encontrou sentada á porta de uma das casas da luxuosa cidade em que vivia como soldado, uma pobre mulher maltrapilha, que tiritava de frio e parecia ter muita fome.

Essa mulher, que estendia a mão á caridade publica, sem ter tido até ali uma só esmola com que minorar a sua triste e negra miseria, encheu de profunda piedade o coração do joven soldado, que della se acercou, procurando consolal-a.

— "Ah! senhor militar", disse-lhe ella, "ha tres dias que não ponho alimento na bocca; não é isso, porém, o que me faz soffrer. O peior é quando me lembro que o meu filhinho está em casa tambem doente e sem alimento. A minha vontade é atirar-me naquella agua que ali está."

E a pobre mulher apontou em direcção de um cáes, que ficava proximo do logar em que ambos estavam.

O bom Frederico não se poude conter diante da desgraça da infeliz e, tirando da cinta uma bolsa que continha todas as economias que possuia para o seu projectado casamento, della fez presente á mulher e affastou-se alegre por aquelle seu acto tão nobre.

Dirigiu-se para o cáes e ali, sentado a um molhe de cordas, ficou a olhar para o mar, que se prolongava diante dos seus olhos, saudosamente a lembrar-se das praias onde nascera e se fizera pescador e onde ficára a sua noiva muito amada.

De repente, notou que, em um certo ponto, no mar, perto do logar onde elle estava, alguma coisa se revolvia dentro d'agua e, dahi a pouco, apparecia uma cabeça, a cabeça de uma mulher.

Frederico, julgando tratar-se de uma pessoa que se debatia nas aguas, procurando fugir da horrivel morte, tirou o casaco rapidamente e ia atirar-se para salvar a afogada, quando a mulher, elevando-se acima da superficie das aguas, veiu andando sobre ellas até chegar bem perto do soldado. E, a uma distancia em que podia ser ouvida, assim falou: — "Frederico, a tua acção de ha pouco bem demonstra a excellencia do teu bondoso coração. Ora, essa mulher que soccorreste é uma fada como eu, e foi, por mim, enviada á terra, afim de descobrir uma pessoa dotada de bom coração, a quem eu pudesse confiar uma missão que só poderá ser entregue á pessoa nestas condições.

Sou a fada Ondina, encerrada nestas aguas, por ordem de Neptuno, o deus do mar, até que, segundo a sentença desse deus, venha libertar-me uma alma boa como a tua".

— "E o que é preciso que eu faça, minha fada?" — perguntou Frederico.

— "E' bastante que venhas commigo ao fundo das aguas buscar a flôr da felicidade se, por acaso, conseguires vencer o monstro que guarda o jardim marinho de Neptuno.

— "E' pr'a já, minha fada".

E, juntando o gesto á expressão, o bom soldado já ia arrancando o seu pesado espadagão, quando a fada atalhou o seu gesto, dizendo-lhe:

— "Espera um pouco. Tu não poderás ir assim ao fundo do mar, como simples ser humano e mortal que és. Vou transformar-te num peixe para te desempenhares melhor da tua missão. Não adianta nada a tua espada, que o monstro a engulirá. Precisamos vencel-o pela astucia e não pela força, porque não só elle não se deixará dominar, como tambem, se o matassemos, iriamos accender a colera de Neptuno, visto que essa flor representa a liberdade de todas as fadas do mar."

Ao acabar de dizer isto, a fada Ondina convidou Frederico a atirar-se á

agua e este, assim que mergulhou, sentiu-se logo transformado num grande peixe possante, sobre o qual a fada montou como se fosse num cavallo.

E, dirigindo-o através das aguas, foi descendo, até as mais reconditas profundidades.

Frederico sentia um extraordinario prazer em ser peixe; dava grandes rabanadas e ia furando as aguas com delicia.

A fada ia guiando-o e dizendo o que devia fazer quando chegasse ao jardim marinho.

Finalmente, depois de muito andarem, encontraram uma parte do fundo do oceano, toda recamada de ostras perliferas, com as conchas voltadas, a mostrarem grandes perolas de alto valor e, sobre essas conchas, lindas plumatas, muito parecidas com o musgo que enfeita as paredes dos jardins.

Aqui e ali, viam-se grandes ouriços ou castanhas do mar, com os corpos

redondos eriçados dos picos que lhes servem para nadar; e, numa profusão estonteante, mais de quinhentas especies de osterias, que são as chamadas estrellas do mar.

Depois, appareceu o jardim, propriamente dito, sobre o qual fluctuavam milhares de meduzas, pelagios e heróes, semelhantes a pequenos balões fluctuando no ar; por baixo, as plantas, as barreiras de coral, as madreporas e as anemonas do mar, que se assemelham ás flores, de cores brilhantes e variadas.

Espelhadas pelas multitudes das plantas, de formas varias e exoticas, viam-se todas as especies das esquesitas substancias marinhas; infusorios radiolarios, rhizopodes, foraminiferos, etc.

Emfim, havia no meio de tudo isto mundos infinitos de crustaceos, que rolavam em torno de um grande peixe, em forma de escorpião com tres cabeças e uma porção de antenas.

Esse era o monstro falado pela fada.

O seu estado-maior era composto de milhões de polvos, sangue-sugas e outros vermes e moluscos perigosos. Era o peixe que Neptuno destinara para guardar o seu precioso jardim do grande reino de flores animaes e vegetaes, que é o oceano.

A fada e Frederico, transformado num peixe, esconderam-se atraz de uma grande arvore, cujas folhas pequeninas e musgosas formavam uma parede densa.

Depois, Ondina tirou do seio dois instrumentos iguaes e, entregando um delles a Frederico, mandou que elle se escondesse dentro da arvore e soprasse naquelle instrumento.

Ella iria esconder-se numa outra arvore e avisou que, quando ella principiasse a tocar no seu instrumento, elle parasse de tocar no delle e fosse buscar, no logar onde estava o dragão, a flor da felicidade, que tinha o aspecto das plantas terrenas.

Assim se fez. Quando a fada acabára de esconder-se na outra arvore, Frederico principiou a soprar no seu instrumento, que emittiu uns sons como o canto das sereias do mar.

Immediatamente, todos os peixes e animaes, com o dragão á frente, vieram rodear a arvore onde Frederico se achava escondido e da qual sahia aquella musica maviosa.

O bom soldado, apesar de ser valente, ficou apavorado com a legião formidavel desses peixes, muitos dos quaes mostravam os dentes ferozes e as barbatanas afiadas.

Comtudo, elle continuou a soprar no seu instrumento até que a fada, da outra arvore, se poz tambem a tocar. Immediatamente, elle parou, e, todos os peixes, com o dragão á frente, foram rodear a outra arvore, onde a fada tocava, julgando que o mysterioso som se tinha transferido sosinho de uma arvore para outra.

Quando Frederico viu que não havia mais peixe nenhum em volta de sua arvore, sahiu do esconderijo rapidamente e dirigiu-se para o logar preferido pelo dragão. Ali, encontrou uma açucena, dentro de um vaso todo de conchas variadas, e, rapidamente, tomou-a com a bocca.

Ia voltar para a sua arvore quando quatro caranguejos-policias, tão vagarosos como os nossos policias-caranguejos, lhe cortaram a passagem.

Frederico, nesse instante, não teve duvidas: vendo-se perdido, fez uma volta e deu sêbo ás canellas, que, no seu caso, eram as suas antenas de peixe. Mas já os outros peixes, molluscos e vermes sahiam no encalço do peixe que lhe roubára a sagrada flor da felicidade, abandonando o jardim, que só existia em razão daquella flor.

A fada, coitada, assim que se viu só no jardim, poz-se a chorar, pois ella bem sabia que, ou os peixes apanhariam Frederico e o matariam, ou

Frederico se livraria delles, e, nesse caso, estaria fadado a viver eternamente como peixe.

Quanto á flor que elle levava na bocca e que representava a liberdade das fadas, naturalmente estaria perdida, porque Frederico com a fome a teria de largar para poder comer.

A perseguição dos peixes ao pobre Frederico durou todo o resto do dia, mas elle tinha ganho grande dianteira e continuava a nadar velozmente, sem descanso.

A escuridão profunda do mar protegia-o, porém, de tal maneira, que os perseguidores o perderam de vista.

Mas Frederico continuou a correr sempre, e essa fuga levou cinco dias e cinco noites, em que elle não largou a flor que levava.

Os peixes têm muito folego! Frederico ainda corria no quinto dia quando foi apanhado por uma rêde de pescaria, ou antes, metteu-se na rêde para ser apanhado.

A rêde foi içada e com ella o peixe. Assim que elle sahiu fóra d'agua, transformou-se logo no ser humano que fôra e os pescadores ficaram attonitos ao vêr que tinham pescado um soldado com uma flôr entre os dentes.

E logo que soldado havia de ser esse? O nosso herói, o melhor amigo dos pescadores, seus antigos companheiros de pesca! Foi uma troca de abraços que não tinha mais fim.

Frederico fôra pescado pelos seus companheiros bem em frente á praia onde nascera! Recolheram-se todos a essa praia que tantas saudades causava ao bom soldado e ahi, sobre a areia branca, Frederico contou-lhes, entre a incredulidade geral, a aventura que lhe succedera, dizendo-lhes que se achava com muita fome porque durante cinco dias nadára continuamente.

Iam todos levar o soldado para dentro da villa quando se ouviu perto um rumor de ondas e appareceram, por encanto, tres moças, surgidas das ondas, cada uma com uma cesta na mão. Eram tres fadas.

A primeira, que se adiantou para falar a Frederico, era a fada Ondina, que assim se expressou:

— "Frederico, tu conseguiste vencer o dragão, trazendo para fóra d'agua essa flor, que perdeu o seu prestigio, pois que desappareceu d'ora avante o captiveiro das fadas do mar, as quaes já poderão praticar o bem por sobre o resto da terra.

Em recompensa deste teu acto, as fadas libertadas pela tua energia e coragem, nadando cinco dias sem perder a flôr da felicidade, aqui te trazem estas cestas como um symbolo de gratidão".

Dizendo isto, as fadas depositaram aos pés de Frederico as tres pequeninas cestas, que se achavam repletas de grandes e riquissimas perolas, apanhadas no fundo do mar.

Feito isto, todas as tres desappareceram.

Não é preciso ser muito perspicaz para descobrir que Frederico se dirigiu logo para a casa de sua noiva, abraçando-a e beijando-a ternamente, ao mesmo tempo que punha diante de seus olhos a fabulosa riqueza que faria a felicidade dos dois jovens.

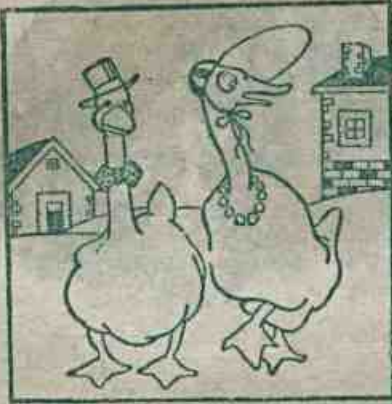
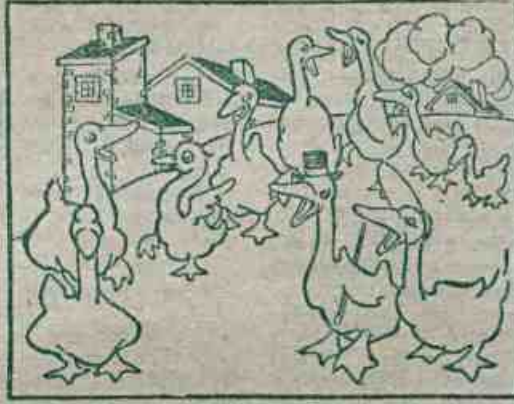
Dahi a um mez, casaram-se e não houve pescador daquellas costas da Hollanda que não participasse da sumptuosa festa, no magnifico palacio mandado construir por Frederico na praia que fôra o seu berço natal.

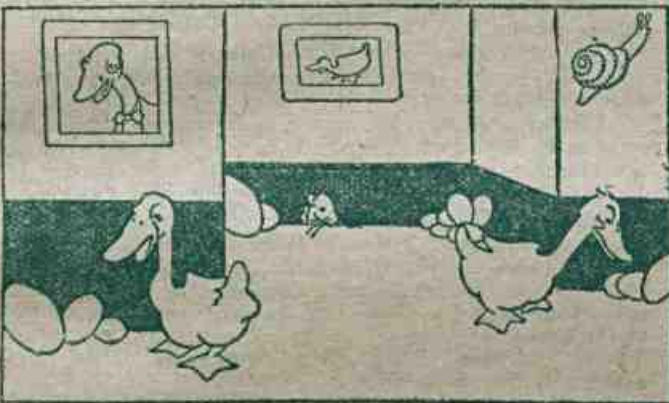
Espalharam os dois esposos o bem por toda a parte com a fortuna que lhes deram as perolas e viveram muitos annos felizes, conservando dentro de uma estufa, que era um outro palacio, a bella açucena, flôr da felicidade.

Edison, apenas come vegetaes; Newton, o celebre mathematico, tambem não comia carne; e o mesmo succedia aos philosophos e sabios da Grecia.

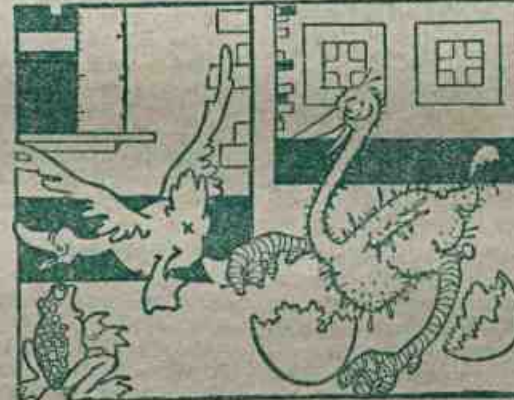
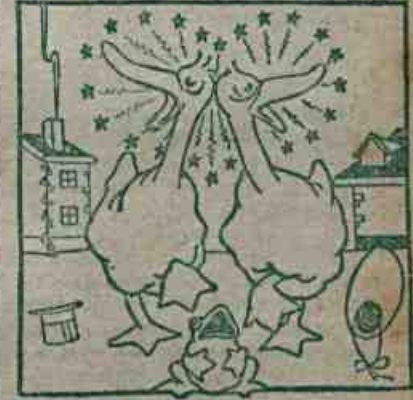
◇

O ouro, a prata, o aluminio e o aço, quando são submergidos em acido taurico, que é uma nova substancia chimica, tornam-se tão malleaveis e ducteis como um pedaço de grude amollecido.

OS OVOS DO CASAL "PATO"

O Sr. Osorio e D. Rosinha Pato viviam desgostosos com a falta de um descendente que continuasse as glorias da sua gente.

Invejavam as familias numerosas que encontravam em seus longos passeios, imaginando adoptarem algum engeitado...

... quando um bello dia acharam no campo diversos ovos abandonados, de differentes tamanhos, que lhes dariam prole numerosa.

Apressaram-se em conduzil-os para casa e, separando-os pelo tamanho, esperaram, anciosos, chocando-os alternadamente, o dia do nascimento.

Passados dias o Sr. Osorio, risonho, foi revistar os preciosos ovos, e fugiu apavorado, deparando com dois horriveis "louros" recent-natos...

...ao mesmo tempo em que D. Rosinha desmaiava deante das garras de uma aguia que sahira, aos pulos, de um enorme ovo.

Na carreira o Sr. Osorio esbarrou, atarantado, com um pellado e gigantesco avestruz, que sorria gostosamente do terror do Sr. Pato.

O infeliz casal não achara, em meio de tantos especimens, um unico rebento de sua raça!...

ANECDOTA

O celebre escriptor inglez Day, estando um dia de visita em casa do seu amigo William Jones, este, mexendo em alguns livros, viu delles sahir uma grande aranha e exclamou muito depressa: Mata aquella aranha, Day! Mata aquella aranha!

— Não, — respondeu Day, com a presença de espirito que o tornou notavel — não mato a aranha, Jones, porque não sei que direito tenha para o fazer! Suppõe tu que, indo um dia na tua carruagem para Westminster, encontravas um ente superior (que talvez poderia ter sobre ti tanto poder como tu tens sobre este insecto) e que elle dizia ao seu companheiro: "Mata aquelle letrado! Mata aquelle advogado!" Gostarias disso Jones?! Pois olha, estou bem certo que quasi toda a gente entende que os letrados e os advogados são animaes, muitas vezes e em certos casos, mais perigosos e prejudiciaes que as aranhas!

Ellier tinha fixado a idade de 44.000 annos para a famosa cataracta do Niagara; mas Woodward reduziu esse numero a 12.000 annos; e recentemente um sabio francez, M. Gilbert, depois de importantes e longos trabalhos no mesmo Niagara, calculou como idade minima da cataracta, 70 seculos.

Segundo Spencer, não póde calcular-se a existencia da cataracta para além de 32.000 annos.

A FADA HELENA

IVIAM, no Reino dos Encantos, um rei e uma rainha, que tinham tres filhas e um filho. Certa vez, falando das grandezas de seu throno, combinaram o seguinte:

Se nossas tres filhas se casarem teremos que ceder a cada uma a parte que lhe toca deste reino, e o nosso throno ficará dividido; devemos, pois, internal-as quanto antes num convento!

O filho, porém, que tinha ouvido tudo, jurou que havia de frustrar o plano hediondo de seus paes. Estando, pois, estes certa vez ausentes, ouviu o principe uma voz dizendo-lhe: "Joven principe herdeiro, dá-me a tua irmã mais bella em casamento!" O principe, que procurava baldar os intentos de seus paes, exclamou pressuroso:

— Espere um pouco e logo a possuirá.

E chamando a irmã mais velha tomou-a nos braços e jogou-a fóra da janella. A joven, entretanto, não foi cahir ao sólo, e sim sobre uma escadaria luminosa, que se elevava até aos raios luminosos do sól; com effeito, esse noivo não era outro que o poderoso Rei do Sol. Dando, então, o braço á princeza, subiram ambos pela luminosa escada até entrarem no reino deslumbrante do sol. Tempos depois, uma outra voz através da janella, assim falava ao principe: "Joven herdeiro deste throno, dá-me a tua irmã mais bella em casamento!"

O principe ficou admirado e exclamou: "Espere um pouco que logo a possuirá!"

Chamando, então, a sua irmã mais linda, tomou-a pelo braço e lançou-a fóra da janella. Ella, porém, foi cahir dentro de um luxuoso carro transportado pelos ventos. A um signal do noivo desconhecido, as nuvens se postaram em duas brancas filas, formando uma nivea estrada, por onde se precipitou veloz o carro aereo. Era esse noivo o Rei dos Ventos!

O joven principe estava radiante de alegria por já haver salvado do perigo as suas duas irmãs mais velhas.

No dia seguinte, pela manhã, ouviu o principe uma terceira voz: "Não é mister falar, atalhou o principe, pois já sei o que deseja!" E gritando pela irmã mais joven lançou-a fóra da janella. A joven, foi, pois, cahir nas aguas prateadas de um regato, que corria serenamente.

O noivo desconhecido tomou-a sobre os hombros e a corrente os conduziu ao Reino da Lua. Esse noivo era, pois, o Rei da Lua!

O joven principe ficou contentissimo por ter conseguido o seu intento. Quando na manhã seguinte regressaram os seus paes e souberam do occorrido ficaram maravilhados e cheios de jubilo, por verem os genros poderosos que lhes havia arranjado o seu bom filho. Então exclamaram:

— Oh, filho, quão poderosas se tornaram as tuas irmãs com os seus maridos! Deves agora arranjar tambem uma noiva que te faça assim grande e poderoso!

O principe respondeu-lhe:

— Já escolhi a minha noiva. Será ella a linda Fada Helena, a cobiçada por tantos jovens!

O rei e a rainha ficaram aterrorisados; porém, vendo que não poderiam demovel-o de seu proposito, impetraram aos céos que o guiassem naquella empreza temeraria. O velho rei tirou duas garrafas de seu luxuoso armario e entregou-as ao filho, com estas palavras: "Meu filho, esta garrafa contem a agua da vida, e esta outra a agua da morte. Se aspergires algum morto com a primeira, elle recobrará a vida; bem como, se aspergires um vivente com a segunda, será elle cadaver para sempre! Toma, portanto, estas duas garrafas, pois são o maior thesouro que possuo, e talvez te sejam uteis na tua empreza!

Toda a côrte começou então a chorar, sobretudo as damas de honra, que muito gostavam do joven principe. Este, todavia, resoluto e enthusiasmado, beijou a mão de seus afflictos paes e, pondo no hombro direito a Agua da Vida e no esquerdo a Agua da Morte, cingiu a sua espada e partiu. Depois de longa caminhada chegou a um grande campo, apinhado de cadaveres, visto como se dera ali, pouco antes, uma grande batalha. O principe tomou, então, a sua garrafa com a prodigiosa Agua da Vida e com ella aspergiu o rosto de um dos cadaveres. Este levantou-se immediatamente e abrindo os olhos exclamou:

— Oh! que somno profundo acabo de dormir!...

O principe perguntou-lhe:

— Que aconteceu por aqui?

— Combatemos hontem com a terrivel Fada Helena e ella nos venceu a todos num momento...

O principe encolheu os hombros e continuou o seu caminho. Mais adeante encontrou um outro valle onde jazia por terra um grande exercito. Restituiu, então, a vida a um dos soldados e perguntou-lhe:

— Combateram, por acaso, com a Fada Helena?

— Sim — respondeu o resuscitado.

— E por que lhe fizeram guerra? — continuou o principe.

— Então não sabe que o nosso principe quer casar-se com ella, e que ella só quer acceitar como esposo aquelle que a vencer pelas armas? Já a enfrentámos com tres exercitos. Hontem ella venceu a um, hoje de manhã liquidou com o segundo e agora deu cabo do terceiro!

Realmente encontrou o joven principe, um pouco mais adeante, o terceiro exercito completamente derrotado. Restituiu a vida a um dos soldados mortos, que lhe disse: "Agora mesmo acabámos de ser vencidos pela Fada Helena, em sanguinolenta batalha!"

— Onde poderei encontral-a? — perguntou o principe.

— No pincaro daquella montanha está o seu castello — disse o soldado.

Felisberto, assim se chamava o joven principe, subiu a encosta da montanha, em demanda do castello da Fada. Penetrou desembaraçadamente no sumptuoso castello, percorreu-lhe todos os reconditos e não encontrou ninguem. Por fim chegou ao quarto da Fada, de cuja parede pendia uma espada que pulava continuamente, querendo saltar fóra da bainha.

Ah! pensou Felisberto, se estás assim tão inquieta, então poderei pôr-te em uso; gostaria muito mais de possuir a ti, do que a uma preguiçosa como esta que aqui tenho, que só sabe vibrar quando a empunho na luta. E tomando a sua espada trocou-a pela outra. Quando elle se virou, surgiu na sua frente a figura bellissima da Fada.

— Ousaste, pois, penetrar no meu castello? — gritou a Fada encolerisada. Agora deverás combater commigo!

E approximando-se da parede tomou a espada que lá estava suspensa, emquanto o principe arrancou pela espada que acabava de trocar, começando então a lucta.

Quando os gladios se cruzaram, um simples golpe do principe fez com que a espada da Fada se partisse ao meio.

— E's meu esposo! — exclamou ella, sorrindo e lançando-se nos braços de seu noivo.

Casaram-se, pois, os dois e viveram felizes alguns mezes. Um bello dia disse Helena a Felisberto:

— Meu marido: devo deixar-te, por algum tempo. E' esta primeira e a ultima vez que me separo de ti. Daqui a sete mezes e sete dias estarei de volta, e então a nossa vida se transformará num eterno paraiso. Poderás penetrar em todo o castello, menos naquelle ultimo quarto, pois isto acarretaria a nossa desgraça!

Tendo dito essas palavras, a Fada desappareceu. O principe ficou desolado com a ausencia de sua linda Helena, e o unico alento que encontrava naquella solidão era percorrer as innumeras dependencias do grande castello. Certa vez, chegando elle á porta do ultimo quarto, lembrou-se da recommendação de sua esposa; porém, como era joven e curioso, abriu-o sem hesitação. Viu, então, um ancião, cuja barba era de fogo. Era o Rei das Chammas. Tinha, em torno da cintura, tres arcos de aço que o prendiam fortemente ao muro.

Avistando o joven principe disse o ancião:

— Eu te saúdo, amavel principe! Olha, minhas barbas são de fogo e sinto por isso muito calor! Dá-me um copo de vinho!

O principe, que era muito bondoso, satisfez o pedido do ancião. Quando, pois, o Rei das Chammas sorveu o copo de vinho, arrebentou-se um dos arcos de aço que o cingiam. O velho sorriu e disse:

— Quanto me alliviaste, joven; dá-me, pois, mais um copozinho!

Felisberto accedeu, e quando o velho tragou o segundo copo arrebentou-se o segundo arco que o cingia. O velho sorria mais uma vez e disse:

— Duas vezes me deste vinho; dá-me, pois, agora, um copo d'agua.

Quando, porém, o Rei das Chammas bebeu a agua desappareceu, deixando o principe absorto, pensando nas consequencias que poderia ter a sua imprudencia.

A Fada não tinha ainda percorrido a metade de seu cami-

nho, quando surgiu á sua frente o Rei das Chammas, que lhe falou assim:

— Repudiaste-me como esposo e mataste tres de meus exercitos, aprisionando-me no teu castello como um cão! Estás, porém, em meu poder, e deverás ser agora, não minha esposa, mas a ultima de minhas servas!

Desde o seu casamento com o principe que a Fada perdera a sua prodigiosa força de outr'ora, pois com tres tremendos impulsos conseguira aprisionar o Rei das Chammas no seu castello.

Sete mezes e sete dias eram já passados e Helena não regressava... Felisberto cahiu pouco a pouco em profunda tristeza e resolveu ir procurar os seus tres cunhados, afim de ver se conseguiria saber delles o paradeiro de sua esposa.

Dirigiu-se primeiramente ao Rei do Sol, que ia justamente chegando em casa.

— Seja bem vindo, meu joven cunhado — saudou o Rei do Sol.

— Ah! meu bom amigo — disse o principe — Ando á procura de minha esposa, que desappareceu. Não me sabe dar noticia della?

Não — respondeu o Rei do Sol. — Infelizmente não a vi. Mas, como talvez ella seja visivel sómente á noite, é bom dirigir-se ao seu cunhado, o Rei da Lua. Jantaram, pois, juntamente e, ao cahir da noite, Felisberto dirigiu-se ao seu cunhado o Rei da Lua. Ali chegando, expoz-lhe o fim de sua visita e o Rei respondeu-lhe:

Eu tambem não a vi; porém venha commigo esta noite, porque poderemos talvez encontral-a.

Os dois vagaram, pois, toda a noite e não a viram. O Rei da Lua então disse-lhe:

— Devo voltar agora para casa. Mas vem ali o nosso cunhado, o Rei dos Ventos, que lhe poderá talvez dar noticias della, visto como elle percorre todos os logares da terra.

Num instante o Rei dos Ventos se encontrou com o principe e quando ouviu o seu pedido, disse:

— De facto, eu sei onde ella se acha! O Rei das Chammas a conserva prisioneira numa caverna subterranea, onde ella deve lavar a louça de sua cozinha, no ribeiro das labaredas... Coitada!... Faz ali tanto calor, que eu mesmo sopro por ali constantemente para alliviar a sua dôr!...

— Muito lhe agradeço, caro cunhado, pelo beneficio que lhe fez; mas seria possivel conduzir-me até lá?

— Pois não, — respondeu o Rei dos Ventos. E deu um formidavel sopro no joven principe, que este, num instante, foi parar, com seu cavallo, ao lado de sua amada Helena. Esta, de alegria, deixou cahir dentro do ribeiro das labaredas toda a louça que estava lavando, emquanto Felisberto pôl-a sobre o seu cavallo e fugiu.

Neste momento, o Rei das Chammas, que estava no seu quarto, ouviu o barulho medonho na estrebaria. Desceu, pois, e viu como o seu cavallo Tempestade pulava e relinchava em grande desespero. Tempestade era um cavallo admiravel; falava como homem e tinha nove pés!

— Que é isso, Tempestade? — gritou o Rei das Chammas. Não tens bastante feno? ou não te deram de beber?

— Tenho bastante feno e me deram de beber — respondeu o cavallo. — Mas roubaram-te Helena.

As barbas do Rei incendiaram-se de ira; porém Tempestade accrescentou:

— Tranquillisa-te! Come, bebe e dorme por minha conta, pois, com tres pulos e meio eu t'a buscarei de novo!

O Rei das Chammas, pois, comeu e dormiu á vontade e, quando acordou montou no Tempestade e partiu. Dando tres pulos e meio o veloz Tempestade alcançou Felisberto, de cujos braços arrancou o Rei a Fada Helena, exclamando:

— Principe infame! Se não fosse a liberdade que me deste, morrerias agora como um cão! Se mais uma vez, porém, tiveres a ousadia de tornar a este castello, serás devorado pelas chammas de minha barba!

O joven principe voltou muito triste aos seus cunhados e contou-lhes o que lhe succedera. Os tres cunhados escutaram-lhe o insuccesso e disseram-lhe:

— Deverás procurar um cavallo que seja mais veloz que o Tempestade. Só ha no mundo um tal cavallo, que é o irmão do Tempestade, e este se acha em poder da bruxa Feia, que o traz escondido dentro de um subterraneo. Dirige-te, pois, a ella, serve-lhe por algum tempo e exige-lhe como recompensa o seu cavallo!

— Conduze-me, então, á sua presença! — pediu o principe.

— Immediatamente! — respondeu um de seus cunhados, o Rei do Sol. Toma, antes, esta lembrança de teus cunhados que muito te estimam. E entregou-lhe uma varinha de ouro e prata, que vibrava constante, a qual possuia o ardor do sol, o esplendor da lua e a força dos ventos.

— Todas as vezes que necessitares de nós — disse o Rei do Sol — introduze esta varinha na terra e immediatamente estaremos a teu lado! — Em seguida sentou o principe em um raio do sol e conduziu-o durante um dia inteiro, passando-o então ao Rei da Lua, que o transportou uma noite toda, por sobre montes e valles; por fim, guiado pelo Rei dos Ventos, chegou ao palacio da bruxa Feia. Este palacio era todo construido com craneos de defuntos, e um unico faltava na cumieira para fechar a cupola grandiosa. Ouvindo bater á porta, a bruxa olhou pela janella e exclamou radiante:

— Emfim, tenho mais um! Ha mais de tres seculos que em vão tenho esperado pelo precioso craneo que deveria completar o meu palacio! Entre, meu joven amigo!

Quando o principe entrou e se approximou da velha bruxa, ficou muito assustado; era uma velha horrivel e feia, e que tinha o nariz de ferro.

— Quero prestar-lhe algum serviço — disse o corajoso principe.

— Bem — disse a bruxa. — E o que queres como recompensa?

— O cavallo que traz encerrado no subterraneo!

— Sim; tel-o-ás, meu bravo joven, se servires fielmente. Se, porém, faltares uma só vez á tua obrigação, a tua cabeça fechará a cupola de meu palacio!

— Está bem — concordou o principe.

A bruxa accrescentou: — No meu serviço o anno de trabalho contém apenas tres dias! Poderás, pois, começar desde hoje. Deverás conduzir os meus cavallos ao prado infernal, onde deverão pastar. Se, porém, voltares á tarde sem um delles, estarás perdido! — Dizendo isso, a bruxa o conduziu á cavallariça. Estavam ali bellissimos cavallos de bronze que relinchavam e pulavam horrivelmente.

— Comece o teu trabalho! — ordenou a bruxa Feia, voltando para o seu quarto. Felisberto abriu a cancella e, de um pulo, montou num dos corceis, sahindo em disparada com toda a tropa. Apenas chegou ao prado, foi lançado em um sorvedouro, pelo cavallo que montava, ficando enterrado até o peito.

Os cavallos começaram a correr um após outro. Felisberto, porém, não perdeu a calma e, tomando a varinha que lhe deram os seus cunhados, enfiou-a na terra. De subito, raios ardentes do sol cahiram sobre o grande sorvedouro, seccando-o num instante, emquanto os cavallos de bronze começaram a derreter-se, e, cheios de terror, regressaram á estrebaria, ficando a bruxa admirada de ver os cavallos infernaes reunidos ali de novo.

— Amanhã — disse ella — deverás vigiar as minhas doze eguas! Se não regressares com o ultimo raio do sol, serás um joven morto!

As doze eguas eram as filhas da bruxa Feia. Quando, pois, o joven Felisberto entrou no curral das eguas, uma dellas exclamou:

— Tenho dó de ti, joven principe, pois não conseguirás nos vigiar! E dizendo isso dispersaram-se as doze eguas, em grande correria.

O principe, porém, bateu na terra com a varinha mysteriosa e arrebentou de subito uma terrivel tempestade, que arrastou as eguas para o seu curral. E quando se extinguiu o ultimo raio do sol, appareceu a bruxa, que ficou maravilhada de ver ali o principe com suas doze eguas.

— Bem — disse a bruxa — se hoje á noite desempenhares assim a tua tarefa, terás a liberdade! Vae, pois, ordenha as minhas vaccas e prepara-me um banho de leite! Se não estiveres prompto ao primeiro raio do sol, estarás perdido.

A bruxa durante toda a noite espancou as suas doze filhas, por terem sido vencidas pelo joven principe.

Felisberto dirigiu-se ao curral e viu, então doze vaccas bravias, armadas de chifres longos e ponteagudos. O principe contemplou-as e ficou a pensar que aquella seria a prova mais difficil a realisar. Quando quiz tocar na terra com a varinha, appareceu-lhe o Rei da Lua, que lhe disse:

— Venho ao teu encontro e já sei do que necessitas! Onde eu illuminar com meus raios, junto da cancella, ahi deverás cavar tres palmos de terra, encontrando, então, um cabresto de ouro. Segura-o com a mão esquerda e a vacca mais bravia te obedecerá!

Felisberto seguiu o conselho de seu cunhado, e poude facilmente ordenhar todas as vaccas.

Na manhã seguinte o banho estava prompto, e o leite fervia e fumegava como se estivesse no fogo. A bruxa disse, então, maliciosamente:

— Senta-te ahi dentro!

O principe, porém, exclamou:

— Se eu resistir a esta prova, deverei partir immediatamente e terei de levar commigo o cavallo que exigi como recompensa de meu trabalho!

De repente appareceu o cavallo junto da banheira. Era pequeno, feio e sujo. Quando, pois, o principe ia entrando no banho, o cavallo mergulhou a cabeça no leite e absorveu com

Mentiras acceitas como verdades

Há phrases que passam de geração em geração, acceitas como encerrando fundas verdades e que não são senão grandes mentiras.

Como vocês devem saber, a pelle do rhinoceronte é tão molle que se póde cortar com um canivete commum. Pois isto está em contradicção com o que qualquer pessoa póde ler em todas as obras de historia natural, isto é, que o dito animal está provido d'uma pelle á prova de bala; ora, o que é certo é que semelhante dureza só a tem o couro já curtido e, naturalmente, foi isso o que deu origem a esse engano, do qual participam quasi todos os homens de sciencia, desde que se conheceu pela primeira vez o rhinoceronte até os nossos dias.

Entre as falsidades admittidas pelos naturalistas, nenhuma se encontra tão arreigada como a affirmação de que os leões não trepam nas arvores. Embora sem acertarem em explicar o porquê, todos os zoologos, até os mais eminentes, dizem com a maior formalidade que o leão nunca sobe a uma arvore e que nisto se differença dos demais felinos, desde o tigre, o leopardo e a panthera, até os innocentes gatos domesticos, todos os quaes são excellentes trepadores.

Até numa magnifica obra do eminente sabio director do Museu Historico Natural de Paris, se nega ao leão a natural habilidade que todos os seus congeneres possuem.

No emtanto, o leão sabe e póde subir a uma arvore do mesmo modo que o gato mais agil; o que é, é que não o faz senão mui raras vezes, porque os antilopes, as zebras e os outros animaes que lhe servem de alimento se não encontram senão em planicies abertas, desprovidas de arvoredo, e, por outro lado, os macacos, os esquilos e todos os seres que o leão encontraria por entre os ramos, são uma preza demasiado despresivel para uma fera tão grande. Um viajante moderno, digno de credito, matou um leão que estava trepado numa arvore e assegura que, na Africa central ingleza, não é raro ver o chamado rei dos animaes subir aos ramos mais grossos do arvoredo, para explorar dahi o terreno. Analogas observações fez tambem, na Uganda, Johnston, a quem se devem tantas e tão notaveis descobertas sobre os animaes selvagens daquelle paiz.

Comparavel, pelo muito generalisada que está, ao engano referente ao leão, é a fabula sobre o aproveitamento da agua conservada no estomago do camelo. Segundo a maior parte dos livros de sciencia ou de viagens, que andam nas mãos de toda a gente, quando os homens duma caravana se vêem expostos a morrer de sede no deserto, matam um dos seus camelos, tiram-lhe o segundo estomago e, vasando a agua ali contida, bebem á vontade, á custa do infeliz animal, que perde assim a vida para conservar a dos donos.

A historia é muito bonita, quasi commovedora; parece que se está vendo um beduino envolto no seu albornoz, puxar do alfange, e craval-o na garganta do pobre camelo.

Desgraçadamente, para os que se vêem no duro transe de ficar sem agua no Sahará, o liquido contido no estomago do camelo não passa duma verdadeira immundicie, excellente para a nutrição do animal, mas absolutamente impossivel de ser bebido por alguem. Os arabes, seja dito de passagem, não têm a menor idéa acerca de tão ridicula fabula, que já foi refutada, ha alguns annos, e que mais recentemente deitou por terra um jornalista inglez, que passou muito tempo no Sudan, tratando de perto com os cameleiros do deserto e com os seus camelos.

---

as narinas todo o calor que havia no liquido, ficando o principe são e salvo e sete vezes mais bello do que era!...

A bruxa pensou. Agora vou igualmente ficar sete vezes mais bella do que sou e me casarei depois com este lindo principe!...

Quando, porém, entrou na banheira, o cavallo mergulhou a cabeça e depositou no liquido todo o calor que tinha absorvido, ficando a bruxa completamente queimada. O principe saltou contente sobre o seu cavallo e fugiu dali. Quando já estava mui distante, disse-lhe o cavallo:

— Lava-me neste corrego!

Quando Felisberto lavou o seu cavallo, este adquiriu a côr de ouro e seus olhos se transformaram em duas esmeraldas. Com um pulo admiravel, o Ventania, que era o irmão do Tempestade, transportou o seu principe á caverna do Rei das Chammas, onde estava encerrada a linda Fada Helena. Quando Felisberto avistou-a, gritou:

— Vem, meu amor, pois quero salvar-te!

— Ah! — exclamou a Fada — foge depressa senão o Rei te matará!

Felisberto tomou-a, entretanto, pelo braço e, pondo-a sobre o seu cavallo, fugiu veloz. Tempestade, o cavallo do Rei das Chammas, começou então, a fazer um barulho formidavel na estrebaria!

— Que é isso? — perguntou o seu amo.

— Helena foi roubada! — gritou o cavallo.

— Bem — disse o Rei — comerei, beberei e dormirei; com tres pulos alcançarás, como da outra vez!...

— Não! Não é possivel! Desta vez, se não formos depressa não a alcançaremos, pois o principe monta o meu irmão mais joven, que é o cavallo mais veloz que existe sobre a terra!

O Rei afivellou as suas esporas de fogo e montando o Tempestade, partiu. Quando se approximaram do Ventania, este, olhando para traz exclamou:

— Irmão, como consentes que te firam as costellas com essas esporas de fogo? Ficarás todo queimado e não me alcançarás jámais! Seria muito melhor que servisses comnigo a este meu senhor, que é bom e amavel.

Tempestade comprehendeu o seu erro e, quando sentiu de novo o ardor das esporas, jogou nos ares o Rei das Chammas, que foi quebrar o pescoço num rochedo.

O Felisberto regressou feliz com sua Helena para seu castello, onde celebraram grandes festas, que lhes fizeram esquecer os sustos passados.

A CADEIRINHA DA MARQUEZA

EXPLICAÇÃO

A cadeirinha da Marqueza é um lindo brinquedo de armar que offerecemos aos leitores deste Almanach.

Todas as peças, antes de recortadas, devem ser pregadas em cartolina fina. Da almofada para cima a cadeirinha deve ser forrada com setim amarello ou grenat.

A cadeirinha era, nos tempos antigos, o vehiculo de conducção mais nobre que se conhecia.

Todo fidalgo possuia sua cadeirinha, cuja construcção custava ás vezes uma fortuna. Os lacaios ou pagens que a carregavam ostentavam custosas librés e tinham apparencia de fidalgos.

Armem o presente brinquedo que, depois de prompto, é dos mais interessantes.

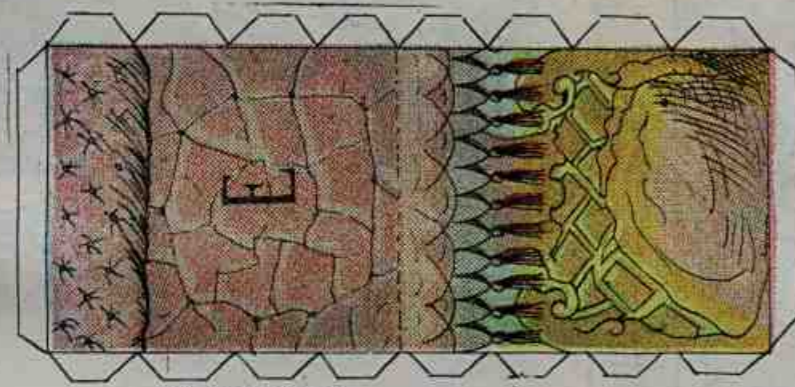
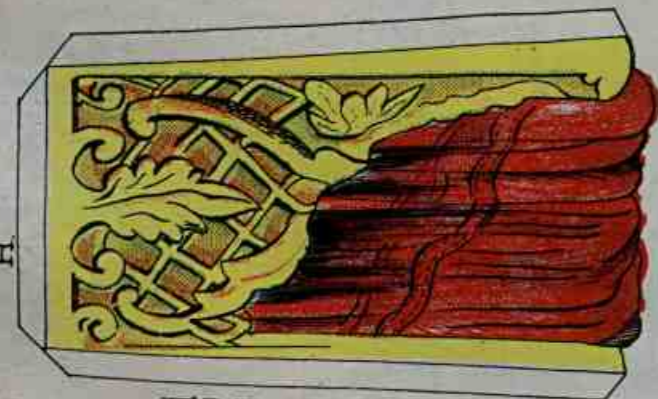
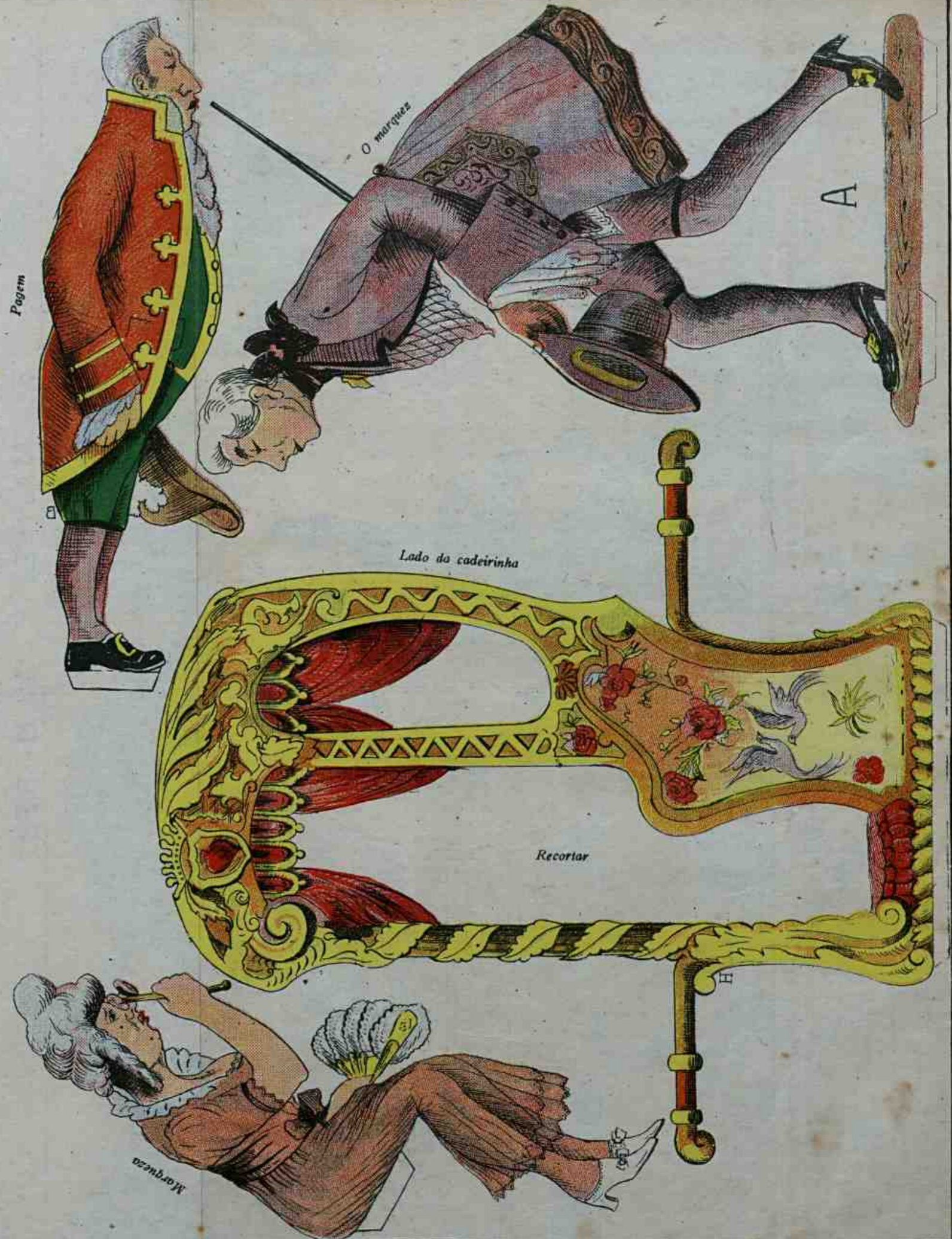
A SSENTO

FRENTE

Pagem

B

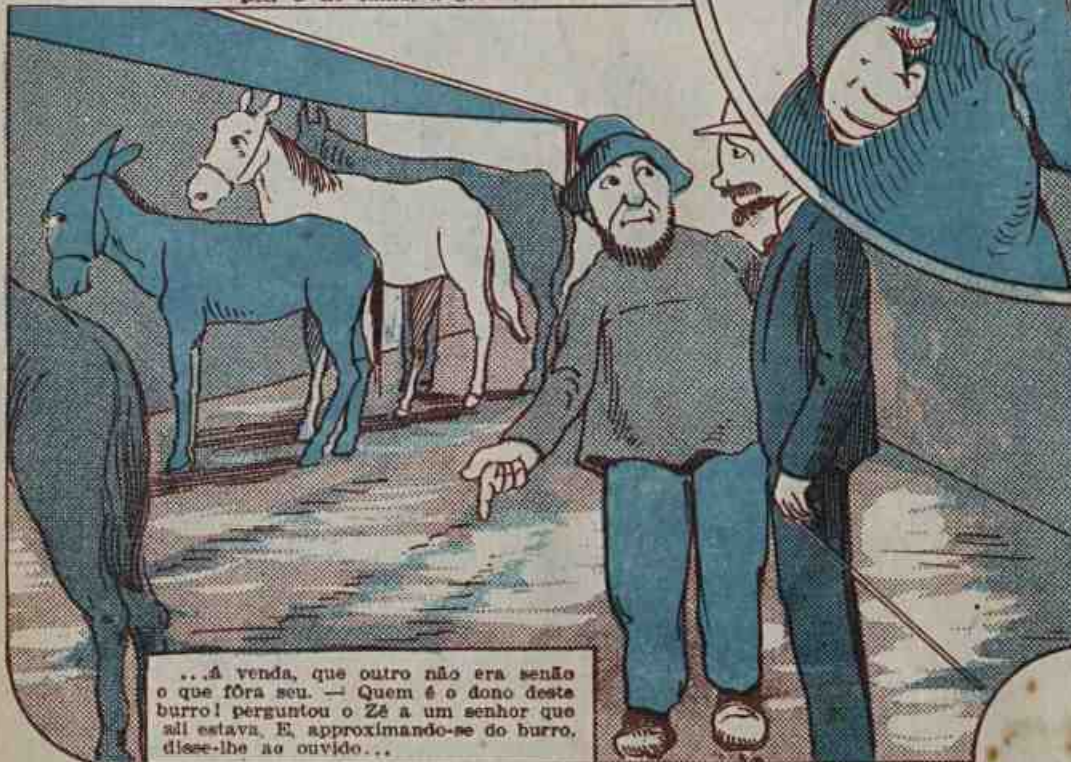
O marquez

A

Lado da cadeirinha

Recortar

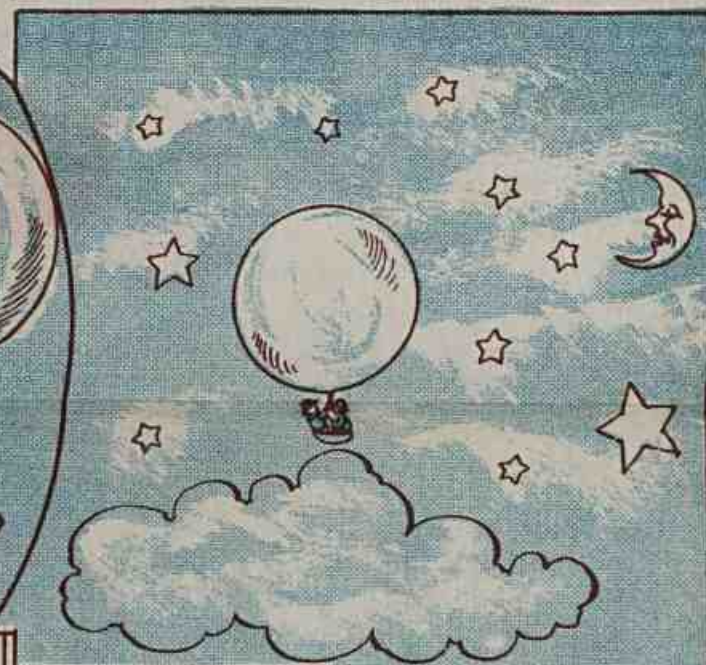
H

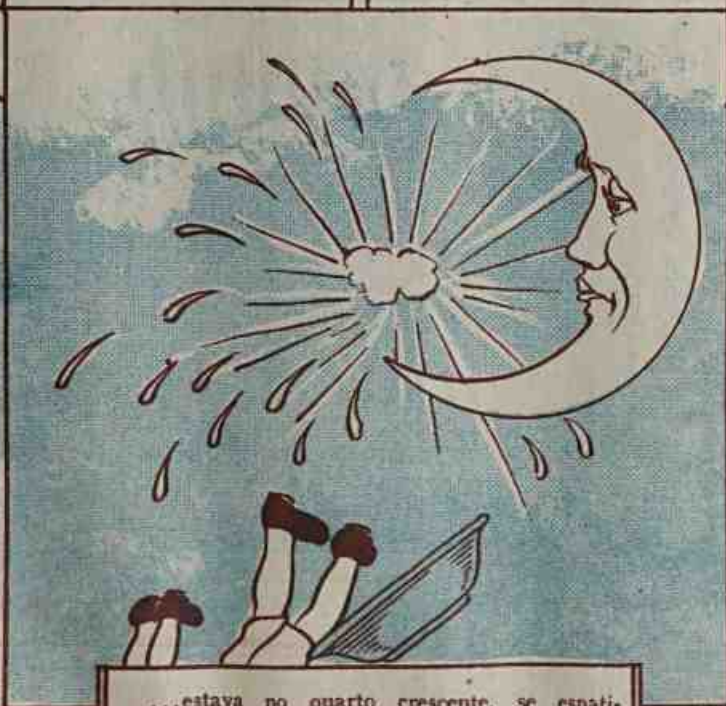
Marqueza

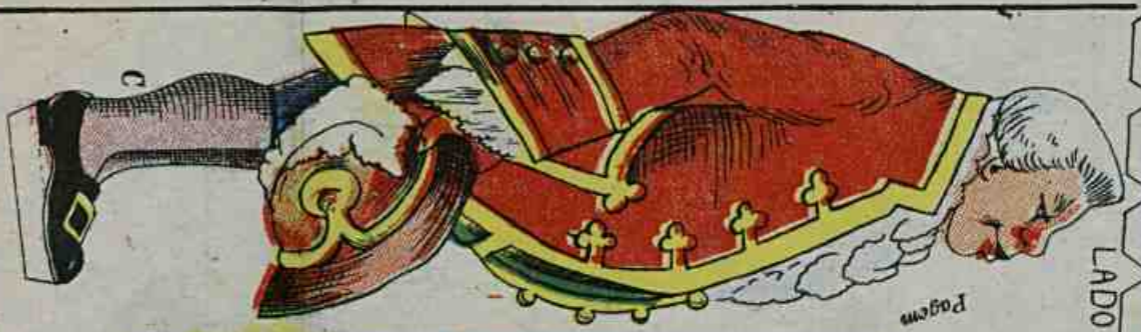
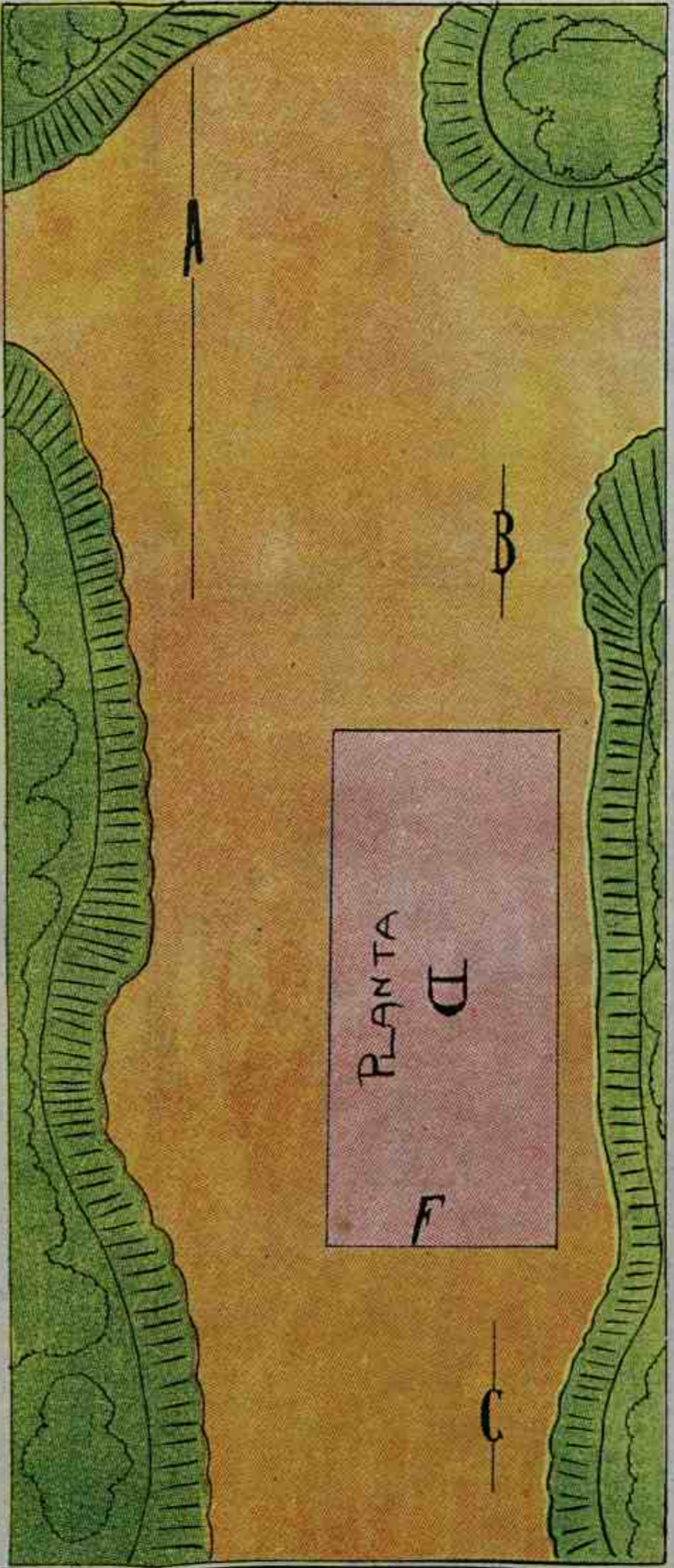
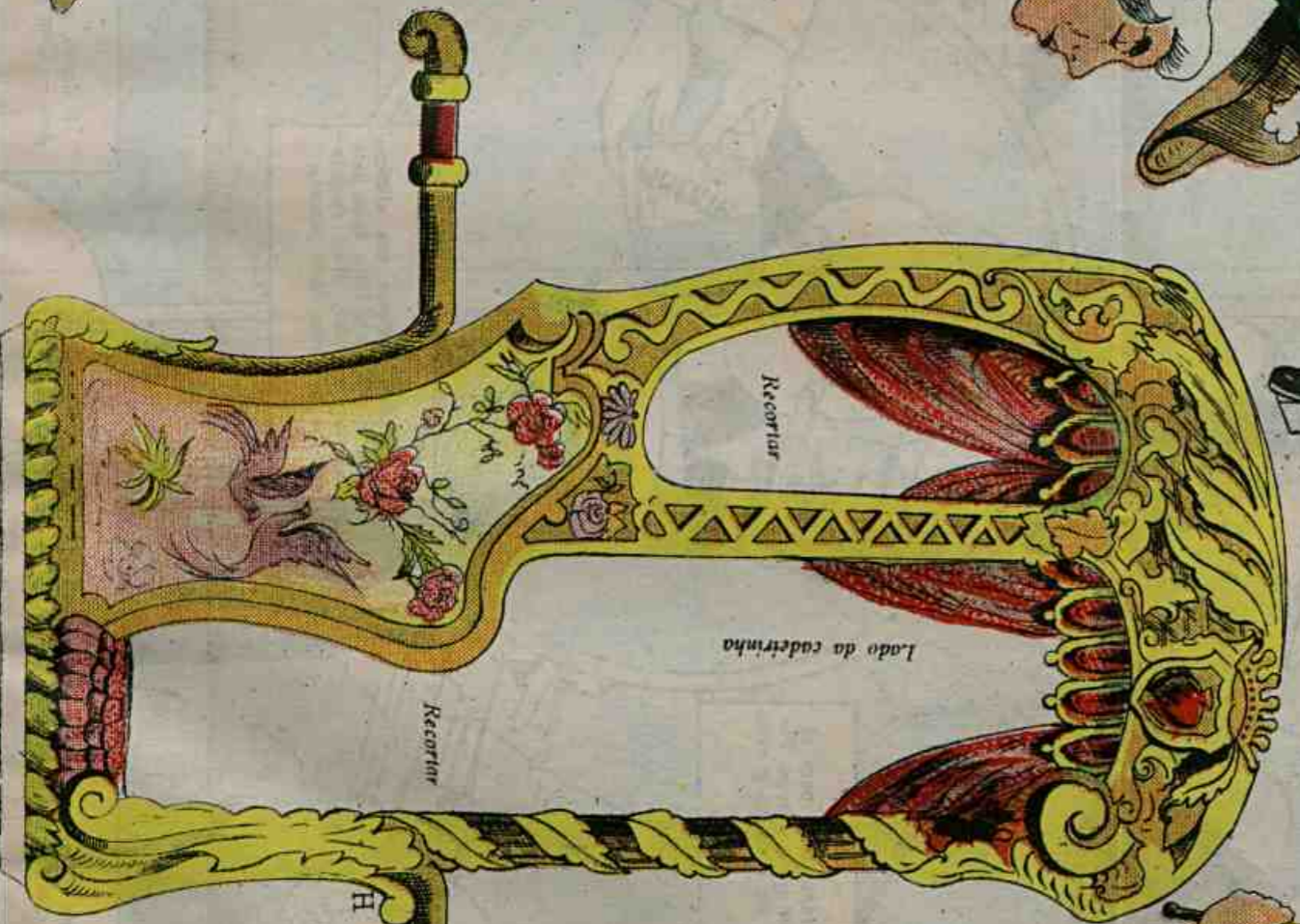
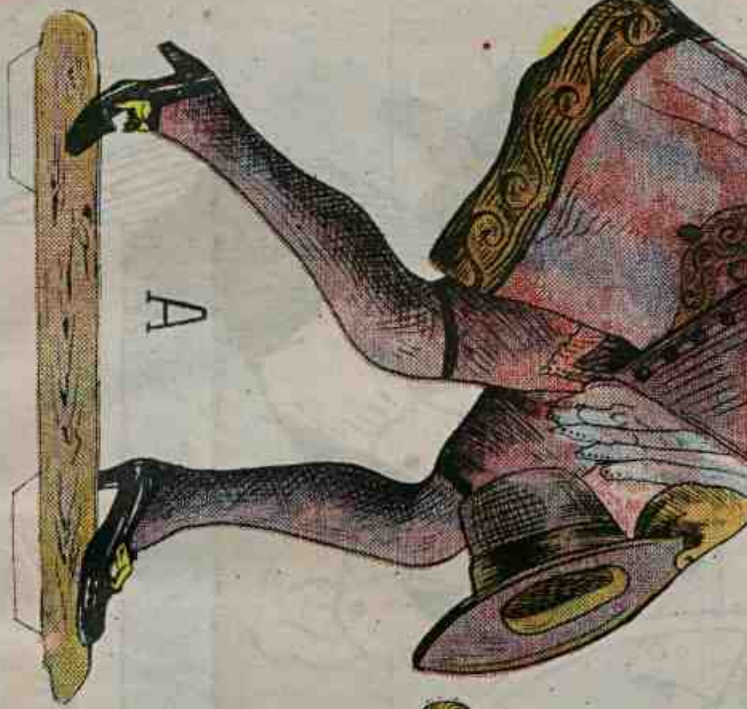
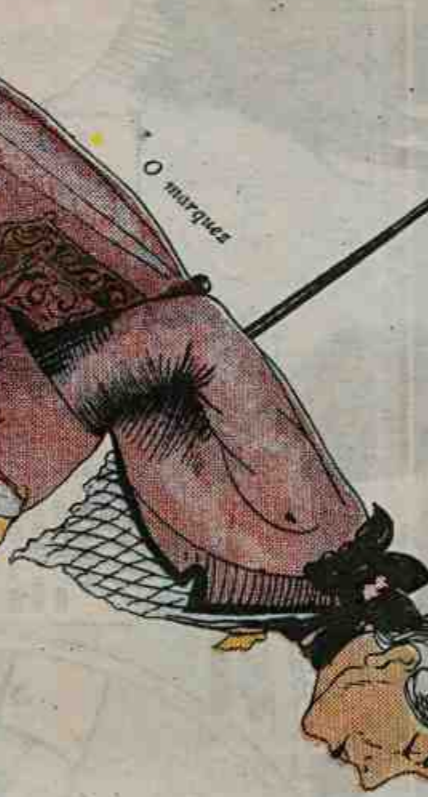
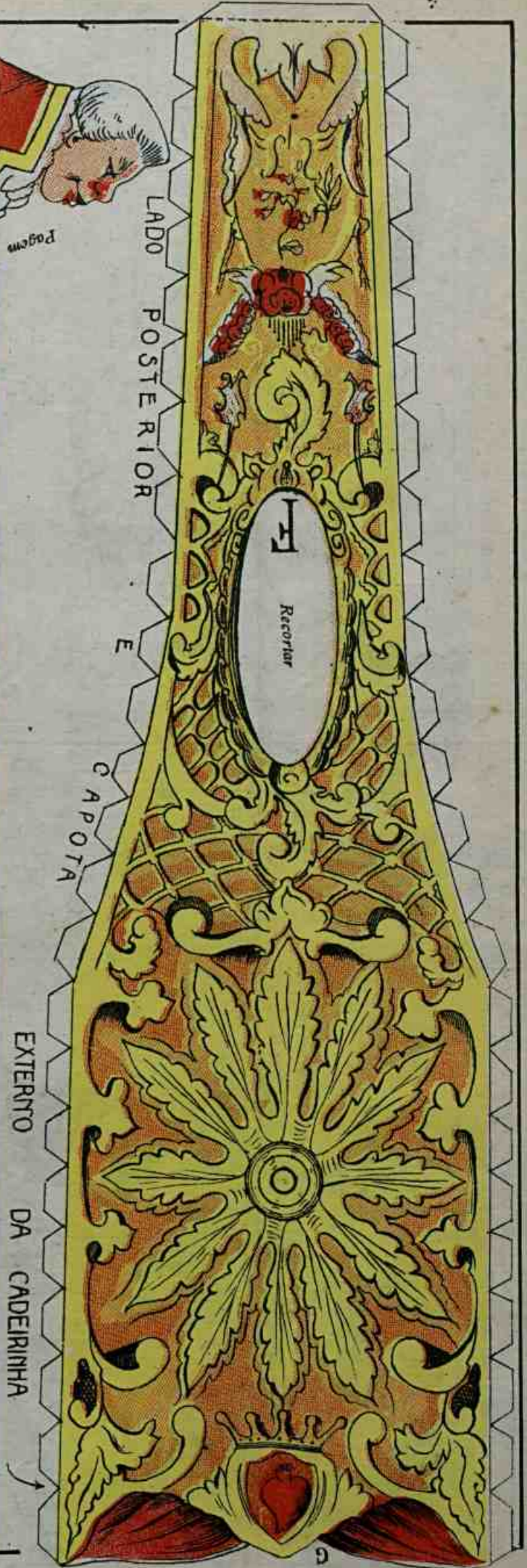
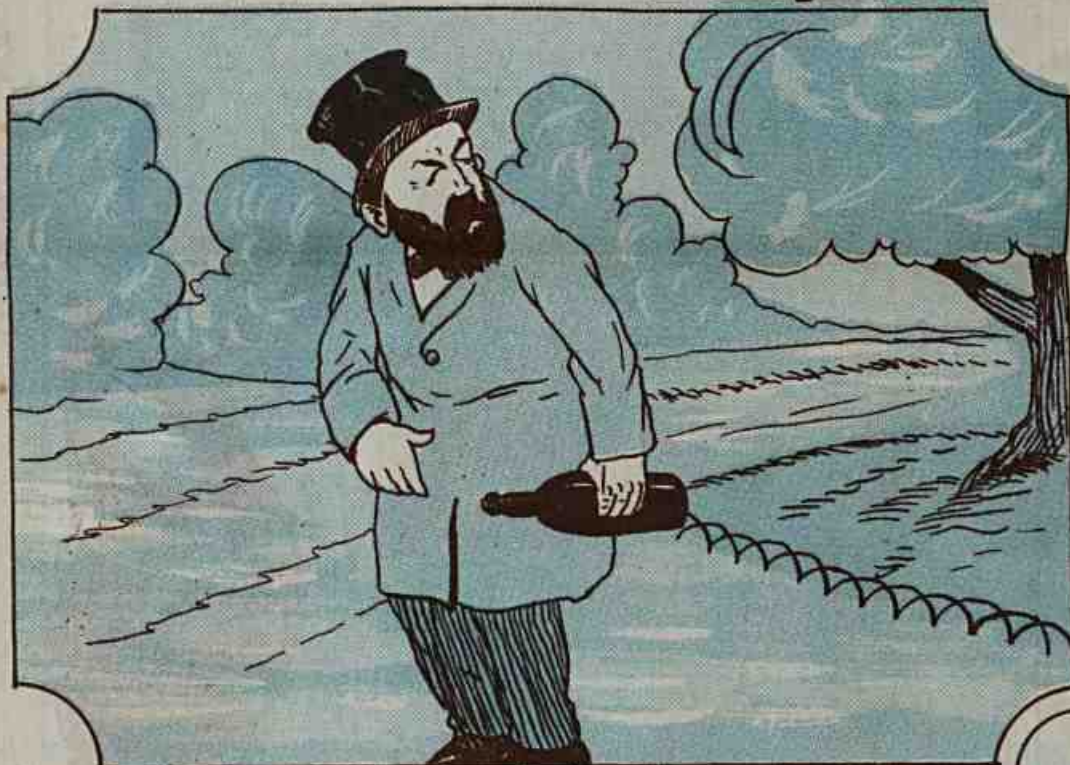
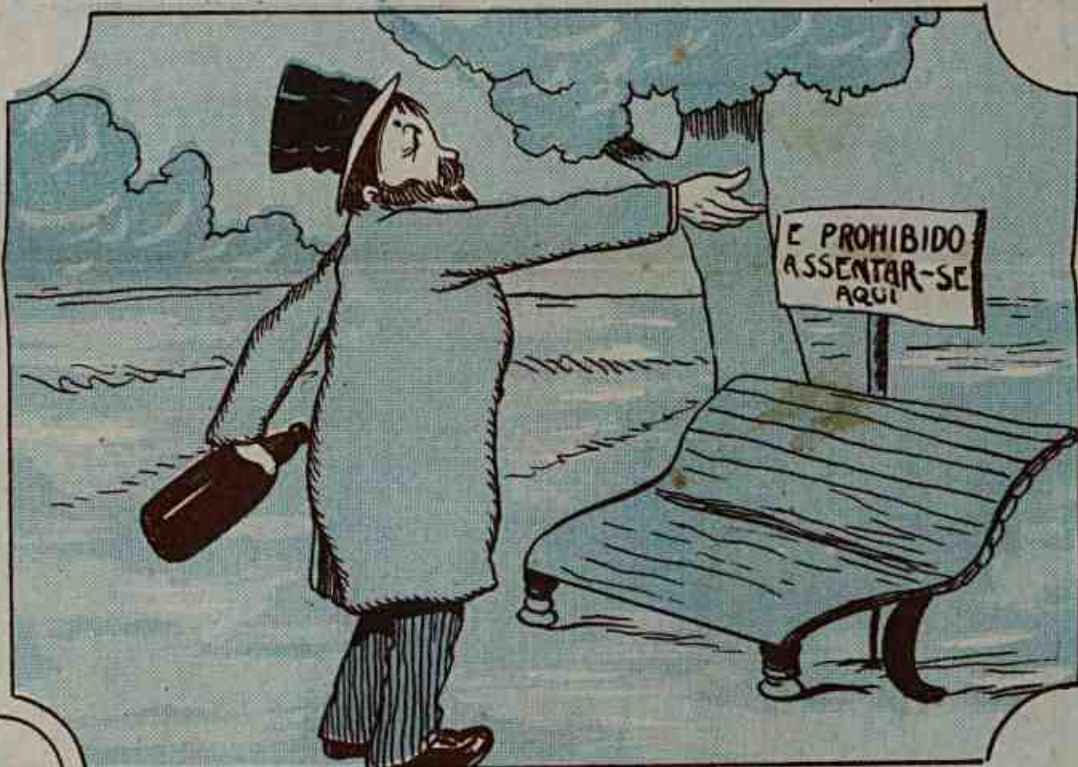
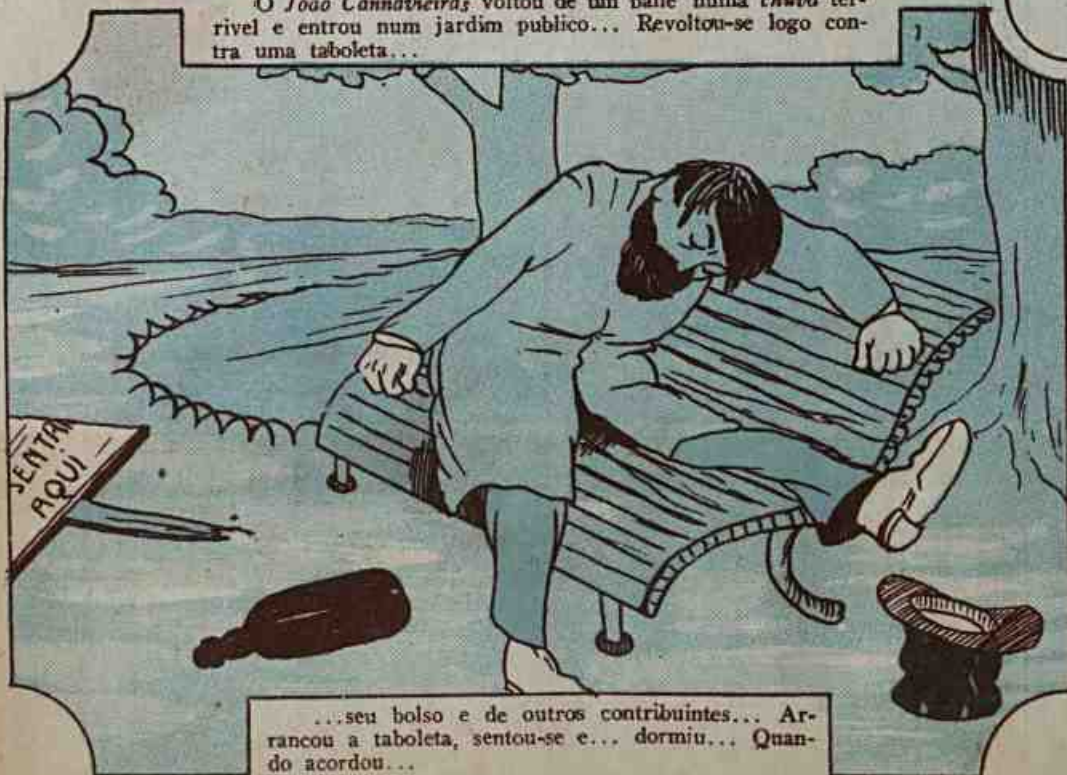
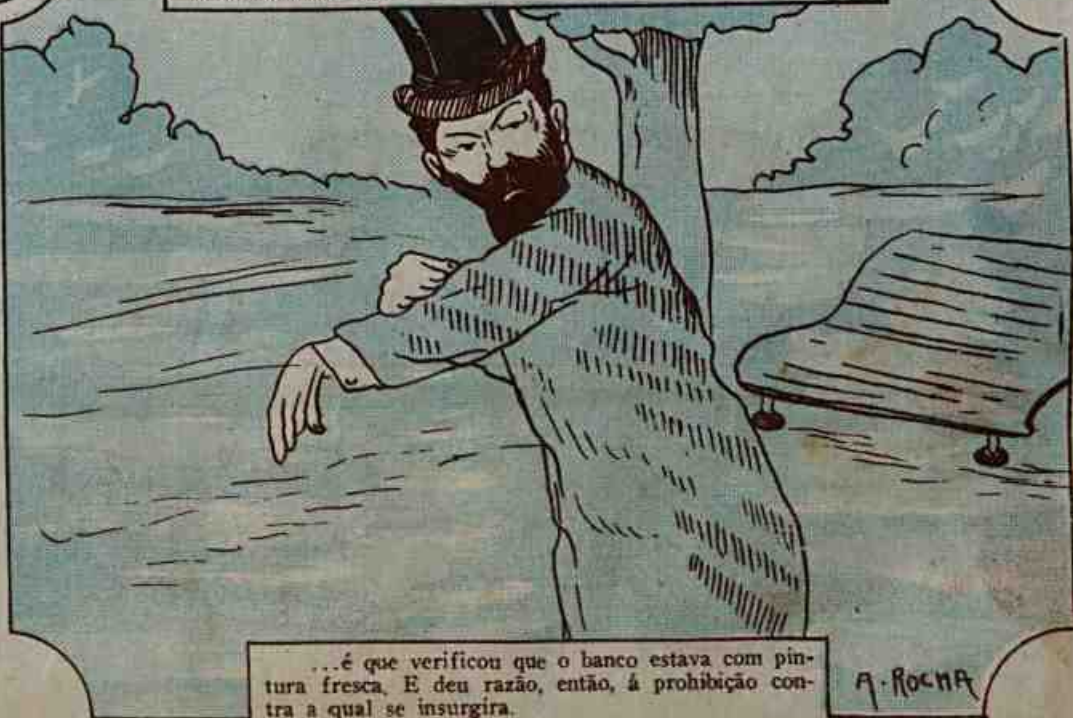
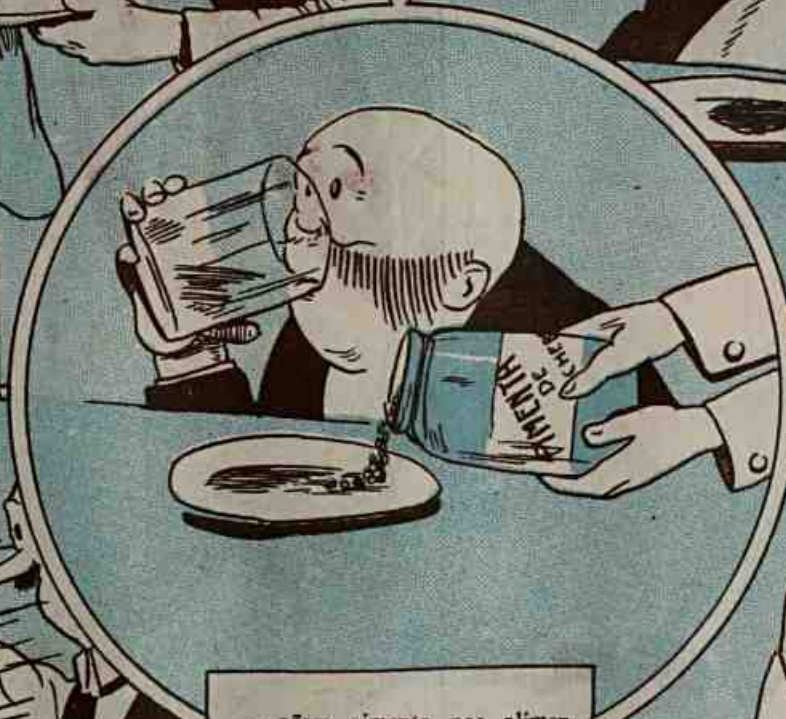
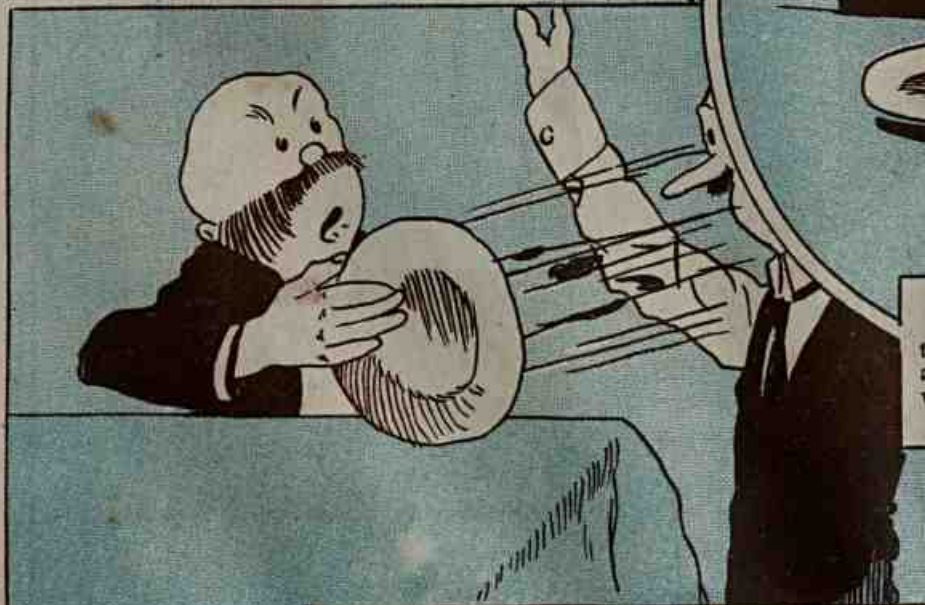
ZÉ MANÉL E O BURRO

A bola de sabão

Periquito e Joaninha foram brincar de bola de sabão.

Periquito conseguiu fazer uma bola tão grande e...

...tão forte que carregou os dois pelos ares.

No princípio Periquito e Joaninha acharam graça, mas, lá pelas tantas o...

...balão como subira muito, começou aos trambolhões... E dando um encontrão na lua, que...,

...estava no quarto crescente, se espatifou todo. Periquito e Joaninha levaram um tombo que...

...os fez chorar uma semana inteira. — Moralidade: "Quanto maior é a altura maior é a queda".

Prejuizos do alcool
O *João Cannavieiras* voltou de um baile numa *chuva* terrivel e entrou num jardim publico... Revoltou-se logo contra uma taboleta...
E PROHIBIDO ASSENTAR-SE AQUI
...que dizia ser prohibido sentar-se alí qualquer pessoa. Não podia tolerar aquillo num jardim publico, cujo custeio sahia tambem do...
AQUI
...seu bolso e de outros contribuintes... Arrancou a taboleta, sentou-se e... dormiu... Quando acordou...
...é que verificou que o banco estava com pintura fresca, E deu razão, então, á prohibição contra a qual se insurgira.
A. ROCHA

Com Jeff não se brinca
JORNAL
PIMENTA DE
Jeff entrou num restaurante novo para almoçar, sem saber que Mutt era o garçon. Ficou surprehendido quando viu o amigo, e este não perdeu a occasião...
...de lhe pregar uma peça, pondo pimenta na comida. Jeff reclamou. Aquillo não era um restaurante decente, não se podia comer; só os máos cozinheiros...
...põem pimenta nos alimentos. E emquanto bebia agua para alliviar o ardor, Mutt despejava-lhe no prato mais pimenta.
Jeff percebeu e para vingar-se lançou a comida apimentada aos olhos de Mutt.
E depois, pernas para que vos quero, sahiu a resmungar. — Com Jeff não se brinca!
A. ROCHA

DEMETRINA

NUNS montes altissimos e longinquos de um certo reino, pastoreava um rebanho uma bella e humilde aldeã, que tinha o nome suave de Flóra. Era essa jovem pastora, que muito cedo perdera sua mãe, e vivia isolada numa cabana, em companhia de seu velho pae, que os annos inutilizára no serviço rude dos campos, possuidora de um coração extremamente bom e caridoso.

Onde pousava o seu meigo olhar, quer sobre as andorinhas e os pardaes que lhe esvoaçavam em torno, quer sobre os animaes do seu rebanho, logo a tudo se communicava uma grande felicidade, porque os olhos de Flóra eram um raio puro de bondade e de alegria. As proprias relvas dos caminhos se tornavam mais macias e brandas na hora em que a doce pastora lhes pisava, para que os seus pés não se resentissem das asperezas do terreno; e os pequeninos arbustos curvavam a haste meigamente, como a dar boas vindas á gentil pastora que passava. Tambem as flores se abriam, as folhas das arvores se agitavam, a natureza toda, emfim, se expandia, e trinavam os passarinhos, saudando a terna pastora, que tanto bem espalhava em torno á sua pessoa.

Acontece, porém, que havia nessas altas montanhas um genio máo, que povoava a região com os seus maleficios, causando o terror entre os seus habitantes. Esse genio era incarnado num anão de grandes barbas, que se arrastavam pelo chão, e tinha dois olhos como duas brazas accezas, donde se despedia o fogo da sua maldade. Por onde passava esse genio maldito, era uma devastação: tudo seccava e se tornava em cinza,

porque Ferenbrino — tal era o nome desse genio — tinha o poder de irradiar em volta de si um fogo que queimava e causava muitas ruinas. Mas o terrivel poder desse anão só se manifestava á noite, quando as montanhas do reino se achavam nas trevas, por isso que, quando se via uma chamma de fogo correndo, alta noite de um monte para outro, todos se occultavam e procuravam afugentar aquella apparição diabolica, fazendo cruzes e rezando preces. Só uma pessoa não temia a existencia do genio das montanhas, porque, na sua candidez e bondade, era incapaz de suppor que houvesse pessoas fadadas ao mal e a promoverem o exterminio dos seus semelhantes: — era a doce Flóra, que, sem o menor receio, cruzava as paragens ermas, onde pastoreava, deixando em casa seu velho pae cheio de susto pela sua sorte.

Um dia, estava Flóra sentada á sombra de uma arvore e vigiava dali o seu rebanho, quando viu apparecer um bello e garboso jovem, que se dirigia ao seu encontro. Logo, humilde e cheia de embaraço por aquelle inesperado encontro, num logar solitario, e em presença de um jovem tão formoso quanto rico de trajes e de joias, a bella Flóra levantou-se para fugir. Mas o jovem apressou-se, fazendo-a parar:

— Por que foge, minha pastora? Receia por acaso a pessoa do principe Uletti? — interrogou o jovem approximando-se.

A este nome a bella Flóra parou e, voltando-se para aquelle que assim se nomeára, balbuciou:

— Perdão, real senhor. Não sabia que era o filho de Sua Magestade o rei Tephar, a quem tinha a honra de encontrar nestes logares modestos.

E ficou muda, de olhos baixos, cheia de confusão na presença do brilhante e formoso principe, a quem devia o respeito de subdita.

De facto, era um principe, o filho mais novo do senhor daquelle reino, quem falava á jovem Flóra. Tinha vindo á montanha em busca de informações sobre o genio terrivel que tanto dava que falar ao paiz e até aos cortezãos e camareiros do paço.

Ao ver aquella linda pastora, tão socegada á sombra da arvore, sentira-se attrahido pela sua belleza doce e meiga, e pensára em indagar-lhe o que sabia a respeito do genio Ferenbrino, muito embora, intimamente, o principe não acreditasse na existencia do bruxo que morava nos montes.

— Então é verdade, — perguntou elle á timida pastora — que ha nestes montes um genio terrivel que devasta tudo com o fogo?

— Eu ouço contar essa historia, real senhor; porém, ainda não vi nada, nem quero acreditar que existam pessoas tão malignas no mundo e que vivam somente para o mal.

— Pois eu aqui vim unicamente para saber se, na verdade, existe esse monstro, cujas historias enchem o reino de pavor.

— E, se fôr verdade, real senhor?

— Então, nesse caso, terei eu mesmo de dar cabo delle, que assim faz um principe que ama o seu povo e preza estas florestas, com que a natureza dotou o reino de meu augusto pae.

Os dois, o principe Uletti e a meiga Flóra, ali ficaram a conversar sobre as aventuras do tenebroso Ferenbrino, conforme tinham ouvido contra doutras pessoas. E tão entretidos estavam ambos com a palestra, o principe a explicar o que pretendia fazer para capturar o temivel genio, caso elle de facto existisse, e Flóra procurando dissuadil-o desse intento, onde iria talvez expôr a sua vida, que se não aperceberam que a noite havia cahido aos poucos e já os envolvia em uma sombra densa.

Flóra despediu-se, então, do principe Uletti, mas este não consentiu que a bella pastora voltasse sózinha pelos ermos caminhos, exposta ao perigo da noite. E dispoz-se a acompanhal-a.

Foi, justamente, no momento em que a meiga Flóra se achava occupada em tanger e reunir o seu rebanho, para recolhel-o, que o principe viu, aterrado, surgir no tope da montanha uma chamma viva de fogo, que corria vertiginosamente dum para outro lado, e divisou no clarão desse fogo um vulto minusculo de grandes barbas hirsutas, cujos olhos eram dois fócos de luz que queimavam. O principe Uletti correu então para a pastora, afim de protegel-a, mas já o terrivel genio Ferenbrino havia envolvido, com a presteza de um raio, o rebanho da joven com as suas chammas ardentes. As pequeninas cabras saltavam e cahiam inanimadas e os pobres carneirinhos desmaiavam sem um gemido, carbonisados no fogo. O principe, de espada em punho, desnorteado pela confusão que o cercava, corria atraz do anão, que ria, dava grandes gargalhadas e uns saltos enormes, como se fosse uma bala cortando o espaço, zunindo, com a sua cauda de fogo. A bella Flóra, assim que viu o seu rebanho envolvido pelo fogo e perdeu de vista o bello principe, soltou um grito lancinante e cahiu para traz sem sentidos.

☆ ☆ ☆

Sómente no dia seguinte, quando já ia alta a manhã e o sol batia em cheio sobre o corpo da moça estendido no chão, foi que ella recuperou os sentidos, e, olhando em roda, ficou espantada de se encontrar em tal hora e logar a dormir. Notou, em seguida, que tudo que a cercava eram apenas cinzas. Esparsos pelo chão, jaziam varios esqueletos de animaes. Lembrou-se, então, do que se passára na vespera e, levantando-se bruscamente, poz-se a procurar dentre os escombros o esqueleto de homem que ella sabia ser o do formoso principe, que vira tragado pelas chammas que o anão produzia. Mas todas as suas pesquizas foram inuteis; cançada e com fome, ella arrastou os seus passos tropegos em caminho de casa, onde, de certo, o velho pae estaria passando por angustiosos transes, causados pela prolongada ausencia de sua adorada filha.

Ia Flóra, desanimada e exhausta, quando avistou a sombra dum muro de um velho catello abandonado. Para ali se dirigiu com o fim de descansar; sentou-se no chão e poz-se a chorar a perda dos seus queridos animaes, que representavam toda o fortuna de seu velho pae, invalido para o trabalho. Além disto, pungia-a o desapparecimento do formoso e lindo principe, que, procurando defendel-a da morte, tinha perdido a sua vida nobremente. E estava assim, muito triste, a chorar, eis senão quando sentiu que uma parte do terreno se abria vagarosamente e que se fazia junto de si um buraco no chão, donde, de repente, surgiu uma moça de semblante muito sympathico e de apparencia modesta, cujas mãos callosas se estendiam para Flóra.

— Não chores, boa Flóra. Aqui venho em teu soccorro.

— Quem és tu? — indagou a pastora — recuando diante daquella subita e extranha apparição.

— Sou a fada Demetrina, filha de Demeter, personificação da Terra e, sobretudo, das forças que produz a Natureza. Vivo na terra, porque é nella que amanho as sementes que dão o fructo e é das suas profundezas que faço brotar os elementos da vida, assim como a tua lagrima, cahida sobre o meu seio fez brotar em mim a piedade que aqui me conduziu. Nada mais receies. Ferenbrino é o genio do mal que foi mandado para destruir as terras deste reino e impedir que o principe Uletti, amigo da Natureza, se unisse a ti, a quem a Natureza ama. Vem commigo e te contarei o resto.

E tomando Flóra pela mão, a fada Demetrina conduziu-a por um subterraneo escuro, emquanto lhe explicava que o genio Ferenbrino era um dos filhos do deus Marte e residia num palacio cujas vigas e paredes eram raios e relampagos. Viera á terra para arruinar o reino de Tephar, sulcando-o com a lava candente trazida das camadas magneticas. E tudo porque um dos antepassados mythologicos do rei Tephar, numa disputa com Marte, o antigo deus da guerra, vencera a este pelo juizo e vontade de Jupiter, o deus de todos os deuses.

ESCOTISMO

PALAVRAS DO GRANDE OLAVO BILAC, O VIGOROSO POETA DO CIVISMO

A escola dos escoteiros, uma das cellulas primarias do organismo da educação civica e da defesa nacional, tem um objectivo que se resume em breve linhas. E' a educação completa dos adolescentes. O escoteiro, desde que se inicia no tirocinio, anda, corre, salta, nada, monta a cavallo, luta, defende-se, maneja armas; mantem-se num constante cuidado do asseio do corpo e da alma; afasta-se da pratica de todos os vicios; adquire noções de physica, chimica, botanica, zoologia, anatomia, geographia, topographia, astronomia; orienta-se pelo sol, pela posição das estrellas, pelo relogio, pela bussola; manuseia o thermometro; mede o caminho que percorre; estuda os mappas; sabe accender o fogo e cosinhar; faz acampamento, recebe e transmitte communicações pelos telegraphos Morse e Marconi, por meio de luzes, de signaes por bandeiras e pelos gestos dos braços; instinctivamente, aprende tactica e estrategia; póde, efficazmente, soccorrer feridos e victimas de quaesquer desastres; alimenta e desenvolve os seus nobres sentimentos; abomina a mentira; reputa sagrada a sua palavra de honra; é disciplinado e obediente; é cortez, considera como irmãos os seus companheiros; ampara as mulheres, os velhos, os enfermos; oppõe-se á crueldade sobre os animaes; é economico, mas condemna a avareza; respeitando a propria dignidade, respeita a dignidade alheia; é alegre; esforça-se por dizer claramente o que sente e, exactamente descrever o que vê; pensa, raciocina, deduz; e, emfim, conhece a historia e as leis do seu paiz; é patriota e estimula a sua iniciativa.

Basta isso, para que se veja que, no escotismo, se inclue todo o ensino da infancia e da adolescencia, como o comprehendia Platão, dizendo: "a educação tem por fim dar ao corpo e ao espirito a belleza e toda a perfeição de que elles são susceptiveis". E, como concebia Spencer, professando: "a educação é a preparação para a vida completa". Esta admiravel escola ao ar livre abrange todos os pontos que se contêm no programma da moderna pedagogia. Primeiro, a instrucção physica: a conservação ou o restabelecimento da saude, pela hygiene e pela medicina, e o desenvolvimento normal e progressivo de todas as funcções do corpo, pela gymnastica e pelos jogos escolares. Depois, a instrucção intellectual: o amestramento dos cinco sentidos, a percepção externa e interna, a cognição e a experiencia; a consciencia, a personalidade e a liberdade; a faculdade de conservação — a memoria; e as faculdades de elaboração — a attenção, a abstracção, a generalização, o juizo, o raciocinio e a imaginação. Emfim, a instrucção moral; a sensibilidade e a sua cultura; o amor proprio, o amor e o respeito da propriedade, do livre arbitrio, da independencia, da emulação; o altruismo, a benevolencia, a beneficencia, a amizade, a docilidade; o amor da patria, do bello e do bom; o brio, a coragem, a disciplina; e a cultura da vontade e a formação do caracter. E este curso completo de adestramento é feito no seio da natureza, na alegria da vida desportiva, pelo gosto proprio, pela pratica, pela lição das coisas.

O escotismo forma homens e, ainda mais, heróes. E' a heroicultura.

Afinal, Flóra e a fada chegaram a uma vasta sala, que refulgia de crystaes diamantinos e pedras preciosas e cujo chão era um tapete de ouro em pó. A um canto dormia o principe calmamente e, a seus pés, todo amarrado pelas proprias barbas colossaes, se achava encolhido e quieto o anão Ferenbrino, cujos olhos ainda chispavam um fogo vivissimo, que reflectia nos diamantes da sala. Accordaram o principe Uletti e este, depois de mostrar-se muito alegre por ver a linda pastora a seu lado, contou como conseguira agarrar o anão pelas barbas e subjugal-o. Contou, em seguida, a apparição da fada, que o levou para o seio da terra afim de repousal-o. As barbas do anão eram o seu ponto fraco: quem as segurasse podia subjugal-o facilmente.

A fada Demetrina, depois de reanimar os dois jovens com uma refeição toda feita dos succulentos productos da terra bemfazeja, levou-os, novamente, á entrada do subterraneo, despedindo-os ternamente. Neste momento, ouviu-se uma grande explosão, seguida de grandes ruidos que produzem as trovoadas. Era o anão Ferenbrino que tinha estourado de raiva!

O principe, então, resolveu levar a pastora ao palacio de seu pae, o rei Tephar, e foram os dois andando e conversando muito juntos, como se uma grande affeição de ha muito os unisse. Ao chegarem á curva dum caminho, sob os ramos de um velho cajueiro, o principe tomou as mãos da pastora e, num assomo arrebatado, cahiu a seus pés, declarando-lhe o seu profundo amor. A pastora ainda se achava interdicta com aquella declaração de amor tão repentina, quando ouviu por traz da arvore uma voz maviosa, que dizia:

— Uni-vos, filhos, que o vosso amor é uma virtude.

Era a fada Demetrina que acompanhava os passos dos dois jovens e os conduzia para o palacio real, onde, conforme os desejos de Demeter, sua mãe e mãe da Natureza, os vincularia pelos laços matrimoniaes, dando-lhes uma vida de amor em recompensa ao seu amor á Natureza. Ali chegados, o principe Uletti apresentou a formosa pastora a seu pae, narrando-lhe a miraculosa aventura que lhes succedera a ambos. O rei Tephar, que, na verdade, pertencia a uma dymnastia dos tempos mythologicos, acatou com respeito a decisão da deusa Demeter, por intermedio da fada Demetrina, porque, assim agindo, pensava preparar o futuro reinado de seu filho propiciamente defendido pelos deuses e, mais ainda, pela poderosa deusa que personifica a Terra e as forças da Natureza.

Casaram-se no mesmo dia os dois jovens, com a pompa tradicional dos Thephars. No dia seguinte, os dois esposos, seguidos de um sequito brilhante de aias e pagens, e pela boa fada Demetrina, que fechava o rutilo cortejo, foram ter á casa do velho pae de Flóra, que chorava desconsolado a ausencia da filha, em sua cabana, na floresta.

Imagine-se a alegria do bom velho ao vêr a filha voltar e... princeza!

E, nesse logar, entre o gorgeio alegre dos passaros e o balsamo aromatico das flores, viveram os dois longo tempo, porque é só na Natureza que se casam as bellas virtudes e a bondade dos seres humanos.

UM TRIUMPHO DE DOIS MINUTOS

O macaco viu que a cobra dormia. E armado...

*...de um vaso — **bum!** — prendeu a "bicha".*

E triumphalmente sentou-se no vaso encarcerador.

Mas como vêem os meninos, o triumpho do macaco foi curto.

ESCOTISMO

São do Papa Pio XI, o grande Pontifice que ora governa a Egreja, as seguintes palavras, dirigidas aos escoteiros catholicos italianos:

"Escoteiros significa ir na frente de todos, preparar estradas, ser a vanguarda da vanguarda; significa ser os primeiros entre os primeiros — primeiros na fé, primeiros na acção, primeiros no sacrificio, primeiros na pureza."

O ARROZ

O arroz é o cereal que mais se usa para alimentar os habitantes de todos os paizes. Muitos centos de milhões de pessoas vivem principalmente delle; o seu consumo augmenta rapidamente. Constitue o alimento mais importante das povoações indigenas da India, China, Japão, Madagascar e muitas partes da Africa e de quasi todas as nações orientaes. Os siamezes consomem-o em grandes quantidades. Cada trabalhador malaio consome mensalmente 28 kilos em média e os siamezes 32 kilos em igual tempo. Emprega-se, tambem, para fazer cerveja, principalmente no Japão, onde a producção do *saki*, ou cerveja de arroz, alcança a enorme quantidade de 900 milhões de litros annualmente.

O Brasil consome e produz muito arroz.

☆ ☆ ☆

O Estado da Bahia em 8 annos forneceu 23 grammas de diamantes negros.

A LUZ MYSTERIOSA

O MARINHEIRO Yvan tinha que fazer uma viagem que duraria seis mezes. Sahindo de casa acompanhado de sua carinhosa mãe, em direcção ao cáes, chorava amargamente, pois era a primeira vez que della se separava.

No cáes, ao despedir-se da sua boa progenitora, não queria seguir e, chorando, disse-lhe:

— Minha mãe, muito cruel é a separação; talvez o seu filho nunca mais a veja!

E chorando, proferia palavras de carinho, consolo e saudades.

Sua mãe tambem pronunciando palavras de ternura o consolava, dizendo: — Que a luz dos seus olhos o acompanharia por toda a parte.

A's 7 horas o "Atlantico" partiu, deixando a pobre mãe inconsolavel; e, de longe, o marujo na prôa abanava o lenço encarnado, dando um ultimo adeus de despedida ao ente que elle mais ama na terra: sua mãe.

Após sete dias de viagem, desaba uma horrenda tempestade; o navio que estava em alto mar correu grande perigo.

O corajoso marujo, querendo salvar a si e a seus companheiros de viagem, procurou fazer tudo o que fosse possivel e, quando chegou a altura de uma ilha, lobrigou uma luz mysteriosa, da qual seguiram em direcção; todos estavam salvos!

De volta procurou a sua velha mãe e depois de muito andar, achou-a cega, tacteando para encontrar alguma cousa que lhe servisse de apoio.

Grande tristeza o abateu ao olhar para a mãe querida; duas lagrimas rolaram pelas suas faces. Mas a velha mãe, percebendo o adorado filho a seu lado, sente tambem voltar-lhe a vista. Alegre, já póde ver o filho e exclama:

— Meu filho, a luz dos meus olhos te acompanhou, livrando-te dos perigos; aquella luz que viste foi a de meus olhos.

O filho abraçou a mãe, chorando de contentamento...

GEORGETTE GYRÃO WANDERLEY

☆ ☆ ☆

Ha pensamentos tão delicados, que nem pódem ser pensados... — *Novalis.*

☆ ☆ ☆

O arcebispado do Rio de Janeiro foi creado por Leão XIII em 1893.

PASSATEMPO DE DOMINO'

Pela fórma designada no quadrado supra hão de collocar-se as 28 pedras de um jogo de dominó, de tal maneira, que a somma dos seus pontos, tanto horizontal, como vertical, como diagonalmente, dê sempre o total de 21.

(Vejam o resultado adeante).

NOTAS CIVICAS

PALAVRAS DO GRANDE ESCRIPTOR PATRICIO COELHO NETTO

escotismo é uma instituição de energia, tendo por base a força, mas a força intelligente que se chama Dever, governada pela disciplina.

O escoteiro, assim como se robustece nos exercicios ao ar livre, apura os sentidos, desenvolve as faculdades e aprimora os sentimentos; torna-se sociavel, fraternisando com os companheiros no convivio que os liga intimamente pela cadeia da solidariedade.

O escoteiro é uma sentinella attenta, que, não só vigia, como ainda acode aos accidentes com o soccorro prompto; assiste sollicito junto a quem quer que soffra e, á maneira de Robinson, tudo aproveita e converte em utilidade, aparelhando-se com o que se lhe depara.

Assim o escoteiro em acção improvisa, habil e destro, tudo de que carece: galhos e ramos bastam-lhe para armar uma tenda; contróe uma ponte solida com cipós e varas; fogo, tira-o das pedras; ata um amarrilho de fibras em nó que se não desliça; embrecha umas andas para transporte de feridos com o que lhe dão as arvores; sabe a virtude medicinal das hervas e das raizes; prepara uma refeição e pensa um ferimento ou corrige uma entorse. Caminhando com a bussola ou olhando as estrellas, orienta-se no mais embrenhado silvedo como no páramo mais deserto e, em perigos, sendo atalaia, esperto e subtil como o Pequeno Pollegar, para avistar ao longe trepa ás arvores, occulta-se-lhes nas franças e, por vezes de passaros ou por signaes, communica-se com os companheiros.

Acompanhado sempre da bandeira cresce junto della cantando, como oração heroica, o hymno nacional e, fiel ao juramento que lhe prestou, não ousa commetter falta pela qual possa ser arguido diante do pendão veneravel, que é tudo para elle, porque é o symbolo da Patria.

De tal escola sahem os infantes que serão os homens de amanhã: seres de tempera viril, tão uteis na paz pelo que aprenderam brincando, como serão bravos na guerra pela resistencia que adquiriram no corpo, com os exercicios, na alma com a perseverança na disciplina, que é a cadencia da ordem.

Assim, essa instituição heroica e generosa é a escola primaria do civismo, na qual se devem matricular todos os meninos brasileiros, que, amando o seu paiz, queiram aprender a bem servil-o e a honral-o.

COMO GOUNOD SE TORNOU COMPOSITOR

Charles Gounod estudava conscienciosamente no Lyceu de Saint Louis, quando lhe aconteceu assistir ao *Othello*, de Rossini, cantado por Malibran, Rubini e Lablanche. Começou então a abandonar as lições, completamente alheio a tudo, distrahido, exaltado.

A sua mãe, desolada, foi procurar o director do Lyceu, Poirson; supplicando-lhe que chamasse á ordem o pequeno Gounod.

Poirson prometteu que convenceria o rapazito. E para o conseguir quiz pôr Gounod em difficuldade. Chamou-o e disse-lhe, gracejando: —"Olha! aqui estão estes versos. Põe-nos em musica. Verás que fiasco..."

No dia seguinte o joven Gounod pediu para falar com o director e tocou para elle ouvir a musica que havia adaptado aos versos.

Poirson, que tinha preparado todos os seus raios e coriscos contra o alumno, vencido, subjugado, apertou-o nos braços e com lagrimas nos olhos disse-lhe:

— Vae, rapaz; escreve musica!

Assim Gounod se tornou compositor.

☆ ☆ ☆

A estupidez das pessoas revelou-me a belleza das paizagens. — *Jean Lorrain.*

PASSATEMPO DE DOMINO'

Resultado do problema dado em outro logar deste Almanach.

A BOA-VIAGEM

A Pedra da Boa-Viagem é um dos pontos mais pittorescos e mais lindos de Nictheroy. E' uma rocha banhada pelo mar, quasi uma verdadeira ilha. Ha nella, além da capella em que se venera Nossa Senhora da Boa-Viagem, algumas vivendas interessantes.

De lá se descortina um lindo panorama. De dia, além do casario de Nictheroy, vê-se grande parte da bahia de Guanabara, cheia de embarcações mercantes e de guerra, altas montanhas cobertas de verdura e a capital distante.

Mas, á noite, é que é verdadeiramente bello o espectaculo dali visto.

O céo estende-se sobre nós como um docel recamado de lentejoulas.

Nictheroy brilha cheia de mil luzes. Mas a Capital Federal, principalmente agora com a Exposição, vence tudo, longe, a coruscar como um fogaréo, emquanto o mar tudo reflecte, encantando a vista...

Ivo Rodrigues.

☆ ☆ ☆

Entre as modernas fantasias da historia devemos incluir a do ultimo banquete dos Girondinos, que nunca foi celebrado, mas a que Michelet, Louis Blanc e Lamartine deram fóros de authenticidade. Está hoje demonstrado que esse festim macabro foi producto da imaginação de Charles Norien.

O "ELIXIR DE INHAME" NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO — TRECHO DA AVENIDA DAS NAÇÕES

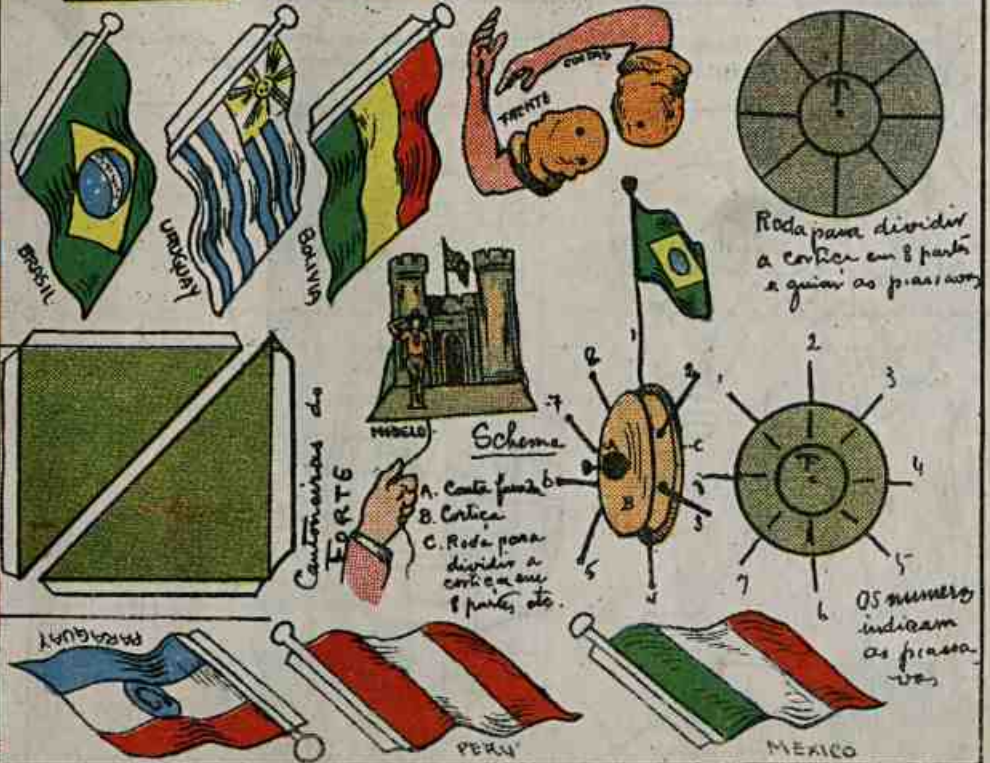
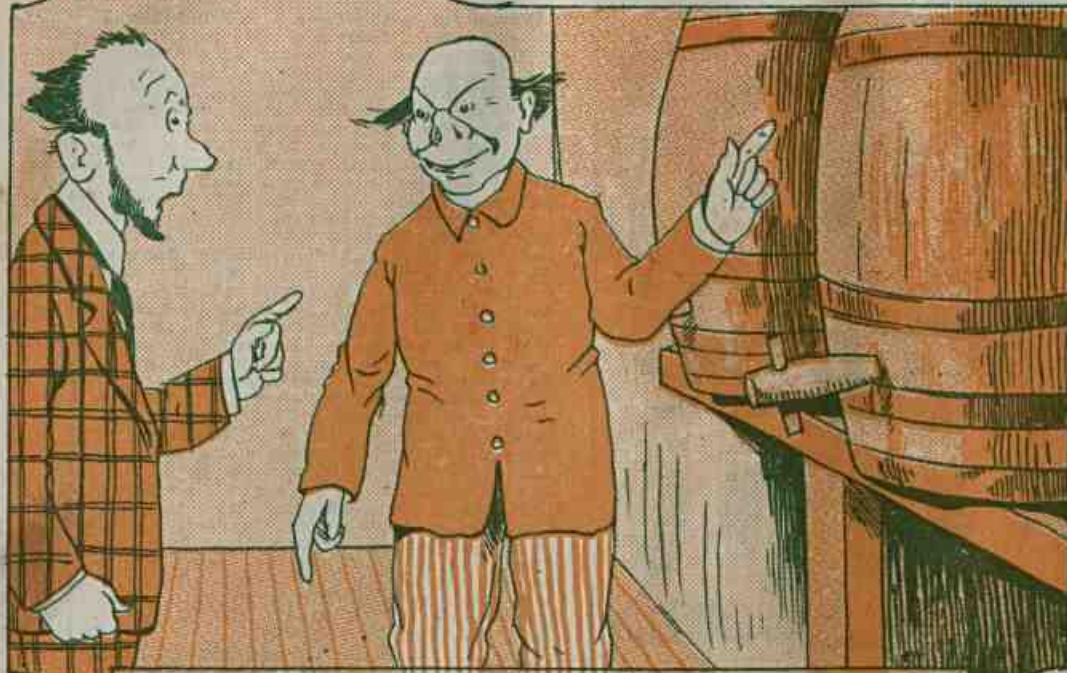
EM CONTINENCIA !!

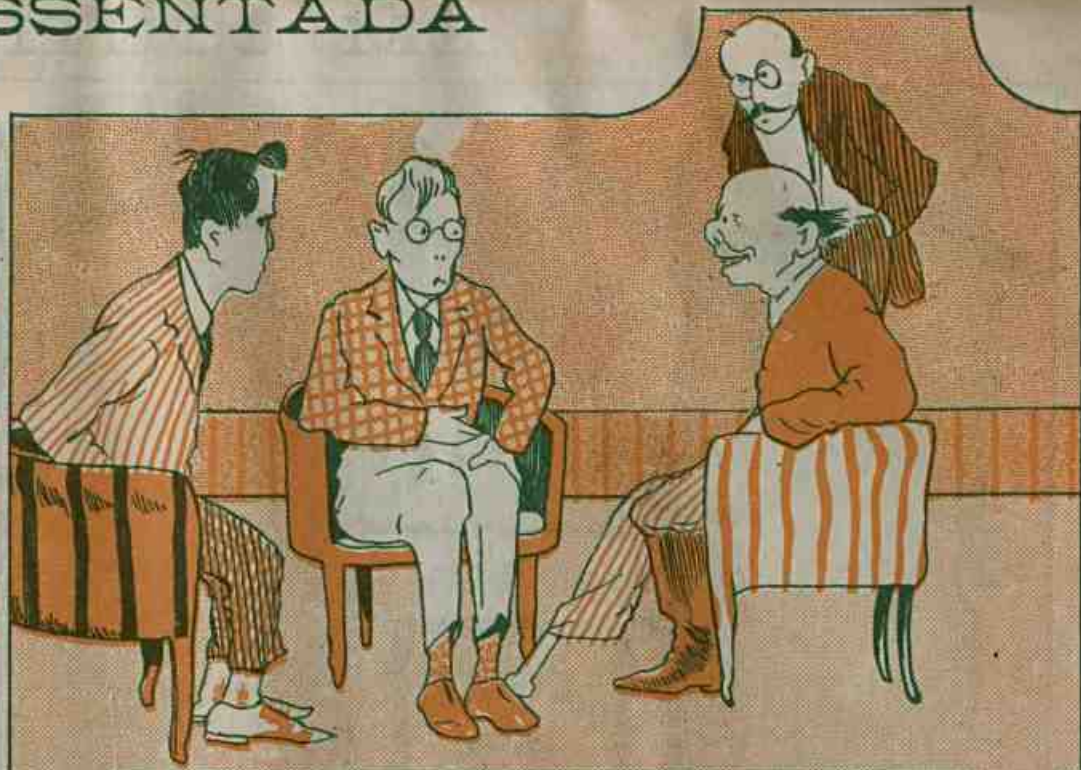
EXPLICAÇÃO

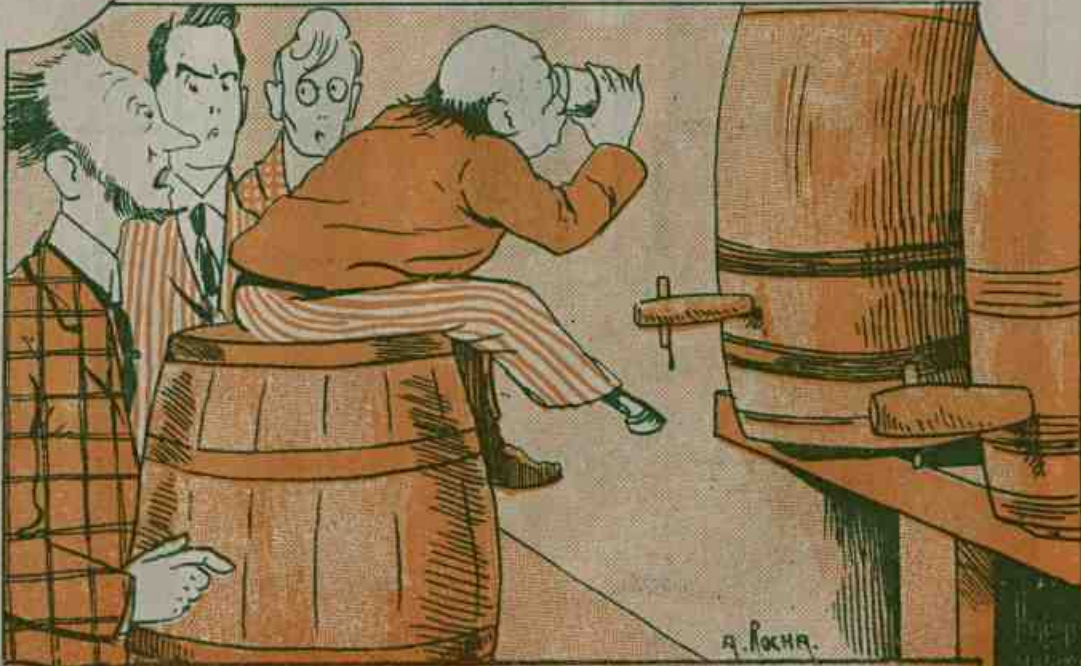
Collem em cartão forte o Castello (Forte) recortem e dobrem o chão pela linha A B. Colloquem aos cantos as cantoneiras. Recortem o escoteiro em cartolina e preguem ao solo do Castello (Forte), de modo que, entre as costas e a frente, fique um pequeno espaço por onde deve correr a linha que move o escoteiro.

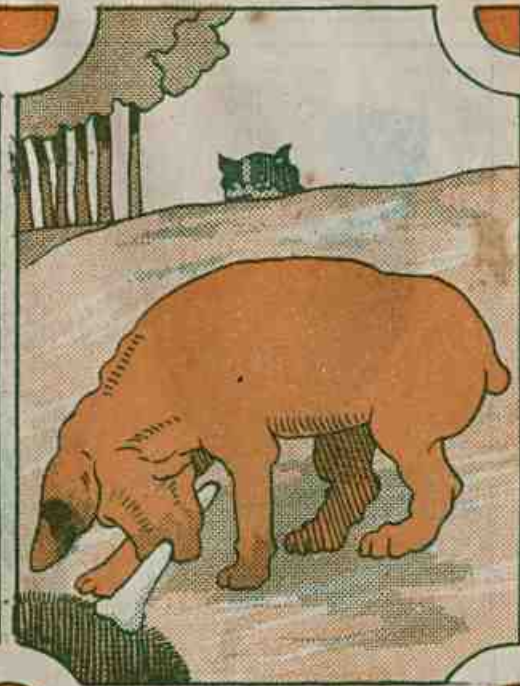
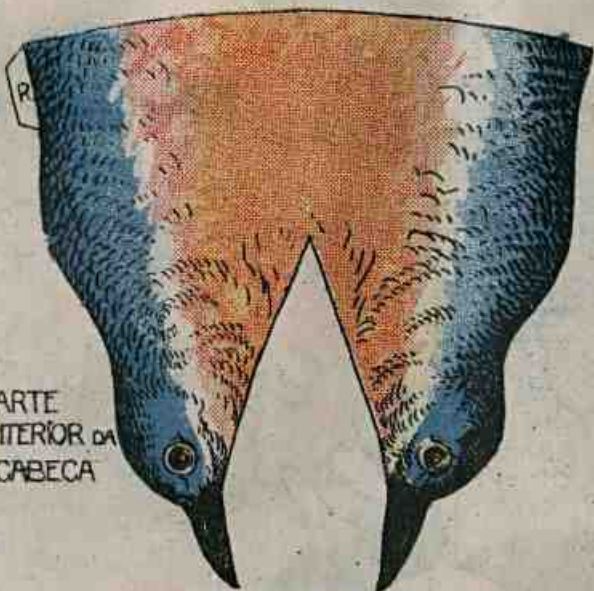
A figura (escoteiro) será tratado como os polichinellos, isto é, articulando o braço por meio de uma linha que passará no furo superior com um nó em cada extremidade; no furo inferior será amarrada uma linha que, descendo por dentro do corpo da figura, entrará no furo que se acha no solo, entre as duas faces do escoteiro. As bandeiras serão pregadas em piassavas e estas espetadas numa rolha, (vide schema). Do topo de cada bandeira ao eixo da cortiça não deve haver mais que 7 centimetros de raio.

A cortiça ficará por traz do quadro e será presa por um alfinete enfiado no ponto T, sobre a porta do Castello. Será conveniente collocar uma conta (de vidro) furada, no alfinete antes de enfial-o, isso impedirá que se rasgue o ponto T.

Movam a roda das bandeiras e puxem-n'a para o escoteiro fazer a continencia. Aquelles que não conhecerem bem as bandeiras, só pelas côres, poderão numeral-as nas costas, de 1 á 8 e organisar um catalogo: 1, Brasil; 2, Mexico; 3, Argentina; 4, Chile; 5, Bolivia; 6, Paraguay; 7, Uruguay; 8, Perú.

N'UMA ASSENTADA

Garnizé, visitando a adega do Pantaleão, disse-lhe, apontando para uma pipa, que seria capaz de beber vinho d'aquella pipa n'uma assentada.

O Pantaleão duvidou e apostou — era impossivel, não havia estomago que aguentasse tanto vinho assim! dizia o Pantaleão. A execução foi marcada e Garnizé foi entrevistado pela massante reportagem.

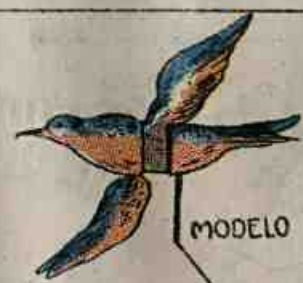
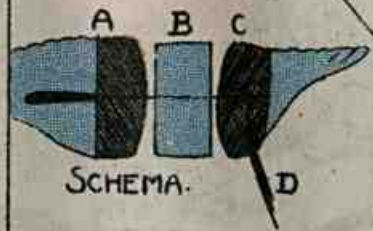
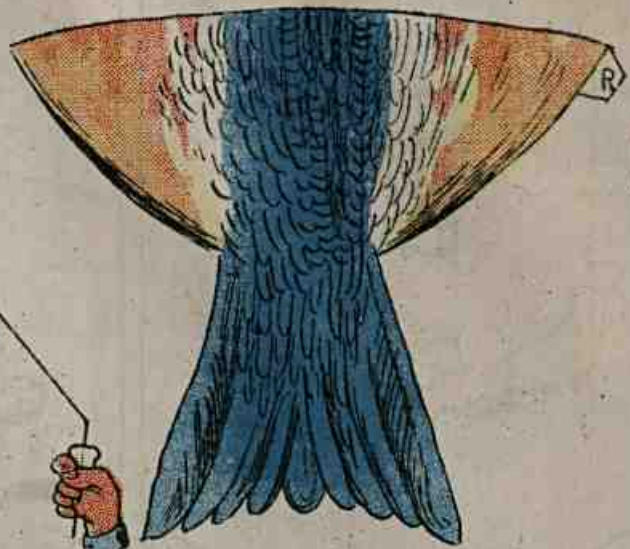
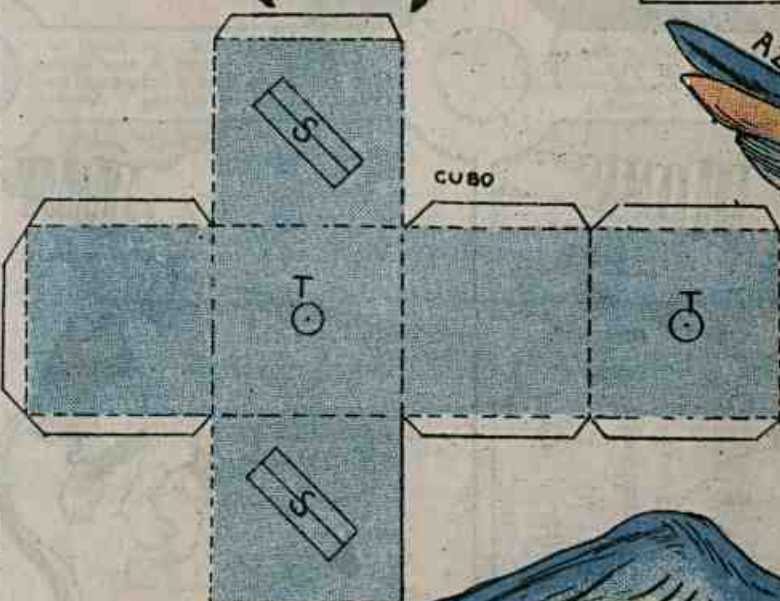
No dia seguinte Garnizé almoçou bem e dirigiu-se para a casa do Pantaleão. Ao entrar, o Pantaleão disse-lhe que tinha a certeza de ganhar a aposta.

Na adega, porém, a decepção do Pantaleão foi enorme. Garnizé sentou-se na pipa e tomou um copo de vinho da outra pipa. Ganhara a aposta. Elle havia bebido o vinho da pipa, n'uma sentada, e não n'uma assentada.

Turco e Leão ou a vingança do Leão
Leão achou um osso e, para roel-o longe do Turco, seu implacavel inimigo, foi para o matto
Ahi chegando deu principio á operação; mas uma cobra veiu sorrateira esconder-se n'um buraco proximo. Leão ficou im-
movel, para não attrahir a attenção da cobra. Subito sentiu os latidos de Turco que se approximava. Ia ficar sem o osso e ficar sem o osso é cousa sempre horrivel.
Lembrou-se então da toca da cobras e zás! atirou o osso dentro do buraco. Era a vingança do Leão. Ao Turco, gatuno e desor-
deiro o devido premio. Em seguida poz-se ao fresco porque o Turco já vinha em disparada para aggredil-o.
Turco era um "bull dog" de máos bofes. Chegou farejando o osso e nem viu uma outra cobra que, se ia juntar á pri-
meira, sempre farejando, approximou-se do buraco, onde estava o osso, enfiou a sua quadrada cabeça.
Depois, dando um grito e um salto para traz, trouxe presa á ponta do focinho, uma Jararaca que lhe causou a morte.
A. ROCHA

O TICO-TICO VOADOR

EXPLICAÇÃO

O presente brinquedo por um pequeno impulso de rotação dado ao arame, gira e tem-se a impressão de que o passaro agita as azas. Preguem em cartolina toda a pagina e recortem-n'a. Depois fechem a parte anterior do passaro (cabeça) collando pelo pedacinho R e ligando o bico e cabeça do passaro. Pela parte aberta se introduzirá uma rolha com o diametro de annel feito pela ligação da letra R. Do mesmo modo se procederá com a parte posterior (cauda).

As azas depois de recortadas e unidas frente com costas serão colladas no cubo sobre as letras SS.

Um arame ou pedaço de grampo espetado na rolha da parte anterior do passaro, atravessará o cubo pelos furos TT e entrará na rolha da cauda do passaro.

Schema: A—Parte anterior do passaro com um pedaço de cortiça. B—Cubo onde ficarão as azas. C—Parte posterior (cauda) com um pedaço de cortiça.

A Princeza Felicidade

Ha muitos annos viveram um rei e uma rainha que tinham visto morrer todos os filhos. Um dia, porém, a rainha sentiu que ia ser mãe.

E, dirigindo-se para os jardins do palacio, mandou chamar todas as amas do reino. Entre as amas convocadas, chegou uma velha num carrinho puxado por dois anões.

Era tão feia a velha que a rainha despediu logo e escolheu uma ama forte e bonita. No mesmo instante, saltou de uma arvore sobre a ama uma grande serpente,...

...enlaçando-a e matando-a. Não querendo escolher na mesma occasião outra ama, a rainha voltou para o palacio, perseguida pelas lamurias da velha, que era a fada...

...Sombra do Mal. Tempos depois a rainha teve uma linda menina. Todas as fadas das redondezas vieram baptisar a princeza. Tudo ia muito bem; na maior alegria, quando...

... appareceu, furiosa, a Sombra do Mal. A maldosa velha, debruçando-se sobre o berço, predisse para a princezinha, que recebera o nome de *Felicidade*, todas as desgraças possiveis...

...até a idade de 20 annos. Para subtrahir a princeza a tão máo augurio, collocaram-n'a numa torre sem portas e sem janellas, onde ella cresceu e embellezou na maior...

... commodidade. No dia em que *Felicidade* completou dezoito annos, um embaixador chamado *Fanfarrão* foi ao palacio do rei pedir a mão da princeza para o seu real amo.

(*Continua adeante*)

O Pessoal d'O TICO-TICO

EXPLICAÇÃO

As rodas deste brinquedo devem ser pregadas em cartão forte, para não vergarem e bem assim, a sympathica figura do Benjamin.

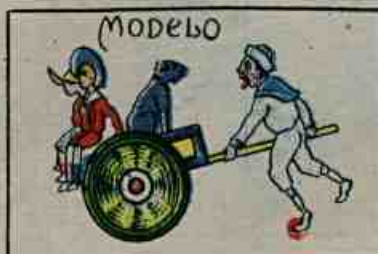
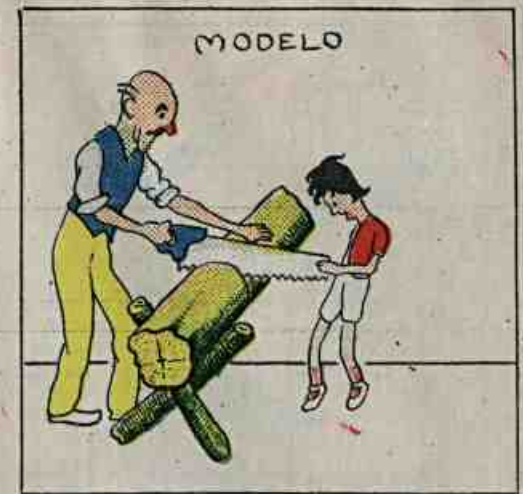
O varal do carro deve formar, depois de fechadas as suas quatro faces, uma trave de madeira que se pregará no fundo do carro — no local do varal.

A letra X indica o furo por onde deverá passar o eixo das rodas.

O *schema do eixo* mostra: *a*) o fio de ferro (eixo); *b*) o varal do carro atravessado nos pontos XX pelo eixo; *c*) o supporte do carro atravessado pelo eixo nos pontos XX; *d*) uma cortiça que, pregada na roda recebe a extremidade do fio (eixo) e, finalmente *e*) a roda.

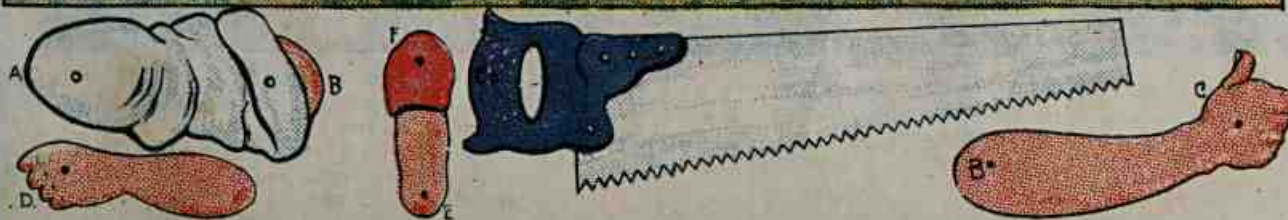
Sobre o tampo do carro, estão indicados os logares onde devem ficar Chiquinho, Jujuba e Jagunço, com as letras A, B e C.

Entre os pés de Benjamin será collocada a rodinha vermelha e para eixo bastará um fio de linha, ou um arame com as pontas dobradas.

Ahi tem o brinquedo que deslisará por um plano inclinado sem outra tracção.

CARRAPICHO CARPINTEIRO

EXPLICAÇÃO

Preguem o desenho grande em um cartão forte e depois dêm um talho a canivete na linha curva MM. Furem com alfinete os pontos A, P, F e N. Em seguida recortem as peças restantes e liguem-n'as pelas letras: A com A, B com B, etc., formando os braços de Carrapicho e Jujuba.

Como se vê no modelo, o serrote fica encaixado no corte MM. Prendam um elastico fino, de botina, aos pontos N e C. Para tal fim façam na extremidade do elastico um nó; cortem uma rodelinha de papelão, enfiem o elastico pelas costas do desenho no ponto N e prendam-n'o, curto, a letra C, isto é, a mão do Carrapicho.

Dest'arte teremos o elastico servindo de molla, fazendo com que se approximem os pontos N. C. Agora, uma linha, qualquer, presa ao ponto C e enfiada no ponto P completa a obra e se puxarmos por ella veremos o carpinteiro trabalhar ajudado por Jujuba.

A Princeza Felicidade -- (Conclusão)

Tirou-se *Felicidade* de sua prisão e seus paes deram então um grande baile. Durante a festa a princeza e o embaixador, sem serem vistos, deixaram o palacio e embarcaram numa canoa.

O barqueiro conduziu-os, por influencia de Sombra do Mal, á Ilha dos Esquilos, onde nada havia para comer. *Fanfarrão*, egoista e voraz, comia, sozinho, uma ou outra noz que encontrava no chão. A princeza estava a morrer de fome.

O rei e a rainha, dando por falta da princeza e do embaixador e sabendo que haviam fugido por mar, chamaram o almirante Cornetão e lhe ordenaram prender os fugitivos.

Por essa occasião, *Fanfarrão*, quasi a morrer de fome na ilha, deliberara matar a princeza para devoral-a. *Felicidade* avisada a tempo por uma boa Fada, matou *Fanfarrão*, quando este dormia.

A fada Sombra do Mal quiz então se apoderar da linda princeza, mas, ainda uma vez, outra fada bondosa ajudou *Felicidade* que matou Sombra do Mal.

O almirante Cornetão, passando pela Ilha dos Esquilos, viu a princeza e sua protectora e as recolheu a bordo. Viajaram alguns dias e...

...chegaram emfim ao porto, onde toda a população estava reunida e satisfeita por ver regressar a linda princeza *Felicidade*. Desembarcando, a princeza...

...encontrou ao lado do sequito de seus paes o cortejo do rei, seu noivo, que havia enviado *Fanfarrão*. Dias depois *Felicidade* casou com o rei e para commemorar tão grato acontecimento houve festas que duraram sete semanas.

OS CINCO ESCRAVOS

NO reino do Sultão, deu uma mulher á luz uma creança, que tinha numa das mãos um arco e uma flecha, e na outra um grande e afiado facão. Ficando a pobre mãe aterrorisada com aquillo, disse-lhe a creança:

— Por que vos admiraes? Pois vosso marido não impetrou a Deus que lhe concedesse uma valente creança? Eis-me aqui, pois, para satisfazer-vos o desejo!

E pulando do berço, o "gury" correu, brandindo as armas, rumo ao trabalho de seu pae. Este, vendo-o se approximar, quiz fugir, porém o menino gritou:

— Porque tentaes fugir!... Não conheceis porventura o vosso filho legitimo, chamado Mahomed?

O pae ouvindo isso ficou estupefacto! o pequeno Mahomed, porém, approximando-se de seu pae, continuou:

— Entregae-me a enxada e eu executarei o vosso trabalho!

O pae entregou-lhe a enxada e, em pouco tempo, tudo estava terminado.

— Agora tenho sêde! Dae-me uma bilha!

— Espera, meu filho, — disse-lhe o pae, — eu te buscarei agua no riacho.

Mahomed, porém atalhou-o, dizendo:

— Meu pae, dae-me a bilha! Pois não convém a um pae prestar serviço ao filho!

— Pois bem, vae tu mesmo ao riacho; mas, toma cuidado em não te approximares da outra margem do corrego, pois ha ali uma terrivel serpente!

Mahomed, tomou a bilha e dirigiu-se justamente ao outro lado do corrego, onde estava a serpente. Pegou-a nas mãos, enrolou-a em fórma de rodilha, e pôl-a na cabeça sob o peso da bilha. Voltando ao pae, tirou da cabeça a bilha e mostrou-lhe nas mãos a serpente... O pae ficou assombrado com a coragem e o poder extraordinario do filho. Depois de almoçarem, foram os dois juntamente para casa. Toda a gente do logar felicitara ao pae do valente Mahomed; este, porém, insistia junto ao pae:

— Quero trabalhar!

— O que queres, pois, fazer filho?

— Ser mercador ambulante... — respondeu Mahomed; — para isso vos peço algum dinheiro!

O pae deu-lhe, então, um pouco de dinheiro e Mahomed dirigiu-se immediatamente ao mercado, onde comprou um pombo, um rato, uma rã, um cachorro e um gato... "Eis aqui, meus cinco escravos!..." pensou elle comsigo mesmo, todo satisfeito. Voltando á sua casa, disse a seu pae:

— Venho mostrar-vos agora o que comprei. Estão aqui os meus cinco escravos.

E tomando o pombo, mostrou-o ao pae, dizendo-lhe:

— Este é o meu primeiro escravo. Deverá acordar-me á hora certa, de manhã.

— Está bem! — disse o pae. E o que compraste ainda mais?

— Este rato — respondeu-lhe Mahomed, — que é o meu segundo escravo! Quando me faltar a minha papa, deverá elle roubar, na roça, algumas raizes de inhame!

— Tiveste idéa!... concordou o pae. O que compraste ainda?

— Esta rã, — respondeu elle, — que será a minha terceira escrava. Quando eu estiver triste, ella me alegrará com seu canto mavioso!

— E's previdente, meu filho! — exclamou o pae. E ainda?

— Ainda comprei este cachorro e este gato. Serão os meus dois ultimos escravos! O cachorro vigiará a porta de nossa casinha, e o gato amedrontará o rato, quando este não me quizer obedecer!...

— Excellente!... Excellente negocio!... — exclamou o pae admirado. E o que te falta agora?

— Agora deverei aguardar a minha sexta escrava, que será a occasião. A esta não poderei comprar com o dinheiro, mas, sim com a minha perspicacia.

Mahomed entrou, pois, no quarto, com seus cinco escravos, e perguntou ao pombo:

— Qual é o teu dever?

— Despertar-vos toda a manhã, á hora certa!... — respondeu-lhe o pombo.

— Sim, mas isso não é o que mais necessito! — retorquiu Mahomed. Perguntou, então, ao segundo escravo:

— Rato, qual é o teu dever?

O rato respondeu-lhe:

— Furtar na roça raizes de inhame!

— Sim, mas isso não é o que mais necessito! Dirigiu-se então, ao terceiro escravo:

— Rã, qual é o teu dever?

— Suavisar-vos com o meu canto, — respondeu a rã.

— Sim, mas não é isso ainda o que mais necessito! — continuou retorquindo Mahomed.

— Cachorro, qual é o teu dever?

— Guardar a vossa casa, — respondeu o cão.

— Sim, mas não é isso o que mais necessito! Emfim, interrogou o pequeno Mahomed ao seu quinto escravo:

— Gato, qual é, pois, o teu dever?

O gato olhou-o com os olhos faiscantes e disse-lhe:

— Precisamos conversar a sós!

Mahomed conduziu-o, pois, para dentro de um quarto e pediu-lhe que falasse.

— Fechae a porta — exclamou o gato.

Quando a porta se fechou, o gato transformou-se numa linda moça, que assim falou:

— Conduzi-me á minha casa no reino da Rodhezia. Procurae vender-me a meu pae. Elle offerecer-vos-á por mim muito dinheiro, porém vós não acceitareis. Meu pae possue um gorro vermelho; exigi-o para vós, pois é delle que tendes necessidade.

— Está dito, vamos á tua casa!

Dirigiram-se, pois, os dois para o reino da Rhodezia e chegaram á casa da linda e joven moça. O pequeno Mahomed procurou o pae da joven e propoz-lhe:

— Quereis comprar-me essa linda joven?

— Quero, sim, — respondeu-lhe o velho pae; — dou-lhe quanto dinheiro me pedires!

— Não necessito do vosso dinheiro! — respondeu-lhe Mahomed.

— Dar-lhe-ei então, duzentos ricos vestidos! — insistiu o velho pae.

Mahomed tornou a responder-lhe:

— Não necessito tambem de vossos vestidos!

— O que exige, pois, de minha parte?

— O gorro vermelho, que tendes na cabeça! — respondeu Mahomed.

— O meu gorro vermelho?!... Nunca lh'o daria! Pois este gorro já o possuia antes de ganhar o meu dinheiro, os meus vestidos, os meus cavallos, e a minha fortuna, em summa!

— Como quizerdes!... respondeu serenamente Mahomed, retirando-se em seguida.

A mãe da joven rogou então, ao marido, que accedesse ao pedido do menino, pois que a sua filha era muito mais

preciosa que um gorro! O pae da joven fez-lhe a vontade; chamou o pequeno Mahomed e entregou-lhe o gorro em troca da filha. Quando Mahomed se retirou, a moça tornou a transformar-se em gato e correu de novo para a casa do pequeno mercador. Mahomed fechou o gorro num pequeno cesto e escondeu-o. Era uma preciosidade!... Se gastava cem mil reis, eis que lhe appareciam quinhentos na algibeira! Se comprava um cavallo, appareciam-lhe vinte na estrebaria. Quando Mahomed já possuia oito mil cavallos e já era um homem rico, resolveu voltar á sua terra. Casou-se, então ali, com uma mulher má e feiticeira. Esta começou a perguntar-lhe insistentemente, como, sendo elle pauperrimo, tinha conseguido enriquecer d'aquella maneira. Mahomed, pois, confessou-lhe um dia:

— Tenho um gorro precioso, que me dá tudo que lhe peço! Trago-o bem guardado num esconderijo, dentro de um cesto!

— Mostra-m'o!... supplicou a mulher.

Mahomed conduziu-a, pois, ao esconderijo e, tomando o cesto, abriu-o e mostrou o gorro á sua mulher, que exclamou:

— O... oh... oh! Que belleza!

Durante a noite, levantou-se a mulher, foi ao esconderijo, abriu o cesto e roubou o gorro, fugindo apressadamente. Quando a mulher sahiu fóra de casa esta começou a arder em terrivel incendio. Todos os cavallos, vestuarios e armas, que possuia Mahomed ficaram reduzidos a cinzas, ficando elle novamente pobre... Mahomed, dirigiu-se, então, a um adivinho e perguntou-lhe como se tinha incendiado, a sua casa. O adivinho, porém, respondeu-lhe:

— Sinto muito, meu amigo, mas não lhe devo confessar a verdade!

Mahomed ficou immensamente triste e, regressando ao trabalho, encontrou-se com seus cinco escravos. O pombo, então, falou-lhe:

— E' meu dever confessar-vos, meu amo, como se queimou a vossa casa. Mostrastes o gorro vermelho á vossa mulher e depois adormecestes. Levantando-se alta noite, ella conseguiu roubal-o e fugiu... A vossa casa, então, envolveu-se em labaredas, estas reduziram a cinza a vossa fortuna!... Consegui, porém, ver a vossa esposa...

— Viste então o caminho que ella seguiu?

— Sei mesmo onde ella mora. — respondeu o pombo.

— Serias capaz de recuperar o meu gorro? — perguntou Mahomed.

— Se me deres o auxilio de vossos escravos... — respondeu o pombo.

Todos os quatro escravos exclamaram unanimes:

— Queremos ir com o amigo Pombo!

E todos, dispostos para a luta, seguiram o vôo lento do pombo fiel. Depois de algum tempo, chegaram os cinco escravos á margem de um rio. Disse, então, a rã:

— Camaradas, podem seguir, que aqui esperarei!

Os outros, pois, continuaram o seu caminho e chegaram a uma cidade. De repente, o pombo baixou o vôo e pousou sobre o telhado de uma casa.

— E' aqui onde está escondido o gorro! — gritou em alta voz o pombo.

O gato, pois, penetrou no recinto da casa. Estava, ali, apenas uma mulher fiando, de quem se approximou o gato, roçando-lhe as pernas com caricia. A mulher, pois, achou muito interessante aquelle mimoso gato, e poz-se a brincar com elle. Entretanto, do outro lado da casa, o rato começava a escavar uma passagem por baixo da parede, afim de procurar o gorro no porão da casa. O cachorro metteu o focinho no buraco e perguntou ao rato:

— Já achaste o gorro?

— Estou procurando... estou procurando! — respondeu afflicto o ratinho.

E o gato continuava a entreter a mulher... O rato encontrou, emfim, o gorro num cesto, cujas paredes conseguiu roer difficilmente. O cachorro perguntou-lhe de novo:

— Já achaste o gorro?

— Sim, achei-o! — exclamou o rato alegremente. E a mulher continuava a brincar com o gato... O rato, pois, entregou o gorro ao cachorro, que, tomando-o na bocca, escapuliu-se. O rato por sua vez, seguiu o cachorro. O gato, que via terminado o seu papel, enganou a mulherzinha e retirou-se tambem. Emfim, o pombo tambem abriu as azas e voou. Os quatro escravos, pois, regressaram á casa de seu amo, trazendo o cão nos dentes, o objecto precioso...

Chegando á margem do rio, onde os esperava a preguiçosa rã, o pombo atravessou-o voando. O rato e o gato passaram-n'o a nado. O cachorro, que trazia o gorro precioso, atrazou-se um pouco. Chegando á outra margem, estavam ali alguns homens matando uma vacca. Um delles atirou um grande osso para o cachorro, que, avançando-lhe com os dentes, deixou cahir nas aguas o precioso gorro... A rã, porém, que estava nas aguas, apanhou de um pulo o gorro vermelho e arrastou-o para a margem. Entretanto chegou em casa de Mahomed o escravo pombo, que lhe annunciou:

— Acharam o gorro vermelho! O camarada cachorro vem trazel-o!

O gato e o rato chegaram em seguida, dizendo-lhes tambem:

— Atraz vem o camarada cachorro com o gorro vermelho!

Nisto chegou o cachorro, trazendo na bocca um grande osso...

— Onde puzeste o gorro? — perguntou assustado Mahomed.

O cachorro respondeu-lhe:

— Lancei-o nas aguas, porque me lançaram este osso; pois não vivo de gorro vermelho, mas, sim de ossos!

Neste momento, chegava aos pulos, a escrava rã, e contou ao seu amo:

— Estava eu esperando meus companheiros nas aguas do rio, quando vi passar na correnteza o vosso gorro precioso: temei-o e trouxe-o até cá!

— Onde tens, pois, o meu gorro?!... — perguntou afflicto Mahomed.

— Eil-o aqui!... — exclamou a rã, que abrindo a grande bocca, fez saltar nas mãos de seu amo o precioso gorro.

Mahomed recuperou, então, os seus cavallos, os seus vestidos e toda sua fortuna, tornando-se o mais rico habitante do reino do Sudão.

Utilidade dos passarinhos

Um agronomo paciente calculou o lucro que os passaros trazem á agricultura e á jardinagem. Cada ninho, diz elle, contém em termo medio cinco filhotes, que, durante quatro ou cinco semanas, o tempo em que são criados pelos paes, consomem em cada dia cerca de cincoenta minhocas e outros insectos. Admittindo que esse tempo seja só de um mez, temos que cada ninhada nos livra de 1.500 animaes prejudiciaes. Admittindo-se por outro lado, que cada bichinho destes, durante sua vida, só consiga destruir uma maçã, uma pera, um pecego ou uma ameixa, chegamos ao resultado de que os agricultores e jardineiros, graças á existencia de uma unica familia de passaros, podem colher 5.000 fructos mais do que lhes seria possivel sem aquelle auxilio.

Este calculo ainda fica um pouco aquem da realidade, porque ha insectos, que produzem maiores estragos do que os aqui apontados. Uma pequena mosca, por exemplo, que é capaz de perfurar em um dia sessenta brotos de crysanthemos, que prejuizo não dá aos floricultores?

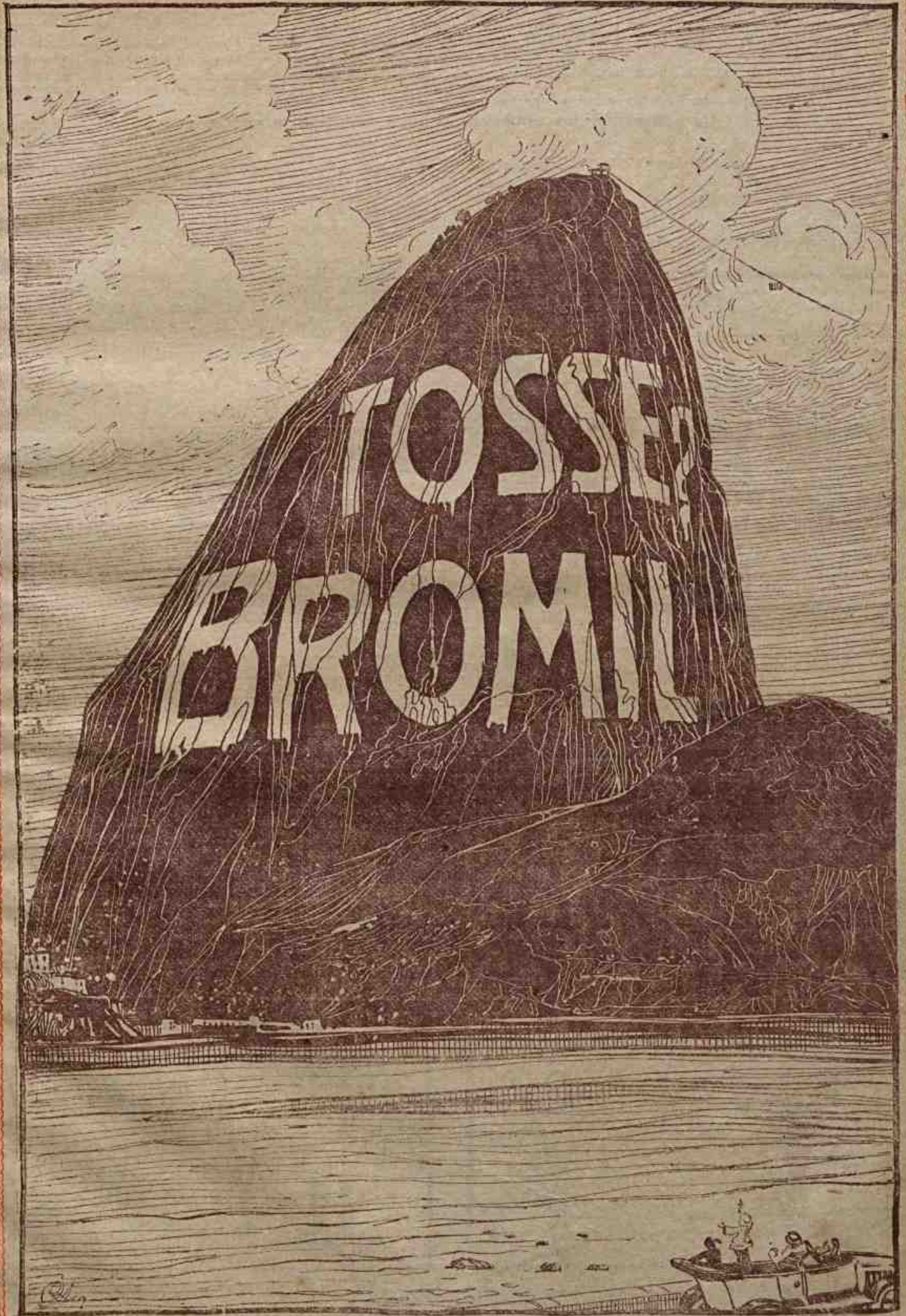
COMO SE EXPLICA A PROPRIEDADE QUE TEM O SAL DE CONSERVAR AS CARNES

O sal é um antiseptico: a maior parte dos microbios desenvolvem-se difficilmente no meio de uma solução salgada. Além disso, como o sal é uma substancia muito hygrometrica, absorve a agua da carne e tende a seccal-a; a solução salgada serve de capa protectora.

Hoje emprega-se frequentemente o biborato de soda para impedir que a carne se corrompa. Baseado nesses principios o Dr. Jacquet, da Academia de Paris, propoz o emprego dos boratos e dos biboratos alcalinos soluveis para a conservação das carnes e dos cadaveres.

QUEIMADURAS

Não ha tratamento mais summario e mais efficaz contra queimaduras do que mergulhar a parte queimada em leite já fervido e frio, ou cobrir a parte queimada com compressas embebidas em leite. Ao fim de alguns minutos a dôr terá passado completamente e a cura se fará, qualquer que seja a gravidade do mal.

TOSSE?
BROMIL

Á ORIGEM DO PENTE

OS GREGOS E OS ROMANOS :: :: JÁ O USAVAM :: ::

JÁ FORAM USADOS NA RESTAURAÇÃO OS PENTES MODERNOS, DE CABEÇA,

ONDE EXISTEM OS MAIORES FABRICANTES DE PENTES

Os pentes antigos tambem eram de osso, chifre ou ferro

É difficilima a indicação de uma origem precisa do pente. Parece provavel que a necessidade de desembaraçar os cabellos se haja manifestado entre os povos primitivos, que assim procuraram usar o utensilio conveniente.

Como asseguram os pesquizadores e archeologos, foram então empregados para a fabricação do pente os ossos de certos animaes e as espinhas dos peixes. Depois a civilisação aperfeiçoou o utensilio, embellezou-o mesmo; e naturalmente, os meios rudimentares foram empregados. O pente appareceu com a industria neolithica. Na Europa, era feito de osso ou de madeira muito dura. Alguns especimens, dotados de cabo, têm verdadeiramente a apparencia de garfos.

Os gregos e os romanos, que já haviam dado aos seus penteados o valor de uma instituição, conheciam, evidentemente, o objecto a que estamos fazendo referencia. Não teriam podido, sem o seu auxilio precioso, edificar as maravilhas que causaram a manifesta admiração dos gaulezes. O pente era igualmente conhecido nas Gallias, entre os celtas e entre os arvernes. As mulheres penteavam cuidadosamente os cabellos; e isso prova que o indispensavel instrumento era por ellas manejado. Mas, de que materia se compunham os seus pentes? Suppõe-se que de osso, chifre ou ferro.

No seculo XIV, os fidalgos da côrte traziam sempre comsigo um pente e um espelho, para que pudessem pôr em ordem seus cabellos, de que facilmente se alterava a devida correcção.

Na Idade media o pente occupou uma corporação inteira.

Os pentes de cabeça surgem na época de Luiz XIII; serviam para submetter ás regras do bom tom as mechas de cabellos postiços, que podiam ser mais ou menos volumosas. Os penteados monumentaes não necessitavam de nenhum pente de cabeça; e uma época se passou, sem que ao pente coubesse desempenhar importante papel.

Só no periodo do Directorio, no Consulado e durante a curta phase do primeiro imperio, o pente fez, em França, uma apparição real.

De 1804 a 1814 teve um lógar decisivo na ornamentação dos cabellos. Grandes pentes guarnecidos de pedras preciosas, quasi diademas, adornavam, então, as cabeças femininas. As guerras da Hespanha, cumpre dizer, tinham, principalmente, determinado essa moda, imitada das bellas madrilenas. Havia o grande pente da "manola", novidade para a franceza, que delle fez o seu ornato favorito. A Restauração innovou o pente enorme, especie de meio cordão, que encimava o penteado. E dahi se originou o pente "á la girafe", excentricidade destituida de encanto, mas que a voga impoz. Era collocado no alto da cabeça e sustinha os cabellos.

Do pente primitivo ao actual.

O pente de "chignon", o pente "á boucles", collocado lateralmente e ornado de perolas, todas as fantasias em summa, então se manifestaram. A imperatriz Eugenia retinha a massa dos seus cabellos por um pente elegante, collocado por detraz da cabeça.

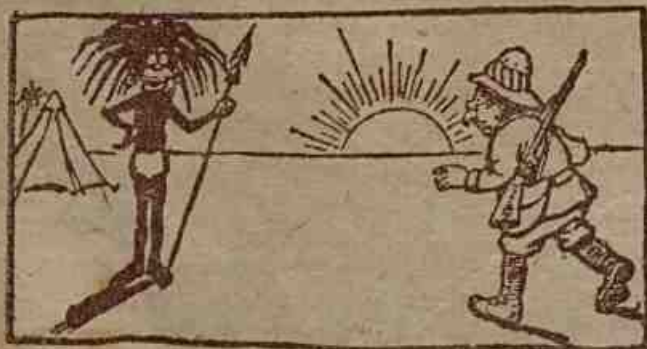
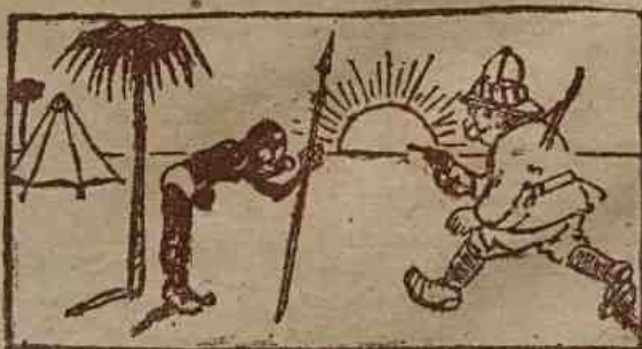
Nos ultimos annos do segundo imperio faziam-se postiços preparados num pente. E usaram-se os pentes Metternich, de tartaruga escura ou clara, encimados de bolas de ouro, que eram postas de lado. Pentes de tartaruga, guarnecidos de perolas ou de diamantes, cinzelados com apuro, tornaram-se verdadeiras joias. E nesse particular as mulheres elegantes são exigentes. Em 1853 o pente de borracha endurecida foi introduzido em França por seu inventor, o Sr. Charles Goodyear, originario da America do Norte.

Um grande fabricante de Paris fundou, primeiramente, officinas em Peron-Beaumont (departamento do Seine e Oise) e depois em Araines (departamento da Somme). Dez annos mais tarde uma fabrica foi installada na Inglaterra; depois outras, na Belgica e na Allemanha, começaram a fazer grande concorrencia ás officinas francezas.

Ha varias especies de pentes. O pente fino, o grosso, o de "chignon", o de "papillotes", o de alizar, os pequenos da nuca, os lateraes, o pente das creanças (travessas) que os francezes chamam á chineza, além de outros, que poderiam ser enumerados. As fabricas mais importantes são situadas nos departamentos do Sena, do Ain, de Ariège, da Somme e do Eure; nas primeiras fabricas fabricam-se, principalmente, os pentes de tartaruga e os de marfim. A tartaruga empregada provém do animal denominado, especialmente, carey, que se pesca na America e na Oceania.

A dimensão de um carey é, ordinariamente, de 0m,70 de comprimento e 0m,80 de largura.

Tem-se querido imitar a tartaruga, com o emprego de uma materia que apresenta a desvantagem de ser perigosa: o celluloide.

MISTER BIFFE E O INDIGENA

Mister Biffe acredita estar na presença de um indio feroz da tribu dos Papagentis e, de revólver em punho, avança resoluto...

...mas não póde conter o riso ante a transformação do selvagem.

CAIN E ABEL

(Lenda florentina de Gebhart)

Era uma vez dois irmãos: Abel e Cain. Abel amava muito Cain; mas Cain não amava nada seu irmão Abel.

Cain tambem não amava o trabalho, ao passo que Abel trabalhava com toda a sua alma, porque via que da sua fadiga tirava grande proveito. Era muito industrioso e chegou a ser um grande mercador de rebanhos. Então, Cain, excitado pelo ciume, desejou ser tambem, por sua vez, um rico mercador; mas a fortuna sorria-lhe menos do que a seu irmão. E, comtudo, Cain era um bello homem. Mas a inveja e a miseria inspiraram-lhe, com o odio, um desejo terrivel de vingança contra Abel.

Um dia, disse elle a este: — Abel, tu és rico e eu sou pobre. Dá-me metade das tuas riquezas.

— Trabalha como eu, — respondeu Abel — e serás tão rico como eu sou.

Outro dia, estava Cain com um mercador, em companhia de Abel. Tinha sonhado na noite anterior com sete bois gordos e sete bois magros. O mercador, que era astrologo e feiticeiro, explicou-lhe que os sete bois gordos significavam sonhado na noite anterior com sete bois magros sete annos de privação. E succedeu tal qual como o mercador tinha predito. Cain disse então para comsigo: "Durante os sete annos de abundancia, Abel ha de ganhar muito e ha de fazer economias; matal-o-ei, apossar-me-ei dos seus bens; ficarei á minha vontade, sem me faltar nada, e Abel estará morto".

Ora, Cain amava muito a Deus; era bom para Deus, e mais do que Abel, porque este, tendo enriquecido, não pensava já em Deus; Cain, a coisa que mais desejava era ser, tambem, feiticeiro. E foi para o bosque cortar um feixe de lenha.

Um dia, chamou seu irmão e disse-lhe: "Vê lá como tu és rico e como eu sou pobre, por mais que me canse todos os dias." Então, matou Abel com o seu machado, vestiu-se com os fatos delle, e atirou para cima do morto um grande mólho de espinhos. Pensava que ninguem o conheceria e que todos o tomariam por Abel. E, andando a comprar e a vender, encontrou uma vez o mercador feiticeiro, que tinha annunciado a abundancia e a fome e que o cumprimentou: "Bons dias, Abel", para lhe fazer acreditar que o não tinha reconhecido. Mas, então, todos os bois, tanto os gordos como os magros, appareceram e cantaram em côro: "Não, este não é Abel; este é Cain, que, por amor ao dinheiro, matou seu irmão e se vestiu com o fato delle. E agora, Cain, vem cá apresentar-te diante de Deus, que te condemnou a morrer em castigo do teu crime."

"O' Deus grande! exclama o assassino, Deus clemente, peço-te perdão em nome da minha antiga piedade; é verdade que um momento te esqueci, mas estou arrependido de ter matado meu irmão Abel."

"Has de ser castigado, respondeu Deus; Abel não me tinha amor, praticou muitas feitiçarias, ganhou muito dinheiro, mas nunca fez muito mal, e eu perdoei-lhe. Mas a ti, não te hei de perdoar, porque manchaste as mãos no sangue do homem, no sangue de teu irmão. Os espinhos que deitaste sobre o corpo de Abel são agora para ti e nunca mais te deixarão. O teu carcere ha de ser a lua; de lá de cima contemplarás o bem e o mal da humanidade. Todas as vezes que um criminoso invocar o teu auxilio, hão de os espinhos ferir-te cruelmente e ha de correr o teu sangue. E todo o tempo que sobre a terra durar cada obra de feitiçaria, ha de durar o teu martyrio."

DESDE QUANDO SE USA A LUVA?

A invenção da luva, o adorno das senhoras e dos homens no nosso paiz, mas o objecto indispensavel para resguardo das mãos nos paizes frios, é remotissima. Ninguem sabe quem inventou e quem usou a primeira luva.

Os cavalheiros da Idade Media já usavam luvas, que faziam parte do seu vestuario.

Tambem as usaram os sacerdotes nas cerimonias da Igreja.

As guarnecidas de ferro formavam parte da armadura dos fidalgos; as de pellica ou de seda, para uso diario, são de data posterior, embora não muito, pois dois seculos volvidos vemos que eram usadas quasi com a mesma profusão que nos nossos dias.

A luva em todos os tempos.

O emprego da luva como meio de adorno e signal de etiqueta, data, em França, dos tempos de Henrique III (seculo XVI), em que já as usavam de seda as damas da sua Côrte.

Em uma obra, que em 1556 escreveu o segoviano Andres Laguna, medico do papa Julio III, do imperador Carlos V e de Felippe II, a proposito de ter assistido á peste de Metz — cidade que então pertencia á Flandres hespanhola, — obra que se intitula: *Breve discurso sobre a cura e preservação da pestilencia*, entre as precauções que recommenda, uma d'ellas é o uso de luvas de pelle de camurça, para evitar o contagio. Além disso, durante o reinado de Felipe III, fundaram-se varias importantes fabricas de luvas perfumadas, em Valladolid, Segovia, Barcelona e Madrid.

Tambem na Inglaterra se usaram muito, e, segundo autorisadas opiniões, o costume que as fez indispensaveis para concorrer a salões e festejos, foi moda exportada d'essa nação.

Parece impossivel que a luva, quasi um utensilio manual, tenha creado uma boa parte da historia dos povos. A antiguidade fez da luva não só um objecto de pompa e de esplendor, mas tambem um regimen de conducta e de vida, visto como ella penetrou até nos segredos da honra.

Chegou a ser de um luxo extraordinario. De Laborde fala-nos, no seculo XIV, de quarenta e oito botões de ouro para dois pares de luvas de pelle de cão, cobertas de pelle de cabrito, guarnecidas no extremo por quatro botões de perolas. Tambem fala de *luvas de prelado*, com bordados sobre fundo de ouro, cheias de esmaltes, nos quaes se engastavam muitas perolas.

OS PORQUINHOS TRAVESSOS

— Estas plantas são para a patrôa — disse o jardineiro entrando com um caixote cheio de flores. E mal o jardineiro sahiu, *Petrolinho* teve uma idéa: arrumar todas as flores nos canecos e jarros que estavam no armario da cozinha. E num instante tudo foi executado. Quando mamãe chegou não poude reprimir uma exclamação de espanto.

E naquella noite os porquinhos travessos foram para a cama muito cedo, privados da ceia.

JATAHY PRADO
O REI
DOS REMEDIOS BRASILEIROS
AMERICA DO SUL
EUROPA
O UNICO QUE CURA
UNICOS DEPOSITARIOS
ARAUJO
FREITAS & C.ia
88 Rua dos Ourives 90
RIO DE JANEIRO
A-S-U-A-F-A-M-A
DOMINA
DO
NOVO AO VELHO MUNDO

MEIAS

de Seda
para Senhoras

—o—

MEIAS

para Creanças

—o—

Sendo a mais
cuidada
Secção da
nossa casa,
tornou-se
por este
motivo a mais
importante
casa de meias
para
Senhoras
e para
Creanças.

—o—

R. do Ouvidor, 136

—o—

A DIPLOMATA

— V. Ex. tem ainda muito cabello, mas não descuide do Aristolino, pois, é o melhor combatente da caspa e ainda de todas as molestias da pelle.

O SABÃO ARISTOLINO
(FORMA LIQUIDA)

de Oliveira Junior, usado convenientemente, conserva a frescura da cutis, a fineza, a brancura e a elasticidade tão necessaria á pelle.

Não vos descuideis do vosso cabello nem da vossa pelle.

A VENDA EM TODA A PARTE

Depositario: Araujo, Freitas & Cia.

Procure curar-se e fortalecer-se

Os productos pharmaceuticos do Dr. Raul Leite & C. resolvem difficuldades clinicas

Lactovermil — Polyvermicida efficaz para qualquer verme intestinal (para adultos e creanças), inoffensivo, purgativo; bom paladar e o unico experimentado efficazmente em diversos postos de Prophilaxia Federal, onde é officialmente fornecido. Valiosos attestados experimentaes. — Composição: Chenopodium, Therebentina, Lactose, Manita, Phenolphtaleina, etc.

Tonico Infantil sem alcool — Reconstituinte das creanças, paladar agradavel e effeito seguro. — Substitue, com vantagem, os oleos, emulsões, tonicos alcoolicos, etc. — Composição: Xarope de Iodo-tanico, Glycero-phosphato, Arrhenal e nucleatos, etc. Toda a creança deve tomar 6 vidros deste admiravel tonico e estimulante.

Laxo Purgativo infantil — Admiravel para as creanças, unico no genero, efficaz como laxante ou purgante, tem paladar de assucar, não habitua o organismo; é inoffensivo; experimentado no Instituto Moncorvo com optimo resultado. O purgante ideal para creanças, cuja base é manita (manná) — Composição: Manita, lactose e magnesia.

Amina-Zi — Preparado riquissimo em aminas (vitaminas) da cenoura, tomate, limão, arroz e cevada. Estimula o crescimento, augmenta o peso e cura beriberi, escorbuto, etc. Toda creança, mesmo normal, deve usal-o durante algum tempo.

Crême Infantil, em pó dextrinizado. — Alimenticio, 12 variedades, com enorme venda em todo o Brasil. Cada colher desta farinha, devido ao seu valor nutritivo, corresponde a duas de qualquer outra commum. Os pacotes são acompanhados de conselhos muito uteis.

Leite Infantil — Na falta do leite materno, é o melhor substituto.

Nutraminas (Aminas da nutrição) — Farinha polyvitaminosa e do crescimento (Calcificante dos ossos) — Notavel producto alimentar para creanças, velhos, doentes e convalescentes. Não vae ao fogo. Unica no genero, no mundo. Admiravel para os doentes e, sobretudo, para os operados. Faz augmentar de modo evidente a cicatrização nos operados e o peso. Toda creança deve usal-a.

DR. RAUL LEITE & C.

Rua Gonçalves Dias, 73 — Laboratorio: Rua Visconde de Itauna, 185 — Rio

A venda em qualquer bôa pharmacia do Brasil ou pelo correio

TONIFICA OS MUSCULOS
NEURASTENIA
DEBILIDADE
ANEMIA
FORTALECE OS NERVOS
TUBERCULOSE
REGENERA O SANGUE
BIOTONICO FONTOURA O REI DOS FORTIFICANTES